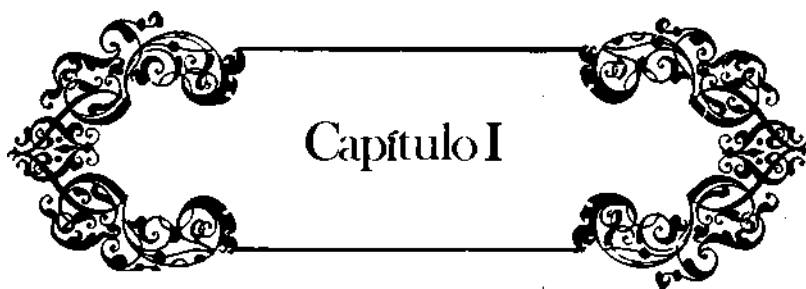


Gonzaga Duque

MOCIDADE MORTA

Texto integral



Capítulo I

Por este sábado de outubro, fiava manhã de sol e alta alegria azul de céu aberto. Teléforo de Andrade, dignitário da Rosa, palma da Academia de França, resplandecente de várias nobilitações estrangeiras, expunha à admiração patricia o seu novo quadro, um vasto painel estendido por catorze metros, contando doze de altura, "pincelado a gênio, com maravilhosas nuanças de tons e admirável composição de linhas, à clássica".

Esta rara obra, estardalhaçante de reclamos, tantaneada do jornalismo indígena, anunciada por epígrafes a gordo *nor-mando* em louvores escorrendo, colunas abaixo, com trestalos regozijantes de adjetivação pirotécnica, a primeira da decantada série que o seu famoso talento educado na Europa se propunha a produzir para o glorioso renome das armas imperiais nas façanhas bélicas de 1865 a 70, teve a consagração de um panteão de pinho, ao molde do agripino, enorme como uma rotunda e vistoso de frescas brochadas de gesso e oca.

O colosso de tábuas, almanjarrado em meio de uma praça, empertigava, na pompa soberba das construções capito-linas, o grande frontispício saliente, em duas filas de oito colunas cenografadas com intuitos de efeito ótico, e para apoio resistente do frontão, triângulo em faixas denticuladas de cujo tímpano se destacavam, sob uma grinalda de loureiro suspensa, os romanos caracteres amarelos de uma inscrição, tarjados de verde: *Nobilis et decorum est pro patria laborare*, e no friso a palavra *Exposição*, a negro, amplas letras atarra-cadas, num acuso proposital de tabuleta para percepção a distância e clareza explicativa da monstrosidade entabuada.

Fisgas de mastros, serpenteadas de espirais multicores, vararam de todos os ângulos, de todos os cantos do panteão, abrindo seus panos coloridos, festivamente, à cálida viração que os açoitava com um ruído sem eco de fuzilaria longínqua, fazendo-os tremular, flamular no espaço em que a luz trans-bordante do céu entornava a sua volatilização de ouro, faiscante e quente, luz pagã e franca, de églogas e bacanaís, que vai reanimando, revivendo e acordando tudo para o evoé à vida, que exubera os verdes tintos, tufados e frisados na serra distante, que brilha na caliça oftalmizante dos muros, põe irradiações de astros acesos em serenidades de matinas mádidas na vidraçaria das casas e longe, no declínio extremo do horizonte, tem pulverizações de pólen candente disseminado, dia-faneidade visionada de uma gaze jalde aberta em apoteose, batida no clarão fantástico dos holofotes.

Um cheiro acre de folhagem esparzida, desgalhada de fresco, infiltrava-se no ar, saturando-o, como se boiasse em torno do bojo, suspenso na claridade, turibulando à sua grandeza os aromas capitosos dos antigos festivais de triunfo, cheios da pandorga épica de campânulas e trombetas ao escaldar hosânico das recepções aos bravos, sob a agitação far-falhenta de palmas e florear de tirsos...

Havia minutos que a regente chegara. Viera inaugurar a exposição e, por exagero de aparato emprestado à solenidade, trouxera um galhardo piquete de cavalarianos, sabres desnudados e rútilos, à estribeira do seu coche de curvas molas flexíveis, em forma de enormes SS negros, vergados e retidos, tirado a seis, de sota e palafreireiro, um escanhoado paspa-lhete, grave na sua libré verde e de largo cairei de prata afi-velado.

Metais retiniam em agudezas tintilantes, de uma nítida clareza alegre, ferindo o burburinho zonzoneado da turba que se agrupara em alas, curiosamente. E então, por entre os renques opostos, de vez a vez compactos e mais estreitados, os convidados iam desfilar, silenciosos, sob a inquirição persistente de olhares. Chegavam aos poucos, em bandos, extravasados de carruagens que estacavam súbitas: havia um rumor, um cochichar de multidão, ringir de fechos e *cracs*

secos, cavos, de portinholas batidas. Passava a diplomacia, com seus vistosos uniformes bem vestidos; passava a rica finança de suíças oleosas, rotundos ventres ostensivos e cintilações de brilhantes engastados; passava a alta feminilidade aristocrática, sedas frufrolantes, valiosas joalheirias bizarras e discretas nudezas de veloutine, de uma macieza tenra e perfumada. Vinham, depois, a burocracia ensobrecasacada, icté-rica de ronceirismos e manhas, a boca repuxada nas comissuras pela bajulice pronta; anchos medalhões políticos, graves e míopes; jornalistas circunspectos como artigos de fundo; generais de peito constelados.. . Toda a nobreza do Império concorrera solícita, corra reverente, em peregrinação admiraiva, ao panteão de Telésforo, dignitário da Rosa e palma da Academia de França. A folhagem gemia à pressão dos passos, o aroma crescia, alastrava-se no ar. Ondulava, por momentos, um sussurro de comentários. Depois caía um silêncio recolhido, de pasmo e respeito, e só as bandeiras e galhardetes se agitavam, desfraldados à luz, frenéticas na viração, acenando, acenando sempre às longes montanhas pontilhadas de casarios brancos, às árvores ramalhudas de um parque próximo, à fachada rude dos edificios, como se quisessem chamar todo o mundo, mostrar-lhe a glória daquele bojo em-panzinado, regurgitando de gente, o triunfo enorme daquele acontecimento...

Junto do embasamento reunira-se à parte um pequeno grupo de rapazes. Eram quatro *Insubmissos* de vestes coçadas e jovialidade boêmia. Um deles, que dava pelo nome de Camilo Prado, trazia melhor asseio de cuidados caseiros, parecia o mais amado, pela diferença com que o tratavam; era um anêmico escanifrado com ares de fidalguia abastardada, vago olhar cinzento, umedecido pelas dolências das tuberculoses incipientes e pequeno bigode de fios lisos, à chim; outro, que lhe ficava à esquerda, o Franklin, mais magro do que ele, tinha o imberbe rosto dos colegiais e farta cabeleira loiro-cendrado sob um terrível chapéu negro, de abas de cilada; à sua direita perfilava-se o terceiro magriço, Artur de Almeida, muito orgulhoso num colarinho novo e tão alto que lhe impedia o movimento do oval lamartiniano da cabeça; por trás deles ficava o anguloso contorno, em entalhamento de

ébano, da cara etíope do Sabino, a que a serenidade inteligente do olhar embeigava numa resignação de mártir.

Epigramas e facécias partiam deste grupo, destacando-o da boçalidade admirada do ajuntamento. Olhares desconfiados vigiavam-no de esguelha, temendo intranqüilidades, e um ossudo imundo, de pele olivária dos viciosos crônicos, que chupava o cigarro por uma boquilha de cerejeira, atendia-o, piscando o luzio tratante, fazendo-se de sagaz. De repente um carro estacou. O pajem pulou prestes, rodopiando com as abas de uma infame libré amarrotada, a abrir a portinhola. Um velho condecorado desceu, dificilmente, com esforço, gemendo a anquilósis de seus membros de entanguido, estendeu a mão para o sombrio interior da caleche: um pezinho fino, em pelica Ferry, surgiu, e logo uma cabeça aureolada por um filó armado em pala oblonga, crivado de *forget me not* e ixoras, curvou-se, dobrou sobre o busto, desdobrou-se para fora, e um corpo de galante morena, da frescura aromática dos cremes gelados na leveza primaveral do seu claro vestido de *toile*, saltou para a escadaria.

De ouvido em ouvido correu um murmúrio respeitoso: o barão de B... Mas, os do grupo desviaram a atenção para um rapaz, que chegava:

— Bravos, Agrário!

O recém-vindo tinha um largo riso de força no rosto redondo, de grandes olhos pardos e rebuscadores; duas agu-Ihetas de bigodilho negro, caprichosamente ceradas, curva-vam-se-lhe às pálpitadas ventas do curto nariz grosso como ferrões alerta de lacraus assanhados.

— Que troça !... hein ?

— Nada. Faziam guarda de honra ao panteão. Agrário meteu-se no grupo, a falar, a gesticular, com saracotes de peralta, a cabeça erguida com audácia, a palavra clara na boca sensual, de bons dentes afastados e fortes. Trazia um fato novo de casimira cinzenta, chapéu de palha e um escândalo de seda vermelha enchia grongronas de peru sob o seu colarinho nítido.

Indagaram dele onde tinha arranjado aquele "ultraje ao burguês", que era um estandarte de guerra... e ele confessou, desembaraçadamente, bem alto, que obtivera-o da dedicação

amorosa de uma costureirinha da *Notre Danie de Paris*. Aplaudiram-no.

E, já enfiando os polegares nas cavas do colete, com hostilidades no olhar:

— Atenção ! Aí vem uma das sete maravilhas do Brasil.

Era o Benedito, um professor das Belas-Artes. Apressara o passo, suarento, a mover os braços, desengonçado como um manequim vestido, impulsionado por molas mecânicas. Apenas no terceiro degrau, foi sacando do bolso o *convite*. Atrapalhou-se, tirou uma papelada que se lhe escorregou das mãos, dispersando-se, voando, borboleteando...

... Uma gargalhada estourou, coriscaram chalaças. O sujeito ficou meio zarcão. Tinha apanhado os papéis ataran-tadamente, quase fulminado de vexame e desapareceu, aturdido, desajeitado, zambro, pela porta do panteão.

E nesse instante um rumor, indefinido ao princípio, logo abafado, profundo, perdido por último em plasplas de matracas distantes, reboou no bojo: esganiçavam lá dentro — bravô... brra-vô. Cobrindo o esmorecer dos ecos, uma cha-ranga rompeu a sinfonia do *Guarani*: rasgos de notas selvagens deflagrando-se logo em sonoridades agrupadas, violentas, impetuosas com estrugidos e espadanos de cascatas despe-nhadas, roncando caudais espumarentos d'águas, pelo alcantil das penhas brutas, no imenso rumorejar das florestas ínvias. De momento, a grandeza do panteão pareceu altear-se, bojar-se a mais, desmesurada, inchada de glória. Acenavam as bandeiras, flamejavam os galhardetes. Toda uma agitação triunfal o envolvia: o sussurro da turba apinhada, o retintim dos freios e picar das esporas na bainha dos sabres, o sôfrego escarvar dos corcéis inflamados pela música, os reluzentes metais das fardas, a grande luz do dia... E agora os curiosos aumentavam o ajuntamento. Dos bondes que rodavam por perto, vinham desejos de saltar, de lambido frio de lâminas descobertas; corcéis corcovearam, sacudindo freios e sobre a turba, acima de todas as cabeças, esfuziaram pontas de aço retesadas, do piquete em forma.

Telésforo acompanhava a princesa, curvo, sorridente, quase rastejante. Ela, loira, desse loiro vago e sumido de esbatimento pictural, trazia um vestido "afogado" de seda plúmbea,

guarnecido de veludo negro; da farta mancha escura, magnificamente delineada, de seu corpo inteiro emergia o roseamento fresco da sua carne: um belo pescoço de estátua, velado um pouco pela alta golilha de rendas e a cabeça, sem esmeros finos de traços, mas de uma doçura sadia de mulher fidalga, sob um pequenino toucado severo de *hausfrau*. O conde, a seu lado, inclinava o ouvido duro a um cortesão. Durante minutos o artista teve os dedos enluvados da condessa em sua mão nervosa, beijou-os com reverência. Depois o coche partiu rápido, num estrépido de galopes. E ele ficou-se, então, entre as colunas cenografadas do panteão de pinho, cercado de dignitários e barões, opulento, majestoso nas suas honrarias. Irradiava-lhe na fisionomia a inocultável satisfação dos recompensados, que ruborescia, ao de leve, as suas faces morenas, estrelava seus grandes olhos meridionais, sorria na carnação grossa de seus lábios, espiritualizando-lhe o rosto, aclarando, desgarrando-o do esquema típico dos medíocres com fatalidades expressivistas de gênio, caracterizado a capricho pela cabeleira de anéis, descida para a vasta fronte pálida num canutilho grisalho.

Dignitários e barões retrocederam passos, desapareceram pela estreita porta da rotunda. Telésforo ficou. Ao vê-lo a turba arfou de pasmo. Os jornais tinham-na assombrado com a sua fama. Durante semanas, durante meses, foi um fanfarrar precursor de arautismo medievo: contaram os seus sucessos na Europa culta, nas burburinhentas e faustosas capitais da civilização; esmiuçaram detalhes de *chez lui*, os seus gostos, as suas raridades colecionadas, a sua existência íntima. A pena considerada do conselheiro Costa Vargas, um velho ídolo bo-judo, apoplético de erudição, arqueando ao peso de louros tribunícios e jornalísticos, constelou com citações latinas, na frontaria colonada de um jornal, a ênfase castiça de assinalado artigo em que o consagrava, para todos os efeitos da posteridade irrevogavelmente — Gênio, com maiúscula hierárquica. Fêz-se, em derredor do seu nome, um círculo luminoso, feérico, que foi iluminar o céu dos recôncavos provincianos, as regiões remotas do enorme território pátrio.

A multidão tinha-o, neste momento, diante dos olhos. Era ele, em carne e osso, o herói! ele, na completação do seu ser,

sem falhas deixadas às mãos da admiração estrangeira; ele inteiro, de baixo para cima, das plantas à *calote* craniana, todo ele, na compleição anatômica do seu organismo, com a integridade natural das suas funções de vivo, desde as mais simples e visíveis até as mais complicadas e secretas. Nada faltava que lhe diminuísse a grandeza. No busto, os crachás ofertados, chispavam irisações de preciosa areia de brilhantes, a dignitária barrava-lhe o tórax, sobre a saudade roxa duma fita de seda entrelaçavam-se palmas de ouro, e na sua compostura, no seu *aplomb* de cabeça arrogante, bigodes cerados em agulhões, cavanhaque retorcido e aparado à altura do queixo, havia a altivez atraente dos superiores, que correm mundo no papel das gravuras ou nos cartões fotográficos, a preço reduzido, para o encaixilhamento mural do fetichismo inte-lectivo dos afinados e virtuosos. Era assim que ela o imaginara, empalecido por vigílias e coberto de glórias.

Quando o laureado artista, o grande Telésforo, voltou da sua abstração à realidade, percebeu que, havia minutos, toda aquela pinha popular, trêmula e ansiante, aguardava o consentimento de ingresso. Curiosos galgaram os degraus do peristilo: tinham-se plantado em sua frente, suspensos de um gesto de sua destra, de um entreabrir complacente de seus lábios. E ele, então, deixando cair o olhar sobre a enorme massa palpitante, sorriu desvanecido, alargou com o braço um generoso gesto franqueador.

Por mais uma vez Telésforo sentiu-se predestinado. A multidão invadiu o templo, acotovelou-se, conquistando a primazia da entrada, rolou confusamente, promiscuamente, em troços resfolegantes, febril e múmura. Os primeiros, que entraram, impelidos pelo grosso da onda, recuaram diante dele, para o não tocar, como se uma auréola invisível o circundasse, o separasse do resto dos mortais. Aos primeiros imitaram os segundos, e depois outros, e mais outros, e a turba inteira. Olhava-se-o com veneração. Algumas bocas tentaram servili-dades sorridentes; muitas cabeças inclinaram-se. Um escrofuloso, de pálpebras tresnoitadas, deitou-lhe aos crachás uma olhadela desesperada; as garras crisparam-se-lhe carfológicas. Telésforo nem reparou. O fluxo invasor empurrou avante o larápio, envolvendo-o nas suas filas movediças. No recinto,

uma claridade morna, contida entre paredes griseas, escorria do alto, da clarabóia velada, para o fundo fechado pela imensa moldura reluzente da tela, encimada por um escudo imperial, sobre troféus de batalhas. Da entrada, em rampa, apenas se distinguia a grande mancha azul do céu. Um povo enchia o imenso bojo. O ambiente abafava. Tépido e enervante, picando o olfato, volatizava-se um estranho misto de perfumarias de luxo, essências reles de bazar, exalações cutâneas. Amadores, entendidos na precisão das perspectivas, estatelavam, binoculando com a destra em canudo; havia pálpebras cerradas, procurando aerizações; queixos para o ar, extáticos, numa imobilidade muçulmana, de preces. E do singular amontoado de cabeças, irrompia de espaço a espaço, em conjuntos de ramilhetes, em isolamentos de exemplares seletos, a linda coloração variegada dos chapéus femininos, que lembram viveres de várzeas sola-rengas, empós a ceifa, sob a fecundação da luz macia, quando giestas e papoulas sorriem ao Floreal que chega.

Os *Insubmissos* desciam passo a passo, na ondulação arrastada, abandonada, dos curiosos; devagar, varando aos poucos pequenas falhas de grupos, brechas ocasionais nas fileiras de admiradores fascinados, ganhavam, os melhores pontos de observação. Já do centro da rotunda, onde mais denso se tornara o aglomerado, via-se vasto painel na sua grandeza de catorze metros, enchendo o alto fundo do panteão, de relance — o peso safiroso da abóbada caindo numa gradação lenta para o cinábrio vago das auroras crescentes, e ao demorar da vista — nuances esbatimentos vaporosos, um calor aéreo de amarelos, panos de muros, numa torre alvejando lá embaixo, violáceas sinuosidades de coxilhas... E para o meio da tela, em disposições intermediárias, na tenuidade de uma fumaraça branca, apareciam listas de lâminas, bonés de soldadesca em pelotões consecutivos, distendendo-se, coleando pelo declive do terreno remoto, diminuindo, confundindo-se, a distância, num tom impreciso de debuxos e esmaecimentos de cor.

Agora, nos planos próximos, os relevos se acusavam, brilhavam as tintas: feições pasmadas de infantes a meio corpo, armas esguias de bandeirolas frementes de um esquadrão de lanceiros, duas manchas auriverdes de estandartes desfraldados, uma, vaga, atormentada na eterização branda da longi-

tude; outra, perto, mais larga, mais colorida, batendo ao vento sobre a floresta de aço dos batalhões...

Dominando a ampla planimetria do fundo erguia-se o grupo principal, sobre um barranco que formava o primeiro plano e esboraava-se num declive brusco, tortuoso e extenso; na curva desse caminho surgia, numa cavalgata de generais, o uniforme vermelho de um chefe inimigo. À frente do grupo dominante, o imperador estacara o seu hidrópico e grande cavalo branco.

O sr. d. Pedro, mão à rédea, o braço de espada apoiado pelo pulso do cinturão lavrado, fitava com altivez o prisioneiro de guerra, que se aproximava; o seu corpanzil esganchado na cavalgadura, tinha a eretibilidade dos invencíveis, a que um poncho de gaúcho, atirado pelos ombros, aumentava de arrogância. Guardava-o um simétrico estado-maior, elevadas patentes do exército, nobres nos seus fardões de gala, com a fulguração marchetada de medalhas e insígnias...

Daqui, dali, dedos varavam o espaço, apontando os personagens; os seus nomes eram citados; comentavam-se-lhes os méritos; o zonzonear das vozes reverberava no ar como num interior afanoso de oficinas. Olhos fixavam, parvamente, na tarja baixa da moldura, um círculo de louros entrelaçados ao redor do dístico: *Rendição de Uruguaiana — 28 de setembro de 1865*. Sentia-se, vindo da tela, esmorecido, quase diluído, o olor dos vernizes e dos óleos. Num grupo, três senhoras teimavam a respeito de uma das figuras do estado-maior. Mas Telésforo veio explicar-lhes que era o general Mitre, "o bravo dom Bartolomeu Mitre" e uma moreninha de rosto gorduchito, com uns magníficos olhos de ave noturna, papagueou, acalorada, vitoriosa, sacudindo a cabeça: — É o que eu dizia, é o que eu dizia. . .

O laureado artista teve uma frase amável, rápido paralisada, porque um obeso ensobrecasacado abriu-lhe os braços: *Ó grande Rafael!* — e o foi levando para mais vizinho do quadro, a perguntar, interessado, se a luz era da tarde ou da manhã... Mas, "tudo magistral! Magistral!"

Telésforo passou o olhar pelo painel. A sua obra pareceu-lhe mais vasta. Era um pórtico franqueado para o cená-

rio daquele dia 28 de setembro, trazendo a percepção de cada qual a flagrante verdade do fato. A impressão apoderou-se de toda sua sensibilidade psíquica, apagou-lhe a fria perscrutação do habituado, para incendiar dentro dele a admiração de si mesmo, como se nunca houvesse visto este enorme quadro, e todas as suas faculdades, absorvidas pelo poder atento, lhe trouxessem a estranha sensação de um sonho consciente. E, de olhos abertos ao clarão das cores, imobilizou-se, mudo, dominado, visualizante, percebendo apenas a extensão indefinida de um horizonte de ouro, panos de muros, uma torre alvejando lá embaixo, por onde se estendia a preguiça sinuosa das coxilhas... E a sua alma, vivendo nessa luz, pairando nesse ouro de sol matinal, descansando nessa brancura de torre, embebida no azul, volteando na fumaça das planimetrias, palpitando em cada figura, levava-o para a tela, trazia a tela para ele, unificando-os, produtor e produto, numa só entidade, fazendo deste o coração, o sangue, a alma desse outro. Num momento ele corporificou a sua obra; ela desaparecera por completo, e de suas tintas, de suas perspectivas, de seus traços, unicamente restava Telésforo, fitado por milhares de olhos, admirado, idolatrado, indo como a intangibilidade de um espírito, como um fluido telepático, aos recessos de cada ser; carunchando no labirinto dos cérebros, correndo por células, levantando idéias, acendendo pensamentos, vindos aos lábios, abrindo-os em interjeições de respeito, espalhar-se pela atmosfera, atomizar-se nos tempos !...

Duas senhoras estenderam-lhe as mãos. Uma, alta e pálida, com o porte augusto de uma rainha viúva, em gorgorão negro; outra, de cabelos fulvos e um nostálgico olhar verde-onda, na correção de um *foulard* branco. Ele acolheu-as cortês, mas estremunhado, atordoado ainda. E a de porte augusto de rainha viúva:

— Quero protestar-lhe a minha admiração.

Telésforo, comovido, dobrou-se em uma curvatura submisso; teria genuflexado, se a de cabelos fulvos não se mostrasse curiosa de informações: queria saber do quanto lhe custara essa obra prima, que opiniões externaram as sumidades européias... — dizia, parando nele o seu nostálgico olhar verde-onda, misterioso e belo como um mar de lenda.

Prazerosamente penetrado desse cuidado, contou a felicidade com que trabalhara, "gastara três anos, e esse tempo, porque todos os dias tinha o seu *atelier* invadido por uma sociedade distintíssima, que lhe roubava as horas em deliciosas palestras; quando não eram visitas a palácios, a museus, a estabelecimentos de instrução !..." E como as senhoras atendiam, presas na sua admiração, falou no luxo dos príncipes com que convivera, chegou a pontilhar, sutilmente uma aventura de amor... Porém as senhoras pestanejaram embaraçadas; uma tornou-se ligeiramente lívida, a outra estremeceu num relâmpago de rubor, e logo ele, saltando sobre o pequenino escândalo, com uma perícia de truque diplomático, que sufocava a oportunidade de juízos, comunicou estar esboçando um novo quadro, desta vez assunto mais delicado: o *Enterramento de Atalá*. Dependia do governo.

—Ah ! muito bonito — disse a pálida. — E a Academia ?

—Não sei, minha senhora, o governo quer que eu a dirija... Não sei.. . Aquilo vai tão mal! Demais — acrescentou com esgares de ironia —, demais, não falta quem a dirija, e melhor do que eu.

As senhoras compreenderam-no, antepuseram a sua autoridade às conveniências e proteções políticas.

— ... Descambo para o ocaso, minhas senhoras, estou no declínio...

Relanceou o olhar, de novo, ao quadro; voltou-o à multidão; fixou-o no grupo dos *Insubmissos*, que ali estava, a dois passos dele. Essa rápida revista tranqüilizou-o e como se uma renovada circulação de seiva rebatesse o seu desalento, concluiu:

—Em todo o caso, se me permitem a imodéstia, hei de desaparecer como o sol!.. .

—Certamente — aprovou, inesperado, um adamado senhor, de mocidade artificial. Ouvira-lhe as últimas palavras "quando vinha, respeitosamente, trazer-lhe o seu parabéns, porque o seu quadro estava maravilhoso. *Ja além de sublimei*"

Sibilava os s s, numa dicção afetada. Todo ele rescendia a baunilha. Cumprimentou as senhoras com discreta familiaridade, e se "o nosso artista lhe desse vênias, faria uma pequena observação".

— Oh ! senhor visconde. . . — murmurou Telésforo, protestando a maior veneração ao seu autorizado julgamento.

O visconde inclinou a cabeça luzente de tinturaria: uma risca, muito certa, dividia os cabelos, pelo meio, em duas pastas sobre a testa. Agradeceu e continuou:

— O nosso distinto artista não acha demasiado gordo o cavalo de sua majestade ?

Telésforo, que aguardara, reverentemente, o reparo, observou a tela durante algum tempo; depois, sem lhe despegar logo os olhos, retorquiu de manso, com urbanidade:

— Peço a V. Exa. para notar que o cavalo de sua majestade é um produto do rio da Prata. . .

— Bem. Muito bem. Assim, tem razão. Contudo, o nosso artista daria melhor prova do bom gosto do nosso sábio monarca, se o fizesse montado num puro-sangue.

O artista sorriu, condescendente e afável, mas respondeu que era uma questão de respeito à verdade: mudar a montaria do imperador seria deturpar um fato histórico.

O visconde calou os argumentos. Esteve olhando o quadro, vagarosamente como amador, alisando com a mão enluvada o queixo escanhado e macio. Num gesto aprovativo e pretensioso de significação, meneou a cabeça, balbuciou um louvor; ia se retirar, porém notou uma comenda no peito do artista.

— Oh ! a *Coroa de Ferro!* — exclamou, examinando-a.

— Muito honroso, Duplico o meu parabém. — Sacudiu a destra de Telésforo num *shake-hands* afetuoso, e foi-se, empertigado, um pouco forçado do ombro esquerdo, a cabeça senhoril, a sobrecasaca espartilhando-lhe a cinta delgada.

Aos poucos a multidão decrescia. Enfatuadas celebridades da política e do jornalismo vinham "apertar-lhe a mão". Por vezes enlearam-se, exclamativos, em abraços. O entusiasmo obliterava do espírito o senso e o esclarecimento; admiradores chegavam a lhe negar o direito da perpetuidade do seu apelido fundindo-o, anonimizando-o, na responsabilidade histórica dos mestres. Chamavam-lhe Ticiano, Rafael, Murilo, Velasquez! O exagero resvalava, pela inconsciência cognominativa, para o estorrego do ridículo. F. Telésforo sorria, talvez pensando no deslumbramento purificador das idades.

na clarividência de uma época por vir, ainda mergulhada no mistério das gênesis, imperceptível e obscura no seu tardio embrionismo de compreendedora, de ultra-requintada, formando-se, quintessenciando-se, de geração em geração através de séculos, em camadas superpostas como os protoplasmas criadores, até corporificar, com as perfeições acumuladas, um todo uniforme, completo, extraordinário, outra geração ou outra raça, superiormente sensibilizadas, poderosamente intelectuais, para divinizar um nome, estendê-lo à contemplação das eras !.. .

Devia ser tarde: a luz rareava. As duas senhoras despediram-se; e, mal se havia extinguido o exalo inebriante dos seus movimentos, já Telésforo era acometido por um descarnado colega, amarelo e carapinhoso, de botins que ringiam.

—Oh ! Feliciano !.. . — exclamou o artista; e, estreitados, treccavam-se palmadinhas carinhosas nas espaldas. Quando se desabraçaram, o Feliciano tremia, abalado por tão grande honra, com babugens de felicidade na dentuça. E Telésforo, agarrando-se-lhe à manga confidencial, quase ao ouvido dele:

—Então que há sobre a Academia ?

—De novo, nada. Os *homens* estão na brecha.

—Pois a princesa, ainda hoje, falou-me a respeito. Nem imaginas o que eu lhe ouvi! Se a posteridade falasse por sua boca...

Suspendeu a frase; seus olhos brilharam procurando a tela, e após um momento, pronunciando palavra por palavra, numa forçada ironia, que lhe adocicava deliciosamente a palarina, terminou: "...a história das artes só teria o clarão do meu talento !"

O amarelaço meneou a gaforina, emudecido. Caiu um silêncio. A luz ia minguando docemente — apenas uma claridade outonal, levíssima, de sombras saudosas das trindades plangentes, derramava-se pelo recinto quase deserto. Pelo sossego do bojo, ouvia-se o ciciar de vozes, em conchavo, na parceria dos *Insubmissos*. Teléforo começava a arquejar ao cansaço daquela glorificação. Confessou "estar esfalfado". A própria roupa pesava-lhe; era como se tudo quanto ouvira de encomiástico, todas as louvaminheirices, tivessem ficado sobre ele. nos seus bolsos, nas dobras do seu fato, nos seus

poros, na sua cabeça, na sua alma, pesando muito. O colarinho incomodava-o, suado e quebradiço; as calças escorregavam, deslloavam-se das pontas do colete. Esquadrinhou para os lados: unicamente restavam ali o Feliciano e os rapazes, que o observavam. Então, resoluto, meteu os polegares nos cós, e repuxou-as, a sorrir para o amigo, a desculpar-se dessa irreverência. Mas o Feliciano não o atendeu: pregara o olhar na tela, deslumbrado.

— É alguma coisa.. . hein ? — despertou Telésforo, sacudindo-lhe com familiaridade a gola do fraque. — Quero ver, agora, o que a inveja vem dizer da minha obra. Estou aqui, estou crucificado pelos zoilos, à maneira de S. Paulo, de cabeça para o chão... Mas, que façam igual, que consigam *isso*, que eu consegui hoje...

E levantou os ombros com desprezo.

— Ora ! Que me importa o rabear das víboras ?! Eu não vivo nas trevas ! Ataquem-me de face !.. .

Parou. O grupo ouvia-o. Tinha-se aproximado dele. Agrário afastara-se, precavido e sorratamente, para a porta, e o Feliciano, abeberado da honrosa intimidade do grande artista, seguia-lhe as palavras, dando com a cabeça aprovações. Seu olhar magnetizara-se nele: automático, esquecido de si mesmo, tinha cruzado as mãos às costas, e pendulava um guarda-chuva pendente do torçal de berloques. A voz de Telésforo desenrolava-se num crescendo de apóstrofes, referviam em estalidos frouxos como carnes humanas nos fogaréus dos sambenitos.

-- Inveja.. . — balbuciou Feliciano.

— Sim, inveja. Mas eu não invejo ninguém. E sou *isto!*

Num largo distendimento do braço, simulou abranger o imenso painel. A magnitude sintética do gesto estancou as palavras nos seus lábios, fechando-os com o selo sagrado da última *ratio*. Em repente ansioso percorre a sua obra, temendo que ela houvesse desaparecido na penumbra vespertina, que as suas tintas não fossem mais uma impressão recortada, uma lembrança morosa, o esgrafio de uma reminiscência tênue. Não ! Ela ali estava, enorme, catorze metros de pano estendido, destinado aos séculos, brilhando ainda a riqueza de seus tons amarelos, como uma pulverização de ouro, um resto de luz eterna, que os tempos iriam valorizando, penetrando de

vez a mais, no tecido, brunindo e metalizando, até amalgamá-lo com a valiosa refulgência das libras empilhadas do seu preço. Ah ! quem fazia aquilo era um vencedor! E ele não sentira a vitória nas aclamações desse dia ? Que era esse bojo, esse amontoado de tábuas, senão uma glorificação ? Levantaram-no como um templo, deram-lhe a força monumental dos capitólios, encheram-no com o que a nobreza possuía de mais acatado, e o povo, em massa emocionada, em ondas sucessivas, viera aclamá-lo ! Que mais ? Tudo tivera. Em horas, em dois simples circuitos de ponteiros assinalando a marcha desse brilhante dia azul de outubro, vira para além, para o infinito; percebera as letras aurifulgentes do seu nome, galgando a oa-tadupa estrugidora da vida, parando na história para a eterna renumeração da humanidade, como um sol sem poente ! Vencera, enfim! Que poder demolidor, que força destruidora o viriam arrancar da sua eminência ? Que o alvejassem com bestas de ironias e catapultas de motejos, virotões e pelouros cairiam sem o atingir, nunca mais, nunca mais!.. . da mesma maneira que uma saraivada de fundibulários, visando o inimigo acobertado pelo manto sagrado do ídolo. . . Do ídolo! E em que era ele menor que um ídolo ?.. .

No borbulhar da sua fantasia cresceu uma visão dos priscos tempos atenienses em que devera ter nascido e se ficado na estrutura esculpura de um deus onipresente, venerado no seu pedestal de pórfiro, no adito das academias, onde viriam anciões togados apontar a sublimidade das suas obras a efebos embevecidos, suaves insexuais ebúrneos, de olhar aceso em sonhos, que repetiriam em êxtases a tradição do seu nome, cantando-o como um verso sonoro, espocado num beijo entre o fresco desfo-lho de jasmins e rosas de duas bocas amantes... Ah ! se ele tivesse nascido nesse tempo !.. . Mas, que lhe importava a ninharia de milênios ?.. . E tufou-lhe o peito, inundou-lhe os pulmões, varou-lhe a garganta, um histérico desejo de gritar, de fazer repercutir pelo mundo, pelos céus pelos sóis a sua glória excelsa, como um cântico sempiterno, ecoando na imensidade, nas fulgurações da luz, na indestrutibilidade do ar!

Acordado, voltou ao Feliciano. Ia falar-lhe, quando um dos *Insubmissos*, o Franklin, estacou defronte da tela, e abrindo os braços, profeticamente, berrou:

— Sublime ! Único ! *Telesfowmidal !*

E foi-se com os companheiros, às gargalhadas.

Telésforo estremeceu, lívido como um cadáver. As exclamações do rapaz reboaram no recinto, enchendo-o com um fragor de trovão que arrebenta e rola. Os ouvidos do artista estalaram numa trituração de ossos; zigzagueou-lhe nas vér-tebras um corisco frígido e com ele uma dolorosa, angustiosa sensação de desabamento, tal se se aluisse em pó, se se desmantelasse em fragmentos inúteis. Durante longos minutos, permaneceu assombrado; ao pânico sucedera-lhe um atordoamento de sangue nas pupilas, um remoinhar de idéias azoiadas, julgando-se presa de alucinação catalética, pensando numa crise de esgotamento, pela contínua vibração nervosa. Anelante, compreensivo, fitou o espaço e um vazio nirvânico dominou-lhe a retina. Tremeu apavorado, sem voz; mas, num arfante, desarcado esforço, arreganhou com violência as pálpebras, esgazeou o olhar para diante: fizera-se uma opacidade de longes hibernais no fundo do painel, as figuras do primeiro plano pareciam flutuar, dissolvidas, na indecisão das mortalhas de um nevoeiro, e a imensa moldura era como um pórtico metálico, em escâncara, para o passado, luciluzindo na densidade de esgarçadas recordações penosas. Uma melancolia derramava-se na rotunda, deslizando pela vidraçaria baça da clarabóia, sutil e penetrante, fremindo em arrepios de asas desmedidas que se abrem flácidas, espargindo a poeira olvi-dante das trevas, num ruflo cansado de gemido agônico.

As carótidas de Telésforo batiam em solavancos; a respiração siflava nas suas narinas com titilações de ânsia, e só, muito lentamente, depois de demorado fitar, foi que ele compreendeu a razão desse diluimento, dessa transição de efeito. Num hausto de alívio fixou o amigo, ainda mais amarelento e descarnado, e numa voz sumida, repassada em soluços, perguntou :

— Que biltres são esses ?

— .. São — disse o Feliciano, medrosamente, num sus surro trêmulo: — O *Zut!*

Telésforo arregalou o olhar, espantado, sem compreender o que ouvia... — o *Zut!*



Capítulo II

A- oi no segundo andar de obscura locanda, em prédio encravado no labirinto da cidade, no *Pension Beaumont*, que se inventou o *Zut*, preito de alegria à graça de uma estranha rapariga, que os bizarrismos da mocidade celebrizaram, entre fumos azulados de cigarrinhos, para o motejo de um tempo de irreverências.

Agrário de Miranda começava a sua carreira de artista com o sucesso de uma preterição no concurso de viagem. Mas, por infelicidade a excelente ocasião de cobrir-se com simpatias públicas, pelo vozear dos protestos, perdera-se no inesperado luto que a morte de um protetor lhe trouxera, deixando a sua vida entregue aos insuficientes recursos com que as can-seiras de seus pais do fundo provinciano de uma lavoura mesquinha, coadjuvavam-no na aprendizagem acadêmica.

A índole mundana do moço pintor, inclinada à exibição da sua pessoa, que se presumia de ostensiva e atendida pela extravagância de vestuários e pela petulância de atitudes, nos lajedos ouvidorianos, essa perda impressionou rudemente, des-vendendo-lhe obscurismos humilhantes, inacessibilidades desalentadoras. Deparou-se-lhe, para consolo do esmorecimento, um condiscípulo dos silabários, que distendia ócios nauseantes de repulsivo à freqüência dos primeiros cursos médicos, ambicionando glorificações no jornalismo, com iniciação pela farandolagem verbosa e gesticuladora dos Cafês.

Era este o Camilo Prado, professo na boêmia de um limitado grupo de uns três, o Pereira Lemos, autor de caprichosos sonetos parnasianos, dum fino relevo de cinzel helênico, que imprimia aos preferidos assuntos mitológicos a correção dos

perfis clássicos; um Clementino Viotti, arquiteto sem *viagem*, abandonado pela Academia, e o Ramos Colaço, recém-chegado das brumas hibernais da científica Alemanha, onde estudara com proveito os segredos da música.

Agrário de Miranda veio juntar-se-lhes, comungando nos fraternos intuitos de *desancar os Bárbaros*, letra inicial desse obscuro rito de rapazes sonhadores, que se davam ao luxo de uma divisa cognominativa. Denominavam-se — *Insubmissos* — para realce de suas qualidades de rebelados e raros em contraposição ao burguês subserviente e comum. E, dos brutos lajedos da Ouvidor, das portas da charutaria Havanesa, aberta em prédio esquinado com a ruela Uruguaiana, passavam a uma recolhida sala de cervejaria, no silêncio de pouco distante beco, a consumir chopes espumarentos entre controvérsias e questiúnculas, para volverem aos mesmos pontos, em retorno vicioso, vegetativos e quiméricos, sobre os mesmos trilhos diu-turnos.

Um dia, o mitológico Pereira Lemos foi despachado cônsul na Inglaterra: havia subido aos conselhos da coroa um parente seu, e Camilo entrava para a redação de um jornal vespertino — *A Folha* — desprezando a honra de uma esmeralda entre enoveladas serpes de ouro no indicador autoritário, de *pergaminhado*.

— Lá se vai a boa roda — murmurou o Colaço. — Isto é gente pirotécnica. . . fogo de artifício !...

Ao contrário, a natureza de Camilo amoldara-se perfeitamente àquela obscuridade bravia de apaixonados e rebeldes, e não havia momento de descanso que ele o não aproveitasse na cervejaria predileta. Já por esse tempo a sua mórbida idiosincrasia tinha humorado, estalando pela fragilidade das repressões educativas, em impulsos irreprimíveis para a arte, a que ele dizia ter voltado costas por exigências de família. Velhos parentes, encapuchados nos preconceitos da mediania, almejavam considerações de pergaminhos em um dos membros da sua linhagem. A desgraça desabara sobre ele, comentava Camilo, "porque, em verdade, e modéstia à parte, da sua família era o único *membro* que escaparia da gangrena da par-voíce, não obstante compreender, agora, que o amputaram..."

E aos poucos, nesse abandono de predisposições inproveitadas, indiferente às censuras e queixumes dos seus, às incertezas e vicissitudes de um futuro, ele esquecia a acalentada esperança de um nome de articulista, lantejoulado na popularidade da imprensa. A delicadeza do seu espírito magoara-se com as grosseiras sensações de bufarinheira vida de jornal, em que os bonzos e os adufes políticos põem, na palavra escrita trejeitos e esganiços selvagens dos folgares de *taba*, e para a timidez da sua alma foi um líquido escarótico a palrice aguilhoenta da trêfega boêmia das redações. Bem depressa, os intentos fundibulários de agitador patriota mudaram-se, metamorfosearam-se, inapercebidamente, em meditativa, isolada confabulação com os livros de história das artes. Então, absorvido por essa voluptuosa viagem espiritual às regiões remotas, que branquejavam nas reixas pontilhadas de páginas impressas como a tenuidade das miragens lobrigadas por entre a rede metálica das lumeeiras de masmorras, entregava-se a revolver, com sutilezas de crítica e requintes de forma, difíceis problemas de psicologia de artistas, ou a recompor cenários de épocas estéticas, de que prometia uma obra emocional e quente, escrita com a força palpitante das suas artérias, animada por uma evocação mágica do mais extraordinário esforço descritivo.

Influíra nessa conversação, sem dúvida, a ombreada camaradagem com o Clementino Viorti, que na ardência da sua imaginativa de mestiço, combinação de violências coloridas de um italiano de Nápoles com o lirismo contemplativo de uma mulata patricícia, se não se arrancava fulo, convulsivo, tremendo, em objurgatórias contra a "pobre Academia e a infame sociedade", bramava como um João Batista precursor, apos-trofando o antiesteticismo arquitetural da metrópole, por ele sonhada em maravilhoso conjunto de soberana graça e gloriosa força — serenidades atenienses e grandezas do Oriente — a deslumbrar civilizações na ribamar da Guanabara encantadora, espumejante de efervescências cêrulas sobre o alabastro de escadarias monumentais ! ... Ramos Colaço também do seu descanso sombrio de bebedor lavrara as tendências do rapaz querido, semeando o grão fecundo da arte neste espírito virgem. E horas e horas desmemoriadas, vergados sobre os

chopes, embebidas na transcendência dos assuntos, ali ficavam-se os dois, em conversa com o Colação desdobrava com exclusivismos wagnerianos a desenvolver, a contornar utópicas vo-lutas de ideais que se contorciam naquele recanto sossegado de sonhos, como filamentos de ouro em torno de infundável torçal de seda azul, em caprichosos desenhos decorativos.

Agrário, ao princípio recebeu dessa convivência uma impressão amolecedora e balsâmica; julgou ter achado um meio jamais previsto, onde se vivia mentalmente, à semelhança das priscas idades gregas dos ginásios. Os desesperos que lhe ardiam nos gorgomilhos difundiam-se numa maciez saborosa de polpos sacarinos. Aí ele encontrava o ânimo para resistir, o conforto para as decepções, a luz para caminhar e, sem saber por que, repetindo uma frase de Camilo, considerava essa reunião de camaradas — "um grupo forte de bravos cavalheiros da espiritualidade, na vigília de armas para a cruzada de amanhã".

Logo, porém, começou a se afastar, resfriado no fervor do efêmero culto. As impressões primeiras amorteciam aos poucos, reduziam-se à importância de uma novidade que o uso esgarça e deslustra.

Desagradava-lhe aquela reclusão anacretica, excluída de "todo o mundo, sem ver mulheres, sem gozar a vida"; ao demais era fraco bebedor de cerveja, preferia os vinhos capitosos e grenates, borbulhar álaçre do champanha, a doçura ine-briante dos licores, que aquecem os músculos, que desentor-pecem os nervos em frêmitos de luxúria. Mas, se Camilo estivesse ele entraria e permaneceria, porque ao renascimento da camaradagem colegial pospunha certa gratidão pelo alarido encomiástico que o amigo fazia em torno do seu nome, dou-rando-o com a antonomásia de *Manet brasileiro!* Esta glo-riola, desbaratada na frivolidade do motivo, chamejava na sua vaidade, deslumbrando-o. Em outros jornais, nas linhas fáceis dos noticiários, respondia-se à prodigalidade louvaminheira com fosforejamentos de promessas. A sua reputação de artista principiava a luzir, sumida e longínqua, prenunciando um mundo que se forma. E retribuindo esta dedicação, com o sacrificio da sua presença no conventículo da cervejaria, formava a sua roda, o seu "cenáculo", que lhe fora o vezo conhe-

cido na Academia, arrastando outros colegas, outros queixosos e desiludidos, a postarem-se ao redor da mesa, na dúbia claridade asiladora desse discreto ângulo de parede, como sectários neófitos duma verdade iniciada.

Depois chegou a vez do Clementino Viotti.

A necessidade levou-o para um escritório de engenheiros e só abria mão dos compassos ao pôr-do-sol, estropiado e em-brutecido. Raras ocasiões, e ainda assim entediado, preguiçoso, bocejante, conseguia transpor a porta da *brasserie*, abandonar-se numa cadeira, sorver a sua cerveja. A estas horas lá estava o Colaço, esfalfado da peregrinação diurna de *professor particular*. Enquanto esperava os companheiros, o wagnerista desfrutava, encafuado e feliz, o lazer das suas folgas; mas se volviam-se-lhe os olhos, na sucessão dos chopes, à parede fronteira, cresciam-lhe impertinências, arreliaava-se, arranhado no seu método germânico e nos seus inabaláveis princípios de simetria, com a desalinhada colocação de duas medalhas de gesso prateado, que provavam a excelência da fábrica Ritter numa exposição de Hamburgo.

Então o Viotti acalmava-o: — Que queres, *Tannhauser*, que queres ?... Nesta terra tudo está torto, desde a consciência dos homens até a calçada das ruas.

E o wagnerista, a rosnar: — Eu sei, eu bem sei... O que é preciso é um dilúvio de petróleo flamante neste monturo. Um fim de Gomorra ! Uma maldição bíblica!

—... ou um bom cacete nas manoplas brutescas de um ditador — concluía Camilo, preparando o seu lugar. Era infalível. A sua demora nunca fora contada para mais de segundos empós a hora dos tratos da véspera e, ultimamente, aparecia sobraçando livros, cujo assunto servia de basto tema de palestra. Estava-se, por essa época, no zênite do impressio-nismo. Falava-se muito dos seus processos, dos seus exageros, das suas vantagens pinturescas. A novidade das suas audácias, lanhando o cerdoso couro do Sacionado, arrancava-lhes con-cordante grita de entusiasmo. Camilo discorria sobre as telas impenitentes de Édouard Manet, sobre as paisagens vernais de Pissarro e os motivos escandalizantes de Caillebotte. Os nomes de Claude Monet e Mme. Morizot vinham, às citações, fulgurando entre círculos de fogo, paradeiros resistentes do

incondicional, que os isolavam da vulgaridade aplaudida. Com o dedo nervoso e sarrento ele vinculava páginas de brochuras novas, apoiando-se no apostolado reformador de Zola, na análise vesicante de Huysmanns; citava a crítica facetada de Or-tigão e traduzia, declamava os períodos incisivos, de exame glácido e seguro, da prosa aceirada de Felix Fenéon: "Esta é grande arte! a natureza ao ar livre, a verdade uma e única !"

— ... E que sabem vocês disto ?... — perguntava ele à roda emudecida a escutá-lo. — Vocês estão atrasados trinta anos ! Nem sequer conhecem os processos de Huet, de Rousseau. ... os velhos dissidentes, ignoram a independência de Courbert, a reação romântica contra a escola de Davi, a reação naturalista contra o delambimento de Cabanel!... E aí está em nosso tempo, diante do nosso nariz, uma arte nova desmantelando todos os estafados moldes conhecidos, de interpretação e feitura, sem que vocês dêem fé da sua existência.

Chegava o Sabino, encolhido na sua modéstia, pupilas absortas nos noctambulismos das ilusões, uma humildade nos traços africanos da sua máscara imberbe e ossuda. As vagas dos que partiam eram duplamente preenchidas pelos que Agrário arrebanhava. Aos poucos vinham outros: o Franklin, o Artur de Almeida... Não raramente aparecia o Sousa, um fuinha caturra, com o seu eterno álbum encapado de linho cinzento, roupas de figurino caricaturado, que ele próprio confeccionava, e olheiras forçadas à rolha para fingir noitadas orgíacas, de que se ufanava. Também, por momentos, rondava a mesa o Samuel Braga, o Braguinha, raquítico e esverdinha-do, sob o peso duma juba romântica, cavanhaque d'Artagnan, vidros de míope sobre o nariz pontudo; era um laureado do curso de piano no Conservatório de Música. Mas, a sua presença armava conflitos, ou por fabulosas narrativas a Tartarin, que os companheiros rebatiam como chacotas, ou por questões profissionais com o Colaço, que lhe não suportava as idolatrias italianas.

Em breve tempo, porém, o grupo entrou a dispersar-se. O primeiro a desertar foi o Agrário, que descia, rápido, às maiores privações. A fome, a maltrapilhagem, os empréstimos difíceis emparedavam-no em uma constante aflição. A resistên-

cia falhara-lhe. Lembrou-se, então, de um primo, ajudante de guarda-livros nos escritórios comerciais de respeitada firma inglesa, o Melo Castro, que vivia à larga num aposento da *Pension Beaumont*, e lá foi bater à sua porta, por um nascer ensolarado de dia estival.

Havia muito tempo que se não viam. Melo Castro admirou-se, com exclamativas.

— Não me recrimines — disse-lhe Agrário. — Eu sou um desgraçado que recorre à tua esmola. Preciso de quem me valha.

Melo Castro retorcia vagarosamente a ponta do seu bonito bigode loiro, parando sobre ele as pupilas verdíneas, atendendo-o. Era um sanguíneo, magro, de rosto escanhado e duro. Tinha uma frescura de lavagem na pele, e um perfume de óleo fino desprendia-se dos seus cabelos, menos loiros que o bigode, cortados com esmero, assentes em uma placa encurvada em traço firme de pente, pelo lado direito, sobre a testa.

— Mas, como queres que eu te ajude ?

— Ora ! como hei de querer ? Da maneira que puderes. Empresta-me dinheiro; se o não tens, dá-me, pelo menos, uma esteira neste quarto.

O guarda-livros arrepiou num calefrio; mas devagar, com paciente calma de analisador, retorcendo sempre o bonito bigode loiro, notou que o primo curtia necessidades — deixara crescer a barba, uma forte barba azeviche de frade capucho; faltava-lhe corte na cabeleira, em todo ele havia um constrangimento, um mal-estar disfarçado: a gravata, caindo em asas mortas de borboleta sobre a gola do paletó, ocultava suspeito-samente o desasseio da camisa; o último lampejo do brio ama-relecia no celulóide dos punhos e colarinho; joelheiras monstruosas davam-lhe às calças deformidades de elefantíases; os botins cambavam, derreados...

E envergonhou-se da desgraça de Agrário, enrubesceu diante daquele parente necessitado, de aspecto desprezível de boêmio, como se lhe pudessem acusar origem baixa, atavismo de gentalha de província internada pelos bairros confinantes, junto à muralha dos quartéis, onde mulheres escanifradadas e piolhentas ensaboam roupas, cachimbando. Vergonhoso, de-

certo, era ver um quase irmão reduzido àquele estado. E, mais humilhado que condoído, disse-lhe:

—Bem. Se tu quiseses vem morar aqui. Quanto a dinheiro... nem níquel!

—E os meus móveis ?

—Tu tens móveis ! — exclamou Melo Castro admiradíssimo.

Agrário não pôde conter o riso. Fora uma blasonada ridícula à sua posição. E emendou com desdém:

—O meu cavalete, a cama, uns cacaréus...

—Ah ! sim. — Compreendeu o guarda-livros. — Podes trazê-los. Aqui há espaço.

—Mas, para isso, meu caro e generoso primo, preciso dinheiro.

—Homem, queres saber de uma coisa ? — redargüiu Melo Castro resolvido a definir a situação — aqui tens esta mansarda. Serve-te dela como te aprouver, és meu primo-irmão e meu amigo, eu cumprio um dever socorrendo-te. A respeito de dinheiro, porém, estou a tinir: vou alcançado no crédito e nenhum motivo me obrigará a aumentar a lista dos credores. É esta a verdade nua e crua. Resolve-te.

Agrário ouvia-o quase desatento. Os arranjos domésticos do primo despertavam-lhe reparos meticolosos. Uma mobília de vinhático reluzia, polida e espanada; sobre o largo toucador mulheril, decorado por seu simples e elegante serviço de porcelana inglesa, o artista notou uma variada bateria de frascos de essências, bocetas de pós preciosos, púcaros de perfumadas gorduras epidérmicas; seus olhares aguçavam-se pelo quarto, examinando invejosamente os objetos: a caixa maciça do guarda-casacas, a limpidez do espelho que lhe cobria a longa porta chanfrada; lá, para um canto da parede, o fofo colchão da cama, a alvura dos lençóis, a ordem do *gueridon*, um macio pelego para os pés.. .

— És cuidadoso !.. . Vives bem.. .

Mirou-se na longa porta do guarda-casacas: uma apople-xia de vexame sufocou-o, umedeceram-se-lhe os olhos em frente desta imagem miserável de farroupilha, e não tendo Melo Castro dado ouvido às suas observações, despegou-se de diante do espelho com um gemido:

— Bem. Obrigado... Até logo.

Ao cair da noite o pintor encetou a mudança. Ele e Camilo Prado trouxeram embrulhados alguns objetos. O transporte dos móveis consumiu três dilatados dias de vaivéns afa-nosos, porque os traziam sob disfarces e fingimento. Foi precisa a prática de estratégias contrabandistas, foi preciso o arrojo velhaco de ladrões das fronteiras, para saírem incólumes do interdito extrajudicial dum sublocatário lesado. A cama, um diabo de trambolho complicado de pinho e vinhático, transformou-se num impossível. Cansaram de planos e projetos para retirá-la, mas só partida, cerrada em pedaços, feita em discretas porções inajustáveis ao depois. Camilo, corroído, pelas modernices céticas, filosofou com sarcasmos a todas as camas do mundo. Era o traste mais traste que o comodismo humano inventara: possuía todos os defeitos — como móvel não passava de uma pretensão aparatosa do burguês, acarretando gastos supérfluos em linhos, painas e sedas... Para quê ? Para tornar-se um imóvel! Como utensílio, não se podia negar, era prejudicialíssima — relaxava os músculos, protituía as energias. De resto, é o que tu vês — arengava ele, queimando o cigarro e com visagens de nojo — um empecilho, atropela a liberdade dum homem ! Até obriga-o a saldar, indiretamente, suas dívidas ! Vais pagar ao idiota do sublocatário contra a tua vontade, porque este maldito trambolho resiste aos nossos planos de mudança. Isto reduzido a cobres compensará o desfalque. De sorte que, meu amigo, por causa da sua inamovibilidade, não poderás completar a ação mais digna de um rapaz de talento — ferrar um calote ! Eis para que foram inventadas as camas: destruir a tranqüilidade das consciências e... multiplicar os casamentos.

E como Agrário ria, achando-lhe espírito, ele ajuntou serenamente:

— Tu tens a filosofia de Figaro, ris de tua própria des graça. . .

Aboletado no pequeno e asseado aposento de Melo Castro, tranqüilizado com a certeza de um teto que lhe não reduzia os já escassos recursos de alimentação, Agrário voltou ao seu vêzo de fazer cenáculo, criando o seu concílio de adeptos, em que pontificavam opiniões e doutrinas de Camilo. Agora as

reuniões tinham lugar no segundo sobrado da *Pension*, posto que, desde as primeiras, o guarda-livros franzisse arreganhos superciliares, desaprovando aquele ajuntamento cotidiano na sua mansarda, sem respeito, pela excessiva disciplina do seu íntimo viver. Não obstante, durante o dia, o jovial conciliábu-lo dos *Insubmissos* sucedia-se freqüentemente. O grupo, por uma parte perdera o Viotti e o Colaço, por outra ganhara mais alguns concordantes; vieram o Sforzani, um marinheiro já reputado; o Valeriano Costa, que arrastava a sua fealdade de caboclo miseravelmente pela vida, com um curso de perspectiva em que se dizia "profundo"; um sorumbático Requião que pintava letras nas horas vagas e o ruivo, o rubicundo João Vieira, o crônico, surrado por doze anos de Academia, que se dava aquarelas e cobrava para uma sociedade beneficente, porque João Vieira sobrecarregava com a responsabilidade de uma prole ! Porém, essas reuniões não excediam aos motejos e algazarras de bons rapazes alegres; mais de política e volúpias cuidavam eles, com calor de frases, do que de tracejar e combinar tramas revolucionárias nos domínios da arte.

À boa disposição de Agrário para fórmulas que tivessem o guizalhar da novidade, a marca parisiense da moda, Camilo enflorou, em palestra confidencial, idéias de uma agremiação, e para instituí-la falou nas gerações francesas que firmaram épocas, relatou e inventou casos da mocidade romântica, a tradicional *bohème galante*, unida por ideal, nevrosada pelas mesmas aspirações, que saíra a demolir, a subverter princípios, para erguer sobre os escombros de vetustas barbacãs clássicas os torreões minareteados dos seus sonhos.

Agrário acolheu a exposição do amigo com palmas, jubilosamente. Era o que ele desejava.

— E bravo ! Bravo ! Viva a rapaziada !

O outro recuou, ansiando, agredido por esta achincalhan-te exclamativa, mas de novo enfrentou-o posto que assombrado e lívido.

— Deus meu ! Deus meu I — exclamou. — Estou a dizer coisa séria, a impelir minha alma para estas simples, amigas palavras, e tu saltas daí com uma frase de festa da Penha... Pipocas !

O pintor pasmou:

— Mas, que é homem ? Ora, dá-se !... Isso é entusiasmo. Eu estou de acordo com o que dizes. Também quero a reforma, a reforma ou a revolução como gritam os políticos.

Camilo teve o olhar fito nele, demoradamente; após, com um retalhado sorriso gotejando amargores, com o gesto paciente, explicou — que não era caso para gritarias e estontea-mentos. Deveriam tentar uma reforma, exemplificada no movimento atual da França. Seria um movimento consciente, trabalhoso, honesto, de intuítos práticos. Para conquistar esse progresso, não poderiam remontar-se ao tempo da brava *jeunesse* de Gauthier, do gigante, trovejante Teo. Os ardentes impulsos quixotescos do romantismo inarmonizavam-se com a circunspecção analítica do tempo vigente. A mocidade de hoje, grisalha, excogitadora e morbosa, não tem pulso de atleta, capaz de transformar em caraça de entrudo o focinho suíno de um respeitável imbecil. Assim, a imposição dependia de perseverança, o que já estava definido numa frase final da *Oeuvre*, que sai da boca de Sandoz: — *Allons nous en travailler!*

O trabalho será, pois, o nosso murro de hércules, será a a nossa força convincente. Mas, trabalho com entusiasmo, trabalho enérgico, que se o tenha simbolizado na persistência encorajada dos malhadores das forjas. Façamos das nossas aspirações uma oficina em que cada um de nós terá sua bigoma e a sua tarefa. O academicismo nos impõe suas formas, não é ? Desprezemo-lo e desprezemo-las. Costas à Academia ! E vamos fazer em nossa oficina o contrário do que é letra dos seus códigos, do que é dogma dos seus cânones, porque faremos novo e bom, vivo e forte! Foi assim, meu amigo, que a paisagem se libertou da parte acessorial dos quadros, surgiu vitoriosa da geometria dos sombrios processos oficiais. Quando os *poussinistas* ficaram entregues às paredes dos seus vazios *ateliers*, foi que ela se fez arte pela independência do sincero Paul Huet, de Theodore Rousseau, do rústico e adorável Corot. . . E é isso o que devemos fazer.

Nós não somos criadores, não trazemos a chama messiânica, somos os continuadores, os apóstolos; não temos mais que seguir as pegadas dos que inovaram, ou pelo menos dos que reformaram.

A arte de pintar está paralisada neste país, enfezou nos cueiros. Enquanto ela, na Europa, se serve de uma técnica vigorosa, possui todos os segredos da refração da luz, do prisma solar; todos os recursos da química, que lhe dão a transparência das tintas, a segurança dos valores, a límpida simplicidade dos tons, aqui continua nos arcaicos processos onâni-cos da pintura friccionada, esbatida e raquífica, sem nervos, sem sangue, sem alma ! É uma masturbação à *blaireau*.

E o que pode resultar deste vício secreto senão a clorose desanimadora, o contágio desmoralizador que estamos observando ? Vocês vivem na Academia, como se vivessem num internato de padralhões sórdidos, sol) o jugo da rotina e a infecção do sodomismo, bestializam-se e esgotam-se. Para cada parede que olham, em cada passo que fazem, têm o mau exemplo, uma arte sem valor técnico e sem espiritualidade. A pinacoteca ali está, reparem em suas coleções. Que pobreza! Que impotência ! Não se nota na maioria dessas obras uma alma, um temperamento. Concepções tomadas de empréstimo ou servilmente imitadas, execução frouxa, fraca, inútil; ali tudo é negativo, é releu ou é chato; não afirma talento, não constata saber. Os panejamentos tanto podem ser panos como pedras, as carnes aproximam-se dos rabanetes pela cor, ou das neves amorangadas dos saraus, pela densidade. Um horror!..."

E preparando o cigarro, enquanto Agrário, pensativo, pregara os olhos no soalho, voltou teimosamente à sua idéia: "Olha, ninguém poderia iniciar este movimento como tu o podes. A tua habilidade de pintar acima de complacências, desenhas tão bem ou melhor que os teus mestres, gozas de simpatias na imprensa e de provada afetuosidade dos teus companheiros; és corajoso e forte, e sobretudo, mais que outros, possuis alma de artista, sabes ver, sabes mentir. Rompe de vez com a chatice pública, manda ao inferno a Academia. Pouco te custa.

O pintor teve um sorriso sutil, mas ergueu os ombros desanimado:

—Vontade tenho-a eu, vontade me não falta...

—E... então ?

—Então ! — fez uma pirueta, erguendo-se da cama onde estivera sentado, e de pernas abertas, polegares nas cavas do

colete, com a sua estudada canalhice de experiente e prático: — É que eu não posso. Tu sabes que estas coisas não estão na vontade do artista, são um conjunto fatal de circunstâncias ...

Camilo interrompeu-o: — Basta I Basta ! Tu escangalhas, desapidadamente, o meu bom humor... Olha, meu velho, ru saíste do internato de padralhões, eu te dizia há pouco. Saíste. E foi de lá que trouxeste este ranço. Tem paciência, conjunto estabelecido por Taine só é aplicável às velhas nações históricas. Nós outros, americanos, somos produtos de um amontoado de todas as raças, em que predomina mais esta do que aquela e, portanto, a nossa vida espiritual resulta da afinidade da raça predominante que, para nós, brasileiros, é a latina, por seu ramo português. Como perceberás, é esta uma questão complicada de que podemos prescindir e a que me furto, por felicidade tua e descanso meu. Deixando de parte a formidável preleção étnica, em que fomos tropeçar, vejamos em síntese, cujo desvalor está explicado pela intimidade da nossa palestra, as linhas gerais desta causa, direi melhor — deste motivo. Tu não ignoras, eu creio, que somos um povo independente por sua política, temos as nossas leis, a nossa administração interna, somos uma nação oficialmente constituída. Ora bem. Mas... aqui temos uma adversativa esbarradora... Mas, esses atributos não pressupõem nacionalismo, na verdadeira acepção do termo. Insensível, inapercebidamente, opera-se conosco a fusão dos mais dissemelhantes elementos, estamos num adiantado período cósmico. O que vier, após laborar de séculos, será outro povo, perfeito ou imperfeito, mas, sem dúvida, desviado completamente do primitivo que, por sua vez, foi assimilado, fundido, apurado, como se tem dado com os cessantes, minguidos fatores aborígenes. A nossa preceptora espiritual, por primazia de maioridade e por estabelecidos princípios de idoneidade, é a Europa. Dela recebemos as idéias coordenadas, etiquetadas, prontas para o consumo de seres mentais; dela recebemos as fórmulas indispensáveis ao direito de partícipes da comunhão civilizada, os moldes restritos do progresso. Sendo assim (o que me parece irrefutável) a arte, para todas as nações que nasceram da civilização do Ocidente, é uma e a mesma, e apenas variando em particularidades de expressão, que vêm do

acordo com o traço psíquico da raça dominante em cada meio de produção. Daí concluiremos que, na América de hoje, talvez de amanhã, sobretudo na sua parte meridional, não existe essa característica que acentua, pelo involuntário concurso dos produtores, a origem nacional da obra artística.. .

Agrário debruçara-se à janela, azoinado, sem saber o que opor à estirada do amigo. Porém, de repente, rodou nos tacões, agitou os braços aflitivamente:

—Mas, Camilo, que hei de eu fazer ?

—Oh ! senhor.. . Nada mais simples: aproveita o teu talento, entrega-te à tua própria idiosincrasia. Toma a tua palheta, vai para a natureza, estuda-a, observa, resolve, esmiúça, procura nela o que ela há de ter unicamente para a tua visualidade, fixa essa nota, desenvolve-a, vive para ela, dá-lhe a tua alma...

—E depois ?

—Depois, terás conseguido a tua arte, nota bem — a tua arte ! — e outros virão fazer com a mesma independência, animados pelo exemplo triunfante do teu lutar. Depois cairão os estafados preceitos do academicismo, o sistema métrico das concepções guiadas, os dogmas estéticos do ensino oficial. Aí tens ru, é o início da revolução com que sonho.

A palavra apaixonada, cálida, sonhadora de Camilo Prado, bateu nos ouvidos do pintor como um rolo de ferro rojando pelo bojo fônico de um bronze — reboou, alarmou.

Subitamente, despertaram-se-lhe os rancores. A Academia pareceu-lhe um monstro visguento, sorrateiro e pinchado; os óculos do comendador Betâmio e a garra mumiática do comendador Nogueira carregavam-na com torcicolos de quimeras chinesas nas laças e marfins sagrados... E era contra esse monstro esguelhudo, acocorado, sinistro, que esgazeava a estrabice hipócrita dos echarcovos, que mastigava esgares de vinganças premeditadas com as mandíbulas senis e esfuracadas; e era contra essa insuportável influência de caturras ensobrecasacados, condecorados, respeitados, que ele se devia revoltar, desferrando-se da injustiça sofrida. A revolta ! este termo correu pelo labirinto veioso do seu organismo, penetrou na tecedura de seus nervos, escoou-se-lhe para a medula, incendiando-o. A revolta ! desde então, coriscaram em seus lábios críticas, apodos, apóstro-

fes; desde então, ele moveu-se remordido pelos despeites, inquietado com a prurigem das vinganças. A voz de Camilo fora-lhe o bafio morno do *morbus*, a lufada asiática dos arais, que levanta a roçada crosta da verminação dos pauis, contaminando os seres, envenenando o ar. Por seus pensamentos flamaram fogaréus satânicos do laboratório convernoso de megeras, uma atmosfera asfíxiante, de miasmas, ficava-lhe na alma, a estonteá-lo, e nesse ambiente recôndito, que só ele tinha em si próprio, o seu orgulho batido, a sua presunção repelida e vexada deliravam. Se se revoltasse, sobrepujaria os que ora estavam de cima, nos garatujados palanques das galas sociais; aterrorizaria os seus juizes com o arrojo do seu ato e talvez com o prestígio das simpatias adquiridas; o seu nome, vago como um astro indeciso, resplandeceria de repente; para ele todas as atenções — o elogio, o amor, a proteção, a glória! Teria, como esse Telésforo de Andrade, que o Império mantinha prodiga-mente na Europa, sobre as rimas das esterlinas, sobre os pacotes recontados dos bilhetes bancários, o coro das homenagens, os roupões descolcheteados das felicidades. Em torno dele deslumbramentos de riqueza: suntuosidades de palácios, magnificência de *ateliers* famosos, a romana existência cesarina da fortuna ! Ainda em torno dele, deslumbramentos de gozos: ao estender o braço, ao aceno indicativo dos lábios, num soberano gesto de sultão, as mais belas mulheres ! mulheres morenas da Ibéria.. . mulheres loiras da Germânia... mulheres gráceis da Gália.. . mulheres de todas as regiões, como suntuosos banquetes desse tempo soterrado na história, de que falavam Camilo e Colaço, num país flavo de sol, sob tendas de seda lavrada, onde havia uma imperatriz de nome cantante e temo, que acolhia os amantes nas colgaduras do seu palanquim dourado, suspenso nos ombros de vinte e quatro escravos!... E por que não se revoltar? Nunca essa palavra despertou-lhe tanto calor, tantas idéias ! nunca, como hoje, seduzira-o tão fortemente !

E, a fio na cama, cigarro ao lábio, passava em revista mental as obras de seus mestres. Camilo tinha razão, tudo isso era chato, nulo, abjeto ! Ele, por si, julgava-se capaz de vencer, sem esforço, essa pequenina arte gafada e trôpega.. . E se tivesse a ventura de estudar na Europa, durante cinco

anos, que não faria ele ?... Ah ! bastar-lhe-iam quatro, três anos, nessa Paris desejada...

Um sorriso arregaçou-lhe a boca, untuosamente, numa pegajosa doçura de favos sorvidos; suas pupilas clarearam em alvoradas, distendeu-se por seus músculos uma volúpia.. . Paris emergira nas distâncias nevosas de um sonho, desdobrara-se na sua visão, grande e ofuscante com suas cúpulas, as suas torres, os seus palácios.. . Era bem a Paris dos seus pensamentos, era bem essa Terra Prometida dos gozos, opulenta e risonha quermesse de encantos, esta que lhe parecia!...

E ela inteira, rumorejante e esplanada, vivia no aroma das suas flores, na respiração dos seus *boulevards*, no hálito das suas alegrias, que formam uma tentadora atmosfera de seduções, cheia de misérias... mas plena de amores. Ah ! Paris !. . . Paris !...



Capítulo III

No dia seguinte Agrário notou em fronteira janela do primeiro andar, no quadrado mural que formava a área, a cabeça loira de uma rapariga, traços delgados de adolescência num rosto fresco e sadio de brejeira, roscilareado da graça petulantemente moderna das galantes decorações de *boudoir*, onde luziam célicas lentilhas de olhos tentadores. Ouvira-a cantar e, num salto, correu logo à janela.

—Hein !.. . Ó Melo Castro ! Temos canário belga ?

—Sim, às vezes, quando não é rouxinol.

O primo contou-lhe por miúdo a impressão que a rapariga lhe causara, desde que para ali viera. Mas, até aquele dia, ele nada conseguira, nem mesmo um olhar de frente e franco !

—E que espécie de diabo é a cabotina ? Solteira, casada. . .

—Não sei, o que hoje posso afirmar é que é francesa e vive com um cambista de teatro. E ficaram nisso.

Dias depois Agrário tinha conseguido com um xilógrafo, o Antônio Forjaz, a salvadora encomenda de ilustrações para uma edição de luxo, e por este socorro pôde coibir os excessos da sua "miséria". Para adiantar a encomenda e cobrir as antecipações de quantias a crédito, encarcerava-se no quarto doze horas contadas, de sol, com as pranchetas gessadas, e de quando em vez sacudia os ombros, acendia o cigarrilho.. . À janela, para arejar, para sanear os músculos. Irribus !

A loirita quase sempre lá estava sentada junto ao peitoril, a ler brochuras ou a trançar crivos de crochê, e tantos pigarros o artista esburgava, tantos rondós e copias ensaiava a meia

voz, que os esmaltes azuis dos olhos dela rolavam, lentamente, para cima, a notá-lo num rápido segundo.

—Sabes ?.. — disse ele a Camilo — encontrei a minha musa.

—Deveras ?

—Vem cá. Olha para ali.

A rapariga volvera, neste momento, a cabeça para o alto; ao dar com os olhos nos rapazes, que a fixavam, enrubescou, abaixou as pápebras, suscetibilizada.

—Linda ! — exclamou Camilo.

—Deliciosa ! — gritou Agrário.

O grupo também apinhava-se na janela, escandalosamente, a prestar-lhe cortesias de adoração porfiada e as palestras rebeldes, os planos reformadores, as metafóricas virulências políticas, desgarravam para as tolices do galanteio. Mas, por uma ocasião, Melo Castro encontrando o quarto em desordem, revolidos os lençóis, escarrado o soalho, indignou-se, arrebatado por violências de temperamento, a recriminar o pintor.

Com habilidade e subterfúgios, Agrário foi arredando os companheiros e, por último, apenas Camilo tinha entrada na mansarda do guarda-livros. Melhor, entretanto, fora para o pintor o enérgico protesto do primo, porque não tinha concorrentes no requêstro àquela cabecinha de elegância loira, como Camilo era um rival pouco receável por sua excessiva timidez, Agrário repartia com ele, confiadamente, o balcão do peitoril. Aos poucos os dois conseguiram dominar a atenção da vizinha.

Ela já os olhava sem rubores e melindres como uma favorita ociosa que se diverte, ao mormaço da canícula, no jardim do harém, com os pinchos cômicos dos seus macacos enjaulados. Achava-lhes graça, ria-se, abrindo o esplendor da sua boquinha carminada e polpuda, magnificamente armada das cerrilhas brancas de seus dentes certos e finos. A franqueza do sorriso licenciou o arremesso dos dichotes: *Mademoui-selle..* . um pouco de cançoneta, dois trinadozinhos.. . pedia-lhe Agrário.

E ela, com todo o encanto da sua boca desejosa, a rir:

— Zut!...

Fazia, retirando-se. Um pedaço de chita vermelha, com ramagens verde-malva, desbotada de uso, caía sobre a largura da janela, fechando-a discretamente.

Com a distração da francesinha as queixas de Agrário adormeciam, enroscavam-se no fundo de sua alma numa preguiça de serpente enervada por batidas pelo sertão; despegou-se-lhe da suscetibilidade o visgo corrosivo da injustiça sofrida e quase perdeu o hábito de injuriar os julgadores do seu concurso. Aninhava-se agora, em uma morbidez tépida de namoro, esquecido da miséria. Também, por este tempo, a vizinha loira ganhara cristalinidades finíssimas nas cordas vocais; de manhã à noite, a área da *Pension Beaumont* parecia um irrigado aviário ao bendito sol dos dias azuis. A sua voz ridente trinava, pizi-cateava num doidejamento de regozijos, que iam enchendo aquele espaço intermuros com alacridades colibrinescas de sons, qual mais rútilo, irisado e tremelicor, tal se esvoaçassem em frenesis de alegrias. O cambista jornadeava por São Paulo, e livre ela exultava como um pássaro livre; a sua alma subia, alvorotadamente, a fazer dessa láctea garganta de estátua a torre branca de suas festividades sonorizadas. Agrário vibrava com a sensibilidade de um diapasão às cançonetas que lhe ouvia, todo ele estremecia eletrizado por essa música imprevista de passaredo em fronde de estio; esquecia os óculos caricatos do comendador Betâmio, a mão seca do comendador Nogueira olvidando entusiasmos da profissão, projetos de luta, presunções de vitória, deixava-se escorregar por uma macia volúpia de namoro, languroso e fútil. Entrara, sem consciência, no período das esculcas cupidíneas, que reduzem os amantes a capros farejadores ao encalço de Aretusas fugitivas. Ao sair da mansarda, pela manhã, descia ao corredor do primeiro andar, ganhava-lhe o lado direito onde ficava o aposento da rapariga, a esquadrihar o recato desse interior, pressentindo o flagrante de uma imprevidência, o resquício indiscreto de porta mal fechada... E tanto persistiu que, por um radiante levantar de sol, às sete horas, encontrou a porta imprudentemente aberta. A francesinha, numa agitação laboriosa de formiga, cuidava da sua morada. Agrário teve um deslumbramento diante dela, tão encantadora lhe pareceu ! Estava garrida com o seu avental de musselina, alfinetado nos bordos

do colete; a louçania da sua pele, onde esparsos mordiscos de sarda esmaeciam, tinha o quer que fosse da volatização aromai de uma flor mádida; sua boca resplandecia numa ca-rícia infantil, ao mesmo tempo desafiando o apetite carnal de beijos pelo sanguíneo do polpo talhado em arco caprichoso, pelo recorte das comissuras onde luciavam esmaltes foscos de pérolas; e as lentilhas celíneas de seus olhos davam, pela fluidez, a sensação confortante de um firmamento de gozos por uma calma campestre na estação dos viços. Um pequenino espanador movia-se ativamente na sua mão pálida, de compridos dedos lisos, um pouco espatulados, com esmeros de polimento no cone gracioso das unhas.

Agrário curvou-se, afetado, numa cortesia audaciosa, a que ela respondeu com um sorriso de aquiescência.

A partir daí, às mesmas horas, o pintor descia a cumprimentar a vizinha e, pela continuação da "casualidade" entraram em palestras, em começo, tímidas, monossilábicas, com pausas embaraçadas de idéias confusas, mas bem cedo familiarizadas, não já da porta para o corredor e sim sob o mesmo teto, entre as paredes desse quarto vasto, cuidadosamente arrumado, com os seus velhos móveis dispostos em aparato e disfarces de camarins de tablado.

Melo Castro mordia os lábios percebendo a habilidade conquistadora do primo, mascarava o despeito, perguntava, fingindo, indiferença de esfalfo:

— Então, como vamos de *caça* ?

E Agrário para empirraçá-lo:

— Chumbada, meu caro; está ali, está neste buchinho que Deus nosso Senhor me deu.

Melo Castro ria nervoso, desabafava em berreiro, que supunha árias, o rancor da preterição, e quando, raramente, apanhava Camilo na mansarda, desandava em descomposturas obscenas contra as francesas, em execrações dos artistas. Camilo percebia-o, compreendia o latejar desse orgulho ferido; então, para gozar dessa pulhice contrariada, envenenava-lhe o ciúme concordando com suas opiniões, a que acrescentava detalhes deprimentes à moral e ao espírito femininos, de envolta com paradoxos comprobativos da injusta superioridade dos artistas em questões de amor. Intimamente, Camilo, também

tinha "uma impressão" da rapariga, de quem já sabiam o nome, chamava-se Henriette (e isto foi uma jubilosa novidade-de de Agrário), mas as suas preocupações literárias, os trabalhos de imprensa, a sua dissipadora vida noturna de *brasserie* com o Colação, impediam-no de se absorver neste desejo. E era ele quem acordava o amigo:

— Olha, tu te inutilizas com esta morrinha !

Mas Agrário protestava que não, que aquilo era um passatempo, um motivo para sua arte, nada mais. Amanhã só me restará disso uma lembrança pálida, um vago de sépia num cartão bolorento.

— Pois sim ! — Duvidava Camilo e volvia à sua idéia fixa de revolta, animava o amigo, inflamava-o com os triunfos do seu futuro: — Termina estas pranchetas que é tempo de começares os teus estudos de arte séria. Eu te quero ver passando este povo, provocando ciúmes à velha Europa...

E, duma feita, soprando o fumo do cigarrilho, cuja cinza ele quebrava com a unha crescida do mínimo nodoso:

—Por que não fazemos uma reunião definitiva de todos os que querem resistir à contagiosa estupidez do nosso meio social ? Combinando, agremiando, poderíamos formar uma oposição vitoriosa, fudariamos *ateliers* livres, teríamos exposições independentes, em suma, seríamos uma corporação vivendo vida própria, exercendo uma profissão.

—Magnífica idéia I — concordava Agrário. — Até poderíamos realizá-la já.

—Certo que sim. Fala aos teus colegas, aos teus companheiros .. . Arranja-se com o Forjaz o *atelier* de gravura para começarmos os trabalhos. Depois virão os apoios, as proteções. Isso só depende de uma boa cabeça.

Agrário refletia nesta probabilidade. Realmente, a idéia parecia-lhe aproveitável. O principal seria se agremiarem porque, depois, apareceriam os protetores, os contribuintes, talvez pudesse ele encontrar outra dedicação, um amator endinheirado e generoso, que o mandasse à Europa !. . . E, à noite, no seu fato, novo, uma gravata clara tufando sob as pontas curvadas do colarinho, saía para expor aos companheiros o "seu plano, a idéia que tivera". Gesticulava em meio do lajedo ouvidoriano, diante dos rapazes atentos ou, num portal, co-

piando "poses" de figurinhas de Jean Beraud, segredava a algum pintor excluído do protecionismo oficial a utilidade do "seu projeto".

E passava dois, três dias, sem mais pensar no caso, toda a sua vontade enrodilhada, apagada, envolvida neste deleitoso namoro que lhe trazia os calefrios e sobressaltos dos primeiros impulsos da virilidade.

Num princípio de mês, pela calma da sesta, estava ele desenhando, quando bateram à porta. Foram três pancadinhas de dedos, pareciam de mão feminina. Ergueu-se sobressaltado, vestiu às pressas o paletó e abriu. Era o Julião Vilela, um belo tipo de artista de romance, com a sua negra barba de nazareno num rosto pálido, de olhos árabes.

Vinha vencido. Deixou-se cair sobre uma cadeira, desoladamente, a cartola atirada para a nuca, um embrulho de pincéis apertado na mão nervosa,

—Que há ? — Perguntou-lhe Agrário, a preparar o cigarro, muito devagar, ainda resfriado da desilusão recebida.

—Estou a arder! . . . — disse ele. — Aqueles casmurros da Academia aceitaram a paisagem do Feliciano, uma *bota*, como sabes, e com o resto da verba compraram o quadrinho do Benedito.

Agrário acendeu o cigarro, pachorrento, indiferente, num gesto entediado jogou fora o fósforo pela janela, perguntou-lhe depois, com fleuma:

—De sorte que a tua *Aparição de Beatriz* ? . . .

—Recusada — suspirou Julião.

Calaram-se. Durante segundos o recusado esteve a tamborilar com o maço de pincéis sobre a quina da mesa, a pensar, abatido: mas, num arranco, com lágrimas na voz: — A minha vontade era fazer uma fogueira de todos os meus quadros. . . Isto não é terra !... não é país !...

Os seus grandes olhos orientais volveram-se para o espaço livre da janela escancarada, fixando o azul brilhante da manhã; uma ruga repuxava-lhe a boca, amargamente.

—Mas, tu tens boas amizades. . . — disse Agrário, encorajando-o. — Tens um padrinho riquíssimo e considerado, que te valerá. Quem me dera o mesmo !.. .

— Sim, ainda me resta este recurso. O caso, porém, é outro; quiseram humilhar-me, quiseram ferir-me dando preferência ao Feliciano... Ao Feliciano 1 um brochador que ainda pinta com verde inglês puro e usa *noir d'ivoire* nas sombras !... Isto é para enlouquecer um homem.

Ergueu-se, foi até uma das paredes onde estavam penduradas algumas pequenas telas, duas tabuazinhas de impressão. Revistou-as atentamente. Entre elas ficara um esboço seu, maior que uma destra aberta, pouco mais largo, o bastante para conter a redução de uma cabeça chorosa de Desdêmona, esbatida no fundo intacto da tela: lembrança dum dulçuroso oval macilento onde pupilas noturnas tinham reflexos magoados de roxo mortuário. Desviou o olhar, mas automáticos, irresistíveis, seus olhos volveram à contemplação daquele croqui antigo, avivando-lhe a reminiscência... Uma época quase indeterminada, resíduo apenas de um fato cinerado na melancolia das separações bruscas, o trêmulo final de um amor desfeito entre pedaços de negativo bilhete amuado. . . Coisas remotas. . . Penugens esvoaçantes. . . Nada. . .

E voltando-se para o companheiro:

— Já viu você desaforo igual ? Quatro contos de réis por aquela paisagem ! Quatro contos !.. .

O companheiro mascou um risinho mau, sob um trago de fumaça, e batendo no ombro dele com a ponta dos dedos:

— Lamúrias. Deixa-te disso, arranjarás o duplo do preço com o teu padrinho.

Julião ofendeu-se:

— Estás a dar com o meu padrinho, só com o meu padrinho ! Que impertinência !.. . Eu não estou a queixar-me da sorte, digo que é um desaforo o que fizeram comigo. . . E abriu a demonstrar a picardia que lhe era feita por sabe rem-nô amigo de Telésforo, por acinte à sua independência de artista viajado, ileso do contágio da Academia...

Os seus argumentos escorriam aos borbotões atropelados, inchados de orgulho, extravasantes de queixas, despezos e dores. Agrário ouvia-o calado, no seu íntimo uma inveja o inquietava e irritava, ao pensar nas venturas deste inteligente e benquisto colega, apadrinhado por um banqueiro, tendo-se feito na Europa, com a frequência dos seus mais célebres mu-

seus, recebido com continências por um legionário da crítica parisiense, e empregando em móveis raros, estofos caros, bi-belôs encantadores o bem cotado preço dos seus magníficos quadros. Esta decepção, de que se lastimava o Julião Vilela, tornou-se para ele, Agrário, um justo repelão da sorte, era um despique do acaso para estabelecer o equilíbrio das proporções. Então, para mortificá-lo, provando a incongruência do seu egoísmo, Agrário dardejou-lhe do despeito uma ervada censura ao seu exclusivismo. Julião oscilou com o zunir do reparo, estacou atônito, mas, recaindo em si, indagou o motivo da censura.

- Tem paciência - respondeu Agrário - mas a verdade é esta. Se nós nos uníssemos, se fôssemos um por todos e todos por um, como eu sempre desejei, outra seria a nossa vida.

Aquecia-se no desabafo insolícito, tinha perdido a fleuma aparente e o cigarro escapara-se-lhe dos dedos no desabrimento de um gesto, porém, de assalto à mesa, tomou de um leque de papel, que abria, agitava em frente ao rosto ou fechava-o, fazendo dele batuta às frases: "Esta é que é a verdade; nós nos deixamos vencer como lesmas..."

-Menos eu ! - Gritou Julião e pretendia por seu turno explicar, expor as desculpas, que o outro cortava irreverente e brusco:

-Espere, espere, senhor. Vamos aos fatos.

E puseram-se de face, a passos distantes, em repto. Agrário acometeu de leque em punho:

- Vamos aos fatos. Se vocês todos me dessem ouvidos já estaríamos em meio caminho, mas uns foram incapazes e fracos, outros orgulhosos e desleais. Ninguém me acompanhou, ninguém !

Julião quis interromper e ficou com o gesto frouxo, a palavra inarticulada.

- Espere, senhor, espere - opunha-se-lhe Agrário. - Dizia eu, ninguém me acompanhou. Eu - vamos aos fatos -, no entanto, rebelava-me contra a Academia, procurava realizar meio prático de abafá-la, de aniquilá-la; fundaria *ateliers* livres e retiraria do ensino oficial os mais adiantados discípulos, despertaria a atenção do público para os nossos esforços com ex-

posições anuais, levantaria a nossa profissão... E em resposta o que tive ? — O abandono, o desprezo, o mexerico irônico, a alcovitice mordaz.. .

E calando-se, sufocado pelo tropel das acusações, que se confundiam no seu espírito, o colega protestou que nunca tivera notícias desses projetos, até aquele dia ignorava o que se pretendia. "A mim nenhuma palavra me disse você."

—Porque não te encontrava, não havia quem me desse notícias tuas. O que sei é que há mais de um mês que procuro gente e estou só !...

—Há um mês ! diz você... Em um mês que se poderá fazer ? Isto é trabalho para muito tempo, é caso para muitos meses de cansaças... — De relance, compreendera que não era para desprezar a agitação de um afoito. Entrou a falar mansamente, a discorrer com calma sobre o que poderiam fazer, a esmerilhar as dificuldades e explanar os meios de reação. No seu consenso (e ele dizia confusamente, sem nitidez de exposição mas sem obscuridade) não havia bons elementos de fácil agremiação para esta tentativa. A salvação do meio artístico estava em Telésforo. Eles precisavam de um nome feito, de um mérito acolhido, porque tentar reformas sem o prestígio de um chefe era acender rebeldia de maltrapilhos. Não discordava de que, desde já, fossem opondo à ditadura dos atrasados as aspirações dos novos, porém, a título de preparo para uma conquista, para a realização de um ideal a que não falhasse critério.

Encostou-se à mesa, correu os dedos pelos papéis como à procura de idéias e concluiu:

— Se, realmente, você está disposto, se você quiser tratar desta questão com seriedade, conte comigo.

A voz fãnhenta e monótona do colega, o brilho da luz que entrava pela janela, um recolhimento de paz que ameigava as coisas, a área silenciosa, a limpidez do ar, o azul das alturas, amorteceram as disposições hostis de Agrário. Devagar, num abandono, devagar, ele se foi esquecendo das felicidades do Julião, dos planos de revolta e volvendo-se, mentalmente, para uma cabecinha loira, de rosto róseo de adolescente, duas misteriosas, microscópicas ninfêias cor do céu, boiando em pequeninos lagos lactecentes, coalhados de lírios... E, de re-

penete, pusera-se a assoviar uma valsa habitualmente ouvida à boca sonora de Henriette.

—Que linda valsa !.. . hein ?... Ah ! se a ouvisses cantar por quem eu conheço !...

E o Julião, empolgado por seus pensamentos, distraidamente:

—Não há dúvida, pode-se-lhe dar um bom impulso. . .

—O quê ? . . . à valsa ? — perguntou Agrário.

—Não, homem ! Ao teu projeto.

Julião emendou frenético, áspero, e aborrecido, estenden-do-lhe a mão num gesto de desalento:

E vou andando... Se quiseres é prevenir-me. Deixa-me recado no Moncada, ou com o Forjaz.

—Está feito. Até quando ?

—Homessa ! Você é quem deve marcar o dia. Até quando se realizar coisa séria.

Afastou-se, mas Agrário fê-lo parar ao fundo do corredor.

— Escuta isto.

E de novo voltou à valsa, balouçando o corpo em ritmo de dança, sacudindo desesperadamente o leque aberto. Julião franziu a boca, enojado e safou-se.

—Está bem. Adeus.

—*Adieu, mon cher, adieu. . .*



Capítulo IV

Orabolas! exclamou Agrário levantando os ombros. E desceu lentamente, raspando as solas pela escada íngreme do *atelier* xilográfico do gravador Forjaz, onde perdera duas horas impacientes em inútil espera dos companheiros. Após ele, Camilo Prado descia, também calado, degrau por degrau, rufando os dedos no corrimão, o griseo olhar sumido numa concentração de tédio que lhe repuxava a mais o lábio desdenhoso e tímido.

Ficaram por instantes sem resolução, estacados na calçada. O dia estava quente, a luz causticava como em verão. O ar, abafadiço de pó, cintilava numa limalha volátil de aço que empardecia, com laivos violáceos, as distâncias, e pesados carroções rodavam com estrondo.

Depois abalaram em silêncio.

Quando chegaram, pela ruela Uruguaiana, à porta do Havanesa, lá encontraram um pequeno bando de *Insubmissos*. Braguinha presidia-o contando fabulosas histórias de músico genial.

Em torno dele, na sonolência displicente da vadiagem, lazarônismos bocejantes que obrigam ao recosto desmazelado de portais, ouviam-no desatentos, a notar os transeuntes, o Sabino, o Franklin e o gorduchito Vieira que parara para descansar da sua rodaviva de cobrador e artista, cada vez mais queixoso da sorte, que lhe dera quatro filhos !

À chegada dos dois trocaram-se apertos de mão, abraços, arremessos esgrimadores de índice na vergonha encolhida de ventres displicentes, confusa e alegremente. Vieira salvou em

tempo o seu abdômen, que era o único possuidor de farturas abadescas. Mas Agrário expectorou logo:

— Duas horas de espera !.. . e afinal encontrava os biltres na vagabundagem da rua do Ouvidor !...

Cuspinou injúrias contra todos, em reviravoltas e meneios de chique, afetando desembaraços pelintras. Os rapazes riam, protestando ignorância do prazo dado... que eles não tiveram aviso... nem sabiam de resoluções de última hora...

E por momentos, tirotearam réplica e tréplica. Por fim a exibição de uma pecadora profissional veio suspender as hostilidades. Abriram alas. Ela passou num escândalo de cores ruidosas, sob o bravo cruzar de desejos e o estalo debo-chativo de uma laracha de Agrário. Era uma mulheraça trigueira, rebolante e peralta. Em cada boca crispou-se a con-cupiscência de um interjectiva, bem depressa mudada em dichotes e agudos comentários... E exalações erradias de essências mistas, opopânace e heliotropos, evolaram-se com perturbações instantâneas de um desafio ao gozo.

Caía a hora bizarra. A rua acanhada e feia, na sua diurna agitação de preferida, tinha o aspecto variegado e promiscuo de uma pochade impressionista, de feira em domingo. O rumor dos cafês onde filarmônicas esganiçavam pelas requintas e violinos, a parlenda das calçadas, reverberavam no ar toldado e veranico, pesado de luz insuportável pelo rumarejo meridional dessa estreiteza desleixada de vala, num formi-lhar contínuo.

O Sebastião Pita, um pobre artista, que cristalizava a sua mania de pintor histórico em ambições de irrealizável sucesso, chegou-se ao grupo. Trazia um enorme embrulho chato debaixo do braço, aconchegado ao corpo.

— Que gerigonça é esta, ó Pita ?

Perguntou Agrário, batendo no embrulho.

Sebastião Pita esgueirou o corpo, a capadócio, salvando a sua carga da pancada indiscreta dos companheiros e com os miúdos olhos garços, estrábicos de atonia fixadora das visões, parados indefinidamente, teve um murmúrio desconsolado, mais gemido que voz, arrancando recessos ulcerados pelas desilusões:

— É a *Partida de Colombo*...

Os rapazes entreolharam-se; sorrisos compassivos frisaram, rápidos, brancas sardônicas de caninos terríveis.

A febre maníaca começava a sua fase prodrômica. O desgraçado ganhava, aos poucos, essa feição goche das celebridades tristes, levando a sua tela — um delírio de tintas cruas numa concepção delirante — em peregrinação dolorida de galeria em galeria, rejeitada sempre por necessidade de espaço, preterida por outras telas, expulsa pelo prejuízo das molduras, e, agora, que todas as casas de quadros lha recusavam, ele a conduzia ao mostrador de um tintureiro, a quem fora pedir o piedoso obséquio de expô-la.

Havia três anos que persistia na mesma luta, cabeçudo, tenaz, resolvido a seguir ao encontro do seu sonho, que ia ne-vando prematuramente a sua cabeça, a sua farta, inteira barba castanha pela tardança do imaginado sucesso.

Então Camilo, para distrair os companheiros da presença lastimosa do alucinado, pôs-se a ridicularizar os transeuntes.

— Olhem vocês aquele desgraçado que ali está.

Um esgrouviado de sobrecasaca, vergado em arco, empoeirado, caspento, tinha parado defronte de uma vitrina. No seu olhar morno havia uma resignação servil de invejas contidas. Olhou, olhou e afinal, foi-se tristemente, todo fúnebre na sua roupa preta coçada de uso, o guarda-chuva sob o braço e um embrulhinho de padaria pendente do dedo.

— Vêem ? Aquilo deve ser funcionário público... O único ideal daquele cérebro é, sem dúvida, o dia da aposentadoria. . . para ir esgravatar o nariz comendo os cobres do Estado. . . E ainda vocês pensam em arte com um povo deste estofó !. . .

Sebastião Pita arregalou os olhos para Camilo: a fosfores-cência de uma desconfiança relampejou no seu espírito; e sem se despedir, escamugiu-se pela rua abaixo, muito seguro à sua *Partida de Colombo*, no sovaco, aconchegada, estreitada ao corpo.

Já estavam habituados a essas partidas bruscas e inopinas desconfianças do pobre rapaz. Unicamente o Braguinha notou-a, achando-o "ainda mais maluco" e, endireitando o penci-nè concluía, informando — que tivera um parente assim, um gênio musical, que tantas injustiças sofrera, tantas ! que um

dia acordara doido, doido furioso. . . e subira pela corrente de alarma do sino de São Francisco. Fora um pavor! O sino badalava, chamando bombas, o povo corria aturdido, e ele lá em cima, agarrado à corrente, esperneando, aos berros ! . . . Fora um pavor !

—Onde leste isto, Braguinha? — perguntou o Artur de Almeida, aproximando-se do grupo.

Braguinha rodopiou furioso, espalmou a mão esquelética na carcaça, para sagrar o que afirmava:

—Juro que é fato, juro !. . .

E Agrário, com intenção de indigná-lo:

—Eu também li um caso assim, não sei onde, mas eu li...

—Ah ! — saltou o músico, triunfalmente — pois não, o caso saiu nos jornais, ora esta ! Saiu nos jornais.

—Nada. Eu li isto, mas foi em romance. . .

Com um movimento de ombros Braguinha desdenhou da confissão do rapaz, e, para terminar a discussão em proveito seu, falou em cerveja: — Uma cervejinha àquela hora estava a pedir louvores. . . *Sinto una forza indomita!*

Concordaram com a força e a cerveja mas havia pouco dinheiro. Sabino, calado até então, disse que para não "fazer feio" podiam ir a um lugar modesto, uma venda próxima. Foi aceito o alvitre. Partiram para a taverna e Agrário, que se orgulhava de fraco bebedor, tomoulhes a testa o percurso, admiravelmente disposto a uma rapaziada. E que lhe não torcessem o nariz em desconfiança.. . esta é que era a nota da mocidade rebelde.. . arremedavam com isso a boémia de Paris... Ah ! bela boémia do *Quartier Latin!*.. .

Sim, ela devia ser louca, desregrada, a embriagar-se pelas *brasseries* e bodegas.

E entraram, ruidosamente, para os fundos da taverna, numa saleta escura, bolorenta, saturada de morrinha de barris velhos e caixas empilhadas de gêneros exportados. Em uma das pequenas mesas foram encontrar o raquítico Sousa e o Alves Pena, um refinado boêmio, que trazia a fama tradicional de haver levado à casa, pelas madrugadas difusas das bebedeiras, o falecido Rupp, um artista alemão, valente emborca-dor de chopes e bravo fusainista. Alves Pena cumprimentou-os, com um *aplomb* de velho "campeão jamais vencido" cur-

vando, de leve, a grande cabeça calva, luminosa como uma esfera de faiança branca; e, impassível às exclamações de Camilo e às palmadas que Agrário lhe dava nos ombros, abriu a boca quilotada, em cujo canto pendia, esquecida, uma ponta sarrenta de cigarro, para lhes oferecer um cálix de... parati. Disse, apontando com gesto iterativo e firme o cálix de cristal, postado diante dele, sobre o mármore manchado da mesa.

Recusaram a generosa oferta, fazendo cenáculo numa mesa contígua. Depressa a discussão rompeu franca sobre a necessidade de uma agremiação. Agrário exaltava a urgência de realizá-la e aproveitou a oportunidade para se queixar do Julião Vilela — que o havia logrado miseravelmente. Falava-se alto, atalhando enunciados em começo, pontilhando pilhérias. O raquíptico Sousa puxou a sua cadeira para a roda, porque a palestra o interessava, e ouvia, todo curvado, com o seu álbum sobre o joelho, esfregando com a mão aberta o agudo queixo rapado. Só, impassível, indefectível, permanecia Alves Pena no seu lugar, sem gestos quase, a não ser o necessário para levar o cálix à boca, o que fazia com afetação, evidenciando a sua mão feminina, magnífica, de lisos dedos fusiformes, e unhas pontiagudas em amêndoas. Tremia-lhe um pouco essa preciosidade, uma impertinência de nervos aquecidos pelo álcool; ele, porém possuía a tempera rígida dos estóicos e, para provar aos seus irrequietos nervos o desprezo em que tinha esses prenúncios mórbidos, antes de bebericar do seu cálix, preparava a boca quilotada pelo sabor da aguardente, levantando do lábio o negro bigode escasso, cuspinhando de jato a saliva ama-relenta do contato do esquecido cigarro... e retirava-o, por momentos, completando todo o valor gustativo da bebida. Depois continuava na mesma postura, ouvindo também, dilatados os bugalhos na apoplexia das pálpebras, o carão flácido e anêmico gouachado de barba rala, dominado pelo nariz colorido, e toda uma concentração febril na imutabilidade fisionômica.

Ninguém, ao certo, sabia o que ele era. Às vezes, em períodos sentimentais de embriaguez, quando o álcool derramava-lhe no cérebro azuladas delicadezas de saudades remotas, Alves Pena discorria sobre o seu passado, narrando felicidades de infância rósea, na varanda ladrilhada de uma casa rica, ou

perdidos anos de mocidade acadêmica, no velho mosteiro de São Paulo. Não lhe pesava aos ombros idade longa, arrastava-se pelo declive dos trinta; mas, abusos orgíacos, libações báquicas, dias desvairados, tinham-no desbastado atrozmente, reduzido a suavidade moça de sua pele ao lixento aspecto de um zinco corroído pelo ácido sulfúrico, e o crânio, de dia a dia despido, ia reluzindo, reluzindo até chegar àquele polido de faiança branca e ameaçava ir a mais, completamente nu, tornar-se a *calotte* em miniatura de um túmulo árabe. O que todos sabiam era que ele amava os artistas, dedicava-lhes uma humilde veneração de inferior, cercava-os de pequenos cuidados e solitudes: levando um recado, realizando uma compra, prestando-se a conduzir os seus artistas à casa, horas mortas da noite, fosse pelo temor de ruas escuras e oblíquas nos cantos desertos da cidade, ou fosse por impossibilidade locomotora como acontecia ao falecido, ao valente Rupp.

Em recompensa dessa vassalagem idólatra pedia apenas... níqueis e, uma vez por outra, na soleira de uma porta isolada, à mesa afastada de um café sem frequentadores, descarregava sobre o seu artista um soneto original, *A Desgraça*, o único que conseguira arrancar à laborosidade imaginativa da sua grande cabeça, e que já saía descorado da ênfase primitiva da sua construção gongórica pelas paralisias súbitas da memória caquética, estrebuchante.

Os rapazes discutiam mais forte. Precipitavam-se, às vezes, num sarilhar de braços em gesticulação nervosa, como um clássico bando de *brair* conspiradores, lâminas estendidas, altercando, vinganças sobre o bloco sagrado dos sepulcros, no final trevoso de ópera guerreira. Camilo, a pretexto de que necessitavam de mais cerveja, corraera ao escritório da *Folha*. Fora arranjar cobres. Agrário conseguindo dominar a confusão, volveu, calmo, refletido, ao seu fito — "escangalhar a Academia". E explicava: "Eu quero gente que não retroceda; gente firme, capaz de amarrar uma lata à sobrecasaca do comendador Nogueira. Saibam vocês... Isto é o que eu quero !..." Esguelhava-se levantando o pulso armado em murro, com uma carantonha odienta, em que os dentes rimados tinham rebrilhos ferozes de fauces.

Em derredor apoiavam: muito bem, muito bem.

O Sabino meneou a cabeça concordantemente e ficou-se direito, a fitar o companheiro, espreitando-lhe as palavras. Na mesa próxima a calva do Alves Pena oscilou, lenta, como um caquemono, e o Franklin, de perna trançada, dobrado sobre o joelho, martirizava devagar os pelos anunciadores do buço, errando o olhar cerúleo e fundo pelas rumas de caixotes etiquetados a fogo, aparatosos de *grand prix, exposition uni-verselle, medaille d'or...*

E Agrário emborcando a cerveja: "Chegou, fim, o nosso dia! Venceremos, ainda que se nos reduzam a esmolar o pão e o teto; ainda que tenhamos de comparecer no tribunal do júri, porque eu estou disposto até o crime... Sim, até o crime !. . . Ah ! vocês pensam que eu hei de perdoar o que sofri ? Estão enganados. Aqui estou a lutar pela vida, sem recursos, sem proteções, recebendo a esmola de um canto para dormir. . . Isto há de ser descontado ponto por ponto, isto há de ser pago dia por dia com a vingança que premedito.. ."

Agrário, egoisticamente, só via o seu ódio, a satisfação de uma desforra, e, nesse desvairamento, misturava questões de arte com interesses privados, embaralhava antipatias pessoais com processos de escolas, ouvidos nas palestras de Camilo, sem tino, sem ordem, sem clareza, acordando apenas useiras rixas entre professores e alunos despeitos de desejos irrealizados, pretensões de assomos inovadores contra obstinações sistemáticas do ensino, donde resultavam queixas íntimas, de cada qual, mas sem nenhum horizonte de ideais, sem uma luz de estrela polar, que os guiasse, norteando. . . Vinham detalhes, surgiam fatos e se amontoavam, se acumulavam, inutilmente, como fragmentação heterogênea de todas as coisas opostas, incombináveis e improcedentes, no desespero improdutivo de uma determinada função, na impossibilidade de aproveitamento de uma especialidade. Artur de Almeida queixava-se de que uma elegante dama, de rara distinção, lhe aconselhara outra profissão, mais digna; o Sabino antevia em cada excelentíssimo acadêmico um avantesma de preconceitos à serenidade de seus estudos; uma arte mística, sutilíssima, misteriosa, preocupava o Franklin, enquanto o aquarelista contentava-se com uma viagem à Europa, a expensas do governo, além de duas boas cartas de recomendação no bolso por causa

da família, e o raquítico Sousa achava tudo conciliável desde que metessem alguns rapazes na direção dos cursos. . . Babel crescia. E como ninguém se entendesse, e como ninguém acertasse com um trilho esmondado e liso para a coerência, a galhofa estourou fremente dos disparates chocados, transtornando em chalice as disposições oconoclastas dos rebeldes. Braguinha, que se exasperava por não poder discutir, protestou contra uma questão de princípios aventada por Agrário.

—Neste ponto, meus caros, vocês devem partir de outro princípio, é questionarem tais assuntos longe de mim, porque em se me retirando da mulher e da música, só uma coisa me preocupa, é dar cabo dos credores. . .

—Sim, hein ?!.. . — repostou Agrário — Pois se estás incomodado, vá-te...

—Perdão, até hoje tenho sido simplesmente músico.

O trocadilho começou a estalar de boca em boca. Faziam-no famoso, de uma sensaboria fastidiosa, às vezes de uma asnidade impenetrável. Quando Camilo Prado apareceu, triunfante, a bater no bolso da calça para inculcar abundância de pecúnia, houve quem dissesse que ele ficava viçoso com a *Folha...* nova !

Camilo estacou, muito teatral:

— Uma condição. Aceitam ?.. . Quem fizer calemburgo será expulso desta roda.. .

E da sua imperturbabilidade O Alves Pena atirou:

— Assim não anda a roda!

Foi a primeira frase que havia dito até aquele momento. Ele próprio sorriu. A negrura profunda da sua boca quilota-da escancarou bocados incertos de dentes desleixados.

Como a tarde começasse a descer, Sabino e Franklin se ergueram, o raquítico Sousa também partiu com seu álbum sob o braço, uma debandada ameaçava o grupo pela aproximação da hora costumária das refeições. Camilo teve uma idéia — jantarem juntos —, entretanto a maioria se esquivava ao convite com protestos plausíveis de compromettimentos e deveres; mesmo o Braguinha, sempre pronto para as boas pândegas, não podia aceitá-lo, e sacou o seu relógio de níquel a consultar horas nos ponteiros imóveis.

Chi! muito tarde. Nada. Não tinha tempo a perder. Ia-se raspando para a casa porque tinha de responder a uma carta do editor Ricordi, de Milão. Vocês conhecem ?... Adeus. *Sinto una forza indomita*. Adeus rapaziada!

Rompeu apressado, por entre os companheiros, calcando fortemente dois dedos sobre a mola do pincenê. Enquanto, em silencio, ereto de busto, Alves Pena se erguia, e lento, sem o menor vislumbre de resolução, metódico, indefectível, um novo cigarro grosso, queimando na cava do lábio, guardava o enxovalhado lenço, recompunha o zingaroso fato, dava sacudi-delas e piparotes no sombrero enodado, com a ponta dos dedos afusados, papudinhos, de unhas pontiagudas em amêndoas.

Depois pronto, na linha inteiriça de um veterano, esperou com toda a calma que o levassem para o jantar ou... para onde fossem.

Agrário acenou-lhe: — Toca Alves Pena, anda daí!

Iam saindo quando, com presteza de fuga, entrou o loiro Sforzani: "vinha tomar uma m... um paratizinho. E vocês, *canalhas*, estavam aí no deboche, hein ?!... "

Entornou o cálix, de um trago, com uma careta de nojo; "Passa ! ... *Entonse*, o que há ?!..."

Agrário comunicou o que "pretendiam deliberar" e acrescentou que a *coisa* estava feita, dependia unicamente de acertar os termos... era caso decidido.

— Pois acerta a futrica. E vocês já sabem, é comigo.. . para meter o pau na canalha, é comigo.. .

Safou-se, às pressas, soltando um palavrão, o grande chapéu desabado forçado sobre a cabeleira à ninivita, cor do fumo da Virgínia, em anéis orlada.

— Para onde vamos ? — perguntou Camilo. O pintor encolheu os ombros.

— Para onde quiseres.

Alves Pena fez um gesto com a sua linda mão.

— Vocês já querem jantar? — indagou, circunspecto, sem retirar o cigarro do canto da boca.

— Certamente.

— A estas horas ? Qual! Isto é burguês, é pífiio!.. . Vamos ao nosso vermute !

— Vermute! — exclamou Agrário. — Estás doido. Isto é pifão certo.

Alves Pena forçou, desdenhosamente, o queixo:

— Beberás cerveja. . . beberás outra coisa meu artista.

— Mas, onde ? ó Minotauro insaciável!

— No *cailteau*. . . por aí assim.

E rodaram, às risadas, achando pilhéria no indefectível Alves Pena, a quem faziam troça com o nome: parecia até uma firma; Alves Pena trazia a fatalidade do súcio pelo imprevisto do apelido; por si já era uma sociedade !. . .

O boêmio caminhava, impávido, para o seu destino, indiferente, insensível aos remoques. Antes de entrar, parou na calçada e, repetindo o seu gesto de mão, disse sentencioso:

— Escuta, meu artista, se não quiseres cerveja, beberás outra coisa, um pouco de vinho.

Invadiram a sala em busca de uma mesa afastada, na penumbra suave de um canto. Camilo tinha essa extravagância de bebedor, preferia os lugares escuros, fora de vistas, em que estivesse num isolamento de restrito grupo, a sós com os seus, em palestra íntima e alheio a todas as exterioridades perturbadoras dos metedidos e comunicativos. Uma tendência instintiva de exclusivismo transparecia nos menores, nos mais insignificantes atos da sua vida, e, mesmo na meiguice melancólica da sua fisionomia, na espontânea distinção de seus gestos havia o quer que fosse de repúdio, de soberano, que o tornava insociável.

Abancados, Alves Pena bateu palmas, pedindo cerveja para dois copos, vinho do Porto e. . . umas empadinhas... Não concordam ? Sim, umas empadinhas, uns pastéis. . . con-vinham. Era o lanche.

E logo, sem se alterar nem precipitar movimentos, pendurou o seu sombrero no cabide, colocou cigarros e fósforos sobre a mesa.

— Então, Agrário ? . . . Perdemos o dia — disse Camilo.

— Como ? . . . Não perdemos tal. Fizemos hoje o que só parecia realizável em dez anos.

— Está bem — murmurou Camilo —, está muito bem. Mas, meu caro. á mim, me parece que vocês se atrasaram dez

anos; pelo menos transtornaram a metade do que poderiam conseguir.

Agrário arregalou comicamente os olhos:

—Que é que dizes ? Histórias !. . . *fanciullo mio*. . . Come dos pastéis, que estão soberbos.

—Magníficos ! — completou Alves Pena, dando investidas ao que, afetadamente, tinha seguro entre os lindos dedos, o mínimo em arrebique.

Camilo sentia, agora, uma necessidade insofrida de falar, de exprobar ao amigo aquela inutilidade da reunião na ta-verna. Sarcasmos de frases cálidas, pontas ferinas de adjetivos irônicos, vieram aos seus lábios, teve-os a sair quase, mas. . . seria um abuso, uma indelicadeza assetear o amigo, inesperadamente, ali, neste momento, na confiança da camaradagem com que viera para se divertir. Ladeou o assunto com sutilezas, mostrou-se incrédulo do interesse que os rapazes dariam à causa.

À sua maneira de ver aquela gente só não estava satisfeita com a Academia, era simplesmente questão de represálias. Ninguém queria saber de arte, entregar-lhe asceticamente a sua alma, provando agruras penitentes de culto. Todos, em unanimidade, pensavam em regalias mecenásticas, nos favores e privilégios concedidos para a elaboração tranqüila de obras-primas equiparadas à riqueza estimativa das telas de da Vinci e Rubens ! Cada um, dentro de si, apalpava a sua vaidade-zinha e sentia-a tremente de responsabilidades profissionais. floreando sorrisos escarninhos de irrecusável superioridade crítica e soberbias de extraordinários habilidosos, senhores de técnicas incomparáveis ! Que esperar disso ?

De mais (ele tinha observado) em três horas de palestra nem uma idéia apareceu, nem um ideal se aclarou; detalhes. . . questiúnculas, anedotas, eis o que apurava de tudo quanto fora dito. . .

Agrário caíra, lentamente, num entorpecimento; ouvia calado, refestelado ao espaldar da cadeira, dificilmente filtrando os litros de cerveja bebida. Um crepúsculo invadia a sala, espalhava larguezas manchadas de aguatinta em derredor, pondo nos grupos esparsos, aqui e além, esbatimentos planimétricos dos cabarés de Van-der-Poel. A calva de Alves Pena es-

morecia na extinção da claridade, o colorido ulceroso do seu nariz tomava securas bistras de um torrão disforme no ama-relento do rosto, ora quase indistinto, a sumir-se, como num desaparecimento espectral e onde ficavam apenas, na indecisão das sombras neutras — a cova das órbitas e o sujo da barba que lhe escaveiravam a esvaída macilência das faces.

Vieram acender o gás. Ao principio a chama minguada e vermelha tremeu, como um fogo de círio; mas, súbito, alargou-se, clara e forte. Em outras arandelas a luz chamejou. Ressurgiram as coisas num novo aspecto de valores — gastos dourados resplandeceram, suavizaram-se as cores rudes das paredes, cristais e vidros tinham tiques luminosos de finas pedras de escrínios, a calva de Alves Pena retomou o seu brilho, mais intenso, talvez, como se uma esponja a houvesse refrescado.

— Não sei por que se bebe com mais prazer quando há luz.

Observou o boêmio, enchendo o copo.

O pintor piscou, significativamente, para Camilo, mas ele fixava o espaço, absorvido, concentrado num grande sonho: — Se lhe fosse dado formar um grupo de obscuros e de convictos, uma limitada boêmia de afinados, vivendo todos para o culto religioso da sua arte !.

..

E deixava-se ficar no visionamento, saciando a retina no gozo indefinido dessas alturas por onde o espírito flutua, desprendido das imperfeições mundanas, deslembrado do seu próprio corpo reduzido às suas baixas funções materiais. . .

Uma voz conhecida veio despertá-los:

— Que pândega é esta ?

Era Melo Castro que chegava.

Trocaram-se apertos de mãos e, como Melo Castro trouxesse notícias de Henriette, a quem havia visto de passagem, num claro de fundo de corredor, conversando com Mme. Beaumont, Agrário concordou com sobressaltos de galo; chegou mesmo a aceitar mais um copo de cerveja, insistentemente oferecido pelo primo.

Alves Pena concordou também em beber mais um pouco do Porto "por deferência a tão distinto companheiro..."

Reataram a palestra. O guarda-livros contou novidades a respeito de meretrizes recém-chegadas. Uma empresa teatral, que desembaraçara naquela manhã, trazia nada menos de oito mulheres "esplêndidas" !. . . Estava a chegar mais *gado novo* com uma companhia de acrobatas... O mercado ficaria repleto . . .

A conversa entejou a Camilo que, na delicadeza da sua estesia, tinha repulsas pelo espírito pulha e frascário de Melo Castro, era-lhe mais que repulsão, era-lhe uma surda antipatia, um enjôo lento e secreto por tudo que o lembrava, que o representava.

As suas pretensões pelintras, os seus hábitos burgueses de dono da casa com arranjos e asseios exagerados, os cuidados femininos dispensados às unhas, aos cravos da pele, à perfeição assente do penteado; a sua ignorância literária ouriçada de desdêns, os seus botins de verniz e, sobretudo, aquela monomania erótica, só cheirando a saias, só questionando saias. só pensando em saias, nutriam na sua prevenção, um retido, um oculto desespero de romper com ele, atirar-lhe às bochechas, um dia, em lugar público, diante de um milhão de seres, verdades cáusticas, conclusões dissecantes da sua chateza, da sua nulidade bonitota, empomadada, frisada, segura por sus-oenscrios, empertigada pela goma porcelanada de seus linhos à moda. Mas, o atencioso acolhimento que o guarda-livros lhe dispensava, envolvendo-o numa delicada simpatia, que lhe era desvendada por Agrário com externalizações de afeto, irritava-o, obrigava, contrariada e dissimuladamente a suportar sua presença, a corresponder-lhe com forçada bondade à insistência da sua procura.

Foi, pois, com um rancor que ele opôs à palestra de Melo Castro o seu aborrecimento por tudo quanto fedesse a mulheres. A única prostituta que ele compreendia ostentando o vício, era a morta cortesã grega. "Essa, sim, para ele, era uma mulher !" E admirando-se os companheiros de lhe ouvirem esse extravagante platonismo posto na abstração sensualista de um recordar arqueológico, Camilo abriu a contar passagens de seu "livro" relativas às cortesãs antigas, meio ébrio, tomado de ódios incompreendidos e presunções de originalida-

de como se falasse ao eruditismo de uma assembléia consagrada. Ouviam-no. A fermentação de cervejas excedentes lavrava silêncios reverenciosos, calmos recolhimentos de sábios alemães bebedores, aquecendo a friagem dos temperamentos nas sugestões de uma palavra calorosa e maníaca, que lhes sacudisse a alma, a deslocasse da espuma dos chopes e, entre fumaraças espaçadas de cachimbos, arrebatasse-lha para os nimbos do transcendente, para o emaranho mental das complicadas metafísicas; amanhã ou depois condensado no fólio bojudo de uma memória ou no empanturro in-oitavo de um princípio filosófico da psicologia contemporânea.

As pálpebras apopléticas de Alves Pena pareciam arder à imobilidade da atenção e Agrário, com os cotovelos fincados à mesa, mãos amparando o queixo, estatelara a escutar, sonolento. As faces de Camilo ardiam, uma febre, um delírio de falar, punham-lhe tremuras nos lábios. E foi dizendo e foi narrando a sua história, pupila acesa, abundantes gestos para a representativa das cenas que lhe vinham à boca, como se as lesse no ar, gravadas a fogo. Minúcias surgiam nítidas, justapunham-se detalhes; reconstruía épocas com precisão de pesquisas e notas. Ora lembrava-se de frases inteiras da criação de Afrodite de Cnido, em Eleusis, por um dia festivo do Boedromion.. . Já o Hierofante, um ancião da ilustre família dos Eumolpidas, da Ática, fechara os lábios... O eco da sua larga voz soberana apenas roncava na alma impressionada dos iniciados, que se recolhiam para o sono, dois a dois, processionalmente, levando em Morrões os fâchos do sacrifício, cabelos enastrados de cheirosos mirtos, angélicos no aspecto a que a simplicidade dos trajos completava a serenidade religiosa dos passos.. . O Hierofante adormecera, sentado num soco de mármore do templo silencioso.. . flocos neblinosos da cabeleira, que se desprendia pelas têmeoras, de lado a lado do diadema sacerdotal, descansavam nos seus largos ombros... sob *stérum* reluzia a faixa prateada da barba veneranda... e todo ele, grande e poderoso, braços pendentes sobre o regaço, cabeça recurva e esquecida, parecia um deus nos seus preciosos vestidos rútilos, de gala.. . Descera, com vagares verânicos, a hora do repouso. A enorme turba espairose pelo areal da praia sussurrante.

De toda a parte acudiram gentes. Filhos de Atenas, ostentando clâmides passeiam aos pares, recordando Homero; há lentidões de passos femininos que movem, num ritmo morno e mole, o tecido plissado dos himations, leques imitando folhas de lótus agitam-se devagar... Tribadas loiras de Les-bos permutam idílios entre si, à procura de recantos macios de alfombra; efebos claros, como Apoio, ensaiam florais tangendo liras; gemidos lascivos de flautas e trestalar de crótalos erram pelo ar, em torno de grupos em descanso; um Corinto, farto de vinhos da Lacônia, meteu os dedos no zóster que lhe aperta a véstia, sacou de uma tetradracma e, proferindo obscenidades, atirou-a com desplante de rico, aos coturnos altos de uma cortesã de cabelos polvilhados de amarelo, em coifa. Vadios de Cesito assuaram-na, berraram impropérios...

— Viriam todos os detalhes, os mais insignificantes, das festas gregas, reconstruindo a época — explicava Camilo. — Seria uma regressão histórica...

Alves Pena puxava, quase adormecido, o fumo escasso do cigarro consumido ao canto da boca; Agrário, estático nos cotovelos fíncados à mesa, batia as pálpebras cansadas, teimando em atender a narrativa, o Melo Castro, numa beati-tude de admiração, implorou: "que continuasse... Estava lindo !..."

E Camilo, após um trago de cerveja, possuído do seu trabalho, sentindo-se ouvido:

— ... Subitamente estalou uma grita, reboou um coro uníssono e caloroso: foi como se o mar bramisse numa sub versão. .. Batiam as palmas, esparziam flores, saudando, de lirando: Afrodite !... Afrodite !... E a multidão se move em grosso, num arranco, corre, forma grupos gesticuladores, con fusamente, curtos pescoços de Hércules inclinados para as on das, olhos abertos para a extensão azulina das vagas.

... E os afastados açodem céleres e os efebos levantam liras como se agitassem ramos: — Afrodite ! Afrodite!... No fervilhamento convulso duma vaga, encurvada e marulhosa, surgiu Frinéia !

Como trazido no dorso bramante da massa cerúlea, todos viram-na de pé, de repente, a boca florida numa graça em que havia aljôfares solidificados de escuma, pedacitos purpú-

reos de auroras.. . Crescera do esfarrapar efervescente da onda murmurante, como o sonho de Pigmaleão !... E a sua beleza nua, completamente nua, deslumbrantemente nua, exibindo o triunfo de suas linhas, destacava-se do vazio imenso do espaço, num fundo crepuscular de roxos carminosos, onde sua cabeça resplandecia, coifada de abundantes frisos da cabeleira farta, no tom velado de um capacete de ouro à entrada numa fuma, lascado de revés pela luminosa lança de um raio de sol.

Frinéia ficou-se diante dos uivos sensuais do povo. A plástica desnudada dos seus contornos venciu as deusas de Scopas, as esculturas lendárias de Dédalo.

Tritões luxuriosos tinham-na seguido no banho cérico, aos rebolos e cabriolas pelo crespo ondular das águas, e da salsugem de seus beijos essa epiderme finíssima, que desafiava o nácar do Iônio e as pedras de Paros, renasceu numa fresca matinal de Cinofion, o mês fecundo das frutas e das flores.. . A multidão erguia liras, floreava flautas, entusiasmada, a gritar: Afrodite ! Afrodite! E ela que se sabia linda, ela, mulher sagaz feita para o prazer — encurvou o braço, em égide, sobre os bombilos dos seios turgidos de volúpia como os pomos alabastrinos de Cipres, teve um resguardo de pudor!

...Mais a sua beleza deslumbrou. Choveram sobre ela grinaldas e alabastros de perfumes, e todos os olhares cravaram-se, cúpidos, no branco pálpito do seu pequeno ventre, nos traços amplos das virilhas onde sombreava, sob a concha ocultante da destra, a sedução do seu púbis crasso, dum veludo de buço, como o mistério simbólico aberto, em triângulo ca-balístico, na rigidez curvilínea da sua bacia moldada pela forma encantadora dos colitiscos. Foi assim que Praxíteles admirou essa mulher e assim a esculpiu na perfeição de uma estátua, vencendo o informe bloco de mármore e rasgando horizontes novos para a arte com a representação da nudez, dessa nudez completa, dessa nudez bem-querida, que ele gozou saciantemente, caprino e ostensivo, em cujos paroxismos transbordou o sêmen criador de outras gloriosas obras que foram para as plagas de Cós, para as terras de Téspies, de Alexandria.. . e para a imortalidade do helenismo.. .
É por

esta forma que eu compreendo a mulher livre, a meretriz ou a cortesã, que nome tenha !...

Melo Castro não se pôde conter, agarrou Camilo pelos ombros, estreitou-o num abraço. Mas, num momento, Agrário ficou lívido, suando copiosamente.

—Que seria ?

—Nada. Nada — tartamudeou ele, a se erguer, estonteado. Os companheiros, impressionados, levantaram-se. Já eram horas, os caixeiros fechavam portas com bruteza; um deles veio diminuir o gás. Então resolveram sair, mas as pernas pesavam, mal arrastavam os passos, acusando o motivo de tudo aquilo.

Fora, na rua deserta, entraram a discutir o destino a tomar, quando Agrário voltou-se, rápido, para a parede e despejou litros e litros de cerveja, ansiando, arrastando escarros.

Alves Pena acudiu, solícito:

— Que é isto, meu artista, que é isto ?

Animava-o, amparando-lhe a testa, enquanto que, com a mão desembaraçada, remexia nos bolsos. Depois, retirou do fundo do fraque um frasquinho envolto em papel e com um jeito adestrado, mercê de uma só mão, desarrolhou-o, chegou-o às narinas do pintor.

— Aspire, meu artista, aspire que lhe fará bem... é ins tantâneo ... é um santo remédio.

Agrário aspirou devagar, suspirando a força ativa do medicamento; e sentindo-se melhor, travou do braço do boêmio: toca para casa!

Melo Castro seguiu com Camilo, camaradamente, em conversa. O jornalista estava loquaz, contava outras passagens do seu livro, reconstruções de idades remotas, a vida íntima da civilização primitiva do Ocidente, arcaísmos descritos com uma vivificação criadora.

À porta da *Pension Beaumont* o boêmio fez alto:

— Está cumprida a minha missão — disse. — E muito boa noite amigos, até amanhã, às mesmas horas, no mesmo ponto. ...

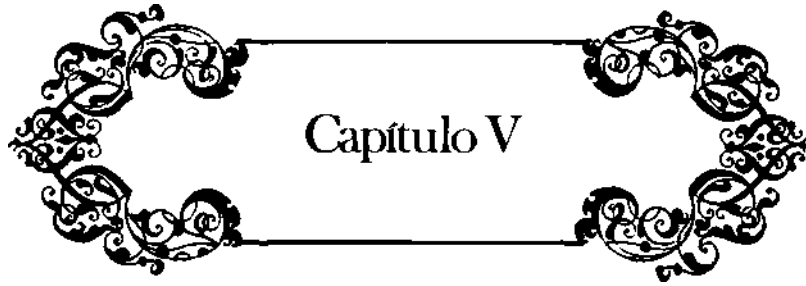
Partiu, num passo miúdo e certo.

Camilo subiu a convite de Melo Castro, era muito tarde para voltar à casa, num arrabalde longínquo; porém, em meio da escada quis retornar, falou na mãe que ficara só, coitada!

a velar pela sua entrada. .. O guarda-livros dissuadia-o dessa preocupação, puxando-o, cauteloso, amigo, obstinado na sua estima. Agrário, desentorpecido, também insistiu para que ele ficasse — far-lhe-iam um macio leito a um canto, tinham cobertas... E, como num requêsto, Camilo foi se deixando ficar, já sem antipatias por Melo Castro, alquebrado de sono. Apenas entraram no quarto, Agrário correu ao toucador, depois pediu-lhes a única vela que possuíam só por um instan-tezinho. Por longo tempo esperaram-no, mas inutilmente. O pintor desaparecera. Saíram, então, à procura dele pelos corredores, pelos escuros quartinhos de meia porta, abafadiços, pelo quintal... E nada! O pintor desaparecera. Uma suspeita atravessou o espírito dos dois. Desceram pé por pé ao segundo andar, atravessaram corredores em trevas, onde grilos trilhavam nervosos. Melo Castro guiava a exploração noctâm-bula, acendendo fósforos. Chegados à porta de Henriette pararam, prestaram ouvidos, pretenderam esquadrihar o aposento pela fechadura. Nada ! Silêncio e escuridão. Volveram passos, desapontados, confundidos.

— Quem sabe — interveio Camilo — se pinta-monos à força de beber não se transformou em espírito ?

— E a vela ? — perguntou, desoladamente, Melo Castro.
Ora, a vela! .. À vela corre o patife.



Capítulo V

Credo, na manhã seguinte, Melo Castro despiu a colcha num repelão, foi abrir a porta que rangia à força de murros.

Agrário entrou, estremunhado, a palmatória de níquel pendente do dedo, um risinho velhaco no canto da boca.

Ó pinta-monos ! onde dormiste ?

— Psiu !...

Fez misteriosamente, penetrando na mansarda com meneios cômicos, de cautela; depositou a palmatória sobre a mesa e, a distância do primo, numa momice de segredo:

— Silêncio ! .. Vim do paraíso, amiguinho, vim do éden, e acabo de ser expulso pelo Michael das conveniências.

— Pois, tu. .. naquele estado

Exclamou Melo Castro, assombrado.

Instantâneo, um ciúme rompeu por sua alma, subjugando-o. O primo estava de posse da francezinha, era senhor daquela criatura, dominador daquele corpo desejado ! .. Pediu, então, informações dela, como era, que seduções tinha; queria para ali confidências aparentemente recebidas com gracejos, polvilhadas por qualificativos desordenados, sublinhados, friamente perversos, e que lhe caíam aos pingos, um por um, vagarosos como atendidas gotas de um tóxico violento, no sangue do coração, em pleno músculo da sua existência animal. Agrário respondia aos bocados, muito exclamativo, com desfaçatez; depois, suspirando de cansaço, atirou-se para a cama do primo, mal se desfazendo das roupas. Melo Castro parou atordoado pelo imprevisto, abatido no seu orgulho de conquistador. Terrível tudo aquilo ! Mas... Custava-lhe, ainda, acreditar nesse domínio, parecia-lhe uma mistificação

para o contrariar, para deprimir as suas pretensões de requeredor. Que, diabo ! fora isto ? E aborrecido, nervoso, desajeitado, o que lhe vinha às mãos caía, entornava-se, tinha esquivanças escorregadias de invertebrados. Acenderam-se-lhe ímpetos histéricos; hiperacusias martirizavam-no. O resfolegar dos companheiros incomodava-o; objetos que sempre encontrara ao estender dos dedos mudaram de colocação, tinham desaparecido; as três cadeiras que guarneciam o quarto multiplicaram-se, enchiam todos os lugares, impediam-lhe os passos. E, para se acalmar, correu ao toucador, a cuidar do seu querido bigode loiro. Qual! A idéia da preferência surdia desses segundos de distração e de novo lá se perdia ele em cogitar dos meios que o primo empregara para vencer a rapariga, como se esta indagação minuciosa e nervosamente esmiuçada lhe servisse de alívio, lhe bastasse para satisfazer a sua bazó-fia de infalível dominador de cabecinhas femininas. Mas. . . não era extraordinário ! Agrário vivia no quarto, dispunha de todas as horas do dia para se insinuar no espírito da rapariga, daí a vitória pela persistência do namoro. E este é que era o fato: persistiu, venceu. Pudera! Se ela chegava à janela Agrário logo se debruçava ao peitoril; se ela abria a porta a uma visita, a um caixeiro portador de compras, Agrário corria pelas escadas abaixo a meter-se por seus olhos, e se intrometia em tudo que era dela, obstinado, perseguidor, cabeçudo, aproveitando a vadiagem da sua profissão e a ausência dele, Melo Castro, que o recebera por um dia de tolice sentimental, apiedado pelos seus botins cambados e a nojenta sujidade de uma camisa. A rapariga precisava de um homem. Tudo muito simples. O idiota do cambista andava por São Paulo, andava pelos infernos... E ela, já se deixa ver, precisava de um homem. . . não tinha coragem de chamar o primeiro transeunte, nem agarrar o primeiro indivíduo que atravessasse o corredor. . . mas, como a bebedeira encorajara o artista, ela o aceitou como teria aceito qualquer, Camilo, o copeiro, ou o moço do lixo. Tudo muito simples, muito simples.

A evidência desse fato, constatado pelas particularidades que ele esmiuçava, trazia-lhe um cinismo sintetizador de experiências amorosas que, iludindo a sua própria fraqueza, era re-

sumido neste estribilho sarcástico e canalha — "Tudo muito simples, muito simples."

E ansiava só em pensar que, alguns metros distantes da sua janela, ali fronteiro, na parede oposta à do seu quarto, ficava o aposento de uma mulher bonita, de uma mulher moça por quem se guardara em casa domingos inteiros, para ser preferido pelo último requeredor !. ..

Apenas Camilo bocejou num espreguiço de acordado, Melo Castro soltou a língua.

E onde está o pulha ? — perguntou-lhe Camilo, sentando-se na cama, amorfano pelo embrutecimento do sono.

—Esponjou-se ali. Vês ? E é a uma canastra daquele feitio que se chama artista !

—Ó ! diacho !...

Camilo abriu a boca, arregalando para ele os olhos avermelhados.

—Mas, que é isto ?... Será despeito ?

—Despeito ?... É boa ! Despeito de quê ?... Dele se ter metido com a pinoiazinha ? Ora, faça-me o favor. Eu, pelo menos, me tenho honrado mais...

—De acordo, Melo Castro, de pleno acordo. Mas, dá-me água para o rosto, que quero rodar para casa.

Desenfronhou-se dos lençóis, atarantado com as ceroulas que não tinham botões e segurando-lhes o cós com uma das mãos procurava com a outra vestir as calças, à pressa, para ocultar o seu desleixo.

— Com que então — ia ele dizendo —, o grande Manet indígena foi pernoitar nas delícias de Montmartre ? Pois, meu ilustre amigo Melo Castro, há de convir que ele nos pregou uma boa peça. Enquanto nós andávamos a bordejar pelos fundos desta pocilga, a meter o nariz em lugares que não lembram os depósitos de Houbigand, ele lá estava repimpado em colchões macios, num dueto de amor. .. prático ! Sim, senhor; assim é que eu os admiro. Não há negar que ao mestre pintor falte jeito para alguma coisa, pelo menos, para substituir cambistas de teatro.

E Agrário resfolegava num sono profundo, sob a saraivada desses dichotes.

O dia vinha entrando ensolarado e azul, um bellissimo dia de maio, perfumado das emanações dos quintais vizinhos. Eram horas de trabalho. Melo Castro desceu com Camilo, sem ter o cuidado de cerrar a janela para alongar o repouso do primo. Que lhe importava aquele vencedor! Que se arranjasse. ... Ora sebo !

A inundação da luz despertou Agrário. Abriu as pálpebras dificilmente, esquadrinhando em derredor, numa dúvida.

Pesava-lhe a cabeça. O quer que fosse de vago, de abstrato, andava nele. Deixou-se ficar nos travesseiros a reconstruir a cena da véspera como se lhe fora um trabalho puramente imaginativo, esparso, desfigurado pelo sono. Mas, aos bocados, por aproximações de pormenores, entrou na realidade. Certo, ele tivera a audácia de ir bater ao quarto de Henriette, e lá passara a noite e de lá saíra de manhã...

E foi, insensivelmente, penetrando na lembrança desse gozo, entregando-se-lhe numa moleza, numa frouxidão sensual que docemente lhe excitavam os sentidos pela persistência da imagem. Deixou-se ficar nos travesseiros a gozá-la. Sentia-lhe o calor da pele macia à meiguice do tato, a vitalidade comunicativa dessas formas frementes de prazer que punham contrações rápidas, ziguezagueantes de nevroses no seu risinho aurorai, resplandecente de frescas brancuras de dentes e contrastes sangüíneos de lábios umedecidos, salivosos de apetite. Revia, em recordação, através dos olhos dessa mulher, na cristalização azul de suas pupilas, esse âmago, como se fora uma flor vermelha e branca, camélia mosqueada do inverno seco das regiões do meridiano, aberta regiamente, tentadora e lú-brica, palpitando nos polpudos pétalos a quentura acre de vivas carnes ocultas. Uma sofreguidão animal, bruta, de necessidade contida, arrebitou-lhe pelo sangue, inflamando-o. E nesse esquecimento, nessa morrinha de sensualidade, foram-se passando os dias.

Melo Castro, cada vez mais despeitado, armava conflitos com ele por coisas insignificantes. Para perturbar a sua felicidade dizia mal de Henriette, caluniava-a. Nas suas perversas novidades, já todo o mundo a conhecia, era uma ra-meira arrancada à enfermaria Ricord dos hospitais.

Agrário, silencioso, esmoendo fantasias que se iam sucedendo ininterruptas, agora curtia uma desperta vontade — safar-se da companhia do primo, mas levando Henriette daquele aposento fronteiro. Ao crescimento desse almejo vinha-se o olvido da agremiação, do grupo revolucionário de que pretendia ser o chefe.

Caíra no período piegas do amor, sonhando isolamentos românticos, cenografias de agrestidades em chapadões virgíneos, ou num vale campestre, verdejado pela primavera, sombras altas de ipês ramalhudos, uma palhoça ou teto pequenino de aconchego noivai, perto do fio cantante duma grotta onde fossem beber, ao pintar da aurora, as parceiradas gras-nadoras dos gansos brancos. Aproveitaria o remanso para estudar paisagem, fazer um quadro original de vida roceira, talvez mesmo uma composição característica — a fonte — a roceirinha — o quer que fosse de alma brasileira de uma interessante poesia ignota que o europeísmo da civilização destruía inconsciente. Chegou a comunicar suas idéias à fran-cesinha, que acolheu-as batendo palmas, *três bien, joli, joli!* e dando-lhe tabefes cariciosos na barba, tomava-lhe da cabeça com as duas mãos, explosiva de contentamento, cobrindo-a de beijos — *bien joli, mon chère, três joli çá*. .. Depois, tendo ele feito considerações sobre a exigüidade de recursos, ela veio, impetuosamente, cheia de calor, sentar-se nos seus joelhos: *Zut!* E tapou-lhe os lábios com a compressão chupada de sua deliciosa boca.

Ficou assente que procurariam casa para uma vida nova, em comum, duo noivai de almas apaixonadas, sem testemunhos importunos e profanos olhares, e isto com a maior brevidade, enquanto o cambista não chegasse de São Paulo, onde, havia mais de três semanas, estava a negócios de uma empresa teatral.

Mas o projeto, a bela expectativa de bucolismo amoroso, despegou-se dos seus conjuntamentos ideais, rolou como uma colina de pó ao turbilhão do simum, porque nesta mesma noite parava um tílbur à porta da *Pension* e despejava-se dele o Silvano, atarracado e rolante num guarda-pó de linho.

Agrário perdeu a cabeça, arquitetou planos terríveis, de cilada, à guisa das alcatéias vingadoras da Idade Média;

pensou em bater-se a pistola com o cambista, em denunciá-lo como cáften, persegui-lo pela imprensa coadjuvado pela dedicação de Camilo, que poderia levantar ódios contra os comissários de entradas de teatro, retirando-lhe os proventos, reduzindo-o à mendicagem, impossibilitando-o de manter a amante!.. E só se acalmou quando, uma ocasião que voltava à mansarda, ouviu Henriette chamá-lo. A rapariga estava disposta a tudo, fugiria se ele quisesse; iriam morar numa cabana ou numa caverna, até mesmo no quarto do Melo Castro.

Falava-lhe febril, atropelando as palavras, bafejando-lhe o rosto com o hálito quente de sua boca mais rubra pela emoção.

Agrário meditou durante o tempo em que ela lhe expôs esses projetos, pesou a responsabilidade. Iria ver, ele também estava disposto a um extremo, mas, em uma semana decidiria. Em todo o caso, falaria ao Melo Castro.

A negativa do primo foi cruel pelos subterfúgios capciosos que envolvia: "Era o diabo. Não por uma pessoa no quarto, mas por dois motivos imperiosos; primeiro — porque o acoi-tamento da francesa daria em escândalo grosso, o cambista brigaria, os moradores poderiam protestar e, afinal de contas, iriam todos dar com os ossos na polícia. Em segundo lugar: um homem ali era o menos, mas uma mulher!.. era demais. Imagina tu, expunha o guarda-livros, que tens necessidade de sair e eu de ficar. Se fico, estou em companhia da rapariga, a sós com ela, neste pequeno espaço onde não há divisões, nem mesmo as do respeito. .. Pois bem, por mais que eu te queira respeitar na pessoa de tua amante, o contato de dois seres de sexo diverso, moços ambos, e ainda por aumento um desejando o outro, quanto mais não seja por necessidade fisiológica — produziriam conseqüências funestas à nossa amizade e piores conseqüências à tua vida íntima, ao equilíbrio natural da tua cabeça. Em que mixórdia dos diabos pode dar esse imprudente passo !... Tens uma única coisa a fazer, se estás grudado a esta descomunal sandice do amor, é raptar a amante do cambista e fugir com a trouxa para o morro do Neco ou a praia Grande. Ai tens o caso, claro e único. Mas ceder, isso eu não faço. Tem juízo".

Agrário não objetou uma palavra ao fértil arrazoado do primo. Ouviu-o, recostado à cabeceira da cama, braços cruzados sobre a nuca, o olhar contemplativo, visionário, parado a um ângulo da parede, agarrado à ascensão remoinhante dos pensamentos.

Os passos de Melo Castro rangiam nas tábuas. Como sempre, em todo ele, havia um esmero, um asseio irrepreensível. O peitilho da sua camisa brilhava, escudando-lhe o tronco; as pontas agudas do alto colarinho caíam sobre o laço firme da linda seda creme, estriada de azul ciânico e ver-melhão, duma gravata; um olho de ouro fosco luzia discreto e modesto no branco de seu punho, e no seu rosto sangüíneo, na correção de seu bigode loiro, nos seus cabelos muito cuidados a escova, aparecia um imenso regozijo, de espírito ven-turoso. A volta do cambista satisfazia-o amplamente, era-lhe como uma vingança não procurada, realizada sem desperdício de tempo nem responsabilidades de prática. Para gozar melhor do desastre do pintor, feri-lo mais pungentemente e contentar o seu próprio despeito, acentuava requintes no trato de sua pessoa, limando as unhas, procurando cravos na pele lavada, ou, com meneios saracoteados de *poseur* de rua, notava o corte das calças, mergulhando os índex nos pequeninos bolsos do colete. Numa resolução, plantou-se diante de Agrário:

— Que idéia é esta que se meteu na tua cachimônia ? Ora, já se viu !... Tu sabias que essa mulher tinha um amante, ou mais positivamente, tinha um homem; tu sabias ou devias saber que esse homem não a deixou abandonada, nem a re puiu, e que amanhã ou depois ele voltaria a tomar conta do que lhe pertencia por conquista, por trato e por luxo; conseguintemente como queres que ela te pertença se não te apoderaste dela, nem a mantiveste ?

De resto, já que não és uma besta, deverias ter, desde o princípio, aceitado a rapariga como uma excelente oportunidade.

E de um para outro lado, *blasé*, a passos largos:

— Inexperiência, meu primo. Se fosses da minha escola, se tivesses isto aqui — ameigava, docemente, o ventre chato sob as pontas do colete —, a rica barriguinha cheia de pombas

sem fel, como eu tenho, verias as coisas por outro prisma. Atende ao meu aviso — não caias em deitar paixão. Aquela que ali está tem a educação feita; o cambista enfatiou-se e ela vê iminente um pontapé.

— Homem !. . . Tu és um cínico.

Murmurou Agrário, desalentado.

— Se te apraz chama-me crápula; serei tudo quanto quizeres, menos idiota.

Mas, súbito, mordido de vingança, voltou mansamente:

— Vem cá. Sejam os amigos. Faze de mim o juízo que entenderes mas deixa-me a consolação de te dar um conselho. Repara a tua posição, repara o estado da rapariga. Tu vives dificilmente, ela é sustentada por um explorador que desta ou daquela maneira mantém-se na vida. Toma-a sob tua responsabilidade, e verás em que lençóis de onze varas te envolves. Casa, alimento, vestuário... o diabo! Se lhe não deres esse rol medonho de coisas serás desprezado, preterido por quem mais der. Ah! meu velho, eu conheço essas mulherzinhas. São umas sanguessugas. Ela que hoje te prefere ao cambista é que o teme; talvez o bruto decida a bofetadas as mais rudimentares quízílias do interior. .. ou, se não é este o motivo, ela teme que o pançudo a mande, mais dias menos dias, desenterrar batatas. Eu sei, esta casta de gente termina os amores como as pantomimas de circo. Agora pesa bem o que te digo, e podes injuriar-me à vontade.

Agrário abatia-se diante das considerações do primo; roía-lhe na consciência o quer que fosse de frases pronunciadas com o mais desdenhoso desplante.

E abafado, surdo, veio-lhe um rancor pelo coração acima.

Era possível que ele se estivesse prestando a um enredo sutil. Ela que comerciava amor com outro, envolvendo o cambista e ele, Agrário, nas mesmas carícias e nos mesmos braços, é que não passava de um ser estúpido, movido pela animalidade da carne.

Mas que ela fugisse, que se fosse, que se apagasse para todo o sempre da impressionabilidade da sua retina como a visão duma fantasmagoria !. . .

Deixasse-o no isolamento da desilusão, no vazio dum empós sonhar, nu de idéias, idiota, a se debater em vão pela

sensacionalidade de uma coisa que só lhe chegasse ao cérebro em fragmento esparso, inconexo, perdido, de lembrança anti-quiíssima, descolorida, diluída pelo tempo !...

Mas, fizesse embora todos os esforços para desapegar-se dessa idéia, ela aí viria outra vez e sempre porque se lhe tinha ligado, adaptado ao seu espírito pela obsessão do desejo, pela pertinácia do querer. E era horrível senti-la inolvidável por causa da rivalidade, da compartilhãção amorosa desse vendedor de bilhetes de teatro, sócio principal do seu gozo, predecessor no domínio absoluto da mulher amada! Doía-lhe, amargava-lhe esta verdade. Antes a tivesse encontrado à mão numa rua, na rótula desconjuntada de uma viela, que sabê-la possuída pelo outro; e logo que outro ! Um inferior, desprezível na sua posição, ressupino e pútrido sobre a existência, com a pança enorme de báculo cevado em lama e sobejos, sendo o primeiro de quem ele a recebia, talvez o primeiro que lhe houvesse comprimido a flor ardente dos seios na cabe-lugem áspera do peito másculo, e, no abandono de um quarto de hospedaria, pela noite febril do segredo descortinado, houvesse colhido na sua boca resfriada, aberta à exalação do prazer, o gemido dulcíssimo da virgindade rota. .. Como lhe pesava este detalhe ! Essa rapariguinha loira delicada como uma bijuteria de alto custo, branca da doce brancura lendária dos rimances e das baladas, vivendo pela graça, vivendo pelo encanto, pela esbelteza das linhas estruturais, pela suavidade de seus olhos de céu festivo, pela irrequietabilidade infantil do seu espírito, essa doce criatura cedera à estúpida sensualidade daquele homem, que resumia em todo o seu tipo a corporificação da porcaria, sapo grotesco e imundo das estrumeiras ! E essa carne beijada, a tepidez voluptuosa, convidativa dessa pele de mulher sôfrega, pareciam-lhe ter deixado pelo contato, mais que em seu próprio corpo, já em sua alma, o visco morrinhento daquela besta ignóbil, que devia rolar, a grunhir, a focinhar nas suas volúpias. .. Que nojo !...



Capítulo VI

Era uma humilhação esse rival.

Agrário caíra numa lúgubre invernía de espírito, atormentado pela concubinação do cambista. Às vezes pelo meio-dia sereno e cálido, ouvia a voz de Henriette chamá-lo, tilin-tando na área a prata soante do seu sotaque, em diminutivos de meiguice e por pouco não despegava-se pelas escadas, a respondê-la com beijos; mas, num esforço enorme, que lhe punha calefrios nas vértebras, que dava-se, resoluto, inabalável diante da música dessa voz. Houve ocasião em que o seu ânimo foi sobrehumano — os passos da rapariga raspavam o corredor da mansarda, pelos interstícios da porta entraram no quarto o rumor agitado de saias, o resfolegar de marinas, um aroma doce, conhecido, quase saudoso de tão fraco, tão raro e distante, pancadinhas soaram secas na madeira. Ele, nem sinal ! Ficou como se houvesse morrido. Apenas sentiu que ela se afastava, um ganido esguinchou-lhe na garganta e escaldaram-lhe impulsos de esganar-se, descer, ir ter com ela, cair-lhe aos pés, faces no soalho, suplicando perdão com a boca esburacada e sangrenta de um penitente que se houvera imposto, a mortificação provativa de rasgar os lábios profanos, desraizar os dentes perversos, deformizar o rosto hipócrita em esfregões pelo chão, pelo pó, pelas imundícies.

E corriam os dias.

Foi Camilo Prado quem veio tirá-lo do abatimento. Uma manhã, entrou na mansarda, radiante. Vinha mostrar um artigo destinado à *Folha*. No mesmo instante sacou do bolso as tiras de papel, garranchadas da sua letrinha nervosa e pôs-se a ler. Era uma diatribe contra a Academia. A frase pu-

lava escaldante, estouravam os adjetivos, fuzilava, certa, a longa adverbiação sonora do modernismo; não havia uma piedade em todo o aranzel apocalíptico e devastador. Lufadas acres de iconoclastismo, uivando como a tempestade exterminadora da *Dies irae*, vergastava furiosa, indomável, os reverenciosos acadêmicos, a que ele chamava "bonzos pantafaçudos estatelados na esterilidade de posturas caricatas", e que, sob o granizo do ridículo, após a publicação do artigo, deveriam ficar impalpáveis nas cinzas de uma erupção, como as aldeias e vilas apanhadas em plena noite, pela inundação das lavas, em catadupas infernais de fogo. Ao vernal flamurante das frases de Camilo o espírito adormecido e voluptuoso do pintor começou a alentar-se, a desentorpecer. A força ascendente de um rancor mais encandecido, mais profundo, mais penetrante, cresceu-lhe na alma, ativou-lhe o sangue. Fosse talvez a necessidade de uma vingança, sem alvo, sobre quem quer que fosse, e que lhe viesse aliviar o espírito; fosse o entusiasmo da hostilidade declarada contra os mestres, o interesse de sua arte tanto esquecida nos dias da febre de amor que o abatera; certo, ele vibrava agora, intensamente. E aplaudia Camilo, batendo as palmas, apoiando, grofando períodos.

O artigo devia sair naquela mesma tarde. Estava dado o alarma; era urgente não esmorecer, levantar o grupo, vaiar, derrubar a traquitana da Travessa. Bravíssimo !

Num salto estendeu a Camilo os braços, estreitaram-se ruidosamente. E logo o pintor falou em fazer uma tela nova, um grande pontapé nos preceitos acadêmicos, ao que observou o amigo que a idéia do pontapé não ia bem com a responsabilidade revolucionária: um homem decente dava pontapés com as botas, antes fosse um murro, pelo menos um piparote.

E levavam a discutir o quadro. Que seria ? Uma paisagem impressionista, simplificada, manchas apenas, efeito barulhento de ocaso delirante, ou um leproso a curar as chagas ? Deveria ser tudo novo, até o assunto. O crítico lembrou uma cena dos Palmares, negros seminus, brutos e açulados como tigres, de musculatura brônzea, em epileptismos vingativos no último arranco do extermínio... mas, para este faziam-se imprescindíveis uma tela enorme, modelos, paisagem local... Desistiram. Veio em tempo a lembrança de um estudo à

Manet, largo, a espátula, sem preocupações de agrado; escolheriam por assunto qualquer coisa escandalosa, uma rapariga nua, sobre uma pele negra de urso, a rir-se, embriagada e lúbrica; ao lado — uma taça partida de champanha, jóias arrebatadas e um coração esmagado. Oh! o coração era pulha, caíam na alegoria romântica. Nada, realidade pura, a eterna verdade! O pintor lembrou-se de um busto de mulher, simples, sob um efeito de luz em cheio, repousando numa almofada encarnada, carnes descobertas, intumescências sensuais de seios, um langor sonolento de olhar, lábios mordidos em expressão de gozo: seria Cleópatra, seria Salomé... E perguntava:

—Hein ! que achas ? Um escândalo, a burguesia vociferando, a polícia metendo-se no caso. Magnífico !

—Ah ! sim, um belo escândalo — obtemperou Camilo —, capaz de finalizar em Fernando de Noronha.

Ficou escolhido o assunto do novo quadro. Seria esse. Por causa da hora Camilo partiu à pressa, berrando pelo corredor: — Nada de perder tempo, seu Agrário, nada de perder tempo. ..

Voltou ao pintor a idéia da mulher, mas sob a imagem de Henriette. Retratá-la, procurar pelo menos reproduzi-la o mais semelhantemente possível e expor o quadro ao público, já era uma vingança... O cambista reconheceria a amante na tela. E com este pensamento despertaram-se-lhe pruridos tentadores de ampliar o assunto, meter uma cabeça ao fundo, uma cabeça que fosse a sua, em meia tinta, no diluimento de uma visão, rindo nervosamente, malditamente, um riso escancarado, debochativo, de Sileno, que se aclarasse numa alusão, patenteando ao tourino olhar do outro a irreverência do seu desprezo pela mulher gozada. Agitado, andava pelo quarto, as mãos trêmulas nos bolsos, os dedos álgidos. A condensação nervosa apurava-lhe o trabalho imaginativo, sensibilizava-o como uma placa de câmara-escura, e no seu recôndito desenhou-se, coloriu-se a idéia dessa desforra, fazendo-lhe ver o seu quadro já pronto, já acabado, metido no dourado duma moldura, exposto aos olhos de quem passasse, num cavalete em galeria de rua freqüentada. Tomou do lápis e esboçou, sobre o primeiro pedaço de papel encontrado, a sua carica-

tura silena, mofando, a boca franzida num rito de desprezo, o sobrecenho mefistofélico erguido em filões negros ao contrário das órbitas e as carquilhas sulcando o velino bístreo da caraça, horripilando a zombaria do riso. Mas, inutilmente! Caía num carnavalismo desesperador. O seu pequeno nariz grosso, ventas de cônego e buldogue impediam a complexão da máscara satírica de Fauno; ao contrário, pela arredondada e miúda disposição dos traços reproduziu Pierrô idiota, alvar, funambulesco, rindo zorramente no mais estúpido ataque da parvoíce hilariante. Embestou furioso. A impotência caricatural abismou-o de repente. Que inferno !. . . Ele que sempre encontrava docilidade no lápis para a deformidade ridícula, estupidificava-se neste momento ! Procurava-a então, de croqui a croqui, começando traços que não acabava, traçando linhas a esmo, esquemas de máscaras incompletas, rabiscos sem expressão, pequeninos ziguez de lápis, finíssimos, inco-municativos, às vezes grossos, bojudos, terminados em longas tremuras agoniadas, outras vezes tão rilhantes, tão calcados de pulso que rompiam o papel. E nada ! Consumiu, em vão, segundos, minutos, horas. E nada! A caricatura negava-se, repetia-se no mesmo carnavalismo, exasperava-o. Berrou um palavrão, quebrando a ponta do lápis com um soco sobre a mesa. Ao esforço criador sobreveio-lhe um aborrecimento penoso. Ergueu-se entediado, com vontade de sair, buscar alguém que o distraísse. Correu à janela. Neste mesmo momento Henriette punha a cabecinha de fora, e ao vê-lo, após a ausência de tantos dias, levantou para ele o veludo de seus olhos, com a fisionomia iluminada por um sorriso respondente:

— Bom dia, ingrato. Onde tem estado ?

O português em seus lábios tinha uma metalização de prata, timbrava como braceletes chocados, numa graça deliciosa de meiguices.

Agrário recebeu-a de chofre para poder reagir. Levantou os ombros, indiferentemente.

— Aqui.

— Ah ?! — fez ela, admiradíssima, e perguntou, solícita, se havia estado doente. . . notava-o tão triste !. . .

Ele sacudiu a cabeça, assoviou, e torcendo o fio em que ia a conversa:

— Como vai o Silvano ?

Henriette teve um sobressalto, embranqueceu. Disse que não o compreendia. Ele insistiu:

— Pergunto: como vai seu *marido*?

— *Meu marido ?!*...

Abriu uma grande pausa, erguendo os belos olhos para o alto quadro do céu. Uma expressão de mágoa, de ingratidão sofrida, alastrou-se pelo seu rosto. E com a voz nervosa, trêmula, aguda e longa como um grito perdido em planuras longínquas, exclamou açodadamente:

— Como sou infeliz! .. Meu Deus.

Retirou-se, e sobre ela a chita de ramagens verde-malva, que encortinava a janela, caiu como um pano de teatro sobre a última frase de uma cena.

Agrário, debruçado para a área, ficou a olhar aquele sovado pano de chita que o separava dela, que se antepunha à sua vista, levantando ante ele o mistério de uma alma, a dor de um coração; estranhas, indecifráveis coisas para a sua im-penetrabilidade analítica.

Afinal... o mau era ele. Por que se queixar, por que odiá-la ? Ela, ao contrário, se mostrara resoluta para o seu amor; as explosões, que tivera, deviam-lhe contentar de sobra porque tocavam a extremos. Fujamso, dissera-lhe, para onde quiseres. Que me importa que seja para uma cabana, para uma caverna, para o quarto do teu companheiro ?.. . E que mais desejar ? Aí estava a paixão que ela tinha, aí estava o desinteresse que ela lhe mostrava... E ele, que fez ? Que resolução tomou ? Veio para a mansarda consultar a Melo Castro, ouvir cinismos e sandices, ficar inerte, sem vontade, sem deliberar. Henriette, forçosamente, teve que ceder ao cambista, permaneceu na companhia do *outro* à espera que ele, Agrário, viesse lhe dizer — vamos, partamos hoje, tenho um palácio, uma casa, um quarto para nós e nosso amor. Vamos. E ele não se mexeu, ficou a martirizar-se naquele ódio porque a rapariga não se pôs a correr pela porta a fora, em saias, descabelada, exconjurando o Silvano.

Ah ! era mau ! Ela por duas ou três vezes chamara-o da sua janela, e ele não respondera, quis afastá-la com uma

ausência; outro dia ela subiu à mansarda, correu a oferecer-se impudicamente e ele até conteve a respiração, quis esquecê-la como um passado. Henriette voltara. Ele a tinha notado resplandecente, toda ela alvorotada como uma ave que quer começar o ninho, e para esta felicidade de amor ele só teve uma mágoa...

O seu espírito debatia-se, cansado, nesse remorso da ofensa. Retirou-se da janela, recomeçou o passeio pelo quarto. Ao *peccator* que acabava de entoar no seu íntimo incumbiu-se de responder com uma absolvição plenária. Realmente fora bruto. Mas isso que era senão amor? Quem amava, ali, entre essas duas almas, a sua e a de Henriette era a dele. Enquanto a rapariga, embora contrariada nos seus desejos, encontrava a consolação nos braços do cambista, ele jazia no quarto, só, sem o lenitivo de uns lábios, encarcerado nas quatro paredes, a bestializar-se com desenhos para gravuras em madeira!... E...

Bateram à porta, foi abrir. Era Camilo Prado que chegava esbaforido, suarento, com o chapéu à nuca.

— Olá! grande Manet!... Cá está a coisa.

Entrou, sem retirar o chapéu e foi-se abancar sobre a cama, com um jornal aberto.

Cá está a catilinária. Ah! se isto fosse em Paris!... Estaria eu jantando esta noite no *Chat Noir*, numa roda de artistas, com champanha.

Dobrou lentamente o jornal, a falar sobre a probabilidade de um sucesso em toda Paris, vivórios pelo *Quartier Latin*, nome nas crônicas, glória universal, e terminou, depois, franzindo o lábio, descrente:

— Mas aqui... Quem le? Você, o Franklin, o Sabino... .. meia dúzia de rapazes. Para os demais eu continuarei a ser uma das muitas bestas que enchem o globo.

Esteve olhando o seu artigo em rodapé, impresso no tipo estafado e desgracioso da *Folha*. Agrário pareceu-lhe preocupado; inquiriu dele o que tinha, que diacho! Estava macam-búzio. O pintor confessou-lhe tudo.

— Imagina tu que isto é um desassossego para muitos dias.

Camilo fitou-o, assombrado. Qué! Agrário estatelava numa paixão !. .. Interjectou mentalmente, sem uma frase para acudi-lo E deixou-se ficar, olhando-o; ambos mudos, ele constrangido, obcecado o artista. Por fim, como o silêncio crescia e o tempo se escoava penoso, difícil entre tão diversos sentimentos, Camilo murmurou:

—Mas, homem, olha que tens outro destino. E o grupo ?

—O grupo ! — exclamou Agrário, levantando os ombros. — Ora o grupo !. . . Nem eu me animo mais a falar com esses pulhas. Não vês tu ? Há quanto tempo estamos nós a tentá-lo e a coisa não passa de palestra de botequim ? Somos assim.

— Mas, esta manhã, pensavas de outra maneira.

Agrário enrolava preguiçosamente um cigarro; preparou as pontas, acendeu-o e sem pronunciar uma sílaba, deitou pelas narinas dois esguichos de fumo. Camilo continuava a inquiri-lo, sobressaltado por aquela transformação:

— Que queres fazer dos teus julgadores? Que resposta darás à injustiça ? Que fim almejas ?

E calou-se. Ergueu-se vagaroso; com uma das mãos à cinta, passeava o olhar indeciso pelas paredes procurando um argumento, mas sufocado como se o desalento do artista se lhe tivesse vazado na alma. Depois, sorrindo amargamente e com uma palmadinha irônica no ombro dele:

— Somos assim, meu caro sr. Agrário, somos assim. Não temos perseverança nem idéias; quando muito pedimos em prestado à França, a Portugal mesmo, suas idéias que não compreendemos mas que nos trazem o deslumbramento da novidade, e começamos a dançar em derredor delas, como sel vagens, em torno de um manipanso. Somos assim, meu amigo, e por isso seremos, eternamente, uns imitadores, minados pela ociosidade, aterrorizados pela obstinação das criações, preteri dos pela imbecibilidade ovante. . .

Agrário estremeceu com o desabafo do amigo; sentiu-se impellido para diante por aquela simples força de ideal, por aquela queixa de crente que se via desacompanhado. Mas esses sobressaltos de espírito, esses tropeços de volubilidade, eram-lhe tão naturais, tão do seu sangue, das suas funções psíquicas, que não teve a penetração bastante para avaliar do que ouvira e opôs a sua vaidade à intenção do companheiro:

— Não, tu não me compreendeste. Eu ainda continuo o mesmo, unicamente desânimo. E não é para menos. . .

Tragou uma fumaraça logo despejada num sopro forte, que parecia expelir a sua desilusão; e de repente, castanho-lando alto os dedos:

— Ah! sabes ?. .. Encontrei um título esplêndido para o nosso grupo. Imagina. Dize lá. É uma novidade. Veio-me agora, inesperadamente, à cabeça. Anda. Vê se o dizes.

Camilo não podia adivinhar. Era impossível penetrar-lhe nos bizarrismos do seu espírito, mesmo que professasse ciências ocultas.

— Pois ouve, é só isto — Zut!

— Zut! — fez Camilo admiradíssimo. — Mas, que é isto !

— Eu sei lá ! É Zut. Qualquer coisa, coisa nenhuma. Grupo Zut, assim como Club X, assim como *V'lan*.

— Onde te veio este Zut estrambólico ? Verdade é que é bom.

— Vais te admirar, veio de Henriette. É uma exclamação que lhe não sai dos lábios.

Camilo parou sobre ele o olhar, sereno, longo, sem um sinal que o perturbasse. Aquele rapaz não podia ter mostrado melhor a sua alma que neste momento. Foi uma revelação sintética, perfeita, uma dessas constatações flagrantes da invo-untariedade que anatomizam o indivíduo, dissecando-o num só momento, voltando-o de dentro para fora, como num estudo de anfiteatro. E a clarividência do crítico apanhou-o completo, surpreendeu-o. Naquela psicose uma só força, um só elemento impulsor davam-lhe atividade, punham vibrações — era o sensualismo. O íntimo deste homem externava-se, tinha uma correlação na sua exterioridade, servindo-lhe o corpo de molde à alma. Gordalhundo incipiente, começando a tomar roliças rotundidades burguesas e sem ser feito pelo másculo aspecto do torso espadaúdo e um carão largo mas simpático, faltava-lhe o quer que fosse de superior, de espiritual e delicado que vencesse a puerilidade exarada na sua fisionomia. Indo aos encontrões pelas idéias, apenas uma irradiação o animava, enfeixando suas emoções, concentrando as suas impressões para um só ponto, e esse foco — esse *sensorium* — era a sensualidade desenvolvida num grau tão alto que tocava a

mania erótica. Na sua retina, no poder assimilante e associável de suas idéias, na persistência da sua atenção, a mulher era o objetivo primordial, a força sugestiva, a fascinação. E por lhe faltar a delicadeza espiritual dos educados, a timidez adoradora dos idealistas, o requinte dos criadores, esta predominância tomava nele uma forma material e rude, que o ani-malizava, sacudia-lhe o corpo em ímpetos de luxúrias, em olfa-tação da carne, de uma concupiscência selvagem e irritada que anseia a farejar, narinas dilatadas no ar, olhos ávidos, o almíscar provocante das transudações do cio. A arte que deveria vir dele fatalmente seria isto, a fêmea — mas, única, exclusivamente a fêmea: a carne destinada ao gozo.

Camilo, ainda estudando-o, respondeu tranqüilo, me-neando a cabeça:

— Realmente, o título é magnífico. Nada significa — isto é o que serve.



Capítulo VII

^Jma tarde, nas colunas da *Folha* explodiu o *Zut* ..

Camilo soltou o primeiro grito num ousado folhetim, escarpelando as condições antiestéticas do meio fluminense e, sob a ironia fundibulária da sua prosa, apresentava o *Zut* como um — bando rebelde — proclamando a liberdade absoluta das escolas, salvando e dignificando a arte.

"Zut, este simples vocábulo, por mais frívolo que pareça, resume uma revolta; é uma divisa de cruzada. Nascido da ruidosa alegria da mocidade, silvaúdo entre um assobio de cor-rimaça, e a gargalhada de um ridículo, será como a onda do poeta do *Annee*. *Terrible* — fluxo marítimo cuspidado à praia, mas, de imprevisto, tornando-se dilúvio..."

À porta da Havanesa comentou-se o folhetim, em grupo. Agrário distribuiu dez números da *Folha* aos rapazes, e Artur de Almeida leu a meia voz, na calçada, sob a oscilação trêmula do crepúsculo penetrante, as cinco colunas do rodapé, com aplausos do Sabino, do Franklin, do Alves Pena que exultava com a vitória dos seus "artistas". Quase à noite, chegou o Braguinha a grunhir despeitos porque Camilo não se referia à música. E demais, dizia a sacudir-se, a gingar, atrapalhado com o pencinê que se desmontava a todo o momento, eu não sei o que seja *Zut*. Estudei dez anos o latim, fui seminarista, conheço o vernáculo como a estes cinco dedos e a respeito de *Zut*... palavra de honra! estou raso como uma porta.

O fuinha Sousa chegou, também, a chalacear com o título — Que é? Vocês sabem? ..

O grupo crescia. Reuniram-se-lhe o Vieira, com o seu maço de recibos a cobrar, um lenço nas roscas do pescoço, debruçado em ângulo sobre a gola; o *Zebrão*, um pintor de estatura agigantada, espadaúdo e bruto, cujo nome *Sebrão* os companheiros corrompiam na alcunha ofensiva; um marselhês chamado Julien Story que pintava por não ter ocupação; o rebelde Sforzani a mascarar palavrões com a ponta dum cigarro de fuzleiro; o Lóssio, um dos *Insubmissos*, que abandonara a aula de escultura; o queixoso Valeriano Costa com o seu profundo curso de perspectiva, outros e outros. . . A rebeldia avolumava-se. Formou-se uma legião ao rebate de Camilo.

Sebastião Pita, derrubado das suas ilusões, também queria fazer-se rebelde. Pedia, suplicava, já choramingando, que aceitassem a sua *Partida de Colombo* na primeira exposição; e, com uma esperança parva no olhar, apertava sob o braço o embrulho da sua tela repudiada. Um sussurro suspeito e odiendo colmeava por entre o ajuntamento, em permuta de planos. Depois da leitura do folhetim falava-se em voz segre-dante, com cautela nas frases e nos olhares.

De então a curiosidade farejava por aquelas portas, à hora pressaga dos poentes.

Vultos timoratos cosiam-se com os umbrais, dissimulan-tes, perscrutadores. Artistas gafados que iam fazendo a sua bolsa como a sorte os ajudava, engendravam ardis para se acercar das rodas, com disfarces de esculcas. Coisas fabulosas estonteavam arrevesos sibilinos de morcegos a respeito dos rebeldes. O grupo reunia-se secretamente, tomava atitudes misteriosas de conluio, era de supor que tivesse uma sinase, a caverna druídica das sessões, o homízio de uma catacumba e se correspondesse com símbolos maçônicos !

Agrário, apontado como cabecilha intimorato dessa revolta, tendo se retirado definitivamente da Academia, expusera a sua tela preterida no concurso — o *Sacrifício de Abraão* — e a imprensa, embasbacada diante das barbaças empoladas do austero bíblico que corava, envergonhado, no seu terrível colorido acadêmico, rompeu desde logo, sacudida de indignação, contra a injustiça. *A Fólha* flamejava, como um gládio vingador, apontando os julgadores à execração pública, e vergasta-

va-os, zurzia-os com flagelações de apóstrofes, numa convulsão de cóleras antigas.

Daqui, dali, de um e de outro ponto, surdiam represálias aos que não vinham comungar com os *insubmissos*, e logo as perseguições, os desrespeitos, as desforras espocaram. Já não era a Academia o espectro mau, a sombra maldita que se antepunha à claridade das inovações, à luz levantina do progresso da arte; outro elemento a combater antojava-se ao desenvolvimento do gosto público — a incapacidade dos velhos artistas. Contra esses, que formavam o privilégio do Senedrim da arte, as usanças retrógradas e tirânicas das bolorentas leis, seria precisa uma avalanche formidável que os solapasasse, porque conservavam o monopólio da profissão e o esclarecimento atendido da estética. Eles eram, por sua vez, um esteio moral da Academia, a coluna de Hércules do Sansionado. Fazia-se urgente golpear o esteio dos preconceitos, derrubar a mole ereta do inquestionável. Volveram-se contra eles. Le Grand, um retratista notabilizado na burguesia comercial, sofreu o primeiro e violento embate da derrocada.

Uma tarde, Alves Pena apareceu na porta da galeria Mon-cada com um embrulhinho misterioso. Acercaram-se dele, curiosamente. E o boêmio, na sua imperturbabilidade cínica, desmanchou vagarosamente o embrulho, retirando pedaços e pedaços de papel, pedaços e pedaços de pano. Ao termo dessa operação, que ele praticava com lentidão e gozo, uma asquerosa imundícia ficou-lhe na mão, sobre um molambo.

Camilo cuspiu, com náusea:

— Porco !... Isto é uma indignidade.

Alves Pena, porém, aproveitando-se da inadvertência do empregada na galeria, foi sujar um retrato de *benfeitor de irmandade* que o Le Grand expusera.

— É o justo prêmio — afirmou, com a consciência tranqüila de um executor da lei.

As chufas, os anúncios deprimentes, as obscenidades, choviam sobre os quadros expostos nas duas galerias da rua do Ouvidor. Elas, por fim, já se negavam a expor. Um terror alastrava na ala dos contrários.

E todas as noites, após a confabulação da Havanesa, Alves Pena guiava o grupo para o chope da Guarda Velha ou

seguia Camilo para a *brasserie* Pelotense, onde se questionavam os projetos de uma exposição e as vinganças futuras. Artur de Almeida persistia na idéia de um *Salon*, à maneira dos dissidentes em Paris, mas Franklin discordava por achá-la imita-dora, propunha um assédio à burguesia, trabalhando cada qual para expor o maior número de quadros em diversos pontos da cidade, assim o rude burguês não daria um passo sem esbarrar com o nariz numa tela que tivesse arte, que fosse o protesto irrecusável contra o que até então lhe tinham empulhado. . . Seria um processo novo e eficaz.

Uns propendiam para o projeto do Artur, e esses formavam a maioria; outros, raros porém, inclinavam-se para a inovação do Franklin. No entanto, de parte a parte, o entusiasmo faiscava sob a influência conciliadora de Camilo. Sejam os coerentes, aconselhava ele, aceitemos as coisas como elas são e não como as desejáramos. Antes de tudo, e isso para afirmar a existência de vocês, precisamos de uma exposição, que seja um documento, que se torne um fato. . . Aplaudiram-no, unânimes, com júbilo. E dali partiram a procurar assuntos, dispostos à vitória. Sabino, antes de agarrar-se ao trabalho, queria modificar o nome, porque o seu lhe parecia vulgaríssimo e desagradável à retenção memorial da posteridade. Sabino Gomes era chulo, desgraçado, mole. . . Desejava um nome que soasse como um rufo de caixa de guerra, à maneira do que Courbet, ou tivesse a extensão de uma nota triunfal como o de Delacroix! Estes, sim; eram nomes! E cansava-se, ciliciava-se, na combinação de anagramas dissonantes, impenetráveis, cacofônicos que produziam imprevistos irrisórios, até que lhe fizeram notar que o seu nome trazia o fatalismo benéfico de uma semelhança — Gomes era o apelido de um já imortalizado, do *glorioso* Carlos, o Carlos Gon-dS. Assim seria outro Gomes notabilidade, que deixaria ao futuro a dúvida biográfica de uma privilegiada família de artistas: o Carlos Gomes músico e o Sabino Gomes pintor. E — Agrário explicava — "o acaso carregara mais na *tinta* ao Sabino para não atrapalhar aos Vazari."

Resolvida esta importante questão Sabino decidiu entrar em labor, arqueando com o sacrifício de vender alguns caca-réus e contrair dívidas para adquirir uma tela grande e larga

como uma porta de armazém. Meteu-se no afã duma exposição histórica — Vercingetórix diante de César — coadjuvado pela boa vontade de Alves Pena, que se prestou a duas sessões para o Vercingetórix, munido de uma cabeleira de teatro e cruzando pelas gâmbias peludas cadarços de lãzinha vermelha como atilhos de coturnos. César, o dominador, foi apanhado no bosquejo de três horas sonolentas, por provada dedica-cação de um barbeiro, amigo do rapaz. Espapaçou-se na tela um César sacristão e dengoso, com adiposidades suínas de apolentado, que lhe traíam as origens aldeãs; mas, uma fita branca, diademando a cabeleira e um lençol fazendo de clâ-mide — deixavam suspeitas de autenticidade do sexo. Apesar da celebração que lhes emprestava o quadro, eles julgaram de melhor aviso continuar a obscuridade de seus destinos que se esfalfarem com bocejos e impassibilidade de postura em frente de Sabino; desertaram de seus postos e a tela ficou abandonada no fundo de um mísero quarto sem luz, enchendo, em diagonal, do teto para o soalho, a parede desmantelada com a largueza do seu arabesco clássico, lançando num desenho seguro e limpo, que faria inveja a um artista.

Ao mesmo tempo o Sousa andava numa azáfama, nervoso, mais gago e mais *original*, a caricaturar-se em todas as posições de elegância e exageros de roupa, a reproduzir-se por todos os sistemas de desenho, a lápis, a pena, a carvão, consumindo três volumosos álbuns de capa de linho; e o Artur de Almeida, num sótão da sua serena habitação de filho-família, atacou resolutamente uma tela *doze* com prodígios de transformação anatômica nu busto de *Favorita*, opulento de cor, mas em que se inculcava, irritante pelo detalhe, a erótica preocupação de um sovaco cabeludo. Franklin falava a miúdo na *Arrependida* que estava compondo ninguém sabia onde, conquanto ele dissesse, a martirizar as duas falripas loiras do buço tardio "que não se apressaria, havia de mostrar quais eram suas idéias de arte, porque arte não é isto que rola por aí..". O Lóssio, o escultor, também preparava *uma coisa* em gesso, que viria embasbacar o burguês e fulminar as *múrias* da Academia. Camilo afadigava-se com a peregrinação diurna à casa dos *Insubmissos*, religiosamente resignado, com o seu bigode chinês caído sobre os recalcos desdenhosos da boca

emudecida e, no seu passo largo e vadio, de cada uma trazia desilusões que, temerosamente, ocultava, ensacava no íntimo. Um dia, em casa do Vieira que aguardava um quadro, não lhe foi possível sofrer a estupefação:

— Mas, que é isto ?

O gorduchito sorriu, frisando a finura do seu entendimento de artista moderno. — Está em mau lugar... chegue-se mais para aqui... mais um pouco... olhe agora.

Camilo observou:

— Hum! sim. Vejo melhor. É um rio... com dois barcos...

— Nada... nada... É uma estrada... Lá estão dois bois...

Repare com atenção... Não vê uma árvore no fundo ?

— Uma árvore?

E Camilo apertava as pálpebras movendo a cabeça, inclinando o busto para trás. — Uma árvore !.. hein ?.. uma árvore!.. — Enquanto o aguarelista amparando-o com ambas as mãos pelos ombros, procurava, cauteloso, colocá-lo no raio da perspectiva.

— Daqui... Neste ponto... Repare.

— Ah !.. bem. Então aquilo lá no fundo é uma árvore ?

— Com certeza! Você sabe que a escola moderna tem dessas coisas, não detalha, é tudo simples, *manchas* e tons.

Camilo deixou-o falar. Estava vencido diante daquela formidável *bota* e o único recurso que encontrou para desembaraçar-se foi o de elogiá-lo, animadoramente.

Ao voltar de uma dessas acabrunhadoras visitas, em uma fresca manhã em que as pernas o levavam, preguiçosamente, por lajedos esbandalhados de ruas poeirentas, sentiu uma pan-cadinha no ombro.

Volteu o rosto. Era o Valeriano Costa, com o seu carão de caboclo nostálgico, que lhe rogava o favor de "dar uma chegada à casa de um amigo... ali perto, para mostrar-lhe um trabalhinho que estava concluindo... Destinava-o à *exposição*".

Camilo cedeu. Enquanto caminhavam o Valeriano rosna-va contra a sorte, exaltando o seu profundo curso de perspectiva, dizia-se vítima da Academia e do estrangeirismo que ameaçava apoderar-se da arte nacional... E a sua queixa ti-

nha o quer que fosse de cavernosa e tocante, como uma voz plangente que viesse de geenas das galés.

— É aqui — disse ele, parando numa soleira.

Um corredor escuro e úmido estendia-se, sem fundo, à força da luz vernal que batia fora, nas fachadas brancas.

Penetraram nele, galgaram os dois lanços de uma escada íngreme, esbeiçando degraus gastos que resmungavam sob os passos; em cima havia uma suja parede sem cor, tristemente ensolarada pela tosca clarabóia do teto esfumado.

— Sem cerimônia, vá entrando.

Ao termo deste segundo corredor pararam defronte de pesada porta pintada de branco, escarrada de manchas, ama-relecendo no desleixo. Valeriano bateu com o cabo do guarda-sol de alpaca. Uma máquina, que rodava vertiginosamente, parou, súbito, lá dentro. Houve um raspo seco de cadeira, arrastar de passos; depois a porta despegou-se do umbral num estalido desengatado de trinco, desdobrou nos gonzos, devagar.

Um sujeito, de versuda cabeleira e bigodes marciais no escarvado, rosto lívido, arredou-se um pouco, cortesmente, para lhes dar entrada. Era um homem muito alto e tísico, com os ombros montados no pescoço, enrolado numa manta sebosa; o casaco miserável pendia-lhe no corpo carcomido semelhando asas desconjuntadas de uma ave sortílega.

Valeriano Costa fez a apresentação de Camilo, que o honrava com a sua amizade. — É sr. Castro, um jornalista considerado. . .

O tísico dilatou uma boca sarrenta, dignificado, cheio de admiração e respeito, e foi logo apanhar uma cadeira imunda, que estava num canto, atopetada de panos, para oferecer descanso ao moço.

— Só um instantinho — disse Valeriano —, vou buscar o trabalho.

E embarafustou por uma porta, ao fundo da sala. O sujeito sentou-se diante da sua máquina Singer, de pedalo; tinha o aspecto desolado de um penitenciário, todo curvo como uma vara de pântano; mudamente, enleado com a presença do jornalista, começou a estender tabaco desfiado sobre uma *mortalha* de milho, arrumando o canutilho do cigarro com a unha rapinosa do polegar. Por duas janelas abertas, em frente

aos muros claros de um sobrado, entrava uma grande claridade alegre na sala, forrada de restos descorados de um papel que fora branco; por cima o teto em losangos escurecia emporcalhado pelas moscas, o soalho negro tinha placas de escarros e neste quadrado nu, sem mobília, desmantelado, batido pela luz franca, compreendia-se a indiferença de uma miséria devassada, sem resistências, a agonizar. O Valeriano voltou com uma tábua em que branquejava a folha de um papel preso, nas quatro extremidades, por lentilhas douradas de *carrapatos* de desenho.

— Cá está...

Foi colocar a tábua no chão, de encontro à parede. Na brancura do papel, em traços rústicos de nanquim, avultava um informe desenho carregado, num corte oblíquo, em perspectiva; sobre esse corpo bruto, representando os muros de uma fonte pública, surdia do centro de um terrado barroco, o remate decorativo de uma esguia pirâmide cujo ápice ostentava a esfera armilar do escudo brasileiro, fígada das três setas de São Sebastião.

—Sabe o que é ?

—Sei. É o chafariz do largo do Paço.

Valeriano sorriu envaidecido a explicar as dificuldades da perspectiva. Os seus olhos esbugalhados, laivados de bÍlis, saÍam do desenho a perscrutar a impressão de Camilo, mergulhando no seu olhar melancólico, com uma angústia inter-jectiva.

Camilo percebeu a febre que inquietava o pobre desenhista, tranqüilizou-o com engano e piedade:

— Sim, senhor! . . . É uma prova... é de quem sabe o que estudou. . .

Os olhos de Valeriano volveram ao desenho, voltaram ao moço, rolando desconfianças atávicas no revolver dos globos, mas o jornalista congelava uma grande calma na fisionomia macilenta e triste; e ele, confiado, respirou com soberba:

— E é a quem faz isto que se despreza, que se ameaça com um concurso permitido a estrangeiros, que se deixa morrer à fome !...

O tÍsico uivou na sua cadeira, num travo prosaico de alentejano:

— Morrer à fome... não ! que não lhe faltam amigos.. . e bons, pobres, é verdade, mas honestos...

Valeriano teve um vislumbre de agradecimento na caraça brônzea, arrebatou-se numa confissão íntima, contou a Camilo que se não fosse aquele *amigo* ele não teria o que comer nem o que vestir, vivia daquela dedicação... Ah! era esta a vida de um pobre artista num país que enche os bolsos do mundo inteiro !...

— Nesta terra — trovejou surdamente o tísico, erguendo-se — não se quer quem saiba.. . Ela é de quem mais rouba. Eu por mim lho digo, que também sou um artista, de *outra arte* é verdade, mas sou artista, porque ser alfaiate é ter uma arte.. .

Camilo restringiu, com dificuldade, num sorriso concordante, à franca risada que lhe ia rasgar a boca, e os olhos desconfiados do Valeriano abaixaram-se, humilhados.

O tísico, porém, continuava numa afluência de queixas longamente represadas.

A sua elevada estatura, de ombros curvos crescera na sala vazia; mais hirsuta tornara-se-lhe a cabeleira, os gestos das suas manoplas esqueléticas continham arrebatamentos a ferver-lhe no sangue e todo o seu arcabouço anfracto lembrava um profeta apocalíptico a bramar, a injuriar numa voz subterrânea e arfante. De momento a momento pigarreava, sugava fumaraças largas que recolhia à garganta, despejando-as pelas narinas, despejando-as com as apóstrofes; mas um dos tragos, sob a emissão de uma palavra, convulsionou-o em acessos de tosse. E foram minutos de ânsia, a esburgar os pulmões corroídos, que ele cuspiu a esmo, pelas paredes, pelos cantos, no soalho negro.

Então Camilo despediu-se com uma consolação para o Valeriano — prometeu defender a sua causa nas colunas da *Folha*, e pisou a calçada com uma opressão n'alma. Realmente, tudo isso desapontava-lhe, desiludia.. . Mas, que poderia ele fazer ? Convencê-los de que iam errado ? Que pouco sabiam para tentar um confronto com os académicos ?... Não, certamente; seria desazo, ofenderia pretensões...

Acurvou-se ao acaso, mentindo-se, a si próprio, em complacências que se arrastavam por seu espírito como uma gos-

ma senil arrancada com esforço; mentindo aos outros, em superabundantes elogios que aqueciam vaidades como uma ternura sensual; mas, por horas, em momentos de concentração e verdade, resfriava-se aterrorizado dos resultados futuros dessa covardia. E entregava-se à inação dos vencidos, desabava para a casmurrice das cervejarias onde ia encontrar o Colaço parado diante do chope, a fumar sossegadamente, a sonhar com Wagner, idealizando uma música espiritualmente regressiva, que vivesse na sinceridade religiosa de Palestrina e tivesse o poder sugestivo do gênio de Bayreuth.

Agrário, por este tempo, aparecia raramente, afirmando que lhe eram poucos os minutos para os seus estudos. Às vezes, à noite, bebia um chope com os rapazes, mas com um pretexto qualquer despedia-se, à pressa, prometendo voltar no dia seguinte.

A grande exposição tão falada, tão questionada que parecia já uma realidade, foi adiada por falta de local apropriado; os dissidentes cansaram em arranjar um salão digno, com clarabóia, boa luz e entrada de escadaria. Desistindo dessas vantagens obtiveram a sala de um fotógrafo, mas surgia a necessidade de ornamentá-la, fazer um biombo de veludo gre-ná para os quadros, pregar estores às vidraças, correr um capacho pelo corredor até a sala, e para tanto não havia dinheiro, adiaram a exposição. Desistiram por mais uma vez dessas suntuosidades, resolvidos, então, a levantar um mesquinho, ordinário biombo de paninho roxo, mas somados os gastos faleciam recursos para a compra das molduras, outra vez adiaram a exposição. De novo voltaram a tentá-la, sujeitar-se-iam às velhas paredes manchadas da sala oferecida; cada qual arranjaría as molduras que pudesse, fabricando-as com suas próprias mãos; prescindiriam de catálogos e especiais convites impressos, era uma economia e um meio direto de realizá-la, mas desta vez adiaram-na para todo o sempre, porque, arranjadas as coisas, não havia trabalhos !

Os únicos que podiam expor eram o Sousa e o aquarelista Vieira. . .

A decepção encachaçou o grupo, vergou-o à gotinha da impossibilidade como a um bando de sentenciados. Demais — os principais interessados não reclamavam. Agrário tornara-se

invisível, havia oito dias que não tinham notícias dele; Camilo, cada vez mais magro, ósseo e pálido, ia declivando por uma melancolia de *spleen* que ele procurava rebater com abusos de cerveja. Para se encontrar era necessário correr as *brasseries* solitárias, onde o desencavavam no recolhimento de um canto, quase sempre só ou com o Colaço, defronte do seu chope espumarento. E daí uma luta para se lhe arrancar as palavras. O *spleen* trazia-lhe rudezas e violências, mesmo no desdém pelo entusiasmo dos companheiros tinha assomos de ira, e os sarcasmos lhe vinham espontâneos aos lábios com a saliva. Que fazer ?

Duas semanas depois, reuniu-se parte do grupo em um café. A proposta partiu do Sabino. Foi ele quem, aprumado, num segredante puxar de cadeira, e com voz gutural a fazê-la baixa, lançou a primeira idéia. Propunha, sensatamente, um acordo — entre eles que formavam o *Zut*, e o Estado, que mantinha a velha Academia. Conduziu com cuidado a proposta à evidência dos acontecimentos — estavam sem meios de estudos, eram paupérrimos, ninguém os coadjuvava nas suas aspirações e se achavam incompatibilizados com a corporação acadêmica, assim fariam um abaixo-assinado pedindo ao governo para fechar a Academia reduzida à frequência de meia dúzia de discípulos, e instituir *ateliers* livres.

Em derredor as cabeças inclinaram-se, aprovando; mas, numa cadeira, luziram dois olhos redondos, esbugalhados tranqüilamente para o ar, como se procurassem com vagar, resignados e preguiçosos, uma quimera perdida e fugitiva. E esses dois olhos à flor de um rosto cavo, muito branco, de onde saía sob o queixo agudo uma pequenina touca de pelos acas-tanhados, de uma fineza virgem de primeira barba, pararam, cheios de claridade, sobre os companheiros. Eram os olhos do Lóssio. Todos, a um tempo, volveram-se para o colega. Ele ia dizer alguma coisa, trazer a firmeza de um argumento à proposta. E no mutismo da roda caíram essas duas palavras, lentas, largas, claramente pronunciadas, vagarosas como seus olhos:

— Bem pen-sa-do.

Correu em torno, fechando os lábios, um sorriso respeitoso.

—Pois está feito ! — disse por fim o Sabino. — Procuraremos *seu* Agrário para assinar em primeiro lugar.

—Qual Agrário nem meio Agrário ! — exclamou o Sousa, alvorotado; e curvando o busto para a mesa, queixo sobre o castão da bengala, o seu álbum de linho sobre as coxas, terminou: — Vão saber por onde ele anda... vão saber.

—É verdade! Que fim levou Agrário ?

À pergunta do aquarelista crispou-se a boca do Franklin como se quisesse acentuar uma descrença; entreolharam-se desconfiados, temendo indiscrições preconcebidas. Então, Artur de Almeida noticiou que o companheiro estava de "rabicho" com a francesinha do *Zut*.

Ah ! a francesinha do *Zut*! Maldita frase ! Entrou imediatamente a preocupar a todos. Falaram dela com entusiasmo, bastava ser francesa ! O Lóssio, no entanto, protestou contra o culto às francesas. Ele, por sua parte, queria as italianas, que eram mulheres da cabeça aos pés. Paixão só na alma de uma filha de Sorrento. As italianas! as italianas ! interjectava ele, rolando os grandes olhos para o teto do café — Ah ! as italianas ! ..

— Eu cá, sou pelas francesas — acudiu o Franklin.

Artur de Almeida e o Sousa eram pelas espanholas. *Sotero* ! Que diabo ! A espanhola tem sangue, gosta de touradas e serenatas. Mandem uma espanhola arregaçar a saia e vocês hão de ver sapatinhos escarlates e meias amarelas. São as cores quentes, impetuosas, que desesperam a gente a poder de tanta vida! E o perfume, vocês sabem ? O perfume das espanholas ? Ah ! se vocês soubessem ! .. É cheirar o peito de uma rola e cheirar a pele de uma andaluza. O mouro andou pela Ibéria, e os tais Abbu-r-rahman deixaram sol do Oriente naquele povo. *Viva la gracia!*

Afinal, atalhou Sabino, a nossa brasileira não fica a dever nada às melhores mulheres do mundo. Os nossos *jambos* são saborosíssimos.

— Certamente — concordou o Artur —, certamente. Uma boa mulata de ancas grandes, hein! .. peituda... Ah! filhos !...

Risadinhas nervosas casquinaram. Artur já se não podia conter no entusiasmo, passava ao gesto, mordendo os lábios,

aspirando forte, olhos alquebrados, braços estendidos, visio-nando o corpo sensual de uma mulher: "Deixem-se de histórias, *mulatame* na ponta !"

Mas estacaram. Camilo chegava, entediado, mole, desfeito em nojo:

— Isto é horrível ! é horrível! — Disse com uma careta enjoadiça. E sentou-se, derreado:

— Vocês não imaginam, há dois dias que não durmo, não me alimento, não sei da minha cabeça, não vivo! Telésforo me rouba o sono, Telésforo me tira o apetite, Telésforo me emporcalha. Para onde volto os olhos, no ar que inspiro, nos passos que dou, encontro este maldito Telésforo de que os jornais andam indigestos, arrotando-o desde o cabeçalho até a última letra da quarta página. E já não sei que faça para me livrar desta perseguição. Se deixo de ler, os conhecidos me falam dele; se fujo dos conhecidos, os muros, as esquinas, as vitrinas, os quiosques estão cheios de anúncios da sua exposição; se me deixo ficar em casa, os vizinhos, o caixeiro da taverna, o moço do açougue, a cozinheira, os mascates, mo lembram, porque Telésforo é uma epidemia, Telésforo é um bacilo.

Fêz-se um silêncio: um assombro pairou em todos os olhos, dilatou alguns lábios. Até este momento Telésforo merecera-lhes respeito, era o Messias que devia chegar às portas da cidade, com o ramo verde da reforma e ao som das aleluias dos crentes... Havia dias os jornais anunciavam a sua chegada e o sucesso europeu da sua enorme tela, a maior entre os primores na arte de pintar batalhas. O seu nome excedia ao de Rellangé, escrevia-se-o na mesma linha em que houvessem posto o de Horácio Vernet, obscurecia a glória moderna de Neuville ! E, agora, nesta desconsideração, eles sentiam alguma coisa de heresia, quase uma blasfêmia. Camilo compreendeu-os.

— Percebo que vocês estranham o que eu digo — observou ele, mansamente. — Talvez seja uma injustiça ! Arentino pretendeu conspurcar Miguel Ângelo e, em Paris, houve quem sujasse o grupo da dança de Perrault, na ópera... Mas, que querem ? Sou assim e, assim me expressando, estou de acordo

comigo próprio; é do acordo íntimo que nasce a força de afirmar. ..

O Vieira teve um sorrisinho mordaz, não se pôde conter:

—Então os que o elogiam, na Europa, são uma tropa de bestas!

..

—Não serão bestas —olveu o rapaz —, mas ou interessados em elogiá-lo ou indiferentes ao resultado do elogio que, generosamente, dispensam.

"Aqui, neste canto de terra selvagem, há quem possua uma carta encomiástica de Victor Hugo; um senhor qualquer rabiscou umas coisas, fez imprimir os seus rabiscos, mandou um exemplar deles ao grande poeta e o grande poeta agradeceu-lho, dizendo que o tinha lido, apesar de não saber patavina de português, mas, com o auxílio do latim conseguira entendê-lo ! .. O que faz supor que o livro desse escritor seja ininteligível aos que não sabem declinar o *hora, horae*. Agora, vá um de nós, pobres diabos de bugres com *cartola* parisiense, dizer a esse escritor que o seu livro é uma borracheira! .. Que vale uma eloqüente crítica indígena diante de uma simples frase elogiativa do poeta ?... Aí tem o sr. Vieira o valor desses aplausos. Uma obra de arte não se faz pelo elogio, é ela que se impõe ao elogio. . . quero dizer, o seu autor não convida críticos ao seu *atelier*, não procura amizades na imprensa, não pede opiniões dos "condecorados", entrega-a, confiadamente, ao público; julguem-na os que puderem. E, desde que o senhor me fez esta pergunta, eu estou com o direito de fazer-lhe outra. Quem foi que mandou à imprensa patricia essas notícias que ela publica diariamente ? Acredita o senhor porventura, que fosse um ato espontâneo dela ? Que ela se desse ao trabalho de manusear revistas de que nunca recebeu senão o número de onde extraiu esses artigos ?... Ah ! meu caro senhor, eu sou, infelizmente, um *cozinheiro* da imprensa, conheço esses truques e lá no meu toco de trabalho tenho também, já traduzida e impressa, uma meia dúzia de encômios à "estupenda criação do gênio brasileiro" assinada por outros gênios que ninguém conhece. Olhe, veja se consegue a intimidade do Telésforo quando ele pisar a *terra conquistada* e procure, na sua bagagem, as rumas de edições dessas vitórias, que ele há de trazer aos milheiros."

O risinho mordaz do artista-cobrador amareleceu nos lábios como se os tivessem untado com cera encardida. Franklin alteou o busto, e sacudiu a cabeça aprovando.

—Mas, seu Camilo — arriscou o Artur de Almeida com um jeito habitual de pescoço, de quem o sente estreitado no colarinho —, algum mérito ele há de ter.

—E eu lho não contesto. É forçoso atendermos às condições do nosso meio, para avaliar desse mérito, que você pretende descobrir: a *artezinha* que possuímos está cediça, a senilidade invadiu a Academia; chegou a hora da derrocada, os deuses foram-se. O Pedro Américo já deu o que podia, o Meireles está esgotado; dessa geração entanguida, que foi o fruto temporão de uma árvore transplantada e não cuidada, resta-nos o que se pode ver na pinacoteca e a nova glorificação do Bernardelli, na escultura. . . Depois, o luxo e as delicadezas de espírito, que são expressões concretas da civilização, vieram aparecendo com o tempo nesta sociedade roceira e meã. . . Compreende-se que luxo e que requinte espiritual poderiam produzir uma civilização que nos chega como restos, nos alijamentos do grande continente ocidental!... Mas, pouco importa !. . . O que é certo é que esperávamos alguém, pedíamos alguma coisa. Surgiu Telésforo ! E surgiu num tempo que o acaso tornou feliz. Não lhe saíram à frente concorrentes temerosos, é ele só, é o único! Há certas épocas que produzem caricaturas de gênios; então na história das artes os casos não são raros. Eis o seu mérito. Por si, o esforço foi pequeno, tudo mais resultou de circunstâncias favoráveis — a falta de concorrência séria, a proteção imperial, a apatia do meio. . . até a necessidade de vibrar na esmorecida fibra patriótica, concorrendo para o prestígio da monarquia, quando as aspirações republicanas entram no domínio das realidades. . . Considerem bem estas coisas e hão de ver que a verdade está comigo.

Por sua vez o Sabino meneou a cabeça concordando. O Sousa ergueu-se, gemendo a sua preguiça como se lhe doessem anquilósis, desculpou-se da retirada com afazeres inadiáveis e saiu em passadas inglesas, levando sob o sovaco o seu inseparável e grande álbum de linho cinzento.

— . . E, com franqueza — continuou Camilo —, a esse que surge por entre girândolas de admiração, eu prefiro os

meus velhos românticos... No entanto, temos aqui um artista digníssimo que vive obscuro como um habitante da Tebaida.

—Cesário Rios? . . . — murmurou Sabino, cheio de crença.

—Sim, o Cesário Rios, esse convicto e modesto *pedreiro* da "Cativa", que possui o mérito de não imitar ninguém sem conseguir nenhuma novidade.

—Mas o que executa lhe sai da cabeça — atalhou Lóssio, destragando o fumo do cigarro que acabava de acender; enristara o indicador, no ar, para grifar a observação.

—Muito bem! — apoiou o Artur — muito bem!

E dava com a cabeça para os lados, concitando os companheiros.

— Muito bem! — disseram.

A concordância estendeu uma pausa reverenciosa. O grande salão do café continuava vazio e soturno; caixeiros re-costavam-se às mesas em que brilhava a louça branca dos serviços sobre bandejas de *electro-plate*; numa das entradas, por trás do mostrador de cigarreiro, um caforina de rosto macio e alvo, com bigodinho em arrebique, cochilava sobre um jornal.

E, no silêncio, sussurrou a voz de Camilo.

—O pior é a idade. O Rios está velho e embezerrou no que aprendeu.

—Não — contestou o Lóssio —, o maior defeito do Rios é ser brasileiro. Este povo quer gente de fora; nacionais — rua!

O Franklin estendeu-lhe a mão, com entusiasmo:

— Toque.

A palestra recaiu no Cesário Rios. Tinham-no tomado por ídolo porque necessitavam de alguma admiração e o escultor, até ali vivendo no seu *atelier*, desiludido, reumatizado por um grande dissabor de sonhos extintos, representava o obscuro orgulho de um convicto. Mas, visivelmente a sua persistência descambava para a improficuidade, posto que fossem confiados e incessantes os seus esforços criadores. Às vezes, um gesso vazado com facilidade, um bloco cortado na linha clássica, deixavam perceber a firmeza da mão que os trabalhara, porém, a esse gesso ou a esse mármore falhavam o amor febril das almas novas, o delicado cuidado entre o meticuloso e o apaixonado das primeiras ambições de glória.

A veneração que teciam em torno do seu nome era mais um acinte à gente de Academia que entusiasmos por sua obra. Cesário Rios constituíra-se um protesto contra as facções, vivia só, quase como um sinobita, sobranceiramente desdenhando da intimidade dos *aceutos*. Durante a existência do Costa Barbosa, que fora o *laureado* professor de escultura, os gessos acadêmicos sofreram sempre confrontos irritantes; ainda hoje a sua respeitabilidade de artista idoso e "prêmio de viagem" ameaçava pretensões oficiais e notoriedades fáceis. Sobre isso, Cesário Rios possuía uma qualidade simpática ao exagero na-tivista dos moços — era um brasileiro de sangue, sem atavismos estrangeiros a não ser em colateralidade remota, e sofrendo pela sua desproteção as concorrências dos que vinham, mas com uma notável e silenciosa resistência sistemática de sua presença em todas as exposições.

Era este conjunto de detalhes característicos, que levava os rapazes a procurarem a sua convivência, exaltando-o como um mártir do trabalho e do indiferentismo coevo.

— Ah ! — exclamou o Lóssio — se vocês vissem o *Gênio das Indústrias* que ele está terminando !. .. Aquilo é que é vigor... hum !... aquilo é que é toque! ..

Apenas conheciam as primeiras massas da grande estátua ornamental que o governo lhe havia encomendado para um estabelecimento público, a maquete fora modificada em grande parte e prometia uma obra de valor.

Camilo lembrou a oportunidade de ir surpreender o "velho" no trabalho, seria uma prova de respeito. Aceitaram-na e, quando se erguiam, entrava o Alves Pena que rondava os cafês, à procura dos "seus artistas".

— Para onde vão ?.. . É assim que recebem um velho de dicado ?...

Perguntou ele, estacando, com a sua bonita mão num gesto usual, fechando um círculo entre o polegar e o índice.

— Vamos para a arte — respondeu Artur de Almeida.

— Neste caso.. . — retorquiu o boêmio, dando com o ombro — iremos.

— Menos eu... — discrepou Vieira, a estender os dedos aos colegas. — Que tenho serviços.. . são quatro filhos a sustentar !. .. e mulhre ! e sogra !. ..



Capítulo VIII

Era ao rés-do-chão, nas vastas lojas de um velho prédio para os lados da Misericórdia, que Cesário Rios tinha o *atelier*.

— Com licença...

Gritaram do portão, empurrando-o.

O batente pesado ringiu, ríspido, num som farrusco de ferragens brutas e gonzeou, vagarosamente, cedendo, rouque-nho, ao impulso.

Cesário Rios, que trabalhava em grande, avantajada mole de barro, uma estátua colossal plantada em meio da oficina, volveu a cabeça para a porta cocheira. Um clarão irradiou, súbito, no seu rosto rapado e ósseo:

— Olá! rapaziada.

Despegou-se do trabalho, todo pequenino na sua sovada blusa de brim pardo, raspando o asfalto com os gastos chinelos de tapete e estendia a cada um deles o dedinho calejado, com o rórido debuxo duma alegria na boca incisiva de talho:

— Então, que é isto ?.. . Vocês vêm ver o velho que não presta para nada ! Que é isto ?.. . Tudo aqui vale coisas...

Falava apressado, bicando os lábios sobre a dentadura amarelecida e forte.

Os rapazes entravam, um por um, respeitosos, chamando-lhe Mestre. Sob o surrado gorro de veludo grená de miúdas, desmaiadas ramagens à seda frouxa, seus olhinhos de pássaro bravo brilhavam; a sua fisionomia reanimou-se, resplandeceu, circundada do branco puro da cabeleira comprida, aparada sobre a nuca, que lhe dava a seca expressão de um pastor protestante, austero e bom.

Apanhou logo o cachimbo, meteu-o entre os dentes: — Abanquem-se, abanquem-se. Isto aqui é casa de pobre... Não há cerimônias. .. Eu vou dar uns toques neste *bicho*, mas o ouvido fica para vocês.

Os rapazes desfilavam em derredor da mole esculpida, admirando-a, trocando-se comentários à meia voz. Lóssio exaltava as belezas, em atitude de entendedor, elogiando o acabado das formas com um gesto pródigo de mão em concha como se tomasse peso a um corpo e os olhos sonhadores do Sabino evocavam arrogâncias geniais de Miguel Ângelo nas largas linhas do monstro arcabuçado em barro.

Cesário tornara ao trabalho. Parecia mais leve, mais revigorado, indo com maior interesse à sua obra. Um grande alívio ou uma grande esperança predispunha-o. Esteve por segundos, cabeça inclinada, olhinhos minguados para difundir o efeito, amassando, devagar e absorvido, uma bola de Tabatinga; recuou passos, avançou, calculou de olho a proporção e depois, de repente, assaltou a perna gigantesca da estátua, correndo o polegar sobre o tríceps da coxa, fusiformando o volume distendido do músculo *direito anterior* para acentuar a energia pousada do membro.

Uma luz igual, batida de cima, pela vidraça de uma janela rasgada até o teto, descia sobre o enorme recinto. Telas esquecidas, desconjuntadas em molduras de uma pobreza de ouro roído pelo tempo, remendavam a espaços o severo vermelho Van Dyck dos muros; desordenadamente, sem disposições decorativas ou simetria de ordem, cabeças partidas a bustos, modelos anatômicos, *molhagens* de membros, dependura-rados por cordéis, entregues à lepra da poeira grossa e falripas de teias, lembravam soturnas sacristias recamadas de *promessas*. Dividindo a grandeza da loja, corria de parede a parede, um tapume negro, coberto pela metade com medalhões, ovais de lápis-lazúli cavados embaixo relevo, croquis de estátuas, esboços de grupos de monumentos ideados, em cera, em plas-telina, em barro; e, ao centro, sobre peanha, uma pequena moldagem francesa, de corte clássico, do busto de Augusto Comte, alvo de gesso, muito sereno com o seu rosto liso de pároco e o olhar indefinido, vazio de pupilas. Por cima de sua cabeça, respeitando a curva das auréolas e das inscrições so-

lenizadoras, sobressaía o lema positivista escrito a giz, com meticulosidade gráfica, num cuidado de mão que acaricia: "Amor por princípio, Ordem por base, Progresso por fim."

O grupo dispersara-se. Alves Pena, menos seduzido com as belezas da estátua, fora segredar ao aprendiz acorçado a um canto, no preparo das barras de tabatinga que, à força da massagem, estereotipava a compressão dos dedos. O rapaz ergueu-se, dolorido, vagaroso; estava câmbroso pelo excesso da postura e com dificuldade distendia os músculos do corpo, gemendo. Entendeu-se com o boêmio, de quem recebia pal-madinhas íntimas nas espáduas, fez-lhe um sinal concordante e escapou-se por uma aberta do tapume.

Passava pelo ambiente o frescor das primeiras horas da tarde, um cheiro tônico de terra molhada transudava do colosso, aprazia o olfato como absorções do *fartum* das terras virgens, por encostas e montanhas, após a inclemência de uma insolação. . . E, apesar do aparato de ferramentas esparsas, da confusão dos utensílios de escultura abandonados no soalho, havia na oficina uma paz obscura, envolta num doce silêncio de casal remoto, só e feliz na rusticidade do seu teto, à sombra das suas árvores. De quando em quando, um canário prisioneiro, no grimpapé do mesquinho cárcere de arame, em frente à janela, trinava a ópera da sua desgraça, sob a impressão clara da luz, lá fora.

O aprendiz voltou a cochichar com Alves Pena, trouxera uma garrafinha verde, breada do barro das mãos, e ambos acolheram-se num conciliábulo, cuspinhando risadinhas canalhas.

—Mestre ! — disse o boêmio — não quer retemperar a fibra?...

— E oferecia um cálice de aguardente.

—Olé ! vocês também gostam da cana ?

Com uma careta engoliu o líquido, limpando os lábios na blusa:

— Bem. Agora, vamos a uma fumacinha.

Enquanto preparava o velho cachimbo de madeira, atu-lhando-o de tabaco com o dedo ósseo, calejado pelo trabalho, rodeava lentamente a sua obra, observando-a, notando pontos a retocar, comparando as partes terminadas. A grande massa de barro, quase a tocar o teto, erguia a cabeçorra acompa-

nhando o movimento do braço direito que levantava um pedaço de tábua bem alto, como um troféu à contemplação do mundo.

— Ó sr. Rios ! que vai este *bicho* levar na mão ? . .

Perguntou Camilo.

— Ora ! . . . que há ser ? Um livro. Pois você não vê que ele é o *Gênio das Indústrias* ?... Lá em cima vai um livro aberto, a invenção de Guttemberg.

E o Lóssio, solicitamente:

—A ciência positiva de mestre Comte.

—Está bem. É uma boa idéia. Você aí tem um sucesso.

— Qual coisa ! Isto vale nada. Talento só os estrangeiros.

Cachimbou forte, emudecido, alanceado no seu orgulho; mas, logo, começou a mover-se em derredor da estátua. Tudo bem. Pela umidade baça do barro escuro os contornos, as saliências, tomavam à luz o tom uniforme e sereno de uma cera-gem severa. Cesário estacou de frente do seu dorso, a contemplar o vigor da linha, a harmonia titânica dos panos dorsais; os seus miúdos olhos lambiam o monstro; iam-se arrastando lentos e amantes, por este conjunto energeticamente es-patulado. E caminhava insensível, automático, a olhar sempre, músculo por músculo, membro por membro, vendo, reparando, sentindo as felicidades da mão, a segurança dos cortes, numa ilusão de merecimento que obliterava a percepção crítica. Em certos detalhes a satisfação ressumbrava-lhe da fisionomia; demorava-se mais a contemplar, extasiava-se. Assim esteve embevecido a considerar a massa muscular de uma perna que o gênio tinha curvada, calcando um troféu de engrenagens e bigornas, símbolos da mecânica e do trabalho; passou à anatomia do braço esquerdo distendido para trás, em linha oblíqua ao torso, acusando a contensão nervosa dos dedos que apertavam uma galhada de loureiro, foi ao modelado do tronco, às cordoveias do pescoço, à conformação apolínea da cabeça, largamente esculpida, com exageros talhados à antiga na cabeleira curta, atirada em madeixas para o parietal. Camilo acompanhava-o no estudo e como, por vezes, os seus olhares se encontrassem após a atenção de um mesmo ponto, o escultor animou-se, confessou-se-lhe satisfeito: "Não me desgosta. . . este *bicho*".

—Perfeitamente — concordou Camilo —, vai inegavelmente bem. Você é o derradeiro moicano do romantismo.

—Do romantismo !... do romantismo ! — murmurou Cesário, encolhendo os ombros — coisas !. . . palavras.. . moderni-ces... A arte há ser arte, sem rótulos, sem papeletas, sem dísticos... Ela é o que é.

—Mas... — ia objetar Camilo, Cesário interrompeu-o:

—Coisas !. . . O que ela tem é um destino. Isso, sim; é o que ela tem. Quanto a designações são baboseiras.

—Mas... — insistiu Camilo — as artes plásticas acompanham o movimento da arte escrita.. .

Cesário arregalou os olhinhos, sem compreender; o outro, porém, explicou que da cediça literatura, a poesia e a prosa, fizera-se uma arte nova, sobretudo da prosa que vivera sem feição, por parecer uma propriedade comum da externalização espiritual do homem.. . Hoje ela é uma arte, que exige cuidados e sutilezas escapadas às idades anteriores, da mesma maneira que, por observações e experiências, a pintura viera da informe coloração conhecida no Egito, recomeçada nas catacumbas e renascida nos estudos da meia idade à fulguração moderna.. .

Cesário escutava-o quase desprendido da longa explicação, a cachimbar, com os seus sentidos voltados à estátua. Quando o rapaz terminou, recaindo no motivo de classificar de romântica a sua arte, ele tinha-se alheado de toda a questão, nem teve que objetar. Encolheu, outra vez, os ombros, significativamente e, molhando o polegar na língua, foi esba-ter um contorno veioso que se intumescia demasiado numa das hercúleas pantorrilhas do gênio.

Mas, presto e curioso: — Então, que é do Zur?

Camilo sorriu como se aquela palavra, à força de ser pronunciada, fosse uma realidade. Sabino também sorriu, pousado sobre um tamborete, porém crédulo, confiado, prevendo a divulgação vitoriosa do grupo.

—Está feito, Mestre; o Zur é um acontecimento.

—Homem ! feito ou não é que eu não sei, mas a verdade é que muita gente fala nele.. . e tem-lhe medo.. .

Esta confissão inesperada, saindo da boca sincera do Mestre, pareceu-lhes uma consagração. Desataram os cordéis à imodéstia e começaram a comentar as perseguições realizadas,

o efeito aterrorizante que supunham causar aos *acadêmicos*... Cesário atendia-os, a cachimbar com fleuma; por momentos corria-lhe pela máscara escanhoadada a contração de sorrisos, os lábios se lhe retorciam sobre o canudo curvo do pito, agarrado aos dentes; por vezes, ele estalava a língua na palatina, a inculcar sabor, ou aprovando, cauteloso, retirava o cachimbo, salivava de jato esguichado, com risadinhas guturais.

O batente do portão ringiu: era o bacharel Silvério Lima, um amigo do escultor, que chegava. Dois círculos azuis, re-tintos, em aros de ouro, reluziam nas suas órbitas, amarele-cendo doentiamente o seu rosto chato e rude; na sombra, ao fechar-se o batente, a sua figura, vestida de negro, tinha a imobilidade trágica de um mocho fantástico. Ao perceber os rapazes forçou, por desprezo, as carquilhas do mento, pondo o beijo em ressalto e com a unha do indicador cocava devagar, ao pescoço, a cabelugem áspera da barba rasourada, indeciso sobre se devia entrar. Afinal resolveu-se; avançou gravemente para o Rios, com uma pancadinha fraternal nos ombros dele:

— Maestro ! como vai a *nossa* obra ?.. .

Estendeu a mão ao Lóssio e aos demais, curvou, ao de leve, uma simples cortesia, obrigada.

— Cá está.. . vai indo... Mais uns cuidadozinhos e... pronto!

Respondia-lhe Cesário, achegando-se-lhe camaradamente.

O bacharel pôs-se em observação, como via pouco e os vidros azuis aumentavam a raridade vespertina da luz, esticava o pescoço a meter o nariz na estátua, e andou a cheirá-la vagarosamente, paulatinamente, a ruminar umas palavras enco-miásticas, uns conceitos filosóficos; depois afastou-se, procurou notá-la pelo torso, pelas linhas finais do seu ápice, e ficou-se, esparramado defronte dela a fitá-la, com a cabeça derreada para a nuca, como se houvesse adormecido.

Cesário aguardava, respeitosamente, a sua autorizada opinião, mas o bacharel paralisara-se nesta postura incômoda, de lábios entreabertos, os círculos de vidraça azul assestados para a cabeçorra monumental da obra.

— Vai indo, vai indo... mais uns cuidadozinhos.. .

Repetia o escultor. Então, como acordando de um enlevo, o bacharel espalmou a mão no espaço, com ênfase, e recitou com uma voz nasalada e larga, de tribuno:

*Pugna e vinci, o pugna e muori D'un
morir che trascalori Le sembianze ai
vincitori!*

Volveu-se para o Lóssio, cabeceando com os seus óculos azuis à procura dos rapazes:

—Conhece ? . . . hum ! — fez sarcástico, esticando o beijo — É do grande Giovanni Prati. Ah ! vocês só conhecem os franceses. —... Ou as francesas.. .

Emendou Alves Pena, pondo a sua bonita mão em gesto explicativo.

O bacharel cabeceou a procurá-lo e fitou-o com os vidros reluzentes de seus óculos, numa insistência. Alves Pena compreendeu o desdém, dilatou um sorriso negro, de insuscetível, e com o intento salvador de desmoralizar a gravidade pulha do outro, ofereceu-lhe um cálice de aguardente.

Ele repeliu-o — Não; obrigado. Eu não me embriago.

A risadinha tossida, gutural do Rios casquinou seca. Desdobrou-se, rápida, uma contrariedade entre os rapazes, sentindo a espontânea hostilidade daquele homem que cocava as lêndas da cabeleira desleixada; ele, também, enregelou-se numa parcialidade insustentável, prejudicando as intenções conciliatórias do escultor, que se constrangia perante a ani-madversão dos seus visitantes. O bacharel cedeu, retirou-se com a gravidade fúnebre com que entrara, com as mesmas cortesias hostis.

Cesário acudiu admirativo e convicto:

—É um esquisitão, mas uma grande cabeça!

—Que produz lêndas.

Replicou Camilo, sacudindo do espírito a opressão que a irritante presença daquele agressivo, enfadonho e pretensioso, lhe causava.

O escultor tossiu a sua risadinha: — Eh! eh! vocês são esmagadores!

Fêz-se um silêncio. A tarde baixava. Estendia-se insensivelmente, com vagares, uma sonolência de fastio e alquebra-mento. Houve, no ar, uma tímida surdina de pipilos. . . E o silêncio caiu outra vez. Bocejava-se. O aprendiz começou a preparar os molambos para cobrir a estátua, retirando-os de uma barrica — fazia o seu serviço automaticamente, a chupar um mau cigarro sarroso, a boca em arreveso, o olho esquerdo apertado à consumida espiral do fumo. De novo a surdina ensaiou solfejos, estremeceu franzino a baixante quietude roxa do crepúsculo; e parou e ficou-se num *smorzo* de queixa, num titubeio pueril, a morrer quase... pouco a pouco foi-se acordando, ritornelou, emergiu clara, espalhou-se mais alta, desdobrou-se, nítida, em gorjeios agudos em que se alongava a angústia repetida de um chamamento ou a nostálgica saudade duma fronde. . . A última nota inda a vibração do canto ondulava sumindo-se num diluimento de suspiros, fundindo-se no fusco vespertino que mais intenso baixava... Pelos ângulos murais já havia mistérios de trevas e indecisões de penumbras vinham ganhando o espaço, envolvendo também a *grande obra*, esse gênio das indústrias que permaneceria estático e colossal na "posse" eterna de uma *fundição*, onde olhos demorados, que melhor vêem porque mais entendem, viriam procurar um dia, aflitos, o traço criador, a alma do artista vazada na cansustaciação de sua idéia... Da idéia muitas vezes falsa e iludidora ou eternamente incompreendida!...

Já pouco se falava. A paz religiosa da tarde trazia espasmos contemplativos de meditação. Sabino, de olhar esvaído e beicho pendente, acompanhava a faina do Rios e do aprendiz a enrouparem o colosso com panos umedecidos; tinham arrastado para junto dele uma enorme escada em forma de A e, grimpado à altura da cabeçorra do gênio, o escultor ia estendendo os largos molambos barrentos. Lóssio e Atur cicia-vam em palestra a que Alves Pena, sonolento, parecia atender, com a ponta do cigarro apagado no lábio, e despertando uma vez por outra para bebericar os últimos goles de aguardente. Cesário desceu com presteza, o aprendiz fechou a escada e foi arrastando-a para o tapume, alarmando a loja com o barulho do seu peso e o choque tintilante dos seus eixos; depois voltou a ajudá-lo no último enroupamento.

Camilo, abancado sobre um caixote, caíra na sua melancolia intermitente, absorvido numa contemplação de cismas, esquecido de tudo em derredor, a sonhar talvez. . .

— Iribus ! que isto estafa.

Exclamou o Rios, terminando o serviço — "Agora é mais uma ajuda e descanso.. . Vamos nós correr à coxia..." Apanhou o tubo de irrigação e seringou o monstro de alto abaixo. A água, impelida num jato de chuveiro, estalou nos panos, cingindo-os à estrutura monumental do colosso. Estrias deslizantes raiaram o asfalto, sucederam-se, transbordaram, enchar-cando-o. E mais forte, no ambiente, derramou-se o *fartum* de terra molhada.

—Ora, aqui está — despertou Camilo — porque chamam divinos aos estatuários. Foi assim que o bom Deus fez o homem.

—Mas — roncou Sabino, pesado de quebreira — fez mal, porque o habituou à chuva.

O dito morreu desatendido, perdeu-se na tristeza ampla das sombras que mudavam a forma real das coisas. Já aos olhos a oficina distendia-se, alargava-se, tomando proporções vastas, de cavas subterrâneas, num outro aspecto; e com a estátua toda coberta, discretamente envolvida em seus trapos, fazia pensar no anfiteatro dos museus onde houvesse terminado a canseira dos serviços antropométricos para a investigação de um gigante pré-histórico, petrificado no soterramento de cataclismos obscuros. Agachado, de canto a canto, arrastava-se o aprendiz, recolhendo os *esboçadores* e ferramentas. No fundo, sobre a negrura completa do tapume, o busto ges-sado de Augusto Comte esmaecia numa doçura mate, tom sereno de rememoração modesta, que é a patina macilenta das esculturas talhadas para o nicho interno dos recolhimentos claustrais do estudo. Era nesta paz imensa de obra apenas lembrada ao culto limitado dos intelectuais, que ele ia desaparecendo na noite próxima; paz dos justos, lenta e suavíssima, que ainda o fazia dominar com o seu alvaiadecer de túmulo o aniquilamento de todo aquele esforço de espírito que o cercava, que entrava na treva mansa do dia morto, deixando unicamente uma vaga lembrança de existência pelo esmaecer pálido dos medalhões cerúseos. E agora — ele, ele só ! Nem o lema

da sua escola, arrancado ao férvido coração das cartas da Clotilde, nem esse mesmo restava, embora furtivo bruxulear de lâmpada, luciolando aureolizante sobre a sua ereta cabeça inteligente, a que severidades apostólicas puseram securas simpáticas de excluído. Nem esse !...

Um sino tangeu Trindades, som tristíssimo de balido que rolou, cavando o silêncio. E sobre a dormência final do eco, outro mais distante, também gemeu a Anunciação numa plan-gência saudosa de tradições longínquas que vêm, através dos séculos, repercutindo a hora liquescente de uma tarde em Nazaré, segredar à alma humana a inefável poesia da natividade de uma religião, que vive porque é o eterno engano do amor e a doce quimera da consolação.



Capítulo IX

O desrespeitoso gracejo dos rapazes, na exposição de Te-lésforo, ultrapassou do restrito testemunho em que se deu para o conhecimento de todo o mundo literário e artístico.,

A boca babugenta do Feliciano trouxe-o para os *ateliers*, a indignação do "grande artista" não soube ocultá-lo nas reservas do seu critério nem o desculpar com o generoso esquecimento da sua longanimidade. Pelas redações comentava-se o caso, em rodas circunspectas, em torno das escrivatinhas de respeitáveis articulistas macilentos: nos *ateliers* desfibravam-no com recriminações. Excedia da insolência esse desrespeito a Telésforo, o *Extraordinário*, sagrado pelo óleo ciborial da prosa clássica do grave e potentoso conselheiro Costa Vargas, a pena notabilíssima que sustentava os créditos castiços do idioma português na algaravia ignara do falar crioulo, e, ao considerarem as honras que engrinaldaram, nas terras cultas do Ocidente, o ilustre nome do autor desse paradigma da pintura marcial, sentiam no arrojo dos moços a criminalidade de uma inabsolvível tentativa de lesa-majestade.

A procela das censuras não se encastelou, porém, à vista dos rapazes.

Entretanto, algum tempo depois, eles começaram a notar, sem que pudessem precisar a causa, uma má vontade para tudo quanto lhes dizia respeito. Era-lhes difícil, mesmo impossível, conseguir notícias de seus ideados quadros ou efêmeros projetos; o próprio Agrário, que fora saudado, incondicionalmente, com adjetivação feérica, considerado um halo a formar-se sobre a cabeça laureada da arte, não mais lograva uma simples referência nas linhas esparsas dos noticiários e Camilo, por

duas vezes, tinha sido admoestado pelo redator da *Folha*, um luzeiro de metro e doze, escuro como os mestiços insulares da África, que trazia a sua ciência médica e suas convicções republicanas numa enorme sobrecasaca cinzenta e cartola de cas-tor. O moço jornalista embasbacou com a reprimenda, quis explicações ao ouvi-la reiterada e o chefe, a quem se atribuía erudição lexicóloga, empertigou a cabecinha arrogante, hiero-glifou com o indicador um desprezo soberano, porém supondo inexpressão nesse gesticular que escapava à inferioridade, respondeu-lhe capcioso e maciamente num aforismo latino — que era da precaução de atinados não esvaziar os alforjes na distribuição dos favores.

Camilo espichou o lábio, retorquiado com igual desdém, mas bem depressa esbarrou numa imperativa recusa de publicidade a um folhetim sobre o *impressionismo na pintura*, em que o nome do amigo Agrário flamejava como o balsão dos cavalheiros de saio escudado nos prelos das távolas.

Adergou, então, com o motivo, sem procurar estimá-lo na importância maior do que a que ligava às muitas conveniências e servilidades do redator-chefe e, para opor à subserviência do jornalista republicano o seu desassombro de moço, pensou em obter do gravador Forjaz o apoio pecuniário a uma publicação periódica, no gênero panfleto ou revista, em que pudesse escrever independentemente, desacorrentado do ferro das concessões e plantando a haste incurvável do seu galhar-dete revolucionário em anúncio de hostilidades abertas.

Mas, vagando pelos pontos costumários, subindo e descendo as escadas da *Pension Beaumont* onde raramente conseguia trocar palavras com o amigo que se tornara encontrável, gastou semanas a rever, a ampliar, a modificar o seu projeto sem lhe dar solução, até que, já esmorecido e por um acaso, pisou os degraus do *atelier* do gravador Forjaz.

Antônio Forjaz era o resultado do seu próprio esforço, a energia vencedora de uma vontade. Saído da sua aldeia beira, nas vizinhanças escarpadas da serra da Estrela, ainda amador-rado dos mimos maternos, tomara rumo às areias faiscantes das praias brasileiras para tentar a posse do sonhado futuro dos comendadores, mas, refratário à especulação comercial, meteu-se numa oficina tipográfica e desde logo começou a en-

saiar xilografias, que vira trabalhar por um velho parente a quem veio recomendado. À força de vontade e vocação o buril docilizou-se-lhe aos dedos; em pouco tempo as suas gravuras satisfizeram exigências industriais de que resultou para ele larguezas de bem-estar. O seu *atelier* abriu-se a todos os artistas desprotegidos e necessitados, porque obtinha no desenho das madeiras os recursos para fugir à fome; a sua mesa, em casa da família que havia feito, era uma sucessão de tábuas de vinhático cobertas pela toalha alva da paz e da abundância, em derredor da qual sentavam-se os que tinham necessidade do pão alheio e os que tinham coração agradecido; à extremidade, presidindo a honesta refeição frugal, entre uma doce senhora, simples como uma sertaneja, bondosa e solícita, e duas moreninhas infantis, que eram as fibras da sua sentimentalidade, o seu rosto pálido de sedentário, de longas barbas quase brancas, tinha a calma patriarcal de um Abraão.

Camilo foi surpreendê-lo na sua banca de pinho, à luz franca de uma janela aberta para telhados de prédios térreos, o braço erguido sobre o bloco, a escavoucar uma gravura que visava pelo dístico de grande lente fixa. Ao lado, num esban-dalhado sofá de mogno, um sujeito magríssimo, ossos e nervos ressequidos, escassa cabeleira grisalha encrespada em torno da *calotte* nua, pincenê de ouro montado no nariz, manuseava, com indolência, uma revista de arte.

— Há que anos ! .. há que anos não se o vê. ..

Disse o Forjaz suspendendo, por instantes, o trabalho. Nunca estendia a mão a apertar senão os dedos maiores porque não largava o buril, e sem dar tempo a explicações perguntou-lhe como ia de saudinha.

O esqueleto preguiçoso levantou a caveira encurricada, fitou-o, franzindo a testa e ergueu-se com estouvamento:

— Ora, viva ! seu revolucionário. Ora viva!

Vestia um fato claro de casimira inglesa, uma enorme gravata de seda azul-escuro enchia-lhe o peito cavo, agarrada sob o botão do colarinho pelo aro de prata de pretensioso mosaico miniaturado.

— Ó mestre Lorival! Como vai esta bizzarria ?

Apertou, familiarmente, os ossos ao esqueleto que o fixava com os negros olhinhos inteligentes, de uma vivacidade

alegre do garoto, através dos cristais do pincel. O curto bigode, apenas mediocrementemente peludo nos talhos da boca, dava-lhe ao pequeno nariz afilado um retraimento característico das narinas, como se aspirasse, desagradavelmente, um cheiro enjoativo e, sob o maxilar, falripas lanígeras, retorcidas em duas pontas mefistofélicas, rompiam a dureza do queixo largo.

— À espera da trompa de Josafá — gracejou o Lorival, em resposta — ... ou que o ZUT me venha galvanizar... Homem ! a propósito.. .

E desatrelou a língua. Possuía o dom precioso da palestra. Os assuntos ocorriam-lhe prontamente, as respostas saíam-lhe fáceis e eram trocadilhos, ditos de espírito, reminiscências, anedotas, numa linguagem fluente, corriqueira, mas insinuante. Costejando pelos promontórios setentrionais da idade, o seu lastro de vida espiritual pesava valiosamente pela variedade desordenada de um *bric-à-brac* curioso, em que sobressaíam os entusiasmos democráticos da geração de 1854, filiada à escola progressista de Teófilo Otoni, mas, por acidentes que lhe ofereciam assuntos de faceta irônica, atirou com a sua mocidade sobre uma escrivãzinha de secretaria de Estado, onde começou a apodrecer alegremente para não encurricular-se na seriedade burocrata de "um bacalhau seco". Solteirão e boêmio à sua maneira, ganhando o bastante para uma existência meã, empregava as sobras dos seus vencimentos na aquisição de modesta coleção de arte, que ele farejava e catava por todos os belchiores, regateando com impertinência para a posse de tudo quanto lhe parecia valioso e original. Esta agradável e inofensiva monomania atraiu-lhe a camaradagem dos artistas, aos quais prestava o apoio da sua pena de folhe-tinista e crítico-amador.

O caso do *Zut* interessou-o. Ele se lhe referia com expressões simpáticas, a confessar que fora dos que, a princípio, embasbacaram com o termo, achando-lhe, contudo, um sabor boêmio e algazarrento depois os seus ossos ringiram e desengonçaram numa tétrica macabrice, ao ritmo da dança de Saint Saens, mas por crises de gargalhadas com o susto de Telésforo e a caricata oscilação dos sarrafos pintados do panteão... E, não sabia Camilo que Telésforo andara de redação em

redação a queixar-se da ofensa ? . . . Pois fora. Até parecia um irmão Inácio esmolando da caridade cristã !

O Forjaz desembuchou uma risadinha e, sem largar do trabalho, disse que o caso não valia os comentários que se faziam . . . Fora uma troça de rapazes, nada mais. . . Posto que ele

— explicou, parando de escavoucar — admirasse o talento de Telésforo, era um vencedor !

— Não se lhe contesta, sr. Forjaz, não se lhe contesta o mérito — pulou o Lorival —, unicamente desconta-se-lhe o valor excessivo que lhe pretendem dar.

— Com sinceridade o sr. Forjaz acredita nesta vitória ? — perguntou Camilo.

— Como não ? se eu lha reconheço.

— Neste caso, perdoe-me dizê-lo — está iludido. Telésforo será *um vencedor da vida*, mas nunca um artista vitorioso. E, se não, diga o senhor que originalidade ele desenvolveu e apresentou na sua obra, qual a escola que ele chefia ? Tudo o que vemos nesse quadro, tudo, sem exceção de um ponto, já foi feito, já foi reproduzido, é um composto de regras usuais e cediças. O ilustre Telésforo não teve mais que combinar e arrumar o que encontrou à mão, a exemplo de outros, aos quais se nega os menos escoreitos encômios. Pedíamos, no entanto, uma maneira nova de pintar, o modelado seguro, palpitante dos mestres contemporâneos, um arrojo de cor ou de pincel, alguma coisa que nos empolgasse de improviso ou nos atraísse paulatinamente, fascinando, e nos obrigasse a murmurar emocionados — aqui está um artista ! E tem, o nosso amigo Forjaz, esta emoção diante da obra de Telésforo ? Diga-me o sr. Forjaz: tem esta emoção ? . . .

Antônio Forjaz despegou-se outra vez do seu bloco. — Mas, sr. Camilo, por esta doutrina são raros, são raríssimos, os que têm direito à glória.

— Certamente !

Carregou de novo o Lorival, pulando no meio do *atelier*. Os berloques da sua *chatelaine* tiniram.

— Nem se discute ! — ajuntou Camilo — os inovadores, os gênios das reformas não têm a propriedade dos cogumelos; mas, quando não se possui a chama criadora, faz-se necessá-

rio, para conquistar os planos projetados pela glorificação, um mérito, um valor provado que destaque o indivíduo da vulgaridade. . . Demais, não é, como pode supor o nosso bom amigo Forjaz, uma questão de indisciplina da idade, esta revolta contra a preponderância de Telésforo. Nós todos sabemos que os mestres de *ontem* sofrem os ardores rebeldes das gerações sucessoras. Vinci teve a oposição do nome de Miguel Ângelo, como esse a do de Rafael; nós todos sabemos que a obra-prima de Wateau — o *Embarque para Citera*, — foi alvo das bolas de pão dos discípulos de David numa sala da Academia de Paris, como — o *Rapto das Sabinas* — não ficou incólume sob as chufas da meninada contemporânea do ainda estudante Delacroix. A mocidade não se exime ao domínio do em voga. Ela é a impulsora do seu tempo ou, em outros termos — o esforço vitorioso da própria moda... Mas, amigo sr. Forjaz, o nosso caso é outro. Não temos um nome a opor ao de Telésforo, uma simpatia para sufocar uma antipatia; não se trata de merecimentos em concorrência, nem de nomes em moda. O nosso caso é de justiça na distribuição das palmas. O que exigíamos de Telésforo, note o senhor que preciso o termo, o que *exigíamos* desse vencedor era á sua vitória. . . Onde está ela ?.. . Ele criou alguma coisa ?... Modificou as linhas do arabesco acadêmico ?... Alcançou alguma perfeição no expressivismo das suas figuras ?.. . Descobriu processos de pintura que nos dessem efeitos novos. . . Fundou a arte nacional ?.. . Espero que se me satisfaça estas interrogações, porque essa obra parece-me vazia de tais predicados.

O gravador curvou os ombros, subjugado, continuando a sua tarefa, e logo saiu o Lorival com outro argumento que fazia desconjuntar, estalar a reputação de Telésforo. O grupo dominante que o conselheiro Costa Vargas dissera "a mais grandiosa criação que jamais o engenho humano deu forma objetiva na superfície do painel", não passa de flagrante reprodução da *Batalha d'Austerlitz*, de Gerard; os demais grupos são cópias flagrantes das composições de Horácio Vernet, de Yvon, de Philippoteaux. Viva o gênio ! Toque-se o hino.

Forjaz recuperou ânimo, não quis desfraldar-se da sua admiração sem opor às investidas dos críticos os últimos argumentos : — "Pois, senhores, estou boquiaberto!.. . E ainda

rnais me pasma esta ovação que lhe fez a imprensa, unanimemente, sem discordância de um só jornal!

— Ora! — exclamou Lorival — a imprensa! A imprensa entende tanto de arte como eu de sânscrito. Não há muitos dias, encontrei o conselheiro Costa Vargas extasiado de admiração diante de uns quadrinhos da mais reles, da mais infame carregação de *bazar*, e o chefe deste nosso Camilo, que publicou dois artigos sobre as decorações da capela Sistina, perguntava-me, uma ocasião, o que vinha a ser pintura *afresco* ... Aí está o que vale essa coisa informe, pegajosa e incolor que se chama crítica de belas-artes no jornalismo indígena. Aqui tem o nosso amigo, diante de seus olhos, um exemplo das habilitações dessa crítica: aqui me tem, a mim, Lorival de Abreu, que apanhou nos livros umas tinturas de arte e prepara neurastenias com o esforço de receptividade das suas células emocionais.

Camilo tinha acendido um cigarro, esperando que Lorival terminasse para "lançar" o seu projeto. A oportunidade clarear com as referências do folhetinista. E, procurando cortar a probabilidade da volta à questão de Telésforo, falou na necessidade de uma propaganda ativa em favor da estética moderna, que nos chegava por informações de correspondências estrangeiras, nas colunas da imprensa. Fazia-se urgente a fundação da revista que desenvolvesse o gosto público, iniciasse-o nos progressos da arte européia, despertasse-lhe o interesse por esses assuntos. E isto só se alcançaria numa revista, numa publicação periódica que consentisse a seriedade dos artigos e a independência na externalização das opiniões... Poderia ser feita com cuidado, bem impressa, acompanhada de reproduções de alguns quadros notáveis... Seria uma publicação de valor, onde o amigo Forjaz teria margem para demonstrar os seus méritos de xilógrafo... E não estava o amigo Forjaz por largar uns cobrinhos para a tentativa?

Forjaz cocou a barba sob o queixo, ponderativo e grave — "É dinheiro perdido !... Neste país o que se quer é isto que estou a fazer, grosseria, coisa de comércio..."

— E por que se não há de combater este defeito ? — protestou Lorival. — Sejam fortes, resistamos à estupidez.

— Sim; porque, se não houver resistência seremos nós os esmagados — acrescentou Camilo, encorajado pelo espontâneo concurso do companheiro. — O sr. Forjaz tem o exemplo em si. Considere o que pôde alcançar por seu esforço, considere que aproveitamento teria tido se, em vez de se contentar com este trabalho puramente industrial, se dedicasse a produtos de arte, como os alemães... E por que o sr. Forjaz não o fez?... Certo que não foi por incapacidade, mas por circunstâncias mesológicas, porque o meio lhe não consentiu...

O rosto macilento do gravador teve uma alegria e, num gesto de aquiescência que lhe curvava os ombros, atalhou:

— Só mais tarde, só mais tarde, sr. Prado, poderei dar-lhe a resposta. Por enquanto as coisas vão mal, vão muito mal. E, creia, sinto que lhe não possa prestar desde já o meu apoio, porque me tenho na conta dos seus mais exaltados admiradores. Creia.

— Que diplomata!

Exclamou o Lorival, ajeitando o pincel; na falange do mínimo reluzia uma jóia, um rico gravado de ametista. Camilo admirou-a: — Estás com uma preciosidade! Deixa-ma ver.

O esqueleto farsista estendeu a mão encarquilhada, a explicar como tinha desencavado a raridade nos bolsos de um mendigo, mas, caso estranho, detalhe de um inestimável sabor romanesco! — era um fecho de liga.

— De liga! ?

Pulou espantado, na sua cadeira, o gravador Forjaz.

— Sim, de liga. Eu ainda possuo o fecho.

À confirmação do Lorival o gravador esgazeou os olhos, pasmo, emocionado diante daquele luxo asiático; e com a boca babada de assombro ia dizendo — que devia ter pertencido a alguma rainha... E, então, esse *misterioso* mendigo talvez fosse um emigrado político, um príncipe nilista evadido da Sibéria...

— Não sei. Comprei-o a um mendigo boêmio ou turco, ou nazareno, um mendigo imundo, como de enxofre e grenha trevosa. Numa tarde de lama, por intermitências das chuvadas de junho, aproximou-se de mim um maltrapilho a choramingar

piedade, repeli-o com asco porque o desgraçado cheirava mal; ele teimou, insistiu, e como eu o ameaçasse com a hipérbole do concurso policial, sacou do bolso esta preciosidade, ofereceu-me por qualquer preço.. . Estive para estender-lhe quinhentos réis, mas, temendo perder a ocasião, propus-lhe dois mil-réis, recusou; lancei mil-réis a mais, ele recusou ainda; desdobrei-lhe aos olhos ávidos uma nota de cinco, novinha em folha farfalhante e de um lindo amarelo de oca, o desgraçado ganiu o quer que fosse, aceitou-a, talvez iludido com o seu valor.. . Desde aí desconfio de consangüinidades semitas na minha origem.. . Eis a história, algum tanto descorada no *estilo* para não chamar sono à necessária atividade do nosso amigo Forjaz.

—É interessante... — murmurou Camilo, ia voltar ao caso da revista, reatar os pontos da proposta, quando o gravador insistiu na narrativa do Lorival.

—... E a cara dele, sr. Lorival ? . . E a cara dele não era a de um fidalgo, não tinha traços de gente fina ?

—Se me não falha a reminiscência era um tipo entre São João Batista, das sacristias, e Murad-Bey.. .

—Conheceu Murad-Bey?...

—Não senhor.

—Pois bem, pode acreditar na minha palavra; esse mendigo era o retrato vivo do famoso Murad-Bey, o célebre aliado de Kleber.

—Mas — retornou o gravador — eu creio que não há nada de estranhável nem de ridículo na minha suposição.. . Esse mendigo esfomeado, com cara de fidalgo, essa jóia de valor. . .

—Talvez — conjecturou Camilo para satisfazer a curiosidade do gravador — houvesse pertencido a alguma favorita.. .

O Forjaz meneou a cabeça, concordante; Lorival, porém, rompeu numa contestação: — Favorita com meias ! — E os seus olhinhos brilhavam através dos cristais, a medir o jornalista. — Onde viu você semelhante coisa, senhor crítico de arte ?

Camilo encafifou. Realmente, fora uma cincada desmoralizadora. Sorriu, desculpando-se com o estado febril em que a curiosidade trazia o amigo Forjaz, tornava-se-lhe urgente um calmante, um paliativo, embora sem resultado eficaz.

—É, o Lorival tem razão — voltou o xilógrafo, obstinado nas conjecturas —, tem razão; as favoritas não calçam meias, segundo nos ensinam as gravuras e os quadros. Neste caso seria de melhor aviso atribuir esta liga a uma rainha...

—É possível... mas, inclino-me com bons motivos, a supô-la utensílio de uma meretriz.

— De uma meretriz ! Que, sr. Lorival ?

Retorceu-se o Forjaz, abismado.

—Sem dúvida! Creio mesmo que já li, não sei onde... Se me não engano num livro que atribuem a *sir* Richard Walla-ce, que no leilão de Alphonsine Plessis mais conhecida por Margarida Du Plessis, a célebre *Dama das Camélias*, de Dumas Filho, figurava entre os lotes cobiçados um par de ligas com fechos de ouro e ametistas gravadas... Ora, essas ligas foram adquiridas a preço de luíses por um grande *viveur*, o barão de... três estrelinhas, diz-nos discretamente o autor; é bem possível, pois que o senhor três estrelinhas houvesse constelado com elas as deliciosas pernas de alguma estrela e como os astros do firmamento de Cítera desabam na lodo, a garra desse mendigo pouco trabalho teria para ir até a sarjeta...

—Ou, quem sabe ? — acrescentou Camilo — esse mendigo não seria ele próprio um decaído ! Esquife abandonado de uma pobreza que se perdeu nos esbanjamentos da fortuna?... Nada de maravilhoso, amigo Forjaz, neste caso hipotético; os romances são a vida triste da triste humanidade. O fidalgo enquanto teve dinheiro impou de invencível e soberano pelo asfalto indigno de seus pés, porém, estendido para o casco ferrado dos seus puro-sangue. Não contou o venturoso que os bilhetes bancários ficam na mão da fatalidade, dando passagem para a miséria!.. . E um dia chegou em que os brasões de seus antepassados valeram menos que o caldo de sebo das tascas. O infeliz ensaiou, então, os expedientes, passou às ma-rroteiras, caiu no descrédito que tem a porta de entrada nas tabelagens e a saída no pátio das prisões...

—Com licença — objetou Lorival —, tomo a liberdade de prevenir-lhe que tenho o meu fraco pelos romances.. . mas escritos.

—E eu declaro ao sr. Lorival que o meu requinte imaginativo destina-se ao sr. Forjaz.

—Dou-lhe ouvidos, sr. Prado, tenho muita honra em dar-lhe ouvidos, que a sua história é interessante. .. talvez seja verídica !
—Qual verídica ! Isto é patranha, patranha a Munkau-sem. Quer o senhor saber a verdade do caso ?... Eu lha digo. Esse mendigo era...

E Lorival andou nas pontas dos pés a espreitar os cantos, depois veio para eles, arrastou Camilo para junto do gravador, curvou-se confidencialmente e, temeroso, soprou-lhes nos ouvidos, numa delação aterrorizada:

— ... Era... Jack, o estripador !

Forjaz aplaudiu com um bom riso jovial, sem melindrar-se; Camilo arredou o farsista com desdém:

— Sai, mistificador !

E entre os portais, ereto e mudo, surgiu um rotundo Jonh, como se fora um agente secreto da polícia londrina acudindo à indiscrição de uma cumplicidade.

Foi um espanto.

—Entre, sr. dr. Pais Ferreira, entre. Este teto é de amigos. Disse-lhe o xilógrafo. Lorival perfilou-se a militar:

—Continência à Direção das Obras Municipais.

Pais Ferreira entrou grave, em passadas, num terno cinzento, de fraque e guarda-sol na mão e sob o sovaco um embrulho quadrado. Vinha suado e esbaforido, depositou sobre a banca do Forjaz a sua cartola de castor negro.

Subiu para descansar um pouco e, como a ocasião faz o ladrão, aproveitou-a para roubar-lhes alguns minutos com uma bobagem, porque, agora, depois de velho, dei para coisas que só se toleram aos moços.

— Versos ?

Indagou Lorival, esticando o pescoço pelanquento, de galinholo morto, e já as pupilas esfuziando irônicas.

Pais Ferreira crispou de sarcasmos na boca sensual, relan-ceou olhares dubitativos para o lado de Camilo, mas o folhe-tinista apresentou-lhe o moço, assegurando-o de "que era um distinto camarada, digno de apreço e estima por seu talento... Era notável crítico de belas-artes".

— À vista destas honrosas e, certo estou, justas referências retorquiu Pais Ferreira, suspendendo a trabalhadeira de de-

satar o nó ao barbante do embrulho —, o dito por não dito, porque o meu pecado não pode ser indiferente ao ilustre senhor.

— É algum desenho ?

Lorival inquiriu, teimoso, com mais curiosidade. — Andou por perto — esclareceu o doutor —, não é propriamente um desenho, tem do desenho e pintura.

— Olá! Vamos a esta habilidade. Como sabe eu tenho pela pintura uma predileção que me ridiculariza, tanto ela se aproxima da mania.

— Não se constranja, sr. doutor, não se constranja; — aconselhou atenciosamente o Forjaz — mostre-nos mais esta feição do seu talento, que há de ser digna... . Aqui o sr. Prado é um amigo.

— Só com uma condição — disse Pais Ferreira voltando-se para Camilo —, é a de esquecer-se das suas habilitações. Quem está diante do senhor possui unicamente o boa vontade de um curioso que não é, em absoluto, destituído de alguma inteligência.

— Diga antes — de um grande talento.

Emendou Lorival.

— Oh ! senhor... — E Camilo desfez-se em cortesias, protestando contra a posse de qualidades que foram apontadas pelo companheiro. — Eu, também, sou um amador, sem os méritos do sr. doutor...

— Sendo assim, cederei confiadamente.

Agradeceu Pais Ferreira, ia voltar ao nó, mas puxou o lenço, enxugou o largo rosto rubicundo, cortado por duas patilhas em costeletas, tão ruivas e ralas que, a distância, com fundiam-se com a tinta apoplética da sua epiderme. Transpirava copiosamente; o colarinho vergara os bordos, metendo-se-lhe pela gola do fraque, sob as roscas do cachaço tourino. Volveu a trabalhar com seus dedos gordos e curtos no barbante atado, mas, por outra vez, deixou a tarefa para acender um cigarro. Lorival acudiu à faina de desatar o nó, o xilógrafo também aprontou o buril para cortar o nastro quando ele, de cigarro na boca, decidiu a dificuldade com a chama do fósforo.

—Para a espada de Dâmocles o fósforo de Pais Ferreiral...

Exclamou Lorival a meter os ossinhos dos dedos pelo embrulho, porém o doutor foi presto, sacou do papel um quadrado da tela, cheio de figurinhas, sobrecarregado de cores, como páginas de álbum de cromos para a distração infantil.

—Dei agora para isto, é uma mania se quiserem, mas que me distrai imensamente.

Colocou a tela sobre uma pilha de *in-folios*, que adormeciam na paz poeirenta de antiquário consolo derreado. O Forjaz suspendeu o buril com respeito. O doutor vindo observar a colocação da sua obra, preambulava, modestamente, que era apenas um ensaio, uma tentativa de quem só contava com os seus próprios esforços.

Olhavam com curiosidade: num metro quadrado de tela havia uma barra azul, chapada e crua; laivos alaranjados formavam a descida gradativa do horizonte pincelado de ama-relo-jalde, zebrado de borrões roxos como cirros crepusculares; uma linha quebrada em ângulos escurecia ao fundo, depois era um verde desesperado, sem gama, e uma variedade de bichos, de traços negros a fingir espiques, troncos, ramarias... e pedras cinzentas, róseas, vermelhas, numa confusão irritante, numa dureza de recortes oleografados.

—Que tal ? hein ?... — interrogava o amador.

E como não obtivesse resposta, explicou que "era uma paisagem característica em que procurara reunir os três reinos da natureza. Tudo isto, tudo, é observado cuidadosamente, é reproduzido com a máxima fidelidade". Aproximou-se do quadro, estendeu o dedo duro a umas coisas verdes:

—Temos aqui, por exemplo, a *cyatheacea camambaia* dos tupis, a samambaia vulgar... Esta outra é a *asophila mierssi*, *asophila procera* da Serra dos Órgãos... Enfim, a nossa incomparável flora, a que prestaram culto os Martius, os Agassiz, os Darwins...

A sua voz nasalada abria, longamente, as sílabas finais das palavras numa moleza adocicada e cantada; e o seu dedo gordo corria pelos borrões sarapintados a explicar os espécimens com o arrevesado nome das catalogações científicas. Depois bojou-se diante de Camilo:

—E que tal ? hein ?

—Magnífico ! — gemeu o rapaz. — É uma arte que instrui. Pais Ferreira sorriu glorioso.

— Diz bem. Eu sou dos que pensam que a arte tem uma missão nobre. O inútil não existe. A paisagem pintada é o arquivo das belezas naturais de uma região... E, se não, diga-me: Para quê Deus deu ao homem os pincéis e as tintas ? Para quê ?...

E ficou com o olhar parado sobre o rapaz, momentos após voltou-o para o gravador, para o Lorival, a insistir na sua interrogação: — Para quê?

Fizera-se um silêncio. A luz forte escaldava as telhas do casario terreo em frente à janela; em alguma construção vizinha, pedreiros cantavam melopéias gementes, ritmando o impulso de pesos guindados e, do movimento das ruas, chegava, de vez em vez, o bruto rumor dos carroções, abafado pela distância; os muros estremeciam, abalados.

—... Sem dúvida — concluiu o doutor — para immortalizar pela cópia as belezas do seu fértil jardim.

Mas, sem perder o gesto do dedo autoritário que se enris-tara no espaço, acrescentou com entusiasmo: "Porventura terá o artista um espírito pueril, que não medita, não raciocina, não tem deveres ?..."

Camilo arfou, emudecido; agarrou um cigarro, chegou-lhe fogo quase a queimar os dedos. Lorival berrou uma concordância, que fez tremer o Forjaz absorvido na audição deste delicado ponto de estética.

Pais Ferreira respirou largo a sua alta missão na Terra:

— O nosso dever é este, é o de reunir a arte à ciência, num consórcio enobrecedor. . . Por exemplo: — aqui têm os senhores estas pedras. Estão vendo ? Ao princípio se lhes não dará grande importância, parecerão um capricho do pintor para embelezar um dado ponto do quadro, mas. . . notando a sua cor, a sua forma, estes veios, se verificará que são um conjunto proposital para os olhos claros da ciência, quero dizer, do naturalista !

E continuou a discorrer sobre o seu quadro. Entrara na explicação das figuras. Com a nomenclatura zoológica ele dissertava sobre os hábitos de cada indivíduo, fazia uma ex-

tensa preleção Catedrática, a que procurava amenizar com anedotas de excursionista.

E o dedo gordo marcava com autoridade:

— Isto, este bichinho insignificante para os senhores, é um exemplar de *sciurus*, da espécie *sciurus brasilienses* de Cuvier, o nosso esperto caxinguelê, comum em todo este vasto Eldorado que se estende do Amazonas ao Prata. Na minha província, os caçadores...

Camilo, encostado à parede, mãos mergulhadas nos bolsos, mordida o cigarro, resignadamente. Quase não ouvia a preleção do doutor. O seu pensamento volvera ao projeto da *revista*. Talvez o Forjaz cedesse. Era preciso entusiasamá-lo, falar-lhe mais persuasivo, deleitar o seu amor-próprio na promessa de uma recompensa moral.

— . . . Tudo isto, tudo isto, é nosso, exclusivamente nosso — prosseguia Pais Ferreira.

Tinha regressado à botânica, que, a par com seus propalados méritos de engenheiro, formava o seu cabedal de diletantismo científico, galardoado com diplomas honoríficos de várias academias estrangeiras.

À proporção que falava ia despejando pelas narinas as fumaraças que chupava ao forte cigarro de palha. Lorival também consumia uma *cigarette* caporal. O ar toldara-se de tabaco queimado, tornara-se acre. Forjaz pigarreava, escarrava, de jato, às paredes, excitado pelo fumo que lhe era insuportável. E no ambiente asfíxiante, a voz monótona, cantada e melosa de Pais Ferreira, provocava sonolências de es-falfamento, numa prostração narcotizadora. De repente calouse, e dando com o olhar no Lorival que o observava, com a cabeça erguida, nariz no ar a desenhar-lhe uma expressão de enfado, inquiriu dele "que dizia da sua obra ?"

—Eu... Eu.. . — Lorival gaguejava, aflito, em busca de uma frase; seus ossos enroupados moviam-se desordenadamente, as mãos procuravam-na pelas algibeiras, nos botões do colete, nos berloques da *chatelaine*, atarantadas e febris:

—Com franqueza, Pais Ferreira, nem sei o que hei de dizer. Tudo isto me assombra !

Pais Ferreira enrubesceu, aturdido.

—... Talvez, por que não presta?... não é hein?... — Interrogou com lentidão, suspeito, apreensivo.

— Ao contrário, homem! Antes pelo contrário. Porque nunca imaginei que, vivendo um pobre ente absorvido por cogitações da ciência, pudesse ter sensibilidade tão extraordinária! Você é um artista!...

Lorival engasgou-se com a inflexão que pretendia dar à palavra, mas, acudiu, temendo molestar o doutor:

— Com sinceridade, você é um artista!

Mansamente e envaidecido Pais Ferreira perguntou:

— Porventura não foi o nosso velho José Bonifácio um poeta?... e dos mais *mimosos* ?...

A palavra ficou boiando, abandonada nas ondulações da sua emissão. Ele próprio concentrou-se, esgotado de idéias. Lorival tinha apanhado o chapéu de feltro branco, metera-o na cabeça, disposto a safar-se e trançava o seu braço ao de Camilo com intenções misericordiosas. O engenheiro, porém, rogou-lhe o obséquio de atender, por alguns minutos, a uma leitura — "bem sabia que abusava da sua camaradagem, não obstante, conhecia-lhe o coração, tinha certeza de que se acolhia à mais provada condescendência... Era uma notícia, que pessoa da sua amizade tivera a gentileza de escrever sobre a sua paisagem... (porque ia expô-la) — asseverou, gravemente, em parêntesis.

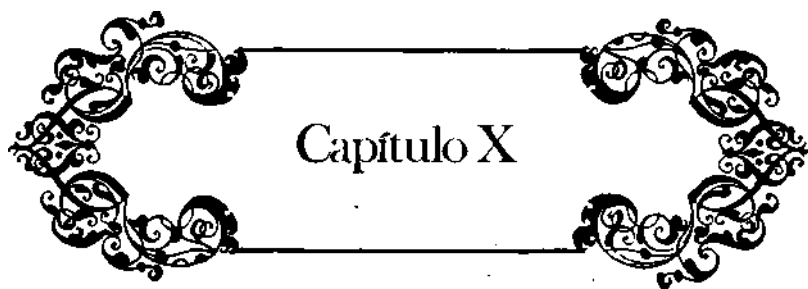
O pincel de Lorival desengatou-se-lhe, e logo seus movimentos nervosos puseram os pobres ossos numa lastimosa atividade de dedos. Ao cabo de esforços engatou o pincel e com um rancor disfarçado, esperou a leitura.

Pais Ferreira sacara do fundo do bolso umas tiras de papel, tinha-as desdobrado diante dos olhos e começou a ler os elogios com que se recomendava ao público "essa obra, talvez imperfeita para os exigentes, mas inegavelmente trabalhada com uma inteligente paciência que chegava à minúcia dos miniaturistas, donde o seu valor pela verdade dos importantes espécimens da incomparável riqueza brasileira de que dava copiosa e sintética amostra".

— Agora, já não é ao insigne pintor a quem tenho a honra de apertar a mão em despedida, é ao ínclito literato... Ambos extraordinários!

Pais Ferreira pretendeu dissuadi-lo dessa suposição, o artigo não era seu... garantia sob palavra, mas Lorival não lhe deu ouvidos, arrastou Camilo para a escada, aos tropeços pelos íngremes degraus do *atelier*. Na rua estacou exagerado, aspirando o ar livre, sob a luz dourada do sol e rilhando os dentes, transfigurando a caveira numa carantonha vingativa e possessa, disse ansiando:

— Rendo graças a Deus por não estar armado !... Senão. ... teríamos uma tragédia — Pais Ferreira no necrotério, Lorival nas masmorras.



Capítulo X

Já se iam contados trintas dias que ninguém sabia de Agrário; o único que poderia adiantar informações era Camilo, mas este, também, estava senhor do mesmo sabido romance que todos contavam: Agrário desaparecera do quarto do primo, Henriette desaparecera do quarto do cambista.

Quando Melo Castro, a cofiar o seu grande orgulho de bigode louro, lhe participou, nervoso, de que o pinta-monos batera com a *fraldiqueira* para uma toca desconhecida, Camilo não fez nem um movimento de surpresa, concentrou-se abatido, hipocondríaco, antevendo o irremediável desastre do *Zut*.

E nessa mesma semana, inesperadamente, apareceram na *Glace Elegante* dois retratos de apopléticos comendadores pa-lermas — pintura lisa e chata, como a fatura de que o Le Grand tinha a patente de invenção. Que seria ? Andou pelo espírito de todos o impertinente moscardo da interrogativa. Em vão procuraram o motivo da tremenda *apostasia*, em vão buscaram em complacência explicativa de necessidades a causa do estranho transviamento. Agrário continuava oculto, na *toca* ou em um ninho, deixando sobre sua ausência a aflição de uma dúvida.

Com a exposição dos retratos a *Ilustração Semanal*, do Saurel, encontrou oportunidade para arremeter contra o grupo. Em duas colunas do texto, a folha caricaturista louvava o pintor por ter provado que não era ele o chefe (como se propalava à boca miúda) desse *bando de tolos e presumidos*.

A violência do Saurel tocou a postos nas avançadas dos jornais. Secundando o arremesso da *Ilustração* outra folha, mas essa diária, de tiragem notável, instigada por Telésforo,

lançou desentrelinhado de doutrinário estético e com parêntesis propositais, descobrindo o intento do artigo, apedrejou valentemente "a pulha pretensão de uns paspalhetes jactanciosos que se julgam capazes de, com arruaças e insubordinações de malcriados, anular e destruir o valor de reputados artistas..."

A reação fora sempre surda,-movida cautelosa e matreiramente pela habilidade de Telésforo, em desabafo daquele *vitorioso* sábado de outubro, fomentada pelos perseguidos, à socapa, rastejando por intrigas e vilanias sob a sistemática oposição dos *acadêmicos* à entrada do grupo nos cursos oficiais; mas, nesse dia, rompeu considerações e vinha franca, descoberta, resoluto, em assalto vencedor sobre a descuidada alegria desse pobre rapazio a que falhavam aspiração determinada e razões de resistência.

O grupo recebeu o ataque sem compreendê-lo, Julgando-o uma sortida prestes a espatifar-se na chacota costumária; mas o reforço do choque, sob a poderosa carga dos jornais, depressa espalhou o terror. À tarde o aquarelista Vieira apareceu, em fiado de desconfianças, pálido e lacrimajante, protestando que não estava disposto a "perder o seu futuro, tinha família a sustentar. .. tinha filhos..."

E o fuinha do Sousa veio cheirar à porta da Havanese o que se decidia... "mas, não se decidindo coisa séria, ele não queria embrulhos, estava farto de desassossego, até já havia perdido uma viagem à Europa por causa do *Zut!*"

Sabino e Franklin ouviam as recriminações, calados, jungidos ao mesmo ideal, porém inutilizados pela impossibilidade de ação; só o Lóssio protestava, em voz baixa, levantando o pulso magricela promotor de socos incríveis à pulhice da mestrança condecorada. A presença de Camilo fazia-se urgente. Por vezes Sabino arrimou-se ao portal, desalentado; gestos obscenos, disfarçados na aba cossada do fraque, contraíam a mão do Franklin, e balbucios obscuros ziguezagueavam por seus lábios. Cortava no ar um friozinho úmido de começo hibernai. A multidão noctâmbula passava. Vultos encapotados entrecruzavam-se pela estreiteza da rua; burguesinhas amareladas, abrindo olhares cobiçosos para as vitrinas iluminadas, seguiam pelo braço de seus homens circunspectos;

algumas toaletes de teatro eram adivinhadas sob os metros confeccionados de casimiras à *water proof*..

— Ali vem Camilo — apontou Sabino para a calçada oposta.

O rapaz se aproximava, numa lentidão de abatimento. Emergira da sombra de uma grande casa fechada, e logo a viva chama dos faróis de duas portas de modista banhou-o por inteiro: o seu rosto parecia mais macilento, mais afadi-gado; os fios pendentes do seu bigode, que crescera e se avolumara ultimamente, envelheciam a sua doce fisionomia de tuberculoso romântico, espiritualizada pelo vago olhar doentio e queixoso. Já se lhe notavam privações ocultas, íntimos suplícios de existência necessitada, um abandono de cuidados nas roupas destingidas, enrugadas, túmidas de bócios, na articulação dos braços, dos joelhos.

Franklin saiu ao seu encontro, febricitante por lhe ouvir a resolução, porém ele encolheu os ombros: — Que fazer?... Tudo perdido. A Academia estava com a força, tinha a imprensa, tinha a sociedade, tinha o governo.

Sabino arriscou, tímido, numa voz quase chorosa:

-E a *Folha* ?

— Pôs-me no andar da rua.

Por minutos, dessoros de lágrimas intumesceram as pálpebras dos dois *dissidentes*. O friozinho hibernai cortou mais forte. Camilo teve um arrepio. Entre eles a sotumidade da esperança perdida lavrou um longo mutismo pressago.

Alves Pena surgiu dentre os transeuntes, aos tropeços, cambio, adormecido, olhos sangüíneos e turvos.

— Queria saber.. . — oscilava, a cuspir, a procurar idéias. — Queria saber... do que havia. — E a insistir em sílabas mastigadas, repetindo palavras, esforçando-se por emitilas, por libertar-se da gagueira regougante que o acometia, expunha confusos projetos, um hebdomadário para combater os *trancas*, dizia, para achatar a súcia.

Ouviam-no desatentos, esquivando-se do seu hálito pútrido. Eles também tiveram essa idéia, mas o capital, esse imaginário saquitel de lona, rotundo de moedas, aparrado e farto, desafiando a cobiça humana com as suas pintadas cifras a negro; o capital, a sonante, a maravilhosa força de empreen-

dimentos e vitórias, antolhava-se-lhes como um espectro. O boêmio, no entanto, retorquia que era facilimo arranjar capital.

— Que !... hum !.. . Capital ?.. . hum !.. . cap!... cap... E emperrava, amnesiando, batendo as pálpebras congestas, o corpo a vacilar como uma velha barcaça de ferros. A língua tornara-se-lhe pegajosa, arrastando-se nos esforços da vocalização que desprendiam bafios nauseantes de cloacas. Enublara-se-lhe a percepção da realidade: aos gorgolejões de palavras emaranhava contradições, depois mascava uma porção de fantasias abstrusas, coisas insensatas e inquietadoras. A mão tremia-lhe numa pertinácia de crise nervosa; na epiderme um tom oleoso de suores fétidos relaxava-lhe os músculos. Ia a pior. Por esse tempo, uma tosse cavernosa amiudara os acessos e o olhar, de quando em quando, imobilizava-se atônico, estúpido, alteando as pupilas para o bordo empapuçado das órbitas com espasmos de rês vitimada.

A dolorosa impressão, que esse alcoolizado lhes causava, aprofundou o mutismo do grupo, como se um marasmo angustioso, pressentida vizinhança da morte, paralisasse as últimas energias de suas ilusões. Sobretudo, em Camilo, ela deixava uma tristeza intensa, que sonambulizava o seu olhar e lhe riscava nos talhos da boca violentos vínculos de descrença.

Instantâneo, num acordar brusco de epilético, ele estendeu a mão aos rapazes:

— Bem... Vou andando...

E foi-se. Varou pela multidão, num passo largo de fugitivo desiludido, que se arreceia do ruído otimista do mundo; trepou num bonde, e arrumado ao canto do banco, encolhido, muito só, estranho a todos os passageiros que invadiam os lugares, nem reparou numa rapariga que lhe pedia consentimento para entrar, suspirando com uma doçura de voz enrou-quecida — "o senhor dá-me licença?". — Foi necessário que ela lhe tocasse na perna, furtivamente, insistindo: "o senhor dá-me licença?"

Ah ! — fez ele, e ergueu-se atarantado, com um safanão. Ela entrou, inclinando a cabeça, agradecida. Camilo volveu ao seu lugar, mas espremido contra o balaústre do banco, mais só e desesperado. O bonde rodou, enfim; ásperas tiniram cor-

rentes enferrujadas dos tirantes e a parelha arrancou com o peso num trote rítmico e balançado.

Lojas abertas, cheias de luz e rebrilhos de vidraçarias, sucediam-se, como vistas cosmorâmicas. Às vezes, pelas seleiras, transeuntes encolhiam-se, desviando-se do bonde, ou de pé entediados negociantes conversavam agrupados, a chocarem-se obesidades de ventres monstruosos. E já, na mutação dos aspectos, vinham escuridões extensas de prédios desabitados ou melancólicas claridades de isolados combustores da iluminação, para outra vez reaparecer a alegria da luz jorrada dos faróis do comércio noturno.

Depois, para diante de uma praça, o movimento foi-se perdendo, afastando-se, reduzido a ecos de vez a vez mais longe, e vieram as ruas desertas, as praças abandonadas, os lugares escuros e quase trevosos, a zona intermediária dos arrabaldes, área recolhida e triste onde se refugia a miséria resignada dos incapazes, o ódio dos esmoedores da vida sem esperança.

Camilo, agarrado pela sua nevrose, caíra no cruel exame da existência. O artigo do Saurel, a guerra dos jornais, a deserção de Agrário subjugavam-no, traziam-lhe histerismos à sensibilidade escoriada, procurando revolver toda a dolorosa mágoa do espírito enfermo, indagando-se, a si mesmo numa obsessão alucinante, por que criara essa fantasia de levantar um grupo ?.. . E quem ia lutar ? Ele só ? Mas que poderia fazer contra todos ?.. . Ah ! ainda não se tinha estribado na vida!... Galopava nesse cavalo da existência sem saber como, sem governo, sem apoio; e a cada corcovo do animal sentia o temor de vir à terra, sob o ridículo cascalhante da vaia. A vida era assim. Cada ser passava sobre o dorso de uma montaria; uns sobre o aprumo esguio de corredores esgalga-dos, balouçantes e lentos como se exibissem triunfos do esporte; outros corcéis, de uma brancura nevada de espumas, rompem ao trote largo, alegremente, levando à sela os que folgam; e outros luzidios e louros como o fumo crestado de Cuba, vêm à desfilada, entre ovações e borboletear de lenços, zimbrando o espaço, deixando após o aroma sensual de tranças desfeitas, ou frangalhos de mantos gloriosos.

Os artistas, os nobres eleitos do sofrimento e da dor, esses, os artistas, montam corcéis fantásticos, produtos fenomenais

do desespero do coito sádico de rebeldes brutos nervosos com a luxúria em cio das lindas fêmeas de alta cotação nos turfes. Desse hibridismo satânico de forças — cópulas horríveis, doloridas e sangrentas, em que range e se desloca a ossatura das ancas nos paroxismos do desejo lúbrico e varrem entranhas apunhalantes relinchos de gozo estupendo, nascem os monstros insofridos e estéticos que levam, destino em fora, em tormentos incontados e resfôlegos de febre, os nobres eleitos do sofrimento e da dor... Byron passou, a rédea abandonada, na sela de coldres de um árabe nitrente — up! upa! — galope feito pela noite maldita dos sabás... e Baudelaire cavalgou, no *aplomb* de um estranho príncipe satânico, elegante e cruel, o dorso luzente de indomável poldro azeviche, de grandes climas flutuantes, revoltas como labaredas negras de um inferno de trevas, que mastigava, raivoso, alucinado, o brunido aço dos freios entre ensangüentados flocos espumosos, abundantes e espessos, esponjando-se no solo, nos extravasos do rancor e pelo delírio dos pínchos, em florescências perversas que ainda borbulham, que ainda seduzem e envenenam como amorfó-folas lúgubres.

A gente burguesa, todo o mundo pacato e bovino, os *simples* e os *bons*, a imbecilidade e a hipocrisia, atravessa a vida sobre burregos pacíficos, de marcha rebolante e certa, batendo os cascos monotonamente, espanejando as ancas, frascariamen-te, caminho a fora, caminho além...

E ele devia vir ao dorso de uma alimária pérfida, tinta de uma cor cinzenta e suja, abjeta, asquerosa, como um parasita imundo de casa deserta: um rato funâmbulo, esconso e trôpego, que treme pela podridão o nervosismo macabresco de uma coréia, faminto e caquético. Ele o percebia. A besta o levava ridiculamente, tresloucadamente por silvedos e escarpas, às tontas, aos encontrões, ferindo-o, suplicando-o. E para onde ia ?... Que desejo, agora, de saber do seu destino, de antever o seu pouso ? Nunca o teve tão aguçante... De-sencasulara-se da adolescência sem percebê-la. Tudo quanto lhe ficara na memória constava de impressões dispersas, fragmentos interessados do seu pessoalismo que luziam, por momentos, com um leve entreabrir de pequeninas bocas inocentes para sorrisos de sonhos. E só!... Só ! Nenhuma direção,

nenhuma prova consciente de destino. Saíra de uma idade para outra idade pela invariável sucessão do tempo.

E que mais?... Os corsários zarpavam ao acaso, entretanto, nos grandes silêncios dos bravos mares, entrando a maior para a manobra do aparelho, não perdiam a rota, e quando era preciso retroceder, para fugir à caça do cruzado implacável, a agulha indicava o rumo a seguir. Ele sabia nadar em terra firme.

Um alastrante desamor pela vida começava a dominá-lo, arrastando-o para a indiferença dos repudiados — desapego de mendigo que vai de terra em terra, sem afetos, sem nome, implorando às portas a lamúria decorada do pouso, por noite alta, e entra sob a desconfiança dos piedosos para, ao clarear de outro dia, partir em seguimento de outra desconfiança... Até ali levava a esperar... uma coisa indeterminada, indefinível. O acaso, afinal!...

... Que vinha ele fazer na vida sem uma profissão, sem um apoio, sem um rumo, desencontrando-se de todos, em conflito com tudo? Por toda a parte, a mesma, sempre a mesma irreconciliabilidade: na família, na sociedade, na sua própria existência íntima da razão com a espontaneidade de seus atos, surgia o antagonismo. Era a besta que o levava quem se incumbia da dispersão. Não tinha mais o exemplo do *Zut P.* .. Esse, sobre todos, apertava-lhe o coração, comprimia-o como uma prensa suplicadora, porque nenhuma idéia lhe ocorria, nem de salvamento. . .

E ansiando, o espírito às cegas, perguntava-se: — Que iria fazer?... repetindo, repisando sempre o mesmo estribi-lho interrogativo: — Que iria fazer?.. .

Uma pressão macia de braço tentou, cauteloso, o seu braço. Talvez o tentasse há mais tempo. Camilo olhou discretamente. Era a vizinha de banco, a de voz gemida e rouca.

Reparou-a de soslaio; teve de fingir atenção a um ponto oposto para notá-la melhor. Nada feia; um rostinho de costureira, clorótico, e olhos pequeninos, muito vivos, com dois pingos brilhantes de ardência no cristal negro das pupilas. Não o incomodava aquele contato, ao contrário, trazia-lhe um bem-estar, uma certa felicidade de vida, amenizante, compensadora de todos os desgostos. Chegava a ser um lenitivo. Foi com

cuidado que levou, muito de leve, o joelho ao alcance da perna da rapariga, que sob o enfronho das vestes, tinha o acuso brando de um belo cachimbo recurvo. E deixou-se estar, afetando distração, com o joelho suspenso, à espera. Um solavanco do bonde pôs em contato as duas pernas; instantes logo a rapariga encolheu-se, arisca. Camilo olhou-a: ela mor-discava os lábios, faiscando os dentinhos alvos e cravou os olhos para diante, muito cheios de severidade. Mas, a pressão do braço voltou, ainda mais longa e ainda mais convidativa. Era preciso certeza: forçou por sua vez o contato, premiu o braço aninhador a mais, paulatinamente, a mais, e ele não fugia, ele ia-se ficando com a intumescência gelatinosa e suas carnes, provocando encostos, sensualizante, numa preguiça compressiva dos friorentos brutinhos domesticados. Ela queria-o, ela necessitava dele, e o chamava devagar, um pouco duvidosa, mas vencendo-o. Todos na vida eram assim, iam para onde deviam ir, fatalmente, ajeitando-se, insinuando-se com a audácia vagarosa de fera pisando calma, pata por pata, na grimpa agulhenta de penhascos altos.

E era assim a vida! Definição em tudo: atração, retenção, colocação. Um lugar para cada qual. E o cavalo selvagem que ele, havia pouco, idealizara, reduzia-se a uma imagem chata, desmoralizadamente romântica.. . Ah ! pobre dele ! Que era senão um sentimental, atormentado e jogado na existência pela crueldade do seu organismo, pela fraqueza do seu espírito ?.. .

Já não era a pressão suave daquele braço que o desviava do acabrunhamento mórbido; agora, havia-se-lhe ajuntado ao corpo a comunicabilidade sensual da perna, de uma perna ro-liça, túmida, muito ofertante de gozo, tão deliciosa, tão cômoda, tão boa, como uma almofada de paina, feita entre cuidados piedosos de entes bem queridos, para o descanso de um pobre corpo enfermo. Ela vinha-o domando com tanta perícia, com tanta inteligência distribuidora de sensações que se lhe esvaziava o cérebro, amolentado de nervos, entregue quase a um suspiroso torpor de volúpia.

E este pedaço de corpo quente, rígido no torno da coxa, afofado, macio no volume cheio da nádega, a fantasia lho desnudava, punha-o nu, completamente nu, com a sua palidez

suavíssima de um velho *biscuit* muito delicado. E demorou-se a reparar o rostinho da rapariga, cheio, gorduchito, mas de um triste branco-bístreo, laivos de insônias e de febre, que o negro do olhar vivificava um pouco com claridades aflitivas de desejos.

Sobre o baixo arrumo dos cabelos, a mantilha espanhola de renda preta descia ao pescoço afagando-o, fazendo valer, sob o destaque do emolduramento, a meia tinta branca das faces; busto arqueado, comprimido pelo vestido também negro, de fazenda reles, e em ofegos lentos que levantavam cadencialmente o pequeno tufo dos peitos, adivinhados em dois pomos transbordantes da borda vaseada do colete pontiagudo sobre uma barriga flácida de mulher cansada. Ela inteira, ela toda, lhe encheu o instinto, palpitou dentro dele num alarma carnal de abraços bruscos e beijos estonteados.

E teve um temor obscuro, incompreensível, de que não poderia agarrá-la para a satisfação da sua animalidade: "Ora, covardia !. . . Ela se lhe entregava... Mas, onde possui-la ?... como lhe agradecer ?..."

O bonde parou com um ringido áspero de *break* aperrado. Tinha chegado ao ponto. Camilo desceu e após a rapariga, que safrou-se num salto, lesta e firme, castanholando os tacões pela rua acima. Tentou segui-la. Mas... para quê?... E diminuiu os passos; depois abalou, caminho além, na sua marcha certa e derreada de homem sem chances na vida. Nenhuma comoção. Frio, frio, sempre frio, indo pela existência errante e insensível como um monstro nas alvíssimas paragens boreais, à luz cineral de uma lua merencória e trágica, toda empalidecida e trêmula à neve eterna. Ah! isso é que ele era ? Engano. Nem monstro nem indiferente, apenas um tímido, um delicado e imaginário oposto à corrente bravia da multidão. Eternamente a persegui-lo, eternamente a devorá-lo essa superexcitada existência dupla do seu eu, desdobrando-se em si próprio numa voraz insaciabilidade de mais viver, sofrendo mais. Chegava a ver grande, a ver fantástico onde só havia pequenez e vulgarismos, e era de todas essas insignificâncias que se formavam as suas dores tentaculadas, os seus desesperos cortantes, que o iam minando, dia passado, dia presente, como uma moléstia secreta e endérmica.

Por que não nascera como todo o mundo, indo lisamente, escorregadamente de uma inconsciência para outra inconsciência, gozando de tudo e nada sentindo ?

E ao levantar o olhar, já nem vestígios havia daquela rapariga, nem o seu corpo rebolante e esculpido no artificialismo da toaleta, nem o castanholar provocador dos seus tacões. Vazio. Rua deserta e, de quando por quando, os esguios lampiões negros, chamejando muito amarelos, muito tristes, num contido sono de vigílias de todas as noites.

"Quanta dor, quanto revolver de feridas, traumáticas, num encontro inútil, caso de todos os dias, acidente de todos os momentos ?..." "Ia-se palmilhando a calçada sem atentar aos passos, subindo a rua, num desejo de ir longe, de ir muito longe, ignorando o destino, ao termo da terra imensa que o cercava.

Nasceu para isso, para ser um condenado ao acaso, um estimatizado da dor, filtrando os males que outros sofreram, de que outros se saturaram, e que vinham fazer dele um pobre irresponsável etiológico das diátesis remotas que transmitiram ao seu sangue nos minutos fartos de animalidade pro-criadora. .. E esses desgraçados têm alguma coisa de alucinante obscuridade de uma fantasmagoria, que ainda não foi contada: esquife negro, perdido nas vagas de um naufrágio; boiando à sorte, ora levantado, sacudido no espaço sobre o dorso espumarento dos cachoupos que se encurvam e rugem; ora submergido na queda roncadora das águas, abraçado, retido pela massa raivosa dos vagalhões, ou levado no embalo cadenciado das ondas, fechado, fantástico, misterioso, à luz dourada dos sóis, sob o azul tranqüilo dos dias; à prata luminosa dos luars, sob o ciânico claro das noites; ou como um monstro estranho vagando, sem vida, cetáceo ressupino, facheado de lustrões fulvos, na rarefação das trevas, por onde escorre a espuma despegada das ardentias após a leva crescente das vagas, e sempre, e eternamente, e indefinidamente boiando de plaga em plaga, recusado por todas as ondas, repellido por todas as costas. ..

Que fazer ? Sempre o conflito da vida, sempre o mesmo desespero. .. Ora, para que rasgar o coração !..."

E teve um grande silêncio mental, como se a alma se recolhesse, muito pequena e medrosa, ao isolamento mais obscuro do seu âmago.

Apenas, a sua marcha certa cantava na rua, lembrando aos que se recolheram ao quente conforto dos lares, que alguém ainda vivia lá fora. .. e ia passando.



Capítulo XI

*L*J o coração transbordando doloras de infelicidade — ele penetrou na treva farfalhante de um recanto agreste do arrabalde. Entre vultos de troncos eretos e frondes esgalhadas ci-nerava, como a greda de um túmulo, o muro acaçapado de casinhola pobre, por onde esgrouviavam sombras doidas, espectros ébrios de ramarias agitadas pela invernía ululante.

Camilo empolgou a maçaneta da entrada, mas empurrou a porta devagar, com temor de escancará-la brutalmente à rajada fria da noite. No entanto, alguém tossiu lá dentro, e este argúrio temeroso de enfermidade melindrada, fê-lo estremecer, entrar prestes, fechando rápido o batente.

Uma lâmpada de petróleo, com o seu zimbório lácteo de quebra-luz, sobre a mesa do centro, cortava as paredes em duas barras de claridade — a de cima, serena como a estagnação de um crepúsculo, amaceava a policromia rude do papel ramalhudo, subindo igual para o alvo teto onde descansava o fantasma de uma lua diluída, que a chama refletia pelo círculo estreito da chaminé de vidro; outra — intensa, jorrada do opérculo do abajur batia na bárbara folhagem sarapintada da parte baixa das paredes, acusando efeitos de água-forte nos móveis e, na mancha escarlata do pano de sobre a mesa, alegrava cruezas jáspeas nos morins de costuras desdobradas. Em contraste escuro opunham-se-lhe a baeta esverdinhada do man-drião caseiro de uma rapariga clorótica e o esgarçado xale de um cavernoso busto de senhora, cuja cabeça pálida, amare-lecendo à meia luz do abajur lembrava suavidades de patina de velha pintura italiana na dormência isolada dos palácios inabitados.

Aos passos do moço, esta penitente cabeça lívida voltou vagarosa para ele, envolveu-o na fixação cismarienta e misericordiosa do seu olhar; por seus lábios clareou o outono de um sorriso e, com a carícia untuosa das mãos doentias na voz abafada, indagou dele cuidados que o acompanharam. Camilo respondeu tomando-lhe a emagrecida mão marfinada, beijou-a meigamente, pousou a boca, quase com religiosidade, nos fios brunidos da prata que adornava a sua simpática, sofredora verônica de boa e bem querida. Depois, como se cumprisse um hábito, estendeu, indiferente, a ponta dos dedos à rapariguinha clorótica de rosto encaveirado, oblongo disforme de feto, engastado com dois imensos esferóides oculares, úmidos da melancolia concentrada das pupilas negras, que lhe davam à fisionomia a repelente passividade dos ídolos rudimentares e completada pela mísera magreza do peito onde a puberdade tentava, dificilmente, levantar os pomos raquíticos do seu frutidor infeliz.

Enquanto ele tranqüilizava este coração amigo, dizendo-lhe felicidades que não tivera, mentindo-lhe esperanças que não sonhara, aqueles bugalhos extasiados em pálpebras sangüíneas, enormes e persistentes fixavam-se nele, ávidos, a íris rútila, toda uma expressão de esforço arrancado de desespero e resignações, protuberando, deslocando das órbitas os grandes glóbulos claros como estranhos óvulos gosmentos- de mostren-gos. Mas, nem atendeu-os, ele! Sentara-se, ainda com o chapéu à cabeça, a trocar palavras soltas com sua mãe. E sim. .. e não... Ia dizendo a esmo, esmorecidamente... E sim. .. e não. .. E suas falas sussurravam apenas, eram como discreto ruge-ruge dos folhos engomados de volumosos vestidos flamengos na paz dêste interior calmo, de aspecto limpo e grave de lareira holandesa, que seus olhos estavam notando com pausas de alívio, revendo com carinhos minuciosos de retornado, trazendo ao seu espírito a segurança de um conforto em que se temperavam as suas forças vergadas ao desalento, conduzindo-o até a sua alma, balsamicamente, num revigoroamento de vitali-de excitada.

Afinal, não era tão desgraçado como se julgara !... Restava-lhe, na solidão do seu viver, esta incomparável criatura que o martírio macerara, dedicação constante e terna, que ele

embora deslembrando cuidados e afagos, lia na santificação da fisionomia, na cova violácea das órbitas, no descarnado extremo do corpo imagem esculpida pelo sofrimento com o escopro agudo das dores em uma harmonia dolente de ruína. Ah ! bem ele sabia existir ali, nesta lembrança de uma beleza romântica, litâneas desvairantes de um passado, assunto de angustioso romance sentimental de onde se destacam, de onde se desprendem, nas surdinas evocadoras da ilusão, as esqueléticas, cerosas, lunáticas figuras lendárias das noctâmbulas do amor, amortalhadas de noivas, noivas formosas do noivado se-pulcral dos vermes, coroadas de trevo e rosmaninho, engri-naldadas de feno e toujeiras, as capelas nupciais da loucura, e saem processionalmente pelas margens desertas dos tranquilos lagos, resfriados à reverberação dos idílios mortos, desfolhando malmequeres brancos, salmodiando, soluçando, gemendo versos soturnos dessa tristíssima, apunhalante canção de ofélia...

Foi em criança que este segredo inflamou a sua cabecinha fútil, delineando hieróglifos cabalístico de fosforescência sobre a treva de um vácuo.

Um dia, estalou no seu espírito a curiosidade impertinente de afetuoso companheiro das primícias colegiais, que lhe perguntava pelo pai. Ele arregalou os olhos, acordando dessa ignorância:

— Meu pai! .. — E um atordoamento obscureceu-lhe o senso. Esteve por confessar que nada sabia, mas os olhinhos cúpidos do outro não se despegavam dos seus, havia a injúria de uma suspeita má no glabro rosado daquele rosto seráfico, e mentiu, mentiu com um desembaraço imaginativo que pasmou a credence infantil do bisbilhoteiro, boquiaberto, atônito, diante do valor do colega tão manso e tão modesto, tendo, no entanto, um pai recamado de títulos, fabulosamente rico, viajando a Europa na comitiva de um rei!

Camilo partiu para a casa escaldando numa vergonha. Por horas, por dias, teve a pergunta nos lábios, a arder-lhe na língua. Por fim, ele próprio, começou a sentir uma terrível curiosidade, supliciado pelo temor de inquirir de um caso que sua mãe nunca lhe falara; mas sem saber por que, se acovardava, se reduzia à vista daquela mulher pálida como a Senhora do oratório, boa e carinhosa, cujo pisar tinha vagares

meditativos de aparição e em cada gesto a soberania vene-rável de uma paciente.

Então, no seu respeito de criança, desproporcionado no remanso severo em que se educava, corria vexado para os ângulos da sacada, a cuspinhar na rua, alvejando um determinado ponto do lajedo, embaixo, numa distração imbecil por não compreender a razão desse mistério que lhe doía na alma nas íntimas contorções de rancor contra a agressiva interrogação do condiscípulo. Por uma feita, uma velha parenta, a propósito de semelhanças fisionômicas, descobriu-lhe a roxi-dão quaresmal do velador, que guardava o coração de sua mãe em perene endoença: fora uma paixão romântica, irresistível e flamante. Os seus 18 anos líricos rescendentes e imáculos, transformaram-se, de improviso, em tuberosa infernal e tentadora: vieram pelos cismares enluarados as árias de *Elvira* soluçadas ao piano, a fascinação dos devaneios ao ritmo dos *noturnos*, quando os dedos se erguem molemente do teclado, escorrendo ardentias sonoras extravasadas d'alma; vieram os vôos silfídicos, estonteadores das valsas, sob a cre-pitação feérica dos cristais iluminados; as rimas plangentes que joalheriaram pautas esmaecidas — como suspiros finais de gozo — em bilhetes perfumados; as visualidades da elegância num porte airoso de mancebo lobrigado nas páginas de livros que as lágrimas marcaram; todas as sedutoras, perversas, cambiantes magias mefistofélicas do desvario... E ela, trêmula, tresloucada, tímida e febril, demorara num anseio de volúpia a recusa do pudor aos cílios rogativos e ardentes de um belo Fausto... Depois... Ora! o poema das margaridas é tão sabido !... Depois, essas garras enluvadas em carícias, que tinham escaldado as mãos dela, se abriram em esbanjamentos delirantes, roubaram-lhe com a sua virgindade, num raptó romanesco, o ouro dos seus maiores, a constelação lapidada dos seus escrínios, e uma vez esfalfado, saciado, empobrecido, repentinamente e numa esfíngica urdidura de coisas, arrebentou o crânio no cano do revólver, chancelando com o suicídio uma humilde carta de perdão.

Dias após ele nascia e essa desgraça, começada na desonra, terminada numa tragédia, afastara sua mãe da sociedade, levando-os ambos, a uma dolorosa reclusão de luto.

Desoerrou-se para ela a porta pesada do martírio, o oculto purgatório da obscura luta pela existência dos que não têm amparo e trazem nas espaldas a inicial tisonada do opróbrio. Com exageros de trabalho, que a longanimidade tornava produtivos, educou o filho e o mantinha nos transe difíceis do seu fatalismo boêmio, sem uma queixa, serena no padecer, só e resignada na sua precariedade honesta, que a nobreza dos seus sentimentos e os esmeros educativos exemplarizavam com o asseio corretíssimo de todos os seus atos, envolvendo-os em uma lhanza digna, tradicionalismo de costumes distintos lembrado na prática de uma outra existência feita no exílio, a que o infortúnio levou-a como a queda de um poderio conduz à mansuetude dos desterrados as exterioridades reprimidas das naturezas fidalgas.

As intermitências da saúde, já cedendo sob a tenacidade dos sacrifícios, fizeram-na procurar um retiro silvestre onde o ar fosse puro para os seus pulmões feridos e, para os seus monótonos dias de *excluída* conseguira uma companheira de teto, enfermeira e amiga — uma órfã desprotegida —, essa rapariguinha clorótica, feiosa e óssea, de olhos disformes, pasmados sobre Camilo num encanto de hipnose, quase sem pes-tanejos a poder da retenção fitante, e desorando o esforço numa umidade viscosa, pela agonia de querê-lo.

Revolvendo, mentalmente, os sucessivos episódios deste passado, Camilo sentia a satisfação amarga de compreender-se, de anatomizar o seu próprio ser, nestes retaliamentos de análise, sensibilizando-se mais profundamente na afetibilidade por sua mãe, que ele ora notava, enternecido, na serenidade meiga das suas ocupações, maçonial na doçura velínea de seus cansaços e afãs. E todas as delicadezas de sua alma, todas as vibrações ilesas do seu recesso, todo o poder simpático das suas faculdades, iam para ela, unissonamente, idolatramente, aureolar-lhe a cabeça com o resplendor apoteósico do seu culto: Bendita, misericordiosa Senhora da Resignação !...

Ao menos, o anestesiamiento deste consolo iludia o seu nervosismo, e mesmo a certeza da realidade, a percepção do seu eu, não lhe irritavam nem carregavam a supuração do tédio: "Era o que devia ser. Nada mais". Concluía, a refletir, acalmado pelo sossego honesto desta lareira, onde as agulhas

reluziam às mãos escarvadas desses dois entes, que trabalhavam ali, que trabalhavam nos seus linhos alvos à luz veladora da lâmpada, que trabalhavam continuamente, silenciosamente. Depois, pelo mesmo torçal de idéias, como no tornear de um fuste espiralento crescem e recrescem as mesmas conjunturas enfeixadas, seus pensamentos remontavam outra vez à senti-mentalidade envolvedora desta isolada existência, ele e sua mãe, a sós, escondidos do mundo, sob um teto pobre, entre paredes que não encarceravam ódios... Sem dúvida, em outros lares, haveria gozo; a vida correria contínua, maciamente, como um fio de mel afomático da ânfora das zagalas do Hi-meto, no tempo pascal da recolta aos favos... Nenhum, no entanto, teria nem mais amor, nem mais doce, confortante simplicidade que o seu esconderijo! Decerto, nenhum ! Que lhe importavam, pois, os acidentes da sorte ? O isolamento do viver, a incompreensibilidade dos outros ?...

Nascia-lhe, deste íntimo entendimento, uma rijeza de ânimo para suportar as desventuras, que a sua hiperestesia aumentava com a nitidez e a grandeza das pesquisas microscópicas, dentre as quais ressaltava este precebido insucesso para o requeiro, esta falha de masculinidade para o gozo comum da mulher... que ele, agora, desprezava, insexualizando-se numa elevada espiritualização de despreendimento da carne, até a suposição alucinante da hipocrisia abjeta do próprio amor, na sua mais imperiosa mutualidade de tendências gestativas, sublimizadas pela estesia poetizante de cada ser.

A digressão reminiscente, penosa e demorada que fizera pelo passado, exumando dores, ressuscitando épocas, agitou-lhe, excitou a complicada filigrana do seu aparelho nervoso, predispondo-o a trabalhar nas suas frases atormentadas de incontentável, consubstanciando a irregularidade heteresial na contextura sintética de páginas originais, com a fina penetração das autopsicologias. Ergueu-se sonambulizado, esquecido de si próprio, conduzindo-se para o interior. E seus passos perderam-se a distância...

A entanguida acompanhou-o com o olhar, atenta de ouvidos, cabeça inclinada para onde ele se fora. Após, momentos decorridos num silêncio, o raspo arrastado de um móvel soou, abafado... Pelo tope de uma porta, através a vidraça do cai-

xilho, a vermelhidão de uma luz feita abriu um quadro na treva quieta do corredor.

Ela compreendeu-a. Camilo sentara-se a trabalhar. Era sempre assim quando se recolhia cedo, e seus olhares volveram lentos, desenganados, mádidos, arrastando-se por onde ele passara, lambendo o rasto esvaído da sua sombra, esfregando-se pela irradiação exalção do seu corpo de moço, inaper-cebida para outrem, para ela — infiltrante, inconfundível, intensa ! — e vieram tantos deste servilismo de desejos pasmar nas paredes da sala, atônicos, estranhos, abstratos. ..

Mínutos logo, volveram a devaguear aflitos, de um para outro ponto, estonteados e desiludidos; mas, encontrando o piedoso semblante da senhora, toda curvada à sua tarefa, o envolveram num afago, demoraram-se a contemplá-lo, dominados, vencidos pela semelhança dessa máscara com esta outra que estava dentro de si, moldando os seus pensamentos, revestindo a sua atividade cerebral, vivendo da sua vida como se ela fosse, de fato, a sua existência consciente, o seu espírito. .. E ficou-se, atentamente, a notá-la, extasiada, esquecida dos seus afazeres, abandonada à sua imaginação. i

Súbitas, nas comissuras das suas pálpebras oftálmicas, apontaram tremulinas de mágoas; suas pupilas, enoitadas de segredos, levantaram-se vagarosas, como discos ascendentes de astros carbonizados sobre a concha de opala de um imaginário céu de melancolias, para a maciez albente do teto, em busca do fantasma da lua diluída, que se imobilizara lá — cima — claridade espectral de um sonho que ela devia encontrar sempre, embora houvesse trevas, no mesmo ponto e sempre merencória, em toda a parte e sempre a mesma, porque era a irradiação do seu almejo, o luar fantasmagórico de sua alma amorosa e casta, que ninguém talvez entendesse, que ninguém talvez quisesse, mas transbordando puríssima do impulso púbere do seu corpo pela febre de seus olhos, já lindos, já lindíssimos, magnoliando-lhe o rosto com a beatífica beleza tuberculosa das Heloíças macilentas, tanta amargura, tanta angústia, tanta sinceridade idolatra trãnsudavam no expres-sivismo agônico do seu fitar!



Capítulo XII

Nmdialúcidade junho, ao vigor penetrante de um frio azul, poeirento do ouro novo do sol a pino, Camilo sacudiu ombros ao tédio — bateu passos firmes de caminhada, ante-gozando o imprevisto de impressões consoladoras em fortale-centes aspectos de paisagens, ou sensacionalidades curiosas de recantos rudes da cidade.

Ao acaso ! Que lhe importava a escolha ? .. Pela sucessão dos desenganos chegara a uma espécie de resignação estóica de obscuridade desdenhosa, vencendo o enjôo da existência com a extraordinária energia provadora dos penitentes reclusos. Ao acaso, pois. E como o dia estivesse lindo, tonificando o corpo pela oxigenação do ar glácido, vitalizando os músculos com elasticidade rejuvenescentes, deixou-se ir, saindo de ruas para entrar em ruas, a esmo, levado pelo desejo de andar e de ver, sem se admirar do exagero da marcha conseguida até as vizinhanças salobas das marinhas fabris da Gamboa.

Subitamente, o chamamento álaire de voz amiga e *pst, pst* insistentes fizeram-no estacar. Agrário saltou, açodado, de um bonde. Correu para ele, sobraçando telas, novas, a gesticular, a gritar - Olá ! .. pst. .. Ó Camilo ! ..

E agarraram-se, aos abraços.

—Tu ! .. Por aqui!

—E ru !... A que andas ?

A surpresa trazia-lhes sorrisos espasmódicos no dilatar dos lábios, punha-lhes interjectivas extasiadas nas pupilas. E mal sabiam que dizer, atordoados de alegria, num alvoroto de felicidade inesperada.

—Mas, dize-me tu: que fazias por estes confins ? — interpelou Agrário.

—Eu ? nem sei. . . Foram as pernas que me trouxeram, ou o anjo da conciliação quem me guiou. . . E tu ? Estás pintando trapiches ? . . .

—Qual! . . . Eu vivo neste canto do mundo, um pouco adiante, no Livramento. Vamos lá. Quero mostrar-te o meu *atelier*.

Seguiram calçada além, acotovelados, interessados em saber, cada qual, que se havia feito nesse longo tempo de ausência. Camilo resumiu tudo quanto tinha a contar em uma frase simples e motejadora — vivera como um sapo, desprezível e estúpido! — porém, Agrário dava à língua, esmiuçando ao amigo o seu viver de dois meses, dia por dia, desde a misteriosa e romanesca resolução de fugir com Henriette, deixando o cambista estupefato. Ao princípio, correu o tempo em plena bonança, houve dinheiro e amor; mas, dificuldades surgiram cedo, encresparam-se necessidades. A subsistência a dois tinha obrigações aterrorizantes. Agarrara-se aos retratos de comendadores, concorrendo com o Le Grand que deveria andar furioso.

E agarrar-se bem, de unhas e dentes, porque com eles era que se arranjava, deles lhe vinham os cobres para manter com decência a extravagante fantasia de viver com uma *maitresse* L... Começava-lhe, já, o fastio da posse, disfarçado em receios do futuro, impossibilidades de estudos na Europa, comentários maldizentes de comprovincianos que iriam desacreditar suas pretensões nas graves rodas de ricos generosos e bairristas... "... Uma enfiada de maçadas. Era o diabo !"

E fazendo-o parar adiante de uma antiquaria casa térrea, de entrada larga, soalhada de lajes de granito.

— É aqui o nosso ninho.

Entraram. Camilo relanceou com o olhar em derredor. O aspecto desagradava-lhe, parecia-lhe o de uma locanda reles de vila, com o eterno pó nos velhos trastes imutáveis, a resguardada luz das sextas, a mesma paz vadia das moscas e um mofento cheiro de roupa servida, erradio e característico. Mas, no alto da escada, à porta do sótão onde domiciliava o pintor, a cabecinha jovial de Henriette sorria, toda dourada.

E logo apagou-se-lhe a má impressão da moradia, revendo este claro rosto de rapariga bonita, que lhe falava numa meia língua encantadora, de cançoneta brejeira, com retinti-lantes silabadas de uma delícia acre de framboesas maduras. Nunca vira-o tão de perto, nunca sentira em suas barbas este hálito fresco de fruto, como agora ! Teve uma comoção.

Foi ela quem lhe tomou o chapéu e quem empurrou as gelosias das duas janelas para dar claridade à saleta, deslum-brando-o com o belo panorama do mar alcançado daí, num horizonte circular de baía.

— Oh ! magnífico !... Magnífico ! — exclamou Camilo. — Estás, Agrário, num belvedere. Isto vale tudo !

Parou à janela, estendendo os olhos sôbre o teto negro das casarias, pobres habitações arrumadas umas às outras, arqueando à podridão do madeiramento carcomido. Para os lados, assediando, comprimindo os casebres operários, brutas paredes sujas dos trapiches, galerias de estaleiros, chaminés fumegantes de fábricas. Para distante, num aberto de praça, o quadro branco de um mercado; depois — uma floresta hibernai, de mastros; e ao longe, sob o azul glácido, tranqüilo do céu, o chão azulino do mar onde modorravam hulhentos bojos de patachos à carga, cetáceas galeras nos seus ferros, uma ilhota de carvão, a negra faixa oblíqua de um transatlântico, e além, alvamentos guachados de areias longínquas, meadas verdíneas de morros, gibosidades cobaltas de serras...

— Soberbo. Hein ?

Disse-lhe Agrário batendo no ombro. E já no seu casaco de brim, um cigarro queimando ao lábio: agora, uma novidade — forçote a jantar conosco. Passas mal, mas dar-nos-á o prazer da tua companhia.

Camilo deixou-se ficar sem protesto, esquecido de si próprio, ignorante dos prejuízos que poderia trazer à economia daquele casal. A graciosidade de Henriette, com seu tipozinho de mundana, satisfazia-o, enchia-o de bem-estar, trazia-lhe uma ternura por esta concubinação moça, gozada num extremo da cidade, por uma hora feliz de belo dia fresco e extenso, como se a vida assim se escorresse — sempre esta fluidez bendita de ambiente e sempre a mesma louçania gárrula de mulherinha boêmia: céu imáculo e puríssimo azulamento

nas pupilas, ouro de luz a neblinar o espaço e luz de ouro na cabeleira seca, farripada e esgarça sobre a testa pequena de frívola!

Bruscamente, o pintor puxou para o meio da sala, à luz de uma das janelas, o grande cavalete de carvalho, corrediço e mecânico, traste novo comprado com os últimos ganhos do trabalho.

—Olha, Camilo, somos bastante íntimos para nos constrangermos com cerimônias. .. Desculpa-me a pressa que tenho em esboçar este *calunga*. .. Senta-te, ou anda. .. Faze o que quiseres, é como se estivesse em tua casa.

—À vontade, Agrário, à vontade.

Retorquiu-lhe o amigo e foi reparar as brochuras sobre uma mesa, a um canto de parede. Henriette, porém, veio para ele, garrida e desenvolta, a indagar se se lembrava dela — e riram, confusos, sem saber o motivo deste rubor discreto.

Agrário abancara-se num tamborete de campo, defronte da tela; tinha uma fotografia à mão e pusera-se a fitá-la, procurando o contorno geral da cabeça. Era uma cabeçorra suína, de apolentado e rico senhor de negócios e falcatruas, pasmada para diante com os luzios esbugalhados em useiro atender de cifras. Dividiu a tela com o *fusain* à frente do nariz, pálpebras cerradas: de um golpe marcou o centro, logo, em dois rabiscos apagados, levíssimos, a altura da cabeça, o comprimento do pescoço, a largura do busto.

A francesinha arranjava um tema de palestra para entreter Camilo, discorria sobre uma brochura que ele folheava, ao acaso, um livro de Lotti que ela dizia amar; qualificando-o de chique, a falta de melhor termo; referiu-se também a Bour-get, passou a gabar Paul de Kock que lhe parecia inimitável na graça.. . e, decerto, ninguém sabia ser mais alegre!

Camilo disse algumas coisas vagas, citou Zola, Flaubert, citou Villiers de Lisle Adam, atarantadamente, emocionado pela presença desta irradiante alegria carnal que voltava à sua retina. Desorientado, embrutecido, voltou os olhos para o lado de Agrário; Henriette murmurou uma desculpa e afastou-se, e ele em passos inconscientes aproximou-se do cavalete.

O pintor esboçava e já notando a fotografia em busca dos detalhes, já afastando-a para ter o conjunto dominante, foi esquisando rápido, em traços bruscos, algumas vezes desgarrados e confusos que desapareciam à pressão do dedo. A figura surgia. Vinha como uma esmorecida lembrança que se chama à memória, imperfeita, vaga, indecisa; esfumada ao princípio, empós mais nítida pela persistência do *fusain* que rebuscava as linhas enegrecendo a vez à mais, tentar minúcias, acusando pontos. O carvão riscava mais, muito ao de leve; mas, por momentos, a mão carregava-o; dos traços mais forçados, que pareciam rasgões, uma poeira finíssima caía tol-dando a massa suave da tela. E aos poucos a cara foi aparecendo, avivando-se, num tom dulcíssimo de trevas diluídas, sobre a claridade serena da lona, como se aquele rosto espa-paçado, completamente perdido da sua forma humana, sofresse o trabalho lento de uma ressurreição e viesse do nada criado-se outra vez, tomando de tudo as suas propriedades esparsas, fundindo-se combinando-as, recuperando sua feição originária e primava pela força agregativa de um poder criador. À proporção que descia ao busto os traços rareavam, tomavam-se apenas indicativos. Um aqui, outro do outro lado, formavam o toro do pescoço; depois, ladeando-os, quebras pontiagudas do colarinho, e como remate, nervosamente, para a direita, para a esquerda, ásperos, retesos, deslocados, trêmu-los... acusando o peito, o friso da camisa, a cava larga do colete, os panos dobrados da gola...

— E pronto !

Exclamou Agrário pulando do tamborete. Camilo agarrou-o pelas espáduas:

—Bravo! Bravíssimo! Ah ! se eu tivesse a tua habilidade seria um chefe de escola.

—*Zut!* como diz ali, a madama; mestre-escola é que serias.

Henriette correu ao cavalete, estacou diante da tela a considerar a semelhança do esboceto com a imagem fotográfica. O seu corpo flexível e tímido, da rara elegância dos desenhos improvisados de Grévin, transfigurava-se aos olhos de Camilo numa leveza grácil de visão eterizada, perturbadora

pelo indefinido conjunto que se lhe apreendia — porque em suas formas, agravadas pela cassa branca do vestido, havia o garbo flocoso de um cisne e o exalo sensual de uma neófita celebrante de Vênus, o quer que fosse dessa carne rósea de antigüidade, fresca das águas das piscinas, que encheu de voluptuoso encanto os mármorees famosos do glorioso feminino ! E durante a análise que ela fazia, a fingir-se entendedora, procurando, como os que sabem, as posições para obter os efeitos, ele atendia-lhe, com matinas estivais na alma jubilosa, às suas menores harmonias do conjunto, os mais sutis traços da sua delicada estrutura, descobrindo detalhes encantadores. De revés, com olhares furtivos, notava e estimava caridosamente cada uma dessas minudências, quase num gozo mole de senil, que ia do ressaltado gorduchito do submento, separado, por um diminuto filão, do queixo mordiscado de uma reen-trância umbilical, ao azulado vaporoso da barba onde crescia, superficialmente, uma pelúcia de ouro. .. Descia, então, com o olhar voluptuoso, às extensas linhas contornantes, ao arfo aninhador dos seios, à desesperadora mancha branca do vestido que, apenas, desenhava a grande pera invertida dos quadris... E, quando ela sorria, numa festa de escarlates brandos e neves sem frio, pequeninas tentações emergiam nas suas faces, em duas fossetas minúsculas, numa excitante graça de amor.

Agrário, porém, veio espertá-lo.

— Sabes ? Camilo. Henriette vale por vocês todos, em tende de crítica de arte. .. como eu do cultivo dos repolhos !

Ela protestou — conhecia-se desautorizada, mas não lhe faltava *bom gosto*... E, dissessem-lha *o bom gosto* não supria a incultura ? .. A prova tinha o pintor nas suas observações, até no último retrato fora ela quem lhe avisara de um desagradável efeito, que foi *corrigido*... — Grifou.

— E queres tu saber que defeito foi esse ? A falta de dobras em uma das mangas !

Berrou o pintor, às gargalhadas.

Henriette fez-se escarlata, houve um brilho na sua cabeleira e bem depressa, com a ladinice peculiar à raça, clareou a alegria de seus dentes no caprichoso recorte da boca, a rir, a rir.

Uma campainha tintilou, retiniu lá baixo. Era a chamada ao jantar.

— Aos feijões, Camilo. Aqui as horas são inglesas.

À longa mesa entoalhada de linho, em uma das extremidades, estavam já três hóspedes, moços estudantes e faladores. Um deles, de pencinê sobre o nariz cheradiço, soer-gueu-se da cadeira, fez uma cortesia a Henriette:

— *Madame, allez vous bien?*

Ela correspondeu com um sorriso e arranjou, à sua direita, lugar para Camilo que retomara o seu ar cerimonioso e tímido. No mesmo instante a sala encheu-se de *ylang-ylang*, entrou uma senhora morena, clorótica, em percales brancos e laçarias azuis. O estudante de nariz cheradiço sugou as narinas, olf atando:

— Flora surgiu!

A morena arrebitou um momo, contrariada, arrastou num safanão a cadeira.

Camilo, calado, dedilhando o cabo da faca, notava os hóspedes, perscrutava-lhes os hábitos, observava-os, disfarçando a análise com o calculado interesse que punha em reparar as paredes desalentadoras, com o seu surrado papel de cenas chinesas, onde só restavam quiosques em tons gri-sentos e, de espaço a espaço, na sucessão do mesmo motivo, um borrão de sangue coagulado no saio de uma figurinha insí-pida; e ao fundo, aos lados do grande guarda-louça de vinhá-tico, sobreposto a um corpo de cômoda, as molduras variolosas de duas antigas Goupil, *Moisés salvo das águas e a Visita de Marco Antônio a Cleópatra*.

Outra senhora tomou lugar à mesa; era alta, aloirada, rosto claro e grande, olhos serenos, de pálpebras baixas. Vinha num merinó escuro, direita, com a circunspeção religiosa de uma irmã de caridade.

Lá baixo, da roda dos estudantes, partiu um suspiro intencional. A grave senhora enrubescou. Olhares entre re-provativos e concordantes arreesaram-se, de soslaio; a morena do *ylang-ylang* mordeu os lábios reprimindo um sorriso. Mas a dona Ana, a locatária, com o seu aspecto de *abelha-mestra*, grisalha e desiludida, postou-se à mesa, destampou a terrina da sopa e começou a servi-la por intermédio de um símio mo-

leque testudo, gingador e caricatural, retinto como os carvões dos roçados. E, neste momento, entrou outro pensionista, par-davasco espadaúdo e gigantesco, de ventas largas em nariz cas-sange, enfronhado num terno preto de sobrecasaca, afetado de gestos e alto colarinho luzidio, de diplomata. Sem curvar a cabeça, uma grande cabeça à escovinha, testa ampla, uma grisalha barba rente às faces, bicando no queixo, fez cortesias, levemente, aos demais hóspedes, falou em francês com Henriette, sorrindo com o garbo de seus fortes, claros dentes de gorila, e sentou-se correto, quase automático, retendo o apumado tronco sobre a articulação das pernas, à inglesa.

A locatária arrastou-lhe uma reverência humilde, ele, porém, indiferente, calcando a ponta do guardanapo no colarinho, abriu palestra com Agrário.

Camilo minguara-se ao lado de Henriette, arrebatado num atordoamento de espírito, talvez vexame de ali estar como um medíocre ou um nulo, sem palavras; talvez sobrepujada percepção da sua esquerda atitude de estranho, recebendo o favor de um jantar, sob conjeturas plausíveis daquela gente ao seu flagrante acanhamento.

Por duas vezes quis falar, aventar o interesse de um assunto, animar-se a sacudir emoções de uma palestra, e, por duas vezes, acovardou-se, inútil, desmemoriado, nervoso, angustiando na vergonha que lhe comprimia o coração, reduzindo-o a um pequenino músculo latente, pendulando a dinâmica bruta do organismo. Perdera o apetite, recusava desastradamente os pratos, tinha monossílabos guturais de escusa que traíam roceirismos falsos, e a voz autoritária, larga, ca-vernosa do másculo mestiço cavava nele vazias estupidificações, que não sabia dissimular pelo mutismo enleado, imbecilizado em que caíra. Agrário, esquecido dele, deliciava-se na conversa do *inglesado*, chamava-lhe doutor, doutor Heráclito senhor doutor Heráclito das Neves, e este simples fato, esta nonada de sociabilidade, doía-lhe como se o amigo estivesse desprezando-o. Sobretudo, quando Henriette dirigia-se ao doutor, às vezes no seu idioma, às vezes na sua meia língua graciosíssima, a confusão aumentava-se-lhe, transbordava-lhe para os seus menores gestos — desassossejava-se na cadeira, numa reuma renitente de defluxo obrigava-o a fungos e esmoncos contrariadores. E,

anulado, insignificante, deprimido, voltava a notar os apagados quiosques chineses do papel, os borrões de sangue coagulado no saio das figurinhas insípidas, acompanhando a reprodução dos mesmos desenhos a ver se por igual se desmaiaram, até cansar a retina que se impressionava idiotamente com outro reparo, o poeirento *etagère*, oposto ao armário, os pratos que estavam sobre o mármore do tampo, as garrafas servidas que foram abandonadas nas suas prateleiras. .. Mas, um momento, Henriette encheu de vinho o seu copo, estranhou o seu silêncio.

Ele gemeu que estava ouvindo a palestra. Forçou um sorriso agradecido e pôs-se a escutar o doutor para quem se volviãam os demais hóspedes. Fizera-se uma discussão política a propósito de momentâneo assunto. Heráclito discorria, enfaticamente, sobre a inutilidade da propaganda republicana que cederia à reação de um "pulso de ferro", e um dos estudantes, aquecido pelo seu demagogismo, antepunha-lhe à argumentação a fatalidade do advento da democracia, mais próximo de que se esperava. Escorregavam-lhe, na boca oleosa de gorduras, palavras carregadas de ameaças revolucionárias, nomes populares de propagandistas, teorias e autores, Ma-caulay, Spencer, Comte... E Heráclito, superior, profundo, desdenhoso sem agressão limpava os beiços no guardanapo, delicadamente, suavemente, afastando os pelos rente do bigode aparado:

— Entusiasmos da idade! ..

Disse, pondo remate à arenga do estudante. Inopino, com uma palidez de raiva, Camilo acometeu-o de face:

— Não! Não, senhor. Não são os entusiasmos da idade que nos fazem prever o dia da República, é o conhecimento das causas, é o acúmulo dos fatos que nos trazem esta certeza. Aí está a abolição dos escravos abrindo as represas da oposição, das classes dirigentes, à monarquia.

Parou, excitado, tremulo, embotado pelo rancor. Heráclito fixou-o imperturbável, suspendendo a garfada num gesto correto:

— E. .. acredita o senhor essas "classes dirigentes", hipo tecadas até os cabelos, quererão antes reduzir-se à miséria,

entregues aos desvarios de um movimento subversivo, que ceder a uma conciliação ? ..

Vozes atropeladas gritaram da extremidade da mesa:

— Isto é a negação de um princípio social — a causa comum !

O doutor mastigava devagar, apumado sobre a cadeira, com ademanes de civilizado; um sorriso contraía-lhe os músculos faciais, deliciava-se com a inexperiência dos rapazes; e, dividindo num talho seguro de faca o naco da batata que tinha fígado no garfo, respondeu com gravidade:

— Os senhores são a mocidade, vêem as coisas pelas cambiantes do ardor. .. Nem tanto ! Nem tanto! meus caros. A abolição é, em si, um pretexto. Sabem onde está o busílis ? — Adentou e deglutiou o naco de batata; depois calmamente, tornou: — Está na carteira hipotecária dos bancos, no *Deve e Haver* dos comissários. Os fazendeiros nunca perdoarão à princesa-regente o golpe dado nas suas finanças desmanteladas, mas apoiarão a monarquia se ela cuidar de indenizá-los. Acene-se-lhes com esta promessa. . . Acene-se-lhes... e veremos.

Sorveu descansadamente o seu cálix de vinho generoso, em dois, três goles espaçados, gozando-lhe o sabor.

O argumento foi inesperado, parecia irresponsável pela autoridade política do doutor. Fêz-se um retraimento, durante segundos ouviu-se apenas o bater metálico dos talheres sobre a louça.

Camilo concentrou-se, amordaçado com esta lógica profissional; distraidamente recortava uma migalha de côdea sobre a toalha; de chofre, porém, seu orgulho ressumbrou de uma revolta contra a suposta capitulação que a mudez inculcava, e retorquiu:

— Seria bancarrota.

Heráclito não o atendeu, entrara a narrar para Henriette episódios da escravatura na Martinica, penetrava nas páginas românticas de *Bug-Jargal*, exaltando as metáforas hugoanas.

E Camilo, apunhalado por esta involuntária indiferença, voltou dolorosamente ao silêncio. Servia-se a sobremesa. Heráclito mandara vir cálices para Agrário, para Henriette, e com afetada delicadeza, perguntou a Camilo se lhe consentia

a oferta de um pouco de vinho do Porto. A rapaz recusou vexado, num sorriso amarelento, com duas palavras selvagens, regougadas; mas o pintor instou para que o aceitasse. Foi com a mão trêmula, uma vergonha a dilacerar-lhe a alma, que ele recebeu o obséquio, tocou o seu cálix no do doutor, engoliu essa terrível bebida que amargava na sua palatina, que o envenava. .. E o jantar não terminava! Todos tinham abandonado a mesa. Passaram os estudantes, o de nariz cheradiço fizera salamaleques para Henriette; passou a morena rescendendo a *ylang-ylang* numa nuvem de percales brancos e laçadas azuis; deslizou grave e de pálpebras baixas a que parecia irmã de caridade. .. Só restavam eles o doutor à mesa suja de migalhas, cigarros acesos. O meleque saíra com as últimas levas de pratos e a dona Ana trancava as últimas garrafas. Já rareava a luz, o dia rolara. E Agrário cada vez mais questionava, descortinava causas para o Heráclito explicar, esgarava-tava questiúnculas que se distendiam, que se alongavam, que se eternizavam.

Por fim, Camilo aventurou, tímido;

—Vamos-nos ? Agrário.

—Sim. Vamo-nos.

E não se mexeu, interessado noutra assunto que o doutor expunha, tranqüilo, o gesto lento, acadêmico, a palavra clara e dominante.

Um mal-estar afligia o rapaz visivelmente. Henriette notou-o, bateu no braço do amante, ergueu-se. Heráclito suspendeu logo a narração arrancando-se da cadeira; tivera um remorder imperceptível de lábios, como contrariado, mas despediu-se afável, cortesmente.

—Foi um alívio para Camilo. Apenas na escada do sótão suspirou com desabafo:

—Iribus ! Que falador dos diabos !

Henriette sorriu. Realmente, em se lhe dando corda, era insuportável aquele *macaco*.

Agora foi Camilo quem riu, nervosamente, vingado, no qualificativo da francesa. E, já outro, já desagradado das contrariedades do jantar, galgou os degraus, correu à saleta:

— Ah ! Isto vale a vida I

— Em família... — acrescentou Agrário, que recolhia a um canto o seu cavalete mecânico, resguardando-o com um pano. Depois veio debruçar-se no peitoril, ombro a ombro com Camilo, ambos absorvidos na contemplação dos longes marinhos.

Um vago torpor doentio errava pelo crepúsculo suavíssimo, fluidificava-se, penetrava n'alma, amolentando-a com reminiscências turbuladas, em volteios enlanguescidos, no incensário invisível das saudades. O ar resfriara. Soprava, muito fina, uma aragem glácida. Sombras notumizantes desciam lentas, e lentamente estendiam o luto das horas magnas carpidas nos bronzes sacros dos templos a que respondem ci-cios fervorosos de preces, persignaões reverentes de humildade e crença... Em torno, as massas acumuladas dos planos próximos, o casario tortuoso e recalçado, a carcaça dos estaleiros, os pesados trapiches agachados, as grandes fábricas silenciosas varando a solidão com o obelisco enegrecido das suas chaminés, fundiam-se, soturnamente, num tom sujo e compacto, rasgado de escuridões esconsas, ângulos lúgubres onde o crime corveja, desnudando navalhas que rematam desavenças do labutar diurno. O mar oxidara-se na calmaria, lu-cernas ardiavam suspensas, a vigilar; escureciam montanhas no horizonte lívido. Henriette debruçara-se no peitoril vizinho. A sua cabecinha loira, destacando-se do friso vertical da janela, fazia pensar num fantasioso motivo de escultura decorativa, de uma fina policromia de imagem nichal, tão impassível ficara e tanta suavidade havia nas suas frescas tintas claras! E, vagarosamente, um mugido doloroso, quase indistinto, em seu começo, alteando-se, alando-se de mais a mais, cada vez mais trêmulo, mais agudo, mais dilacerante, rompeu pela coma da tarde morrente.

— Que é isto ? — perguntou Camilo.

— Não conheces ? É a *Gôndola de Nera*, em oficlida.

Ficaram em silêncio a ouvi-la, ombro a ombro, meditativos, enlevados. E o mugido doloroso ia ascendendo, subindo, desdobrando-se, derramando nas alturas a sua larga queixa sonora de titão banido e moribundo... Dormiam no imperceptível embalo desta *Extrema Confissão* gemente a ruína negra do casario, a mole escura das edificações limítrofes, as

longitudes vagas, aguatintadas na penumbra da noite, que descia. Mais longa fizera-se a tristeza dos espaços. Imobilizá-vam-se as pupilas fascinadas... E, na corrente dos sons, seguia o espírito, pairando e ondulando, desde a incoerência sugestiva dos cenários campestres, por melancolias vespertinas de paisagens esquissadas, quando os mansos bois nostálgicos roncam a mágoa estertorante da sua miséria de escravos castrados, ao bafo cheiroso das fêmeas em caminho dos currais... até vaporosidades de miragens, longes decorativos de Canaãs, promessas de ouro esgrafiadas na poeira violácea do abandono, dúbias faixas distantes de claridades desconhecidas... e a região imensa do abstrato, o infinito dos sonhos, destendidos em céu sobre a vulcânica aridez fragosa, lascada, bravia da matéria !...

Só, no imenso recolhimento das coisas, no desprendimento astral dos seres, a cabecinha loira de Henriette se materializava inconsciente da sua própria vida, estranha a tudo, sem destino... talvez !



Capítulo XIII

Durante dois dias Camilo lutou com uma estranha, sôfrega vontade de voltar à moradia de Agrário, mas temia ser importuno, acovardava-se com a idéia de parecer indiscreto. Uma vez, porém, embora pesasse a pretendida extemporaneidade da visita, deu consigo quando já no lanço bifurcado do Livramento. Andara sem saber como, andara por instinto, impulsionado por uma inconsciente propulsão do destino talvez. Nem sequer o despertaram o movimento ruidoso do grosso comércio trapicheiro, o desesperado afã fabril desse bairro marítimo. Um extraordinário poder instintivo, dirigente como uma força hipnótica, conduziu-o através o raivoso atravancamento da tortuosa saúde, pelo entrechocar-se brutal das tropas de homens da labuta, que se esmurram na agitação delirante de "ganhar a vida", em borrascas de palavrões duros como pedras e infamantes como o estalar em alvo da lama arremessada. Nenhum estorvo o acordou. Seguiu indiferente, em passeio meditativo e lento, pelas imundas vielas do Valongo e da Gamboa sob uma atmosfera asfixiante de forjas e usinas, saltando poças lodosas, vencendo as rumas enormes das descargas dos trapiches, pisando um solo revolvido, escorregadiço e nauseante. E, quando teve perfeita noção de si mesmo, estava a pequena distância do lugar que o amigo escolhera para refúgio do seu amor. Então parou. A primeira vez que por ali passara não atendera bem a este canto de habitação, perdido nos monstruosos intestinos de uma cidade comercial. Notava-o, agora — achava-se perto de três árvores desprezadas que se contorciam em frente de uma soturna botica empoei-rada: a estreita rua descia em pendor, nua e pardacenta de

lama ressecada, margeada de construções irregulares, grandes massas de paredes escuras, ameadas de janelas em dois andares, alguns azulejos esboroados de antigas moradias ricas beijando sacadas corridas com balcões de ferro; em trechos extensos espremiavam-se fileiras de casario térreo, vivendas modestas, de peitoris com gelosias, covis de gretadas rótulas sebosas e oblíquas, interrompidas de quando em quando por desmantelados portões de cortiços, portas escancaradas de es-talagens. Lá baixo, num declive brusco, bracejavam ramos de *flamboyants* desfolhados, enforcando pingentes de grandes favas negras. Errava na luz de ouro do dia uma doçura de ar confortante, repassada de arrepios do outono meridional, a desdobrar-se.

Camilo continuou a subir a rua. Desde já percebia a pensão dona Ana numa fila de paredes baixas; a sua cor de pinhão destacava-se da oca de um muro, do caio de uma casa lateral, tinha duas janelas de caixilhos em quadradinhos ao gosto primitivo, uma entrada de gradil verde. Estacou diante dela. Da calçada onde ele estava podia enfiar o olhar pelo corredor ga-ratujado de pinturas, em cujo fundo uma alta porteira de varões envernizados velava a discrição interior com um pano surrado de ramalhos vermelhos.

E aí deixou-se ficar enleado no embaraçoso atropelo íntimo, até que, em inapercebido disfarce de seus próprios sentimentos, uma curiosidade cresceu nele, desculpando-o com o interesse de amigo por ver acabado o último retrato que ficara no cavalete. Nada mais natural, em suma! Ele, de fato, estava curioso de rever essa obra, tão largamente esboçada, havia três dias.. . Provavelmente estaria terminada.. . Provavelmente ...

E a enrolar um caporal esteve por atravessar a rua. Ainda um instante acovardou-se, indeciso entre o seguir ou ficar. Riscou um fósforo, acendeu o cigarro, soprou algumas fumaças longas, acompanhou com o olhar um bonde vazio que passava. . . Lentamente a imagem de Henriette levantou-se no seu cérebro, dominou-o. Uma necessidade de satisfazer-se, de ir lá, subir aquele aposento, ter diante dos olhos essa mulhe-rinha loira, ouvi-la falar, sentir no olfato o calor transudante do seu corpo, o aroma delicioso da sua pele, forçava-o a atra-

vessar a rua. Contudo, num esforço, conteve-se. Pensou em desconfianças, suposições ofensivas de Agrário, dos moradores da pensão... A dona Ana, mais que todos, deveria ser matreira, de uma perspicácia exercitada; tinha o tipo clássico das inculcadoras.. . Apesar de que Agrário seria incapaz de prejudicar falsamente da sua lealdade... De resto, mais dias, menos dias, *aquilo* terminaria.. . E, realmente, deveria ser um estorvo para o amigo a manutenção da amante. Considerava as dificuldades que podiam surgir aos recursos do pintor, avaliava das obrigações que lhe pesavam e... Uma idéia súbita, inesperada, estalou, flamejou no seu espírito: e se tivessem um filho ? Insistia na pergunta a si próprio, sem esclarecimento, pasmo deste imprevisto: e se tivessem um filho ?

Arrancou-se dali, caminhando com lentidão, fígado por esta idéia assaltante que de si vertia miríades de borbulhas frias pela teia de seus nervos, escorrendo logo para o coração. "Henriette com um filho de Agrário ! .. Não. Não era acreditável ..." Concluía, repelindo a suposição, mas, passo a passo, entrava na análise dos sintomas, esquadrihava pródromos mórbidos, característicos somáticos, esculpando com a memória a esbelteza estrutural da rapariga, cansando-se na investigação forçada dessas meticulosidades prognosticadoras; e, insatisfeito, misturando conjeturas e negativas, decidia desatinado, vencido. — "Então é que Agrário ficar-lhe-ia amarrado para todo o sempre !... Que infelicidade !" No declive da rua parou de novo, lívido de emoção. Do lado oposto, por uma rótula escancarada devassava o interior de um acanhado pátio, fechado entre calça de muros. Uma mulher, do tipo ceroso dos europeus desaclimados, com as saias em apanho entre pernas, batia roupas a uma tábua sobre grande celha ex-travasante d'água de anil; de quando em vez, tomava os panos pelas extremidades unidas, torcia, retorcia e abria-os, levantando o busto com altos gestos de braços, os seios trouxa-dos bojavam o paletó e as saias, despegando-se, abaulavam sobre um ventre grávido, pesando o seu farto volume roliço nos largos quadris duros que enchiam as vestes.

Aquela gravidez desalentou-o, veio subjugar-lo com uma densa tristeza comparativa. Imaginava Henriette deformada pela gestação, passeando um ventre saliente que a obrigasse

a decair para trás a linha graciosa e ligeira do seu torso, as faces tumefatas, um relaxamento doentio e penoso nas suas roupas, na sua graça feminina, nos seus encantos de mulher, e esse constante, enjoativo cheiro lácteo das parturientes perturbando a excitante exalação de gardênia da sua pele de moça... Afastou-se, voltando pela mesma calçada. — "Seria horrível! E para que desejariam um filho ? Se, sem ele, estavam à mercê dos acidentes de recursos incertos, em que condições iriam viver com esse vínculo extremo, esse estreitamento amoroso forçado pela nascença de um filho, envolvendo ambos na mesma convergência de sentimentos afetivos, ligando-os mais profundamente ?...

Com o mesmo passo de convalescente a passeio, achou-se, outra vez, defronte da Pensão Dona Ana. Os caixilhos continuavam descidos, a cortina vermelha, da entrada, antojava-se à curiosidade insofrida dos seus olhares. O mesmo silêncio da rua pairava sobre a casa. Passou adiante. O temor torna-ra-se-lhe maior, mais latente pelo agrupamento de motivos.

Um bonde rodava, quase vazio. Camilo assaltou-o de um pulo, resolvido. Arrumou-se no banco, com tédio por tudo, enjoado de si mesmo. Enquanto o veículo corria, dificilmente, aos trancos por ziguezagueantes ruelas claras e atravancadas, chocando-se de encontro carroças e mercadorias, num berreiro obscuro de cocheiros, ele pusera-se a procurar a melhor maneira de empregar o tempo que, então, lhe parecia demasiado longo e fastidioso, sob esse monótono azul dos dias de sol.

Logo, ao saltar do bonde, no largo de S. Francisco, deu de frente com um estabanado cavalheiro de enormes bigodes trevosos, que altivo passava com o seu vistoso sombreiro de castor branco, uma festiva laçaria cor de gema de ovo no papo escanhoado, calças de casimira clara e a suar copiosamente num *veston* de veludo negro.

— Oh ! Bendito acaso ! — berrou o cavalheiro, estendendo os braços para ele. No movimento luziu-lhe um enorme brilhante amarelado no anelar esquerdo. *Che surpresa!*... Eu andava a sua procura. Agora, você é meu por alguns momentos. *E che jate ?* ..

Entrelaçou o braço com o de Camilo, familiar e alegre, roçando-lhe pelas faces o seu formidável bigode de trágico

romântico. Era um paisagista célebre, ultimamente chegado da Itália, o Florencio Gavasco, de quem a imprensa dizia maravilhas num exaltamento admirativo. Estavam no passeio do desleixado jardim da estátua, toda repintada, brilhante de verniz do seu novo verde-escuro. Pequenos italianos vendedores de jornais, sujos e descalços, e imundos moleques com bandejas de balas, suspensas no ventre, pasmaram, atraídos pela riqueza de tão rara toaleta. Gavasco sentiu-se vexado com esse embasbacamento de feira, voltou-lhes as costas, e, notando a estátua, trejeitou um momo de surpresa numa exclamação:

—*Per Bacco!* — borraram o Bonifácio.

—Como de costume. É uma medida de precaução — Camilo esclareceu — e de patriotismo... Se a *patina* viesse aveludar-lhe as formas, seriam capazes de julgar o "patriar-cha" contaminado pela lepra moral, que nos consome, e des-creriam da excelência do metal.. .

—*Andiamo* — atalhou o paisagista. — Mas, *mio caro*, estou satisfeitíssimo com este encontro. Vamos daqui à minha "quitanda", porque não sei se sabes que abri uma "quitanda", há dias.

Camilo disse que sabia, lera nos jornais, não que ele houvesse aberto uma "quitanda", mas, uma exposição, cuja importância estava explicada no sucesso obtido.

Iam descendo para a Ouvidor. As pontas adejantes da gravata festiva do Gavasco tremiam, alvoratadas, na aragem dessa confortante manhã serena, e os seus grossos, bem cuidados sapatorros de couro cru, a campônio, batiam no lajedo, despertando reparo. Transeuntes, na pressa das especulações da bolsa, volviam a cabeça para ele, espantados; meninas pas-sarinheiras, embonecadas em detestáveis toaletes que andavam de loja em loja, na vadiagem tagarela das compras, olhavam-no deslumbradas, mas sorriam afetando superioridades de gosto. Camilo seguia contrariado por esta evidência, por esta petulância de rude que repartia com ele o assombro ou o mo-tejo da multidão. E, agora, o paisagista falava mais alto, levantava com mais arrogância a cabeça romântica, belamente impressionante nesse largo sombreiro branco. Tinha orgulho de ser fitado, sentia nessa bisbilhotice de beco a admiração da sua beleza, a popularidade do seu nome.

Afinal, romperam por um acanhado corredor de fotógrafo, penetraram numa sala que abria duas janelas para a rua.

Uns graves senhores, impertigados na correção de seus vestuários, entretinham-se com a análise de um quadro, posto no amparo de alto cavalete luxuoso.

Imediatamente, jogando o sombrero para uma cadeira, o artista abandonou o braço do companheiro: "Tem paciência. Já volto. Vou falar ao conde de Sabugal, ao comendador Monteiro. ..."

E fez rumo para o solene grupo, com ambas as mãos estendidas, agradecido e exclamativo.

Camilo ficou a olhar as paredes tristonhas, escurecidas por um velho papel castanho, de que pendiam molduras douradas, telas verdes e azuis, roxas e amarelas, pontos pedregosos de Capri, cantos da Sicília, lagos de Veneza, ou rasgões barrentos de estradas, pequenos quadrados brancos de casinholas sob manchas verde-sombrio de frondes. Um delírio de cores, em-pastadas, misturadas, lanhava o pano áspero dos quadros. A violência do colorido, o desasseio dos tons, a confusão das tintas que a espátula pretensiosamente tinha breado, que os dedos distenderam e as brochas gretaram, atormentavam a vista, ainda perturbada com uma luz escassa, reverberada de paredes fronteiras, muito próximas, de um róseo vivo.

Na roda dos respeitáveis senhores falava-se o grosso português reinol, de dentes cerrados; roncavam elogios. Um deles, com desembaraços de entendedor e palavreado de comerciante de quinquilharias, floreteava o dedo indicador em meneios de quem pinta febrilmente, ou enconchando a mão imprimia-lhe movimentos expressivos de acariciar uma esfera. Camilo prestou ouvidos. Fizera-se uma questão técnica, louvava-se a maneira nervosa da pintura contemporânea, que chegava a esculturar os relevos... O entendedor citava franceses, citava italianos... Ouviam-no com respeito e confiança.

Momentos depois o grupo retirou-se ereto, e firme no pisar; o entendedor sacudiu a mão do artista num aperto significativo, deu-lhe palmadinhas carinhosas no ombro, cochichou-lhe ao ouvido uma coisa importante que lhe dilatava os bugalhos e o obrigava a abraços e confidencias. Gvasco afirmou com a cabeça uma resposta, acompanhando-o até o pa-

tamar e curvou-se, reverenciosamente, para a escada: — Os meus agradecimentos, *grazie, a rivedere...*

Correu, então, para Camilo, acenando com um bilhete de visita:

— Mais um vendido ! O conde comprou aquele, o que está no cavalete. Um conto e quinhentos, entrando os trinta por cento da comissão. Foi de graça. Não concordas, hein ?

O rapaz fez um sinal afirmativo e sentiu a mão rebri-lhante do Gvasco apoderar-se da sua gola. O bigodão tre-voso roçou-lhe as faces, a boca do artista procurava os seus ouvidos. Queria dizer-lhe um segredo e puxava-o para si, com uma carantonha de mistério, e olhadelas esconsas; depois de uma demora de confiança que se medita, berrou:

— É o pior *agrião* que tenho na "quitanda".

Riram. Camilo, porém, levou a mão ao ouvido, atordoado com o grito, enquanto o paisagista girava pela sala, com os braços agitados, a dançar a tarantela, muito contente.

— Mas — perguntou-lhe o outro —, onde está o quadro grande, o famoso panorama da Itapuca ?

— *Che signor!* — disse Gvasco. Pois não sabe o que aconteceu ? É novidade corrente, todo o mundo sabe-a, até no Japão não se comenta outra coisa! Ora, esta! .. Você, está me parecendo, tem vivido em Mato Grosso.

— Mas, em suma, que aconteceu ?

— Fui obrigado a dividi-lo em duas partes.

Camilo deixou cair o queixo, estupefato.

— Sim, fui obrigado a dividi-lo em duas partes — afirmou Gvasco e contou, com ufania, os pormenores. — "O quadro era, na realidade, muito grande. Desejava *empurrá-lo* para o governo, mas tinha encontrado má vontade, o dinheiro andava escasso, as finanças comprometiam tudo. Nesse *mezzo* tempo apareceram dois amadores ricos, que mostravam disposições para adquirir a obra; não o faziam, porém, por motivos discordantes: um ficaria com o quadro se ele se limitasse ao rochedo, outro contrariava esta simpatia, desejava a parte oposta à pedra da Itapuca. O negócio era grave. E o momento me lindroso. Entrei a pensar. Perder a ocasião seria estupidez. *Che cosa poteva io fare ?* E de que maneira aproveitaria essa oportunidade, se o quadro era um panorama, e cada amador

simpatizava com uma determinada parte ?.. . *Allora*, lembrei-me de que, em pequeno, me ensinaram a história de duas mulheres, ambas pretendendo ser a mãe duma *piccola* e, como não se entendiam nas razões, foram ao rei.. . *et coetera*. Você sabe o resto. .. Fiz, pois, como o rei Davi.. .

—.. O rei Salomão — corrigiu Camilo.

—Sim, ou Salomão, que vem dar na mesma... Unicamente não houve grito de entranhas maternas. *Per guadagnare un pó di denaro*, cortei a tela pelo meio. Por esta forma coube a cada qual a parte de seu agrado. E, acredite você, ficaram magníficas, assim separadas.. . emolduradas.. . Magníficas ! Ainda eu lucrei mais um *par* de quadrinhos, aproveitando uns quatro palmos cortados às metades, para reduzi-las na largura. Foi um negócio da China ! Um negócio !.. . *Per Ia Madona !*

E terminou assoviando, castanholando os dedos, num alçar de destra para o ar: — *Ma, è bene trovato*.

— É extraordinário ! É inaudito !

Regougou Camilo, estupidificado por esta proibidade artística. Gavasco, porém, sorria orgulhoso, agitado, feliz; correria ao cavalete para colocar na moldura do quadro o cartão brasonado do conde de Sabugal.

—Ah ! é verdade — voltou-se, de repente. — Em que jornal você trabalha ?

—Em nenhum.

Camilo notou o resfriamento brusco do paisagista, refletiu um pouco, emendou: — Mas, ainda escrevo para a imprensa, até tenho convites para me ocupar de crítica.

—Em que é exímio — propôs Gavasco. Mudou de tom, pousando a mão sobre o ombro dele:

—Perguntei isto porque preciso de saber onde deixar uma lembrança, que fiz para você. .. uma *pochade*, nada vale, mas é uma *ricordanza*. ..

Suspendeu a explicação, fitando um vulto negro, que surgira na porta. Uma cara morena, com apagados traços gentí-licos no desenho duro da cabeça, sorria-lhe, sob curto bigode rente, numa larga dentadura esmeradamente tratada.

—*Dunque! Entrate, mio* Silviano Pinto. — Gavasco correu a abraçá-lo, arrastando-o pela cintura — Que honra me dás ! *Entrate, fratello mio*.

Silviano Pinto, severo na sua sobrecasaca nova, de abas pendentes aos joelhos, cartola na mão, apertou os dedos a Camilo, correu o olhar pelas paredes.

— Que sucesso ! Quase tudo vendido.

O paisagista fez um trejeito de saciedade, mas, afetando modéstia, objetou que não passava de "uma queima", corria tudo a restos, de barato, como nos leilões arrebentados. A ca-beçorra chata do outro oscilou, luzindo o negro oleado da sua cabeleira:

— É isto. Sempre a mesma desgraça ! Morreremos de fome nesta terra.

— Uma miséria I ..

Acrescentou Gvasco, com desolação e espichava comica-mente o beijo, descrente: "uma grande miséria!" Cruzara os braços, resolvido ao sofrimento; a enorme jóia anelar coriscou, relampejou em prismas multicores.

Então um sorriso dúbio fendeu, devagar, os lábios de Camilo que, ameigando a voz para não comprometer o gracejo, bateu nas espaldas do "festejado" expositor:

— Até me parece que a miséria já te conduziu ao crime. Tens tão linda roupa, um brilhante! ..

— *Fer Bacco!* — gritou Gvasco, num pulo. — Isto é para armar a efeito. A fortuna só protege os pintores históricos, assim como o Silviano Pinto que recebeu, há pouco, quarenta contos de réis, do Rio Grande, pelo seu *Poncho Verde*.

— Sim, sim, quarenta contos — retorquiu Silviano. — Não obstante, um quadro histórico exige despesas, muito gasto com modelos, com acessórios. No fim das contas o que se pode apurar é uma ninharia. Para lucro, meu amigo, só a paisagem. Ali está o Feliciano que vai fazendo "bem bons co-brinhos" com as *saladas*.

Gvasco sacudiu um gesto desdenhoso com a mão abrilhantada, de quem repele uma impertinência; mas concordou com ele a respeito do Feliciano, que se lhe antojava na aceitação oficial. Chegou mesmo a rilhar uma ironia ao valor do concorrente. Silviano secundou-o, distendeu comentários deprimentes ao mérito do colega e, na corrente da sua maledi-cência, entrou na vida do Julião Vilela e de outros. Telésforo,

entre todos, incomodava-o; contudo, ele aludia ao "grande artista" com uma discrição velhaca, quase encomiástica.

Era um nada rouco, precipitava as palavras, salivando, de instante a instante, os lábios com a ponta da língua. Depois de negociar o seu quadro histórico, dedicava-se à última demão dum romance, *'Nhá Cotinha*, cujo aparecimento fora previamente anunciado pelos jornais com louvores da crítica. Silviano tinha um grande orgulho de seus méritos literários, ainda mais que do seu laureado diletantismo musical, e esse livro prometido enchia-o de presunção, porque lhe parecia o início duma era regeneradora da literatura patricia, transviada dos assuntos caracteristicamente nacionais por desprezíveis imitações francesas. O seu apego ao nativismo era ferrenho e feroz. Nos seus quadros históricos a preocupação nacionalista esbarrava com exageros irrisórios. Em *Poncho Verde*, que a meia voz pública comparava a um cromo de barraca, ele colorira com vermelhão e ocre uma cabocla nua, sobraçando imenso balaio de ananases e cambucas, no intuito de *abrasileirar a cena* numa pretensa alegoria à uberdade do solo, que voltava ao laborar das enxadas com a paz entre Farrapos e Monarquistas ! As suas composições musicais tinham sempre títulos característicos, lembrando os dengues peraltas da mestiçagem escandecida. Estava narrando o enredo do seu romance, quando Gvasco o interrompeu para receber umas senhoras que permaneciam, indecisas e tímidas, à porta da sala. Na cauda de seus vestidos vieram outros visitantes. Despertou-se um rumor de passos, um ruído surdo de pisar feminino, de leques agitados. E logo um murmúrio cresceu, encheu as quatro paredes da exposição. Camilo aproveitou a oportunidade para retirar-se. Dissimulado e cortês esquivou-se por entre as cerimoniais pessoas que entravam; ganhou, enfim, o corredor da saída.

Nas portas da Havanese encontrou o Sabino a suportar as lamúrias do Sebastião Pita que, depois de raspar o bigode, dera para cortar a barba, metodicamente, dia por dia, supri-mindo-a com pausas supersticiosas. O desalento consumia-o: desleixava os cabelos, muito crescidos, granulados de lèndeadas; a fisionomia tornara-se-lhe alucinada, o seu vestuário miserável pesava empapado de lama, e sob o braço, aconchegado ao

flanco esquerdo, o eterno "recusado" trazia a eterna *Partida de Colombo*, num papel rafado, corroído, a dismantelar-se.

No mesmo momento chegava o achavascado Julien, o *espi-rituoso* Julien Story, que arrumou um tabefe na obra infeliz.

O pobre diabo recuou, furioso:

— Vá bater na...

E engasgou-se com um palavrão de insulto. Mas o Julien desculpou-se, desfez-se nos mais súplices perdões, vergando zumbaias sarcásticas, os braços abertos, gesticulando com uma caixeta de estudos.

Sebastião Pita tranqüilizou-se, cedeu; notou com inveja a caixeta, apalpou-a — "que era muito cômoda, valia bem uns cobres" — e tentando abri-la:

— Que é que aí tem, *mossiú* ?

— Um *pot de chambre*. Sabe o senhor Pito o que seja um *pot de chambre* ?

Pita arregalou os bugalhos, sorriu parvamente com a sua trevosa ignorância, meneou a cabeça e respondeu muito simplesmente: — Pois que o sirva de regale.

O Zebrão veio ter com o grupo. Descia ao lado de dois conselheiros, seus comprovincianos, a tratar de "uns arranjos" e, como as promessas fossem confiáveis, estava nas suas boas horas, respirando satisfeito. Entrou logo a pilheriar com o maníaco, passando dos dichotes à perseguição gracejadora

— Que é que este maluco está dizendo ? Ó gira ! que dizes ?

O infeliz fugia-lhe. — Está quieto, diabo ! .. — E persistia em abrir a caixeta de estudos do Julien.

Sabino e Camilo também insistiram com o francês para abri-la; o Zebrão pretendeu arrancar-lha violentamente. A resistência comprometia-o. Julien aquiesceu aos pedidos, fez saltar o tampo falso para mostrar uma tabuinha manchada, em *pochade*, tintas azuis de céu e de mar, um roxo Pão de Açúcar no horizonte, o triângulo branco dum pano latino sob o bor-rão escuro dum bojo de barco.

Observaram, silenciosos, sem saber que elogiar; só o Zebrão foi quem achou um qualificativo — bonzinho — para encorajar o colega.

— Mas... o mar, hum ! o mar... Fazia uma careta arremetendo com o polegar espatulado. — Está um pouco duro. Está chato.

Julien protestou, afirmando ser do natural, foi assim que vira. Não admitia a arte corrigindo a *natura*, porque ela, a *natura*, cm suma, é a própria arte.

Aceitaram. Zebrão coçou a nuca desaparelhado para re-torquir. Sebastião Pita levantou os ombros com desdém e seguiu o seu caminho. Pouco depois os dois desceram a rua, deixando Camilo e Sabino encolhidos nos portais, sem palavras, absortos.

— E o *Zut*, seu Camilo ?

Perguntou o *dissidente*, após longo silêncio, desalentado, num suspiro.

— Ora !... Foi-se... — murmurou o outro com desprezo, seguindo a palavra com um gesto expressivo de mão, de coisa terminada, abandonada.

Caíram na mesma melancolia muda, imobilizados pela visão acovardante de lutulentos patanos íntimos, silenciosos e extensos, por onde não passa a claridade do dia nem retremula a elétrica coréia vovejante das rútilas libélulas dos sonhos...

Por fim, Sabino, voltou à conversa, extenuado, lento, arrastando as palavras na gosma veladora dos tuberculosos mo-nologando, com um vagar humilíssimo de resignado. Falou de seus dias de fome, nos prejuízos contra a sua cor que lhe dificultava obter discípulos, até mesmo a confiança das encomendas !... E tão raramente ele se queixava, que Camilo atendeu com uma doce bondade, recebendo suas mágoas, partilhando delas, com um carinho de irmão. Mais dolorosos foram os minutos da volta ao silêncio. Na leve, alegre claridade deste belo dia, eles sentiam, ambos, o *spleen* do desamparo, a dor sombria e voraz do repúdio, do insucesso. No entanto, Sabino, tinha retornado à palavra. Agora preocupava-se com os seus colegas. Participou que o Lóssio abandonara a profissão o Valeriano Costa seguira para o Piauí, sua terra, onde ia procurar a subsistência lecionando primeiras letras... O sorumbático Requião entregara-se de todo às tabuletas. Até o Rios, apenas terminasse a estátua, estava disposto a fechar o *atelier*, mudar de vida, porque Telésforo, que já tinha la-

vrada a sua nomeação de diretor, pretendia mandar vir da Europa o novo professor de escultura I... "É uma ruína. Tudo por terra, tudo derrocado".

Camilo concordou, vagamente, acenando a cabeça. E emudeceram, aconchegaram-se aos portais, errando os olhos nervosos pela multidão desocupada que aumentava, obstruindo a rua, em grupos faladores, às portas das lojas, em frente das vitrinas, encostados às paredes.

Outra vez Sabino tentou palestrar.

—Sabes ? O Julião vai propor ao governo a fundação de *ateliers* livres, já tem o projeto pronto. Que julgas disso ?

—Ah ! Boa idéia.

Passava uma rapariguinha loira. Camilo lembrou-se de Henriette, acompanhou-a com o olhar. Instantâneo acometeu-lhe um desejo ansiante de voltar ao Livramento, invadir a casa da dona Ana, galgar as escadas do sótão, deixar-se estar ao lado da francesinha, em parola, enquanto Agrário pintasse. Hoje, nada mais queria senão esta existência junto às saias daquela rapariga, daquela encantadora mulherzinha, cuja cabeça loira, curvada às páginas de um livro ou às malhas do crochê, esperava uma ovação chilreante de beijos. Nasceria uma aguda vontade de possuir também uma amante, mas que tivesse o linear conjunto grácil de uma tulipa e fosse loira, que retratasse Henriette, fielmente, com a confundível aproximação fisionômica dos gêmeos ou a reprodução imagetica dos espelhos; enfim, que lhe fosse parecida, parecidíssima, tão parecida que, à força de semelhança, deveria ser a própria Henriette. Deliciava-se nesse ideal, alimentando-o a pouco e pouco, corporificando-o no modelo integral da outra, vitalizando-o num sonho irradiante de felicidades, em que já prelibava as volúpias cariciosas dos lábios sobre a rósea nuca tépida, de um sabor de favo cheiroso que se deglute viciosamente, impregnando o paladar de todo o seu perfume, molhando a mu-cosa dos lábios, da boca, do esôfago, as fibras da língua, o marfim dos dentes, de toda a doçura, de todo o sabor sugestivo, sensualizante e fino que parece penetrar nos tecidos, infiltrar-se na complicação orgânica do corpo todo, dessorar para a alma, embebê-la dele, deixá-la eternamente sentindo e go-zando-o.

Sabino continuava a contar os projetos do Julião, e ele, alheado de tudo, ouvindo-o falar sem entendê-lo fantasiava a sua "casinha com uma Henriette", escorregando pelas velhas pieguices reeditadas nos namoros líricos, bucolismos sabidos e paisagenados nas vaporizações cismadoras das puber-dades sentimentais, donde, por delicadezas inerentes ao seu aristocratismo espiritual, ressaltavam impressionismos sutis de colorido e forma em cenários paradisíacos...

E o companheiro expunha as pretensões do Julião, previa o renascimento dos entusiasmos, conjecturava do triunfo provável da *causa*. . . Mas, fazia-o numa lentidão de melopéia, sem vibrar, como se pusesse neste resto de ideal os últimos arrancos das suas esperanças.

O tempo corria sem que aparecessem os camaradas. Ninguém vinha ! O Artur de Almeida acorrentara as largas asas de suas ambições de artista nas oficinas de um editor musical, a desenhar capas para polcas; o Sousa, sempre esfalfado de orgias a rolha queimada, rabiscava caricaturas num hebdomadário arreventado, imaginando heranças de imaginários tios aventureiros; o aguarelista João Vieira jornadeava pelas serranias de Minas Gerais; outros tinham debandado, corriam os municípios cafeeiras, as zonas produtivas e ricas, as províncias inexploradas, na peregrinação estafante do ganho.

Que derrocada ! Nem já se sabia de Alves Pena 1... Um deles, o Sforzani, partira para a França por generoso concurso de um grupo de admiradores, um outro fora para a Itália. . . Assim se desmoronava esta boêmia de um tempo, se desmembrava, esboroando com a desagregação dos meses, das ilusões caídas dos ideais perdidos; rolando obscuramente para a dispersão das nulificações, para o murmuro parasitarismo das in-constâncias e das pusilanimidades.

Restavam o Franklin e o Sabino, os únicos que se ficavam à espera do ressurgimento, mas já vacilantes na sua crença, insensíveis quase ao desdobrar moroso dos dias sobre dias, hoje e amanhã, hoje e amanhã, sempre escorrendo para o passado desabando sempre para o abandono.

Numa dor que se aviva, Camilo volveu para o camarada:

— Que dispersão ! — disse amargurosamente. E descoro-çoado, com a mesma loa queixosa do outro, falou no ideal

morto, na ardência dos primeiros dias... "Escuta. Sabes tu a idéia que tenho disso ? É como o ímpeto patriótico de uma hoste bisonha que seguisse, voluntariamente, para a guerra, a quem faltassem disciplina e munições. Ao primeiro impulso partiu, confiada na sua causa, confiada no seu valor; depois viu-se batida, assediada, fuzilada, sem recursos de resistência, sem ordem e sem armas. Veio a retirada a todo o transe, a impotência avolumou o terror, o egoísmo do instinto de conservação provocou o pânico e fêz-se a deserção, fêz-se a fuga. . . É a imagem que formo da nossa infeliz tentativa. Não concordas ?"

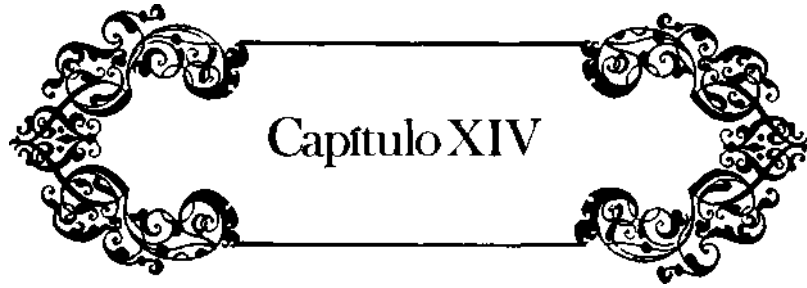
Sabino deu com a cabeça que sim, o seu olhar tinha o reflexo turvo de um crepúsculo de visões e lágrimas. Calaram-se de novo.

Sibilante, encravou-se trêmulo, no espírito de Camilo, o intermitente desejo de seguir para o Livramento. . . Mas, ponderou — fazia-se tarde, chegaria à hora do jantar e decerto encontrar-se-ia com o doutor, suporta-lo-ia à mesa, sofreria o seu autoritarismo de bom pagante naquela casa, atenderia à sua prosápia de político... Um horror! Encolheu-se mais ao umbral, infeliz e só; ainda mais infeliz, mais desprestigiado pelo rememorar das audácias do Heráclito que sitiava, perseguia Henriette, prevalecendo-se da sua importância, do seu dinheiro, da calidez colorida do seu tipo de forte, da sua coragem fria de macho. E uma aflição remordia, escaldava-o num ímpeto de romper pela casa adentro, sem conveniências, berrar às faces do doutor desaforos tarimbeiros, ultraiar o amigo pela posição humilhante a que se sujeitava mantendo relações amistosas com um indivíduo que lhe requestava a amante. . .

Estúpido ! Estúpido ! — gritou em si mesmo, num desespero que retumbava. — Ela se quiser há de possuí-lo, independentemente da tua vontade, desdenhosa da tua vigilância. Estúido ! Estúpido !

Emudeceu, mentalmente, recalçado, domado, como se tivesse sobre a alma uma horripilante pata escamosa de dragão, de monstro fabuloso, pesada, tenaz, esmagadora.

Sabino, encostado na ombreira lateral, permanecia meditativo, alçando-se Delas asas das quimeras ao vago dos sonhos, com aspirações confusas, indeterminadas, arfantes, da sua raça.



Capítulo XIV

\^>amião bocejava à porta da Havanesa, a esperar os companheiros. Ninguém lhe aparecia. Nem mesmo os dois mais perseverantes dissidentes eram pontuais.

Subia, então, para o Livramento, sombrio e desdenhoso mas à aproximação da casa da dona Ana, retemperava-se-lhe o ânimo, refazia-se num saudável desprendimento de enjôos e irritabilidades. Galgava depressa os degraus do sótão para surpreender os dois na intimidade dos seus amores, revertendo para si o melhor das carícias com que se retribuía, como se lhe fosse dado o poder de imiscuir-se na alma de ambos, fluidificar-se, astralizar-se no espírito deles ou, por uma desconhecida hiperacuidade, se lhe fosse dado a suprema sensibilidade afetiva de uma dedicação progenitora que goza pelo sereno gozo da prole, que vive pela vida venturosa dos seus, na simpática inanimalidade de uma velhice honrada, inteligente e meiga.

Uma vez deixou de subir ao sótão porque o pintor lá não estava e a dona Ana disso lho participou, sem que ele a inquirisse. Lavrou por seu espírito superexcitado uma desconfiança, suspeitou de que fosse um estratagema de Agrário para arredá-lo de Henriette quando ela estivesse só. A rapariga tranqüilizou-o um dia em que ele lhe falou do tristíssimo retorno. Disse-lhe que nunca deixasse de subir, porque o isolamento a mortificava. O pintor também concordou, pediu-lhe que se considerasse dono daquele aposento, que não eram simplesmente bons camaradas, eram amigos, deveriam tratar-se de irmão a irmão.

Desde esse momento Camilo entrava livremente para o sótão e lá se deixava ficar amolentado, perna trançada, cigarro aceso, a chalar.

Henriette tecia crochês ou costurava perto de uma janela. Por vezes o doutor Heráclito passeava o jardim procurando, discretamente, lugar donde fosse visto; Camilo percebia-o, impacientava-se, despertava o reparo da francesinha:

— Lá está o gorila.

Henriette alvacia sorrisos, magnetizando-lhe o zelo com um olhar.

Se o doutor persistia, se a francesa, por acaso, ficava à janela, Camilo externava contrariedades, despedia-se com pressa, frisando despeitos enigmáticos para ambos, sempre admirados dessas resoluções inopinadas. No dia seguinte lutava com a vontade de voltar, mas vacilava, enfraquecia e lentamente, passo a passo, esfiando razões, desfiando dúvidas, caminhava para a rua conhecida.

Houve ocasião em que procurou conter essa habitual passividade, arquejou enérgico, julgando-se resolvido. Apanhara Henriette debruçada ao parapeito e o doutor, por entre as franças tramadas de um caramanchão, a sacudir disfarçadamente aos dedos uma flor comprometedora. Fora um flagrante. Resistiria, agora, a essa ignóbil submissão, a essa inércia de idiota, e no seu furor de represálias cegava-se-lhe a percepção trivial do seguimento que levavam essas diurnas emoções, obliterado da sindérecis peculiar aos mentais, desde o mais rudimentar discernimento até a clara interpretação do valor desses diagnósticos passionais, com uma assombrosa rudeza de espírito, a ponto de perder completamente a noção da recíproca lealdade que se deviam, ele e Agrário, formando ciúmes de um fato que, se descaísse do desvario da hipótese para a segurança da verdade, apenas afetaria a fidelidade da rapariga com prejuízo para a confiança do amigo.

A relutância conseguiu a duração de uns dias. Insensivelmente, no quarto ou quinto, lá se foi ele para os lados da Gamboa, sob o peso grisento de um céu tempestuoso. Era inverno. O ar da tarde, muito úmido, golpeava o corpo, emperrando tendões; a lama cortava o calçado, despertando reumas nas cartilagens. Andava uma tristeza nas coisas. Camilo caminhava

indeciso. Súbito, teve o empolgo de uma saudade a esmagar-lhe o coração. Franqueou a porta da locanda.

Agrário estava desesperado com a luz, queria acabar um retrato e o diabo do tempo pregava-lhe esta peça!

Abandonou o cavalete, depressa acalmado da contrariedade e, a berrar uma canção de opereta, passou o braço sobre o ombro do amigo, levando-o para a janela aberta ao espaço proceloso, empolado de nuvens torcicolantes como ventres de monstros ofídicos que se escabujassem de roldão, em montões promíscuos, rolando pelos céus. O vento soprava forte. Longe, para os limites do horizonte, se desenovelavam massas disformes e cinzentas, esgarçando-se, esgrenhadas, em ramas brancas de algodão, desdobradas; uma poeirada neblinosa caía sobre os planos mais afastados e o imenso chão do mar era turvo, de um verde pantanoso e compacto; mastros oscilavam, retremiam flâmulas marítimas, doidamente, freneticamente; cascos pesados de navios arfavam lentos, compassados, cavando a água que se encrespava raivosa em torno deles. Havia uma ânsia no ar. O vento soprava impetuoso, em rajadas velozes, arrebatando estorvos. Agrário e Camilo recuaram quase sem fôlego, e o ímpeto da borrasca recrudesciu, uivando e sibilando. Logo a opressão caliginosa do espaço se desfez; passou uma claridade álgida, rápida — o aguaceiro desabou. Desceram os caixilhos, precipitadamente, colhidos pelo assalto da chuva. As taramelas das portadas ringiram nos engates e agora aqui, já ali, mais além, se ouvia o bater de portas, o baque de utensílios, o tinir de vidraças partidas, sob o fragor do temporal pelas alturas, que vinha estalar nas telhas, nos muros, nas pedras.

E porque se fizesse noite Henriette teve pressa de acender o lampião. Camilo deu de face com ela, reparou-lhe as pálpebras pinceladas de sangüínea, doloridas de lágrimas.

Que seria?... Ela chorara. Fora, com certeza, por ter assim os olhos que o não recebera na saleta, a fugir de constatar o epílogo de uma rixa caseira talvez, talvez o traumatismo de um desgosto...

Um alastrante, inesperado contentamento se apoderou dele, trazendo-lhe vivacidades comunicativas, ilógicas, incongruentes com o seu temperamento. Lembrou-se de uma por-

ção de bons ditos, casos farsistas, pilhérias de rapaziadas, que o pintor acolhia às gargalhadas, também muito rememorado de facécias, de troças acadêmicas, tal se se desforrasse de algum dissabor com ostentação de contrafeita alegria.

Enquanto as lufadas raivavam por fora e a chuva batia contínua, eles se abancaram ao redor da pequena mesa, sob a quieta claridade do lampião armado do seu largo quebra luz de papel creme, estriado em *plisses*. Descobriram uma garrafa de Villar d'Allen e havia um copo e um cálix. A noite estava convidando para o tépido regalo de uns goles, a luz caindo em cone sobre a mesa, respeitando penumbras tranqüilas pela cornija das paredes, propinava gozos de intimidade, recordando aconchegos de lareira eslava, parlenda à meia voz, bom tabaco nos cachimbos, a lenha queimando seca no velho fogão de inverno onde chia a chaleira para o rebasto noturno.

Camilo ergueu-se, foi oferecer, solicitamente, a Henriette o seu cálix; ela, porém, recusou-o, esquiva, sem lhe dar tempo de a fitar, entrou no quarto. Então, ele, vexado e temeroso, mas percebendo as reticências de uma cena de arrufos nesse desabrido proceder, pasmou, de sobranceiras erguidas, inter-jetivo e interrogando com a expressão a Agrário que esparramara os braços sobre a mesa e descansava o queixo nas mãos engrenadas, escarranchando a cara com um riso boçal de Sileno, a que o clarão da lâmpada acentuava o charro esbeichorramento da parvoíce de um lorpa de Hogarth.

Outra vez Camilo voltou ao oferecimento, insistente, um pouco teimoso.

Ela prosseguiu na recusa, protestando enxaqueca, o desprazer de beber...

Os pedidos, os rogos do rapaz tornaram-se persuasivos, sussuravam labiosos, com inflexões smorzadas de súplicas. Henriette aceitou. Veio à saleta. A sangüínea das pálpebras esmaecera e os botões celíneos das suas pupilas brilharam na vitrificação de um esmalte de Sèvres. Ainda por insistência do rapaz ela tomou lugar à mesa, sorriu à proposta que ele fazia de uma partida de bisca, à maneira burguesa, como uma pequenina família obscura e pacata. E já, para garantir a paz, Agrário ofereceu do seu copo à amante.

Camilo exultou: — Bravo ! Assim é que eu os quero v<. i. Assim.

Henriette saboreou os goles, bebericando, rendida e feliz, encostada no ombro do pintor, unindo à face dele a sua loira cabecinha leviana, agora do ouro fosco, translúcido dos velhos bronzes decorativos, obscurecidos em manchas tênues de patina onde bruxoleia o meio-tom cálido de um vigor adormecido, pela luz macia do abajur que lhe deixava em contraste, à força da chama escapa pelo círculo do velador, na ardidez de um colorido novo, o ruborejamento álaçre da saúde sob a transparência nevada da sua fina pele clara.

A vivacidade loquaz de Camilo fundiu-se paulatinamente, escorregadiamente, em invasora, absorvente concentração. Pouco a pouco ele perdeu as palavras, monossilabava, suspenso de lapsos e distrações, como se as torrentes desabadas, que o alentaram com reverdecimento de planta estiolada nos es-torros veranicos, o abatessem, curvassem e castigassem, pela continuidade bruta das deságuas. Tentaram o jogo. Camilo entrou a embaralhar as *vazas*, ocultando bocejos; mal sabia como disfarçar o aborrecimento crescente. Por minutos caíra em espasmos sonolentos. E apenas abandonaram as cartas, levantou-se:

—Bem. Vou andando.

—Que! — exclamaram ambos. — Era uma loucura! Ele não ouvia a chuva ?.. .

Contudo relutou por sair, arrepanhou desculpas, mas inutilmente. Agrário ameaçou extremos — "trancaria a porta" — Henriette arrebatou-lhe o chapéu, toda exclamativa: *Zut!*

Tiranizavam. Que podia ele contra a força ? Nem um apito trazia! Deixou-se cair na cadeira, inerte, indefeso com um momo de resignação. Tinham voltado aos seus lugares. Para passar o tempo Agrário ensaiou silhuetas de Henriette, a sua própria, a do amigo, esquemas de expressão, caricatura de tipos populares, perfis de companheiros; e distraído esquis-sando um contorno feminino, perguntou-lhe por acaso:

— E o teu livro ?

Camilo encarquilhou a boca com indiferença:

— Continuo a trabalhar...

Agrário sorriu incrédulo e, enquanto o cigarro, pendente do lábio, se consumia num levíssimo fumo de pira, ascendendo frouxo e em fio e se alongando em volutas lentas até se fundir com a penumbra do espaço, o lápis corria ao impulso frenético da sua mão, debuxando, estonteado, incerto, um enorme livro esfolheado.

Camilo observava o desenho, recostado ao espaldar, o cotovelo na mesa e a destra em pala sobre os olhos. Por um resto da superexcitação passada, sentia certo gozo em acompanhar o movimento do lápis; atendia o seu esgrafiar, seguia-o nas suas voltas, nos seus traços, arabescando, pontilhando, contornando formas, que a sua imaginativa completava e engrandecia, em seqüência vagarosa, mas logo num tropel rufado de evocações satânicas.

Era um fólio atarracado, de páginas manuseadas, amor-fanadas pelo febril compulsar de uma garra mefistofélica que lhes abria rasgões esgarçados de unhas, desesperando ríc-tus tétricos de marcas nas extremidades; quebrando-as com a violência agoniada dos delírios rábicos, numa voracidade aflitiva de apontamentos.

Dentre páginas pendiam tiras de missais apocalípticos, pingenteadas com lágrimas funéreas ou terminando em escâncaras medonhas de alados fabulosos, torcegando mandíbulas crocodilintas à fúria esgazeada de bugalhos desengatados de órbitas cancerosas. Enovelava-se-lhe fina meada labiríntica, ora contínua, fibrosa, tecida com visgos de teias; ora numa serpentina de bocetes agudos, ouriçados, aduncos, da armaria de um monstro... E já se enevoavam, confundidas numa mesma trama, vaporizando-se para os espaços em espirais ondulantes, em revoltar fumacento que se destendia, depois, num sabá desembestado, povoado de gnomos barbaçudos, truculentos, ébrios e ridentes; cornos encaracolados de feios capros lasci-vos perseguindo, por sob frangalhos imundos, roliças formas excitantes de fêmeas que esterçavam ósseos pescoços de horrendas carrancas de bruxas orgíacas; safadas cabeçorras de sádicos faunos, impudentes sátiros devassos carregando, nos cachacos nédios, ninfas bêbedas que se escarranchavam na montaria, rebolando aos guinchos, entesando mamilos de seios pulcros a vampiros sôfregos e sugantes, descendo em revoada,

arrebitando cartilagens epiléticas de asas satânicas, com investidas obcenias de priapos pompeanos. . .

—É este o teu livro. Vês ?

—Como te iludes!. . . — murmurou Camilo. — Eu o abri como a fanfarra alarmante da luxúria, mas, à proporção que trabalho, e isto há muito tempo, vou esbatendo-o num êxtase de claustro. É quase um sonho.

—Então Frinéia deu para Santa Teresa ?

—Não. Não é isso. Parti da mitologia para o idealismo cristão e é, precisamente, neste ponto, que encontrei uma corrente purificadora.

—Hein !. . . — fez Agrário abandonando o lápis — diz-nos isso Camilo, são sempre interessantes estas coisas de convento, mesmo, quando em *serões*.

—Estás te excedendo, a ironia é demasiada.

—Desculpa-me, mas estou aflito por saber o que tu fazes com o cristianismo.

—A coisa, a mais simples, a mais lógica, num livro que se denominará *Símbolos na Arte*. Convenci-me de que interpretar, se o guia jesuíta ou a mão condutora da teodicéia, essa balsâmica religião do divino Jesus, é penetrar em um novo mundo para a arte futura.

—Quase que descobres a pólvora, meu velho. Olha que os livros e as artes estão cheios de santos, e tresandam a incenso, que é horror !

—Estás doido. Só duas artes encontraram a forma cristã, ou melhor, se compenetraram da espiritualidade do cristianismo: foram a música e a arquitetura, o que parecerá uma incongruência pela dissemelhança interpretadora de ambas. A música sacra possui uma maravilhosa combinação de sons, uma tão fina expressão harmônica que traduz admiravelmente os êxtases da fé e o fervor da prece, e a isso responde a arquitetura com a múrmura grandeza das suas naves, com a linha aspirante das suas ogivas, das suas colunas, das suas torres, onde o religioso encontra a paz da alma, o agasalho do espírito, a elevação dos sonhos. . . Reunidas as duas artes para a concretização do ideal, o conjunto alcança forçosamente o intuito primordial dos seus executores. A pintura, nem mesmo a decorativa, a antiga, a bela pintura mural, conseguiu este

caráter; por enquanto tem sido secundária; e mais do que a esta a influência cristã falhou à estatuária, arte por excelência simbólica e mítica, fundindo-se na escultura. Neste ponto a degeneração foi completa. A Grécia construía templos para as estátuas, os séculos passaram e as estátuas foram feitas para os templos... e depois, com o andar da civilização, passou-se a modelar bonecos para as salas. O boneco de sala dominou tudo, até mesmo a estatuária monumental, que se procura fazer, em nossos dias, como se fosse ornamento de salões ao alcance da curiosidade dos detalhistas. A linha, o conjunto do monumento estatuário, são coisas mortas, porque a imaginativa burguesa não vibra, não é um produto inteligente de nervos apurados, apenas se remexe com sobressaltos de moluscos, lambuçada com o apuro paciente dos japoneses de ledo es-carafunchando o estanho em uma fantasia indolente de opia-dos. Ah ! nem tu sabes a raiva que esta artezinha *teitadora* me provoca !. .. Se ela se ficasse na sua especialidade, fazendo bibeloteria para as alcovas das meninas de luxo, dos consolos e dos contadores de palacetes, se não ultrapassasse do seu fim aplicativo de anéis e berloques, de tinteiros e pesos de escrivaninha, eu a compreenderia como uma rica futilidade aceitável às exigências elegantes da vida. Mas esquecem o destino dela e fazem-na ultrajar a arte para o gáudio de uns rotundos burguesões, aos quais a fortuna permite direitos de gente!

—Que queres ? — disse Agrário. — Ê uma questão de época.

—Sim, é uma questão de época, eu sei, e por sabê-la não irei, inconscientemente, na correnteza das aceitações. Mas, não a julgo uma questão de chapéus à moda. . . No entanto, eu bem sei que a época influi poderosamente nesse transvio. . .

Comentou ele com tristeza e repetia abstrato, monologando: —
. . .influi poderosamente nesse transvio. . .

Num gesto entediado estendeu o braço para a chaminé da lâmpada, fez arder a ponta do cigarro e continuou:

—E que se pode esperar dessa influência ? É claro que ela, resultando da burguesia, sai dos moldes dos seus atos e aspirações, e estes dois fatores cingem-na caricaturalmente, aos rendimentos econômicos da sua capitalização bancária, à to-

lerância boçal das suas convenções, à comodidade sorna dos seus gozos compensadores das humilhadas canseiras do corte às mantas de carne-seca, do peso dos fardos, das mornhentas lucubrações do dolo e dos negócios desonestos. E, pois, a arte do seu agrado será a desses pechisbeques, coisas mais ou menos semelhantes às comendas que lhes ornem o peitoral; e, por isso, o seu prazer estará na contemplação de obras que não ultrapassem da estreiteza da sua compreensão, tais como os bois de canga nas pequeninas paisagens do natural. . . **por** uma analogia recordativa das estafas passadas.. .

—**Iribus**, que sova ! — gracejou o pintor. — Mas, tu hás de concordar que a escultura moderna, mesmo a estatuária, adiantaram alguma coisa.

—Que foi ?

—Pelo menos a expressão, se o detalhe não está implícito no modelado.

Camilo sorriu. Que um mau amador dissesse tão grande heresia, compreende-se, mas, um artista, e artista novo, dar curso a semelhante barbaridade, era caso de arrancar impropérios a um casto ! A expressão, meu caro Agrário, está fora de comentários, porque os gregos faziam da serenidade fisionômica um dever educativo. Os deuses, como majestades, deveriam ser imperturbáveis e tanto cuidavam desse particular que o período do *criselefantismo* combinou o ouro em todas as suas ricas nuanças para lhes dar ao corpo, a beleza pomposa do sobrenatural, restringido à humana forma de colossos. E tu sabes que os gregos condenavam os aleijões, o povo era idólatra da perfeição física e os jogos clássicos constituíam tanto diversões públicas como concursos de belas formas desnudadas; até o traje nacional era feito de maneira a evidenciar essa beleza sem destruir a liberdade dos movientos. Os usos desse povo, a sua vida mental, o espírito da sua filosofia, o intento e a forma da sua literatura, explicação, perfeitamente, essa grandeza concretizada na imagem de seus deuses e nas massas dos seus monumentos arquetônicos. Demais, meu amigo, a calma não exclui a expressão. A Vênus de Cleômano tem a angelitude tímida de uma donzela, a Calipígia o orgulho tranqüilo da sua beleza, a Vênus de Milo inculca a segurança da sua supremacia no concurso de Páris como o célebre

gladiador, de Agassiz, a fria força bruta dos seus extraordinários, leoninos panos musculares... Aí tens tu; esta questão foi, há muito, explanada e vencida. Quanto ao detalhe, que deve ser separado do modelado, sendo este o único progresso da arte contemporânea, por causa da participação escultural e talvez das diferenças físicas das raças de hoje, ele foi tão preciso e cuidado como está sendo em nosso tempo; dadas as ressalvas de aplicação. Se algum dia passeares a Europa dir-me-ás, por tua observação, o que nos dizem os bons entende-dores, da impressão causada pela soberba anatomia do gladiador, pelo inexcedível trabalho do corpo do Hércules Far-nezo e do Sileno da biblioteca de Veneza. Observarás de perto as molhagens áticas, de uma verdade, de uma minúcia excessiva, por vezes amaneirada... E, para que desejariam os gregos respeitar as minudências, se as suas estátuas não serviam de *pièce-montante* nos banquetes, nem de ornamento aos fogões de inverno ? . . .

Estacou com um frenesi. O cigarro tinha-se-lhe desenrolado nos dedos, pôs-se a recompô-lo nervoso, mas dominando-se. Henriette com os olhos pálpitos, a pestanejar de sono, ouvindo-o, nescava simulados sorrisos de atenta e admirativa, inconsciente das causas desta fluência questionadora, que resvalava das pasquinadas para capítulos de estética.

A tempestade diminuía de ímpeto, batia cantante lá fora, rolando pelas goteiras, estalando nas telhas; de quando em vez lufadas violentas passavam, roncando nas portadas, sibilando pelas frestas dos quícios... depois só se ouvia a quebra sonora da água, como um marulho de cachoeiras no recôncavo das florestas.

E Agrário, para provocar o amigo, alentou de novo a palestra:

— Tu tens dado saltos mortais pela Grécia, espatifaste o burguês, mas, a respeito da tal estatuária cristã, nem pata-vina !

O companheiro esvaziou o resto da garrafa no cálix, bebeu fleumático, aos goles, forte dos seus argumentos, mentalizando o arazoado da exposição como se demorasse, por certeza de vitória, o gozo de esmagar a ignorância ridicularizadora do outro.

Iremos lá... Antes de tudo é preciso notar que não está nas Nossas Senhoras sofredoras ou gloriosas, nem no aspecto galinha choca das inúmeras representações da caridade, esse Simbolismo de que falei e o qual estás farto de ver, segundo dizes. Para concebê-lo na sua grandeza sintética e cortá-lo firme no mármore, para lançá-lo com a linha febril de uma criação, é preciso, meu caro senhor Agrário, ir buscá-lo nas eras iniciais dessa religião. Eu, se fosse estatuário, procuraria dar-lhe forma porque o imagino, porque o sinto e vejo. Infelizmente. . .

Sacudiu os ombros, resignado e nulo: —... Infelizmente, nem bonecos de miolo de pão eu os sei fazer ! Mas... Ah! se eu soubesse manejar um esboçador que obra não daria !.. .

Henriette, cansada pela imutabilidade em que estivera, procurou outra posição na cadeira. Camilo suspendeu o que ia dizer; ela porém, passando as mãos pelas pálpebras a afugentar-lhes o sono, sorriu para ele, acariciou-o com uma consolação: — que essa obra deveria ser bonita como as suas palavras.

Então ele reviveu neste elogio, respirou largo e orgulhoso nesta admiração que lhe parecia um salmo de glória, e cresceu na frase, expandiu-se com uma confiança de superior:

—Imaginem que eu iria surpreender o meu assunto no tempo das perseguições à Cristandade nascente, quando a grande besta, do Apocalipse, o monstro romano, rastejava pelo pó do circo para martirizar as crianças e as virgens. Seria brutal, hein ?...

—E por que não escreves isto ?.. . — atalhou Agrário. — Farias uma obra-prima.

Camilo chupou um cigarro, resfolegou o fumo pelas narinas; durante algum tempo esteve a olhar vagamente o abajur da lâmpada. O devaneio de um pensamento luzia nas suas pupilas. E, num rompante, despertando da sua meditação:

— Querem ouvir uma coisa ?... Querem ?

Houve uma curiosidade nos amantes. Desembaraçado de gestos ele retirava dos bolsos uns papéis amarrotados, manchados de uso, obreados de borrões negros de tinta. "É um capítulo do meu livro" — informava, enquanto revistava as tiras procurando endireitá-las, desenrugar suas dobras. Seus olhos

corriam por elas, de alto a baixo, em verificação; tremiam-lhe os dedos na atrapalhão do rebuscamento. Agrário e Henriette esperavam emudecidos. O silêncio fizera-se maior. Lá fora a chuva estalava.

—Creio que está certo.. . — disse ele, e continuou a ordenar os seus papéis, recorrendo à numeração, substituindo-os de lugar, emaçando-os sobre a mesa. Afinal apanhou a ruma com os dedos precipites, pousou-a na palma da esquerda e batendo com a destra sobre ela:

—Querem ouvir ?.. .

Disseram que sim. Ele explicou que era um esboço, um rascunho. Tinha incorreções, muitas falhas, mas era para dar uma idéia...

Agrário o interrompeu:

— Deixa-te de histórias. Lê !

Ainda por momentos Camilo permaneceu duvidoso, a considerar as linhas rasuradas, cortadas por chaves de emenda, riscadas a golpes, rabiscadas em explicações, que faziam do manuscrito uma intrincável hierografia, mas para fugir à opressão que começava a pesar-lhe, aproximou-se da lâmpada, em-bebeu as tiras na claridade, a distância dos olhos. A sua voz saiu trêmula, porém forte. Era uma descrição do circo romano, por uma tarde de espetáculo. A multidão enorme, de cem mil espectadores, fora sacudida nos seus nervos por sensações bruscas e para terminar o dia, esperava que lhe dessem o costumário suplício encenado de uns esfrangalhados cristãos, trôpegos velhos barbaçudos, esqueléticas crianças imundas, macilentas moças espectrais.. .

À proporção que lia a sua voz era mais clara, cantava distintamente as sílabas, numa precisão de metrônomo. Atendiam-no com o religioso recolhimento, suggestionados pela cris-talinidade da sua prosódia. E a descrição, nesta leitura, ganhava intensidade iluminada de cenários, vivia pelo movimento, pela ação dos seus personagens: — Houve um momennto de largo silêncio. Só, nessa concentração de expectativa, o ar se refrangia pelo resfôlego de milhares de narinas, e pelo arfo compassado dos peitos, o farfalho brando, vago, ruflante, dos grandes leques de penas de pavão que, nos vaivéns lentíssimos, relampejavam, em calmaria. Do alto do anfiteatro,

escravos núbios sacudiam, de quando em quando, para a imensa roda de arena, largos panos repletos de malacacheta triturada, aromáticos pós de canela e sândalo. Uma atmosfera pesada resplandecia numa névoa de visões fantásticas, fais-cante como o esmeril das minas preciosas, perfumada e vio-lácea.

De um dos extremos da bancada ocidental, os espectadores delineavam-se como silhuetas de guaches na neblina de ouro e roxo de um horizonte indiano. Do outro extremo, oposto ao ocaso donde o sol dardejava num incêndio jalde, o metal dos capacetes romanos reluzia à semelhança de faróis ardendo, sobrepujados pelo egoiro da loba faminta; diademas feéricos em cabeleiras violetas à força da luz e por efeito da distância, explodiam em prismas ofuscantes... Alvas túnicas de vestais transluziam num tom lavado de ouro, brilhavam nos ebúrneos pescoços das virgens moedas pingenteadas e minúsculos fálus de âmbar, e a púrpura dos senadores ardia em amplas labaredas, envolvendo largos troncos musculosos de que emergem fortes cabeças glabras, de cabelos rasourados..."

Depois entrava na descrição do cenário, colorindo com largueza golpes certos de impressionismo, os acessórios históricos desse ato: "Um troço de ignóbeis servos, estreitos frontais cerdosos, de quadrúmanos, e cachações tourinos de atletas, acabava de plantar no solo uma rústica, pesada cruz invertida, quando sob a lufada quente de milhares de bocas que se abriram exclamativas, apareceu a vítima escolhida, arrastada, violentamente, pelos pulsos carniceiros de um hercúleo serviçal, de saio azul. Era uma pálida cristã, donzela e tímida, de olhos suavemente negros, de uma doçura contemplativa e meiga".

A frase, nesse momento, escorria-lhe contínua e harmônica, sons que se transformavam, que se combinavam num bloco intangível, donde surgia o enlace divinamente lindo, dessa figura de mártir, fazendo-se corpo na imaginativa dos que o ouviam, como se a tivessem diante dos olhos, num entalho magistral, na plasticidade de uma pedra amaciada pelo desso-ro do plenilúnio das baladas, na qual parece tremer a nata magnolial dos coalhos lácteos... "Ela ficara ultrajadamente nua para a curiosidade da multidão, mas, essa nudez não ex-

cita à luxúria, não irrita os instintos, é como uma forma an-drogínea, sem sexo e sagrada. No entanto, não lhe falta beleza à supliciada posição em que a deixaram; dir-se-ia que houve na crueldade um requinte estético, tão completa e euritmica é a linha do seu conjunto ! A brancura pálida de uma das suas pernas traça um contornado e formoso rolo oblíquo à extremidade do toro encruzado do lúgubre instrumento; a outra está forçada em ângulo, presa pelo pequenino pé dolorido à juntura da cruz; seu corpo tem a lividez marfinada de uma antiga escultura de templo, em que a luz vésper e o polvilho cintilante da atmosfera põem ineditismos deslumbrantes de tons delicados, ora aveludando o ventre virgem num efeito macio e terno de um enorme nenúfar branco, ora lilaseando o busto, os seios puros numa transparente carna-ção, suavíssima, de aparição celeste. Para o alto distenderam o seu braço esquerdo, enquanto o outro fica-lhe curvado, com a mão sob o pescoço claro e fino de imagem dos cantares bíblicos. Desenastraram-se-lhes os negros cabelos em tumulto sobre os ombros, sobre os seios, como a esconder os esferóides pomados da sua nubência enflorada. Na ira, na presteza do crucifícamento, as garras desumanas dos servos romperam a miserável túnica que a envolvia, e, agora, restavam dessa grosseira veste farrapos pendentes dos rudes laços duplos que equimoseiam sua carne; um frangalho repuxado e mole, num abandono de panejamento acessorial, desce do seu braço erguido à massa muscular exterior da coxa curvada... E..." Camilo emperrou a repetir a copulativa, a procurar na tira o seguimento da frase:

- E...

Afligia-se, sem poder decifrar o que escrevera; tartamu-deava meios períodos, atrapalhado com o entrelaço das emendas.

— Bem — atalhou com uma resolução. — Aqui faltam umas coisas. Passemos adiante. Começa o suplicio. É este o momento ... Atende, Agrário.

E continuou: "Ásperas soaram as grandes tulipas de prata dos arautos. Do arco trevoso de uma das *caveas* arrastou-se um monstro, zambro, desengonçado, pantera ou leão no fulfo pelo eriçado, hiena nas cautelas hediondas do pisar. Correu

pelo povo um arrepio de terror; peitos ofegaram, todos os olhares ficaram paralisados nele, como num assombro. O monstro caminhava devagar, medindo o terreno, urrando, quase agachado no pó, mas já de esquelha, desajeitado, contorcido pela deformidade das pernas traseiras, saiu aos boléus, horrivelmente ridículo, num trote macabro de avantesma.

Outra vez, no extenso circo, as buzinas erguidas, relu-ziram, soaram ásperas.

Um silêncio caiu. Ao ofego da respiração as moléculas cintilantes do ar retremularam, agitadas, semelhante a um enxame de microscópicos insetos luminosos.

Então o monstro ergueu-se nas patas, aprumou o dorso e, sob o basto pelo fulvo, viu-se o corpo de um homem. Dos imensos anéis superpostos das arquibancadas, naquele anfiteatro colossal onde viviam cem mil espectadores, cresceram para o espaço, solemente, milhares de mãos espalmadas em juramento. Era a saudação muda ao César. Mas, prestes ao cessar o respeitoso aceno, o monstro retirou do cinto uma esmeralda côncava que aproximou à vista míope; precisando a posição da vítima, devagar recolheu a lente e caiu nas patas outra vez.

Outra vez caminhou, agora em direção à cruz.

E vai. E urra feroz, e bufa, e reboleia desesperado, às gatinhas. Pouco depois galopa, aos solavancos, aos galgões, aos guinchos e em frente da virgem pára, fareja com o focinho no ar, recua, roja-se no solo, espoja-se com esganiços depravados, arma-se num pincho.

Ela não o vê. Ela não o olha. O seu rosto está levantado para o céu, resplendorado de inspiração divina; há um brilho de astro nos seus olhos, uma doçura de graças na sua boca.

Pronto, com o rugido, voa o monstro sobre ela, que treme ligeiramente, que procura fugir, debalde, à fúria do arremesso; mas, presa imbele, não tem defesa nem mais tenta se esquivar das garras, fica imóvel, torna-se insensível, toda a sua vida na grande luz da fé.

No rápido salto, a fera raspou-lhe o busto alvo e macio com as curvas unhas aceiradas e, como duas lágrimas, se desprenderam da carne dela dois filões de sangue que deslizam

céleres. E à vista da carne ferida o desespero do monstro recrudescer.

Não se lhe pode acompanhar o movimento desordenado e louco, não se pode atender ao assalto frenético, alucinado, bravo, que executa; unicamente se compreende que as suas garras rasgam, dilaceram, esfrangalham essa beleza imóvel que apenas ofega sem gemidos, que agoniza sem dores, Nesse momento, de um lugar ignorado, talvez do fundo dos subterrâneos ou da base do anfiteatro, talvez dos muros das bancadas, não se sabe de onde, arrebeta uma melopéia dolorosa e grave, que irrompe compassadamente, pelo espaço, num canglor de súplica. São os cristãos prisioneiros nas *caveas*, que cantam, imprecando de Deus o conforto para ela. Ao canglor dolente de suas largas vozes clamantes, respondem, em estrondo, os rugidos e berros das feras enjauladas. O circo enche-se de uma procela bramante. Estrugem buzinas, reboam trompas, tantaneiam címbalos. O coro apocalíptico rompe das fúrias em maldição à prece lagrimosa da Cristandade acorrentada ! Retime-se de sangue nas visões. Sangue ! Sangue ! Em cada idéia borbulha o sangue, em cada olfato espumeja o sangue.

Esse gozo, que arrebeta e epileptiza a multidão, é vermelho, satanicamente vermelho, como vermelhas, horrivelmente vermelhas são as garras do monstro, a carne escoriada da vítima, a poeira ardente que retreme no ar, o rebramar dessa música infernal, delirante, ciclópica. . . E tudo ameaça desabar numa loucura rubra, de labaredas crepitantes: o circo parece abalado, roído por fogaréus subterrâneos, que roncam pavorosos; o céu prestes a explodir num incêndio, a terra a estalar nas convulsões vulcânicas de um cataclismo. Ecos re-tumbam. A borrasca atordoia. . .

Súbito, fêz-se um aterrorizante silêncio. Todo o fragor cessou.

Na cruz o corpo da santa é um bárbaro troféu de carnificina. A fera gosmou a sua carne impoluta, mordeu-lhe os polpos musculares, cravou as unhas na tumescência alva das regiões glúteas, num desespero de concupiscências. Do hímen clandestino e delicado mais não resta senão o quente sangue extravasado, sangue que seus dedos arrancaram, que a mão

brutal, febril, provocou dilacerando as genitais sem mancha, forçando-lhe a entrada ao grosso pulso de homem, nivando de prazer, escabujando de gozo, babujo, caprino, rábido, sob os aplausos desvairados da multidão canibalesca.

E o monstro arqueja cansado, retrocede a reparar sua infâmia. Como ela também o povo arqueja suando de emoção, à espera do endemoninhado pensamento que o contém e enleva. Correm rápidos os instantes, porque a besta, não satisfeita, quintessenciando a maldade, refinando as explosões sádicas, funambulou. corcoveou pinchos diabólicos de urso dançarino, escorjando aos rinehos, tarantulento, pandiculariente, movendo-se num lúgubre cômico de fúria coreográfica ao tarampa-tão tantaneando o jongo bárbaro dos antropófagos cafres, aga-chou-se na arena, fungando as ventas, haurindo sangue, zurrou lascívias, regongou asperezas siflantes de esfalfo e, num ímpeto, escarrou-lhe na vulva dilacerada, arrebentada, florejando numa papoula purpurina de chaga, ardendo o vivo gotejante da carne e por fim atirou-lhe com escárnio, a contento do povo, um punhado de areia, carantonhando o nojo que aquela devastação de chacal despertava pelo informe amálgama de úlcera revolvida. . .

No delírio desse espetáculo, ninguém notou que os últimos raios sangüíneos do ocaso reverberavam sobre a carne poluída da virgem, o clarão vermelho de um triunfo ! Ninguém reparou que ela ainda vivia, mas que a sua vida estava nesse rosto de uma palidez etérea, de que são feitos as visões e os sonhos, as imagens sonâmbulas do além, as evocadas silenciosas do mistério !... E ela vivia !... Ainda nos seus olhos a morte não havia fechado o tabemáculo radioso da alma, ainda nos seus lábios não se extinguiu a graça da esperança ! Que valeu ao anticristianismo o dilacerar desse corpo, a ignomínia desse ventre ? Esse corpo exposto ao ultraje público tornou-se abstrato porque a injúria foi feita à carne, a mão infame do monstro só encontrou a matéria ! Esse sangue gotejando na terra, entranhou no mais recôndito das suas camadas a glória dos mártires; esse ventre infamado na sua vulva, ferido e lacerado, deixou passar pela virgindade rota o germe produtivo da crença, crescida e reproduzida por séculos e séculos sem termo. . . E quando a noite veio, no silêncio

do anfiteatro deserto, quando os servos volveram para arrastar esse corpo ao pasto das hienas ou às jaulas das feras, quem pôde ver, quem teve olhos para ver, viu bem distintamente que sua alma se desprendeu num brandíssimo suspiro de alívio. .. Houve, nesse instante, uma claridade nos paramos siderais, que talvez parecesse o prenuncio do luar surgente. . . Mas ao certo, foi sua alma que se abria nos céus, reunindo-se à eterna vaga da luz eterna, em que o universo gravita e que forma o resplendor de Deus !.. ."

Camilo parou extenuado. O calor que pusera na sua leitura, o interesse em dizer claro e impressionante, esforçando-se por completar com a palavra o valor da frase, deixavam-no exausto.

Henriette, vencida pelo sono, levantou-se mas sorria-lhe num pequenino esforço contra o abatimento, com elogios para o animar. Agrário também ergueu-se. Houve um ruído de cadeiras arrastadas no sossego da casa. Passava da meia-noite. A chuva estiara.

— Está soberbo! Está admirável ! — afirmou o pintor, alçando os braços num espreguiço bocejado: — Fizeste um primor.

Camilo agradeceu-lhe, comovido. Declarou que ainda faria umas emendas, umas modificações. E, como ouvisse bater meia hora num relógio, exclamou com espanto:

— Virgem Santa, que abuso !

Apanhou o chapéu, atrapalhado, ensacando no bolso a sua papelada, e repetia:

—Que abuso!... Perdõem-me. Madama, até amanhã. Perdõem-me.

—Estás em tua casa.. .

Observou-lhe o amigo, mas encolheu-se esquerdeado, sem meios de lhe oferecer um leito, pelo menos de improvisar um repouso. Camilo apressou-se. E, àquela hora perdida, ao frio penetrante da madrugada, destinando-se a um arrabalde no outro extremo da cidade, numa distância de léguas, ele desceu do sótão acompanhado por Agrário, atravessou a calma ressonante da casa fechada, andando na ponta dos sapatos a temer o rumor dos passos. No alto de uma porta uma clari-

dade velava. O ruído quase imperceptível do dormir punha na treva um murmúrio misterioso.

A rua estava solitária, o ar cortava. Camilo sentiu um desânimo, veio-lhe uma tristeza de ingratidão sofrida, como se lhe houvessem enxotado de casa, abandonando-o nas sarjetas enlameadas daquele enxurro. Chegou a queixar-se da friagem, levantando a gola para se agasalhar. E mergulhando as mãos nos bolsos considerou com o olhar o isolamento da rua.

O pintor murmurou também o quer que fosse de sentido por não poder oferecer-lhe pouso, ao menos um agasalho. . .

E após a indecisão de um mutismo:

—Boa noite, Agrário.

—Adeus, Camilo.

A porta bateu seca. Tiniram ferrolhos.



Capítulo XV

Ua tarde Agrário travou braço ao amigo e saíram a passeio. Seria uma volta por perto.

Em meio do caminho, estreitando Camilo numa confidência feliz, noticiou-lhe que estava com a viagem tratada, conseguira por intermédio de influências políticas uma pensão da sua província. Exultava de contentamento. Agora a Paris sonhada, a Paris idealizada, era uma realidade. Mas. . . — interrompeu-se contrariado — mas. . . havia sempre um estorvo na sua vida. Tudo arranjado, tudo quanto dizia respeito a realização deste ideal, menos o meio de descartar-se da rapariga. Precisava de um motivo qualquer para abandoná-la. Até hoje andara às cabeçadas; fizera vida de boêmio, sem cuidar do futuro; tirara Henriette do gozo do cambista só pela fantasia de manter a sua amante, um luxo imitativo, para afetar existência parisiense de artista. . . Hoje é que via claro o estouvamento em que vivera. Só a brincadeira do Zuí trouxera-lhe maçadas e prejuízos ! Por último, quando parecia ter chegado ao seu desejo, era isto! De que modo seguiria para a Europa com a sobrecarga da rapariga ?.. .

Desciam a rua, a passo. Camilo caminhava calado. A boa nova do amigo tomou-lhe o coração como as molhagens de gesso que envolvem um membro, comprimindo-o sem do-, resfriando-o devagar. Sobretudo a queixa contra o Zur, esta recriminação injusta e sempre repetida, neste momento mais o acabrunhava, sem mesmo saber porquê, quando já lhe eram raras as vezes que se recordava do seu grupo rebelde, da sua utópica revolta !

— Tu não me ofereces um *expediente* ?

Perguntou-lhe, subitamente, o pintor. Camilo estava tão absorto que, despertando, indagou admirado:

—Para quê ?

—Para que há de ser ?... Para me desligar de Henriette. — Ah !.

.. — e depois de uma longa pausa. - Homem, eu nestas coisas sou nulo. Nasci sem *expedientes*.

Continuaram o caminho em silêncio. A tarde descorava numa palidez convalescente de inverno a extinguir-se recolhida e dolente; saturava a friagem do ambiente a acridade en-joativa dos carvões e graxas dos estabelecimentos fabris já em repouso; e esse descanso de possantes maquinismos adivinhados lá dentro dos vastos recintos fechados, a quietação modorrenta do lugar, aumentavam a tristeza de em torno, en-chendo-o de uma vagarosa dúvida de próximos pores-de-sol refulgentes, como promessas dúbias de alento. À proporção que desciam, o aspecto do bairro encenava-se mais soturno, mais lóbrego. O cheiro das lubrificações mecânicas delia-se à invasão do bafio salitroso das maresias do cais. Começavam, por aí, as tavernas da maruja, os botequins imundos onde se retalham a facadas os ébrios agressivos, os *ship-chandlers* sombrios, um ar úmido de porões infectos; e, do lado oposto, descendo para as proximidades da Prainha, o silêncio dos trapi-ches, a pesada calma dos estaleiros, exalando resinas alca-troentas de materiais náuticos, o olor meloso de seus fardos de açúcar. No fundo de uma betesga, negra e lutulenta, luzia uma faixa de mar. Agrário parou, surgiu-lhe a idéia da propínqua viagem, um antegozo de se ir dali, águas em fora, pelo desconhecido, singrando as vagas para os portos da Europa, em busca dessa terra sonhada, a Canaã dos espirituais que se consomem no cativoiro dos países bárbaros.

E bateu com a bengala na calçada, numa exasperação:

— Mas, isto é um inferno, Camilo, é um inferno !. .. ou eu abandono Henriette ou corto a minha carreira !...

Este arranco egoísta, mas justificado pelo desejo de completar aspirações, este inteligente arrebatamento de moço que se teme estiolar na vulgaridade de um meio ronceiro, sem amplitude de limites, sacudiu a alma de Camilo, esfuziou por seus nervos como um relâmpago no céu tranqüilo de uma noite larga.

— Abandona Henriette, mas não prejudiques o teu futuro. Vai, custe o que custar. A mulher é um estorvo para o artista, e quem vence a mulher conquista a vida. Vai.

Houve nestas palavras uma melancolia que ele próprio não poderia definir e tão firmes, e tão emocionantes pela sinceridade elas foram, que o pintor ficou emudecido, o olhar posto longe, talvez para além-mar, talvez para o seu grande sonho — abstração inexprimível, que se há de concretizar, que há de vir um dia, um dia que sempre se espera e que sempre tarda, mas que não tem ocaso, que não acaba nunca a sua deslumbrante fulguração simbólica. E, devagar, como se sur-disse dos enevoamentos de uma meditação, Agrário disse:

— Eu não sei, não me posso compreender. Às vezes sinto-me estúpido, incapaz de um resolução; outras vezes sou capaz de tudo, cometo violências, decido das circunstâncias as mais complicadas com uma extraordinária presteza de idéias. . . Assim como agora, encontro-me idiotado, sem saber o que fazer . . . Será isto amor ?.. .

Começaram a galgar para o Livramento, concentrados, lado a lado, sem se ombrearem, lábios grudados. À entrada da pensão, Camilo se despediu. Estenderam-se as mãos no mesmo silêncio. Um desapareceu por trás da encortinada cancela da casa, o outro desceu rua abaixo, embrutecido com o azoinar cafurnento das conjeturas e apreensões. E, longe da pensão, abriu a boca para sorver o ar, aflitivo, numa agonia. Agrário partiria. . . Agrário iria para a Europa fazer o seu nome, preparar o seu futuro, viver, enfim !. . . E ele ? . . . E ele?...

Penetrou-lhe mais envolvente uma fria desesperança, ga-roenta e triste: sentia-se afastar de uma ilusão feliz que só agora percebia, mas que não podia determinar; desprender-se de um tempo manso em que amainou sem presságios, numa venturosa ignorância de inculto; e essa ilusão que se alava, asas largas, claras como a caiagem nova das ermidas, batendo para as distâncias do *nunca mais*, e esse tempo que diminuía e se aerizava num afastamento panorâmico de porto eternamente deixado, traziam-lhe uma saudade funda, dolorosa, como se, aos poucos, gozando o suplício causado, lhe espremessem o coração ferido sobre a palidez da alma letárgica.

Agrário partia 1 — Murmurava de si para consigo. Um silêncio de tumba fechada ficava nele, acompanhando-lhe os passos. . . Mas, logo, uma pergunta reboava por sua alma, como uma rajada inopina de vendaval arrebatando as portas de uma nave: E Henriette ? . . . Henriette para onde iria ? . . .

E, no desalento de outro silêncio, caía sobre o pungir das incertezas a realidade glacial: para ele é que tudo findava ! . . .

No dia seguinte Camilo vagou pelas ruas, esteve horas e horas à porta da Havanesa à espera do Sabino e do Franklin que não apareceram; decidiu-se, então, a visitar o Rios, a quem foi encontrar ainda mais amargo nas desilusões, todo preocupado com um catecismo positivista de Letourneau. Ao atra-vessar uma rua deparou com o Braguinha que acabava, dizia ele, de ir ao correio franquear uma carta para o Puccini, porque talvez Camilo não soubesse o Puccini escrevia-lhe, tratava-o por *tu*, adoravelmente familiar. . . De resto, um belo rapaz, esse Puccini. Na carta, a que se referira, participava ao jovem maestro que o iria surpreender brevemente. . . Ah! é que o amigo Camilo ignorava, sem dúvida, que ele, "este seu criado Samuel Braga", terminava o inventário de um tio rico, uma bagatela, apenas uns quinze a vinte contos de réis para uma temporada na Itália. . . *Sento uma forza indomita*, sabes?...

Assestou melhor o pincê, com o seu jeito habitual de calcar dois dedos sobre a curva da mola e lembrando-se:

— Homem, é verdade!... Sabes de uma coisa?... Não sabes... O nosso Alves Pena, o nosso famigerado Alves Pena, de quem não havia notícia, está a morrer. Disse-mo um pa rente dele, há horas. O *delirium tremens* declarou-se, depois um insulto cerebral paralisou-lhe o lado esquerdo. Está a morrer. . . e no hospital.

Camilo informou-se com ele da maneira por que lhe seria possível visitar o doente. Convidou-o para esta prova de camaradagem, mas Samuel Braga esquivou-se-lhe, enumerando uma enfiada de compromissos inadiáveis, que lhe tomavam todas as horas deste dia.

— Neste caso vou só. Adeus.

E, despedindo-se, Camilo seguiu caminho. Quando entrou no *quarto particular*, que lhe foi apontado, o pobre rapaz jazia inerte sobre o leito, apenas se lhe per-

cebia a vida pelo respiro siflante, cansadamente rítmico da carcaça, sob o vermelho áspero do cobertor. A cabeça, muito pálida, pondo em ressaltado todo o desenho ósseo, era como uma coisa abandonada sobre o encardido linho das almofadas, e seus olhos, velados por uma penumbra de inconsciência, pregavam-se a fitar o vidro de uma oleografia, pendurada no muro fronteiro, representando o beatífico São Francisco de Paula, barbaçudo e bom, na concha do seu capuz.

— Então, Alves Pena, que é isto ?

Mas o boêmio não ouviu, não se mexeu, continuou esteriçada, a siflar, com o olhar atônico, volvido para a efigie do santo.

— Qual!... É inútil falar-lhe. Está por horas.

Advertiu o irmão enfermeiro, um velusco abadacial, beicada mole de baba, venta negra de rape, alambazado na sua batina surrada, nodoenta de mezinhas. E, por hábito profissional, contou todos os pormenores da moléstia, as crises do *deli-rium*, as condições da apoplexia proveniente de uma garrafa de álcool roubada à farmácia da beneficência... Arrastou uma cadeira e prosseguiu com a sua cantada inflexão açoriana:

— Sente-se, senhor, sente-se. Olhe, que é o primeiro e... o último que o visita. Por aqui tem vindo um mocinho saber dele, mas é como se andasse a vapor. Nem sobe !... Ah! se fosse em outro tempo, quando o falecido comendador Alves Pena tirava do seu bolso os benefícios desta casa! .. Mas, a vida é a vida. Desgraças!... Sennte-se, que Deus lhe pagará este ato de caridade. Eu aqui me vou a outro...

Afastou-se, pesado, com os olhos oftálmicos, o seu cor-panzil a estalar o pano da batina.

Camilo passou o olhar pelo pequeno quarto forrado de velho papel, sem cor, depois volveu-o para o moribundo, com uma curiosidade fria, indiferente por este resto de corpo humano que se preparava para o desaparecimento eterno. Seria difícil reconhecer o incomparável boêmio neste esqueleto en-luvado numa pele peganhenta e lívida. A sua grande cabeça calva perdera o polimento antigo; tinha-se-lhe crescido a barba, já grisalha, hirsuta e seca; a cabelugem que ia ganhando as faces, contornando as têmporas, aumentava a fealdade do escaveiramento; o nariz, que lhe fora lustroso e arrabanetado sumia-se, enrugado, destilando sedimentos de humores, com')

um fruto apodrecido. E este conjunto que a morte começava a resfriar no seu crepúsculo macilento, entrou a interessar Camilo com aproximativas e comparações, retiradas das suas lembranças, avivadas no longo repouso do hospital, apenas cortado, de quando em quando, em intermitências profundas, por uma tosse catarrenta, cavernosa e esburgada, que vinha de um aposento próximo.

A luz era escassa, ainda o sol descambava e já nesta tristeza de casarão lúgubre as sombras tinham noturnidades, pi-cumando o alto das paredes num tom neutro de betume pintu-resco. Através o peneiramento de trevas entrantes, da escuridão que se fazia, a cor dos muros, confusa de valor, mistura de cinzento e pardo de terra, eterizava-se num vácuo, como se eles, os próprios muros, fossem a continuação deste espaço pardacento, grisento, entenebrecido, de cava tumbal. Só na parede fronteira ao moribundo, onde o seu olhar se gravara, seguindo, inconscientemente fascinado, um imaginário cordel rebrilhante que se enrolava sobre uma haste retesa continuamente, sempre no mesmo vaivém, fatidicamente, como estranho pêndulo dum relógio invisível, o vidro da oleografia luzia com a friagem de um aço parado à espera, instrumento de ceifa ou arma de homicídio, pronto no silêncio para o momento marcado.

De repente, a escuridão cresceu. Camilo levantou os olhos para a porta. Era o corpanzil do irmão enfermeiro que entrava, vinha acender a lamparina.

E do corredor chegavam convulsões de esburgos pulmonares, arrastados, penosos, terminados em gemidos, por vezes em uivos.

— Também está a preparar-se.. . — explicou o enfermeiro, referindo-se ao tísico que tossia —, também está com o seu tempo contado.

Acendeu a lamparina, atirou uma olhadela para o leito e espichou a beijada mole, num gesto significativo, bambaleando a cabeça.

Arrastou-se outra vez, na sua faina, automatizado pelo hábito; à porta, parou, desdobrou o seu *alcobaça* enxovalhado, assoou-se com estrondo e abalou, sem rumor de passos, pelo soalho envernizado.

Alves Pena tornara-se mais lívido. À claridade sua pele ganhara um laivo esverdeado, diminuíram-se-lhes os olhos, um pouco, como adstringidos por uma coma muito leve e baça, que lhe ia apagando a luz espectral das pupilas; a boca dilatara-se mais, a feia boca quilotada, negra sob o sarrento bigode envelhecido, e o ronflo do seu respirar, até ali compassado, ia-se graduando numa ânsia.

— Ea morte que chega — pensou Camilo e continuou a fitá-lo. Nesse novo atendimento a cabeça do boêmio pareceu-lhe fantástica, uma cabeça exumada, que lembrava o quer que fosse de crime ou profanação, o hiato da sua boca esculpia a trágica expressão de um terror e os globos dos seus olhos quase sumidos de pupilas, permaneciam imóveis no fundo bístico das órbitas como o branquejar de denúncias na treva de um antro.

E Camilo, numa imobilidade de pedra, continuava a fitá-lo. A sua atenção convergira toda para este mísero companheiro de ilusões, retinha-se magnetizada por uma força já menos curiosa que involuntária, tão misteriosa e dominadora se tornara.

Nos largos espasmos lúgubres, que os esburgos catarrosos do tísico deixavam sobre a calma ronflante do hospital, era-lhe de tal modo absorvente esta contemplatividade, que lhe despertava apreensões téticas, um pavor infantil do silêncio, a custo rebatido pela energia, uma crescente excitação nervosa de febre.

Então, para se inanir à hipnotização que o empolgava, Camilo entrou a procurar nos móveis, nas paredes, nas suas próprias roupas, motivos fúteis para se distrair; levantava na memória episódios alegres do viver boêmio de Alves Pena, lembrava-se de frases, ditos, gestos... Mas, impensadamente, querendo desviar dele a sua atenção, volvia a notá-lo, a observá-lo, pela associação de idéias que se encadeavam num círculo vicioso, pondo-o, teimosamente, diante da sua visão, trazendo-o obstinadamente à sua imaginativa, que se inflamava com o siflo daquela respiração entrecortada e penosa, com aquele contínuo arfar de suspiros mal chegados à boca dilatada e sôfrega, donde se escapavam em bufar de válvula aberta duma caldeira resfriada. E a esquelética cabeça do moribundo tornava-se mais gélida, a pele seca e cingida, acen-

tuavam-se-lhe as cavidades da ossamenta num impressionante modelo de cabeça perdida no fosso sombrio de um túmulo, onde estivesse a apodrecer. Com a rigidez do desenho esquelético os primeiros sintomas da decomposição advinham lentamente, cavando em lucarnas de solitária as órbitas obscuras, lavando de roxo a radicalização do nariz, esfriando em tonalidade de cera os restos carnudos das faces donde eriçava a cabelugem sem brilho da barba.. .

Assim, à luz dessa lamparina soturna, trêmula com esta-lidos pressagos, a sua cabeça era uma coisa morta, entrando no esfacelamento das desagregações orgânicas, sinistramente abandonada naquele leito.

E com a observação dessa outra existência que ia começar, imperceptível e dispersa, Camilo acompanhava a desumanização desta cabeça no segredo absoluto da terra, imagi-nariamente penetrando por suas camadas, fazendo-se larva, escorregadia e penetrante, animalico fossador e visguento, descendo ao recôndito dos aterros tumulares, para surpreender essa decomposição, para assistir ao esfacelante trabalho nive-lador da morte. E bem depressa que restaria dessa máscara donde o espírito fugia?... Nada mais que sobejos, uns maxilares cravados aqui e ali de bocados de dentes negros, o descarnado desconjunto de uma caveira. Nada mais ! Um dia, nos escombros das exumações, na remoção do entulho sepul-cral, essa cabeça despida rolará aos pés de um taciturno Ham-let meditativo, ou de algum visitante de necrópole, fechado amarguradamente no seu luto, e, para ambos, ela será um despojo de vermes, resto desprezível de ser humano que, à falta de quem o amasse, foi despejado da cova.

Que piedade a tomará entre mãos para repô-la na terra, a coberto da profanação dos indiferentes e das intempéries ? Pobre caveira anônima !.. . Já começa a tua verdade, entras desde agora no desvestimento do que eras. Dentro de ti mesma começará o trabalho da tua anulação. Dos teus nervos, dos teus tendões, das menores fibras do teu tecido sairão milhares de seres microscópicos, desenvolvidos pela decomposição, avigorados pelo apodrecimento. E da terra, ou do ignoto, virão milhares e milhares de outros seres, tão resumidamente pequenos que às centenas se confundirão num insignificante

corpúsculo rastejador, mas sôfregos do repasto do aniquilamento, famintos para o banquete horripilante da carne morta.

Num momento tu serás chaga pútrida, cancro fétido, monturo nauseante e deletério ! De teus lábios, que mentiram; da tua boca, que o vício aqueceu e tingiu, existirá apenas lama, sedimento de gangrena, apenas !... Tuas mandíbulas, descobertas, terão um riso paralisado no pus fervilhento, riso que será a decomposição do próprio riso humano: ilusão, perfídia, imundícia ! Quer se entreabra nos lábios amorosos de Desdèmona, quer na boca peçonhenta de lago, no segredo perverso de dom Basílio, no cochicho dissimulado de Tartufo... Uma matéria sifilítica encherá tuas órbitas, substituirá o delicado aparelho da tua visão, por onde a valsa rósea das miragens arrastou a lascívia tentadora das Frinéias e a lantejou-lada voluptuosidade felina das Cleópatras ou, nos simuns da embriaguez, o torvelinho das paixões encenou incêndios de Sodoma e noites tempestuosas de regiões antárticas.. . No interior desse crânio, perdido na mudez do túmulo, enquanto a luz resplandece nas alturas, as ramarias virentes florirem nas aléias dos ídlios e a sucessão do tempo rolar o ardente to-pázio do sol, rolar a opala acesa da lua sobre o firmamento tranqüilo, um chiar obscuro, um fermento de esterquilínios, crescerá de instante em instante, de dia a dia e de noite em noite. O esplendor da vida continuará brilhando no verde das plantas, na riqueza dos minerais, nos aspectos sugestivos *à*i paisagem, orvalhando a pele sadia das raparigas, levantando o afrodisíaco pólen de anil dos cabelos negros das mulheres! ... Os luares virão, como sempre, iluminar os lagos, nevoar com a fáula dos sonhos os cílios semidescidos das virgens, as pálpebras meio cerradas dos mancebos ! ... E tu apodrecerás, cabeça morta, cabeça inútil, tu apodrecerás ! Corpúsculos es-quivos e moles, filamentos movediços e glácidos, estrias coleantes e gosmentas, fiapos viventes e sórdidos, serão vida dessa coisa lívida, complicada, labiríntica, intumescida, semelhante, na sua exterioridade, na sua aparência, a um intestino desentranhado à navalha. De instante a instante, o griseo gelatinoso da massa cobrir-se-á de uma opacidade fria, lentes-cente; nas circunvoluções desse miolo inerme estender-se-ão, em manchas de aguarela, derramos de verdes venenosos. E

logo começará o trabalho devastador do nirvana, a consumação niveladora do lodo que se transformará na continuidade imperceptível do pó.

Faz-se, no interior do crânio, um repouso agourento, pesado e longo das remotas solidões polares, em cujas sombras mortuárias passeiam, boiando, os fantasmas silenciosos das geleiras. Em cima é uma abóbada esquálida, de cripta secular, destilando bolor, enrugada, vinculada, maciça, ameaçadora como a masmorra de uma carcova; embaixo uma colina esbranquiçada, desse branco dos pavores e dos presságios, aparentemente deserta, aparentemente amortalhada numa quie-tação eterna.

Depois vem um ruído abafado, de ventania marulhando por palissada e canas de um brejal muito distante, muito longe... Sons indefinidos, que lembram o estalar de velhos seixos lambidos por labaredas, sussurro de lufada que passa pela rama ressequida de uma campina... Depois, de onde em onde, invasoras rajadas asfixiantes se levantam, correm pela abóbada, que transluz num macilento riso louco de múmias... E depois a treva baixa, a treva continua, mas treva sem im-penetrabilidade, luz negra de ataúde fechado, sombras de ea tacumba emparedada, de cujo fundo se acorda, lentamente um rumor cavo, de vez a mais crescente, de mais a mais mudado em ronronear convulso de ventre vulcânico.

A massa esverdinhada e opaca dilata-se, as suas paralisadas contorções aparentes incham devagar, o seu volume aumenta; gases pestíferos se desprendem; um burburinho de efervescência põe-lhe crispações, fã-la tremer, espocar em va-riolas que extravasam catarros amarelentos. Das curvas res-friadas e gráxeas, do bossudo, sinuoso, recalçado e estofado conjunto dessa matéria compacta e porosa, brotam carbúnculos que se fendem paulatinamente, gretados, em crostas, e expelem vermes. Um lodo, mefítico sobe com ó vagar de uma infiltração, vai ilhando a colina que aos poucos se esboroa, aos poucos, em pústulas, em desligamentos tetânicos, em ex-travasos cancerosos, aos poucos ...E a luta da partilha podre cresce, recrudescer. É um desespero que arrebatou os vermes. Em arrancos de hordas bárbaras, escalam promiscuamente, aos milhares, num amontoado de protistas, confusamente, em turbi-

lhões demoníacos, qual por cima, qual por vencido, as fibras indissolvidas, os restos que se vão liquefazendo e escorrendo.

Ao peso dos exércitos essas camadas ruem, subvertendo-os na avalanche do seu desabamento. Mas, incansavelmente, os vermes voltam, rolam englobados em óvulos pegajosos, asquerosos, pela gosma putrefata; e atacam outros bocados, outros resíduos, escarvadas bostelas, polvilhadas do mofô dos estéreos, revolvidas fezes de que se escapam exalações tonteadoras de excremento de corvos. Uma vez por outra, parece que a agitação se paralisa fulminada — há uma vaga ondulação es-trebuchante nos corpúsculos, o arfar quase imperceptível das larvas: um monstro corcoveia, distende-se com o coleio lento e nervoso das boas nas florestas adustas, galga a mistura confusa dos invertebrados, rompe pela terra em marcha para outras podridões distantes: é o vítreo corpo escuro de um ane-lido que vem do âmago dos túmulos, repleto de mortos, faminto de mais cadáveres . . . E a infinidade verminosa retorna, continua a devastar, a sugar, a aniquilar.

Na derrocada, de quando por quando, ascendem para o espaço carregado esferóides efêmeros, restos perdidos de idéias, talvez !. . . Ascendem e pairam por instantes, trêmulas borbulhas de espuma, pequeninos balões irisados, azuis como sonhos, vermelhos como ódios, dourados como ambições... Mas, têm, apenas, a duração de um relâmpago, possuem a intensidade do que foram: idéias embrionárias, idéias desamparadas...

Ah! em que belas podridões não desaparecerá a cabeça dos poetas, dos sonhadores, dos artistas !...

Quem sabe se suas idéias, transfundidas para a terra, não vêm, pelos poros da terra, ao ar puro e livre das planuras, procurar outros espíritos, viver em outros cérebros ?... Quem sabe ?.. . Nessa decomposição, porém, as forças desorganizadas são gastos pensamentos descoloridos pelo vício, reduzidas idéias desbotadas pelo álcool!. . . Uma chama de poncheira a extinguir-se, vaga por cima do caos desse fermento mortuário, à maneira dos fogos-fátuos sobre os túmulos e logo se apaga nas alturas sombrias, coruscando de encontro os vapores caminheiros e tétricos da abóbada óssea.

E a devastação prossegue. Das ruínas irrompem vermes, e mais vermes emergem dos coalhos liquefeitos e na lama crês-

cente apontam, mergulham, sobrenadam, movem-se outra vez e sempre, aos milhões, aos bilhões, sôfregos e repulsivos, vorazes e danados, vencendo outros obstáculos que, como os primeiros, se derrocam, se espraíam numa precipitação de lavas, vazando de ígneas crateras em atividade. Mas, de novo eles vêm, de novo eles surgem, legiões e legiões infindáveis, exércitos que se multiplicam tal se por si mesmo cada um se fecundasse e procriasse vertiginosamente.

De momento a momento a massa diminui. Da alta colina, que fora, resta um montículo irregular, cujas faldas mergulham, em pendor, no lodo turvado, movimentado, agitado.

Aqui, de repente, se escancara uma minúscula, pequenina caverna retalhada, fendida nas corrosões de ruínas, escarrada da escória; ali já é uma anfractuosidade de ribanceira ou penha, carcomida e oscilante. O lodo forma um solo onduloso sobre o repassar dos vibrões brancos, que se entrecruzam ininterruptamente, que se tramam e desençam repentinamente. . . Adiante fêz-se uma carcova, cristalizada de estalactites de esmeraldas e ametistas que, de quando em quando, desabam, sem rumor, se desligam surdamente, como gotas contadas que se escapassem de um estreito tubo.

E mais resistente que esses restos, a grimpa do montículo tem a lividez de um cabeço nevado por noite de rude procela. Os relâmpagos rompem por ela cinerações fantasmagóricas de sepulcros divisados por entre trevas. Parece que ele restará intacto, que se petrificou numa fria rigidez de mármore. Mas, por fim, chega a sua vez. Também ele é per furado; os alviões invisíveis dos desesperados foçadores cavam-no sem cessar. E já suas paredes vacilam, e já sua resistência se reduz... Agora é como se a neve lúgubre tivesse movimento, ela treme, palpita, fervilha. . .

E com vagar, também esse resto vai desaparecendo, baixando, liquefazendo-se, desmantelado, minado, devorado. . . E acaba numa deflagração, fosforescências sulferinas, que se diluem nos roxos carbunculosos dos cancros. Toda essa cavidade craniana, esse mundo ignorado, regressado ao caos, iluminou-se subitamente; dir-se-ia que por ele passara o último alento de uma força, faixa investigadora de um foco luminoso ! E foi como o exalo de uma saudade, porque sob o clarão s'-

nistro desdobrou-se uma acerba tristeza na cambiante vespji tina do seu diluimento... Mas, que agonia foi essa? Teria sido a decomposição natural de um elemento químico que as retortas analisam, que os laboratórios determinam?... Ou seria a fluidificação de uma ignota molécula despercebida à análise presunçosa dos homens, segredo eterno da vida indecifrável, que aí restara, à espera da completa transformação da matéria?... Que ridículo é o saber humano diante da grande esfinge da criação !... Célula apodrecida, fluido desprendido, esborôo de matéria, deslocação de espírito... qualquer que seja o teu nome, a tua essência, a tua verdade, aí foste, sem dúvida, o último crepitar da vitalidade, o resto infinitesimal da vida orgânica que se deslocou com a separação das forças retribuídas à força suprema, partícula condensada de um poder imaterial, embolia endurecida de um vigor que deixou de ser fluido pela precipitação dos frios mortuários... Idéia... Pensamento... Alma!

Quando nada mais restava, tu te foste, saíste para o infinito misterioso, para a imensidade do universo, a continuar a tua existência, insignificantíssimo átomo do poder, luz derramada por toda parte, renovação da vida ! E a tua missão, ou a tua resistência, extinguiu-se nesse relampejar estranho, num clarão sulferino que recebeu do sangue evaporado a matéria corante, a cor das chagas dolorosas, chaga que foste ! porque foste uma dor, a dor de um gozo mal gozado, de um poder não fruído, de uma existência inutilizada. E nessa massa, que se extinguiu, estivera, talvez, a convergência simpática de todas as obscuras sensações derradeiras da tua vida animal; nela se concentrara a reprodução retrospectiva dos longes deixados na marcha dos anos: imagens de uma câmara escura abrangendo o largo espaço do tempo que viveste. . . Saudade, enfim ! Saudade! Mas, de que.. . ou de quem ? Oh ! mísero indiferente! se tu fugias à vida, se tu te consumias sem esperança, se ninguém te amava no mundo?... De que... ou de quem ? ó mísero indiferente ! . . .

Camilo teve um sobressalto: uma claridade cresceu repentinamente no aposento.

O moço levantou o olhar e encontrou um volume negro que se arrastava, pesado e bamboleante, do corredor para o

quarto; sobre o volume negro uma esfera enrubescida ardia de encontro à palheta de fogo de um círio.. . Fixou-o, estupefato. Mas, atendendo-o, percebeu o corpanzil do irmão enfermeiro, que volvia, trazendo uma vela de cera, cuja chama, batendo-lhe no rosto, inflamava-o num lustroso vermelho de laças. Não obstante, interrogou-o com o olhar, o velho serviçal respondeu num gesto de cabeça, indicando o moribundo. Ah ! o Alves Pena ! Lembrou-se Camilo. Sim... E ergueu-se presto, compreendendo o momento; procurou sob as cobertas a mão do boêmio, e suas mãos esbarraram numa coisa esquelética, álgida, visguenta. As pupilas do infeliz tinham-se volvido para a concha das pálpebras, acompanhando, talvez, o movimento do pêndulo fantástico que se reproduzia, vertiginosamente, para mais alto, para mais alto, para mais distante para mais distante, reduzido a um fio de teia, a uma fiapagem quase invisível, sempre fugitiva, cada vez mais imperceptível. para mais longe, para mais longe...

Chegara a sua hora. Ajudado pelo velho Camilo cruzou-lhe os braços sobre o peito e, no piedoso trabalho, sentia-lhe o coração espaçar as pancadas, de vez em vez, de mais em mais, vagarosa uma... lenta, difícil, fraquíssima, a esvair-se outra... outra.. . E no olhar do moribundo retremia, sumida e bruxuleante, uma pequenina luz pálida, o final de uma visão terrena, o termo de uma imagem. Era, talvez, o pêndulo que desaparecia, vertiginosamente, no seu movimento de vaivém.. . vertiginosamente... De repente, foi um tropel, o *malstron* de um extermínio brusco, nos recôncavos dessa carcaça; um vagido flébil, de criança enferma, veio suspirar, dolorido, na sua boca entreaberta e negra. E nem mais um movimento, um leve estrebucho, o mais ligeiro frêmito.. .

Com presteza, Camilo abaixou as pálpebras do companheiro, enquanto o velho procurando segurar-lhe entre as mãos cruzadas o círio, murmurava dizeres confusos de prece, de que se desprende, numa vocalização vaga e dulcíssima, o remate misericordioso de um — Deus o tenha.

E no fundo do corredor o esburgar do tísico era como o uivo plangente de um cão de casa à entrada do esquife do seu dono: gania em finais aflitivos, desoladamente.



Capítulo XVI

pois da comunicação do amigo, a vida tornou-se para Camilo uma dolorosa inquietação.

Rondava, abatido e Casmurro, das cervejarias para a Ha-vanesa e da Havanesa para as cervejarias torturado por apreensões de futuro, numa triste vadiagem de expulso. Cresciam-lhe, às vezes, rancores contra tudo e contra todos, percebendo-se desamparado, repellido pela sorte. Nessas ocasiões torna-vam-se-lhe necessárias energias sobre-humanas para conter-se, porque arrebatava-se na delirante combinação de planos vingativos, pensando em se fazer agitador de oprimidos, um perturbador social, sanguinário e perverso, filiado aos segredos das seitas reacionárias; mas, empós a fadiga do planejamento, sobrevinha-lhe a ponderação, considerava a sua instintiva antipatia pelas massas, a imperfeição espiritual das classes ignorantes e concluía pela anulação da sua existência no ímpeto libertador do suicídio. . E esta idéia voltava-lhe intermitentemente, no silêncio das meditações; era como um gérmen que se desenvolvia à mercê cultural das circunstâncias, começava a dominar-lhe a vontade, entrando na posse da sua cerebra-ção. — "Há de ser o meu fim — pensava —, trago comigo a tara, sou um *marcado* pelo destino..."

Erguia os ombros com indiferença e prosseguia o seu caminho de acaso. Mas, a sentimentalidade resignada de sua mãe, aquela suave longanimidade que a enobrecia na desgraça, dessorava dos seus recônditos, socorria-o nesse esmoreci-mento moral e ele engolfinhava-se nos pensamentos de uma obscura e doce existência de paz, na proteção de um claustro onde sua alma se retemperasse nos esplendores da fé. . Dis-

traía-se a compor o seu fantasiado existir monástico, iludido numa sagrada serenidade de espírito, sob pesadas arcarias góticas ou nas extensões solitárias de uma esquecida região, a terra antiga dos anacoretas, iluminada por um luar azul de piedade, a cujo clarão languesciente sentia-se passar como um moço branco, meditativo e penitente, errando pelas areias das estradas claras a sombra taciturna da sua silhueta. Vincula-ram-se-lhe na lividez do rosto duas linhas de tristeza que lhe torciam a boca num manso desdém das coisas e, quando cansado de esperar, retirava-se desiludido de encontrar algum dos antigos companheiros, a gente do seu grupo que ele reunira em camaradagem íntima, julgando fazer dela o convívio de seus afetivos e afinados, transfigurava-se o desdém destes sulcos em resignações de converso, para quem o sofrimento destila o suco balsâmico da santidade e da misericórdia.

Quem lhe apareceu um dia foi o Pita, sobraçando a eterna *Partida de Colombo*. Agora trazia o rosto escanhado, à pároco, e a cabeça rapada como um galé. Camilo não pôde conter o riso quando o infeliz descobriu-se para cumprimentá-lo. Tornara-se de um cômico desafiador, extraordinário, fantástico, dolorosamente hilariante. Sem um fio de barba no rosto néscio e repisado, sem um fio de cabelo no crânio pontiagudo e acidentado, tomava o aspecto irrisório de um macaco farsante, a que as extravagâncias de feira ridicularizassem borrando-o de alvaiade.

—Que é isto, Pita ?

—Nada! Higiene... — Explicava o infeliz, passando e repassando a mão espalmada, acariciadora, pela aspereza do couro cabeludo. — Foram cá umas aranhas que fizeram teias. Botei os bichos para fora. Sabes ? Higiene.. . limpeza pública.

E, sem um motivo que explicasse o desvio da conversa, aportou para as queixas, dizendo-se perseguido, guerreado e invejado; arquitetou novos sonhos de glorificação que o deviam eternizar como um deus aureolado pela sua *Partida de Colombo*, e continuou seu caminho, estúrdio e ridículo, apertando sob o braço a tela eternamente conduzida e que lhe ia servindo de passaporte à loucura.

Nesta mesma tarde Camilo recebeu uma carta de Agrário, escrita às pressas na mesa de bordo de um vapor que le-

vantava ferro para Santos. Era quase um bilhete, inexpressivo pela rapidez. Informava-o de que partia a despedir-se da família, e lá seguiria para Europa. Rogava, também, e isso em nome da *velha amizade*, o favor de, *se estivesse* com *Henriette*, explicar-lhe as razões desta precipitada partida, e obter para ele, escravo do seu futuro, o perdão da *deliciosa amante*, "que te cede, entre um milhão de abraços, o eterno amigo..."

Camilo releu, atônito: "...que te cede, entre um milhão de abraços, o eterno amigo..."

E pasmou estúpido, azoinado, sem compreender a obscura declaração, que rolava por seu íntimo uma avalanche en-tontecedora de conjeturas. "Mas que era isso ? Que lhe desejaria insinuar esta frase ? . . ." Revolvia o bilhete entre os dedos, dobrava e desdobrava-o: "E esta !..." Memoriava, então, o que fizera, excogitava os casos, temendo de suspeitas deixadas por uma inconsciência, por alguma espontaneidade; revolvia minudências com pequeninos tremores de remorsos por infidelidades que se escaparam sob disfarces infelizes e log indignava-se, estremecia sacudido por cóleras de honestidade ofendida, repulsão pelo desprezo com que se lhe atirava o sobejo de um gozo.. . Retornava a inquirir, caminhando por esconsas vielas do coração da cidade, do que tinha feito, da maneira por que se portara... e acovardava-se diante de despertadas fagulhas recordativas que lhe pareciam denunciadoras da paixão surda e lenta por *Henriette*. Mas, com a mesma presteza, rompia em revolta contra a perversidade de *Agrário* que não atendera a sua linha de nobre conduta, respeitando a rapariga como se fora legítima mulher sua.. . recalçando os desejos maus que a carne despertava e triunfando como um puro sobre o conflito desesperado dos apetites e a invulnerabilidade imposta pelo afeto. Se outro fosse o seu proceder, se através uma amizade hipócrita tivesse cautelosamente requestrado essa mulher, talvez esse pobre espírito lhe não viesse atirar ao coração o vitriolo desta frase gargalhante, este corrosivo sarcasmo: "que te cede entre um milhão de abraços..." Ah! cedia-a, depois de cansado de gozá-la depois que se saciara e uma perspectiva de melhor existir se lhe abria em claridades promissoras. Generoso amigo!

E foi ainda sob a noite deste tormento que veio às mãos de Camilo um bilhete de Henriette, pedindo-lhe *que chegasse ao Livramento*.

O seu coração refrangeu-se ferido. A indigna cessão que o amigo fizera ganhava alvissaras com este convite. E desceria à baixeza de se evidenciar sobre o fusco de uma suspeita, dando a alguém, a quem quer que fosse ! o direito alcoviteiro de dizer que ele continuava a visitar Henriette, para satisfazer à irônica perversidade do ex-amante ? Não. Nunca! Doía-lhe a sensibilidade cristalizada desse amor, desse mais que amor, dessa paixão sombria e oculta por onde ele fora como um galileu sentenciado levando às costas o peso de seu martírio, doía-lhe a recusa de um pedido nesta ocasião, talvez pedido clamante, talvez aflitivo, mas que lhe não chegavn claro nem explanava intuitos.

E decidiu não atender ao chamamento.

Mas, na tarde seguinte, soube na Havaneza que uma senhora, cujos traços descritos combinavam com os da dona Ana, o procurara insistentemente, deixando-lhe, num recado, a notícia de que Henriette estava de cama, em perigo de vida.

De que modo resistir ? Como seria qualificado o seu procedimento se desatendesse a participação, quando ela envolvia uma confiança ?.. . Estava vencido. Nem mais pensou, correu ao Livramento.

Henriette caíra enferma, subitamente. Aos primeiros sintomas da moléstia a dona Ana aterrorizou-se com os prejuízos, que teria, se fosse um caso de febre amarela. O médico, porém, tranqüilizou-a: o mal não merecia a importância que a sua aparência despertava. Não obstante, a febre queimava a doente, ardiam-lhe as faces em que os raros pontinhos das sardas mais se acusavam, como faíscas daquele fogo que lhe vinha das entranhas; seu olhar fulgurava estranhamente, uma agitação contínua prenunciava o delírio, a sede crescera suplicia-dora.

Camilo emudecera, emocionado por esse fatídico reencontro, e era com uma expressão de sonâmbulo que ouvia os gemidos e os resmungos narradores da velha locandeira.

Durante dois dias ele desvelou-se nos cuidados de enfermeiro, sem demonstrar o cansaço do tresnoitamento. Orgulha-

va-se dessa dedicação *espontânea*, engrandecia-se com a oportunidade desse préstimo em que revigorava suas forças esmorecidas e, só quando a febre cessou e a dona Ana se lhe referiu sobre as despesas do tratamento, foi que ele se lembrou de que nem sequer prevenira sua mãe do motivo dessa ausência !...

Partiu com uma mentira sensibilizante nos lábios; penalizaria o coração da sua pobre *velha* com a calorosa descrição de um piedoso dever cumprido — fora um amigo, sem afagos, sem recursos, prostrado por uma doença, que o retivera à cabeceira da sua enxerga. As mães sempre foram ingenuamente crédulas !. .. E, de permeio, ia minudeando a maneira de obter dinheiro para aquelas despesas. Henriette nada possuía nem tinha quem a valesse. Agrário estava longe e, mesmo que ainda não houvesse partido, seria incapaz de abrir generosamente a bolsa para salvá-la. Era preciso um meio, qualquer que fosse, para atenuar as necessidades, ao menos por momentos. Lembrou-se, então, de uma valiosa prenda que herdara de sua avó, um anel de ouro engastando a claridade branca de uma pedra admiravelmente facetada na Holanda, jóia de família vinda dos acervos de seus avoengos e que, por ser preciosa, a mãe guardara com uma triste ironia sobre o destino dela: "Será para as despesas do meu enterramento".

Esse anel bem poderia vir às suas mãos, inventaria um pretexto para usá-lo; ou para fugir ao titubear da falsidade, retirá-lo-ia em segredo. Era um desses objetos guardados de que a gente tem certeza da posse, e que só uma necessidade ou a casualidade de um minuto põem-no diante dos olhos. Se tal acontecesse, ele desculpar-se-ia, fora um compromisso a que o vexame das explicações lhe forçara criminoso procedimento ... Três palavras trêmulas e um beijo apagariam o ne-gror das suspeitas, a humilhação da censura.

E breve voltou à pensão satisfazendo todas as contas, até a da mensalidade que Agrário descurara de pagar.

Começou para ele um período afanoso de sacrifícios. A convalescença de Henriette requeria cuidados, gastos extraordinários, que Camilo ia prodigalizando com os criminosos pedidos à mãe, os insolváveis empréstimos aos agiotas, arrastando responsabilidades de fiadores que ele, numa desvairada in-

consciência do delito, rebuscava nas mais esquecidas amizades de família.

Enquanto não tinha o necessário para os gastos, enquanto no seu bolso não sentia o contato das notas do Tesouro, ele sofria como um vesânico a insuperabilidade da sua perseguição; mas, em o possuindo, embora a custo de rebaixamentos implorativos, a alma se lhe expandia felicíssima — cercava a rapariga do necessário e do supérfluo, despendendo a mãos largas como um petulante morgado frascário livre de autoridade paterna.

E horas, após o matutino passeio, que fazia levando a sua convalescente pelo braço, ficava-se naquela saleta tão sua conhecida, a falar em coisas inúteis, frouxo de espírito, embevecido nas miragens dos sonhos, construindo quimeras, levantando utopias, por onde se emaranhava, desnortado e mole, roçagando nas meditações o manto clássico do sentimentalismo em que acolhia regenerações de Madalenas conversas à fé do amor, com desenestradas cabeleiras para a grande purificação dos matrimônios reparadores... Já se lhe enchera a cabeça de tantas idéias lustrais que, dentre elas, surgia imá-cula, como as pecadoras da sinagoga sob a unção das palavras do divino Jeschoua, o precioso projeto de um consórcio bendito; e, enquanto mentalmente revia sua obra regeneradora, descansava o olhar sereno no elegante busto de Henriette, curvado à leitura de algum livro: "Seria uma ventura, seria, ter junto de si, amante e amada, aquela criaturinha feita de rosas e de sol..." E Henriette, nestes momentos, ao levantar os olhos das páginas, vendo-o cismar, vinha sentar-se perto dele. Ainda por suas faces a palidez da moléstia deixara laivos de sofrimento, no azul de suas pupilas boiavam os últimos mor-maços da febre; mas, assim, fanada ao calor da enfermidade, metamorfoseara-se num delicado e lívido tipo de mártir a que o esteticismo dos crentes, por espontaneidades atávicas, concretiza na graciosa forma profana das mulheres amadas.

Esta transformação, sob que vagamente se reconheceria a outra Henriette, era como uma remissão de culpas. A doença absolvera a pecadora, rapariga de ontem, delindo a treva do seu passado nos nevoeiros albrantes de uma madrugada nascida, e Camilo já perdia a noção intrínseca do que ela fora

na doentia persistência de desejá-la. As circunstâncias acidentais que os aproximou outra vez, pareciam-lhe um fatalismo a que ele se curvava resignado, calculando o gozo resultante e que, por sua natureza desviando-se da linha comum dos seres, imaginava excluir da ofensiva bisbilhotice mundana com a realização idílica de um lar de paz, por onde o rosto sério e bondoso de sua mãe confortalecesse, como um beneplácito sagrado, a mútua e uniforme amizade de ambos.

Das platônicas conversas íntimas, lado a lado, e diurnas, amanhecera um namoro casto, doce engano da alma sonhadora de Camilo. Henriette também partilhava, humilde, desse delicioso prazer de amar como nunca amara, instigada por uma ingênua curiosidade de iniciação. Ela mesma, sem saber por que, adelgava-se, tomava atitudes recatadas de virginamentos, uma atraída confiança de instintos apenas acordados. E tinha regressões sentimentais, nostalgias poetizadas que lhe comungavam e indultavam a alma para a entrada pura neste novo afeto.

Por vezes falou na sua terra, o país nevoento da Bretanha, uma costa bravía da França Norte, e vieram-lhe lágrimas num bater furtivo de pálpebras que baixam oprimidas; por vezes reticenciou o remorso da sua desgraça, sob irresponsabilidades dos primeiros anos no delírio de Paris dos *ateliers*. . . E a volata do arrependimento soluçava, sobre cada retornar das folhas do passado, o velho ritmo angustioso dos dramas...

Nunca seus lábios pronunciaram o nome do pintor. Dir-se-ia que Agrário jamais existira para ela. Camilo, em momentos, referia-se ao amigo, com um propósito em que borbulhava mais o ciúme que a recordação. Ela, porém, fazia-se surda, desatenta, esquecida. Ele, então, não teimava nessa dolorosa lembrança; seria mui feliz se também perdesse memória dessas relações invejadas, por onde suas energias desceram até a suave escravização de hoje.

Assim corriam as manhãs, deslizantes como um fio manso de fonte, que vai lentamente enchendo a longa cavidade de uma represa.

Por uma dessas manhãs o dr. Heráclito subiu ao sótão. A presença daquele homem sobressaltou Camilo: "Que desejaria o intruso ? Por que vinha perturbar a paz de seus

sonhos ? Para afastar Henriette dos que pudessem requestá-la, conseguira que a dona Ana mandasse as refeições ao seu próprio aposento e quando a julgava, enfim, segregada do suspeito convívio dos pensionistas, aquele que mais concorrera para esta deliberação, solapava todos os ardis, galgava as conveniências, e vinha tripudiar sobre seus intentos ! ..

Enquanto não o viu descer esteve em febre, desassossegado e bronco. Foi um alívio quando o doutor saiu, e logo acometeu-o um desejo de dizer a Henriette que não recebesse aquele homem.. . Mas... "Por que ofendê-la com uma imposição ? Com que direito assenhorear-se da vontade sua ? Por pagar ?... Não, pagava por misericórdia. Diante da ex-amante de um amigo, ele não era mais que um generoso e caritativo companheiro, para quem se apelara! Impor, seria dominar, prevalecendo-se do dinheiro com que satisfizera necessidades; desceria, se assim fizesse, à repugnante brutalidade de um especulador da desgraça. Custasse-lhe vergonhas, ele nunca se nivelaria com os demais !

Na manhã seguinte, durante o passeio, voltou-lhe o desejo de falar a respeito de Heráclito. As palavras ferviam-lhe nos lábios. Temeu molestá-la. Mas a imperturbabilidade, a pretensiosa correção daquele homem desenhavam-se-lhe no espírito como numa placa imagética, e a persistente percepção dessa irritante figura, nitidamente refletida na sua visão interior, despertava-lhe sufocações de emparedado, uma aflição de asfixiado. Olhou Henriette: ela restabelecia-se. Já o revigoração do sangue distendia por suas faces uma guache carmínea, de maçãs a colher, mal se lhe distinguiam as esparsas, pequeninas saídas; a sua esbelteza de estatueta, esse do-naire de estrutura galante que lhe dava a sedução de uma fantasia do século 18, reaparecia sobre angulosidades da sua osamenta descoberta pela moléstia. Loiros e mais finos eram-lhe os cabelos; a epiderme fizera-se de flor nova, as pupilas tinham quietações meridianas de lagos estivais refletindo o azul luminoso, a boca sangrenta, em arco de Cupido, alacri-zava-se com o riso tímido de uma orquídea bipetalada, caprichosa e rubra, e no seu braço ele sentia o rolo camudo do braço dela, num suave peso de corpo levado para o amor.

— Sabes, Henriette?... Eu abomino aquele doutor...

— Quem ? — ela perguntou-lhe, admirada, colhida de sur presa.

—... O Heráclito.. .

— Sim ? Eu também, querido.

E calaram-se.

"Eu também" ela dissera tão firme, tão sincera, que o resto das frases ficou-lhe reprimido na garganta. Ia dizer mais, precisava de falar mais, para provar a sua antipatia por aquele intrometido, e continuou o passeio, sem palavras que o acudis-sem. *Eu também*. . . E por que duvidar ?

Irradiou-se-lhe pelos músculos, pelos nervos, a macia pressão do busto de Henriette. Ela o assegurava, entregando-se-lhe: "Se duvidas, aí me tens, sou tua..." Talvez fosse a expressão discreta desse comprimir de corpo !

Voltaram à pensão.

Henriette estava num dos seus dias felizes. Bailava-lhe pela alma uma grande festa e na vermelhidão mádida dos seus lábios, palavras e risos eram como regozijos de uma alegria dominical de aldeia. Tinham caminhado muito e como o calor começasse com os primeiros sóis de agosto, ela transpirara fortemente. Apenas entrou no sótão correu ao quarto para mudar as roupas.

Camilo acendeu um cigarro e esperou. Donde estava percebia o vulto dela, através os brancos estores dos vidros, alteando gestos que alongavam debuxos de camisa a ser vestida, esboços de corpo a desnudar-se. A porta ficara encostada. Uma idéia rápida ocorreu-lhe — "Henriette fazia de propósito, era mais que uma provocação, entregava-se.. . Tivera, contudo, o pudor do convite..."

Levantou-se, foi até a porta, ia pôr a mão à maçaneta, quando ela indagou dele, numa frase nervosa, o que queria.

— Até logo.

Camilo disse, sem saber o que dizer, imbecilizado.

— *Eh! bien. Alours, au soir*. . .

E ele desceu degrau por degrau, com um peso no coração, que lhe trazia aos olhos confusões desesperadas de lágrimas.



Capítulo XVII

kJ;ibe ?... Li a obra que me inculcou... *A Relíquia*...

—Ah ! Sim ?

—Não é má, não é de todo má, como humorística, falta-lhe, porém, pureza de frase, o português castiço e terço do nosso imortal Francisco Lisboa, a quente imaginação do grande Alencar.

Camilo piscava os olhos, atarantado. E o doutor com um alçar da destra, em fidalgo gesto de alto entendimento:

— Ah ! meu amigo, a literatura portuguesa está enterrada nos Jerônimos, no túmulo do Herculano.. . Agora, é a nossa vez...

—De enterrarmo-nos ?... Perguntou

Camilo, ofegando. Heráclito sorriu, bateu-lhe no ombro:

—Tem graça !.. Ea nossa vez de assombrar o mundo.

— Pois... é assombrá-lo doutor, que nos não falta o feitio...

Camilo suava com a sua palestra do Heráclito, travada no corredor da pensão. Ultimamente não podia entrar ali que não caísse na presença do doutor. Fosse proposital ou fosse acaso, a porta da sua boa sala mobiliada, na frontaria da casa, ficava aberta sobre o corredor. Para esquivar-se do econtro o rapaz procurava meios de penetrar na locanda, fazia-se cauteloso ou apressado, caminhava nos bicos dos sapatos ou invadia a casa com a precipitação de quem leva uma notícia urgente, mas o doutor apanhava-o de surpresa, voava sobre seus passos:

— Olá! meu jovem amigo.

E era uma perseguição de amabilidades, perguntas, palestras políticas, novidades sensacionais, oferecimentos atraentes. Por uma ocasião, vindo Camilo no seu passo abafado e prudente, saiu-lhe o doutor ao encontro, com os braços acolhedores:

— Aqui tenho uma lembrança que lhe reservei. Deve ser, creio, bem agradável a um homem de letras. Perdoe-me a insignificância...

— Ia dizendo enquanto intrometia nos dedos do rapaz um volume embrulhado.

Camilo, que se lhe esquivava, hostilmente, apenas teve a simples cortesia de lho agradecer num resmungo e abalou para o sótão.

Foi diante de Henriette que ele abriu o invólucro do presente. "Isto é uma preciosidade ! — comentava, a desdobrar o ordinário pedaço de um farol de província. — Com certeza uma maravilha saída das estantes da Pompadour, um roubo feito à biblioteca do Trianon !" — Desfez o embrulho. Um espanto, desmesurado pelo trejeito cômico, torceu-lhe a boca. Era uma grosseira, roída, deteriorada edição da *Doida* de Montepin !

Hoje, mais do que nunca, a importunação do Heráclito o exasperava. Ele voltava, depressa e submisso, à casa de onde saíra com lágrimas, compreendendo-se um incapaz, achincalhado no seu orgulho de homem, que devia ter descido à nivelção dos eunucos pela suspeitosa timidez demonstrada. E nem sabia por que voltava. Existia nisso um fatalismo, uma obsessão animal, talvez um impulso mórbido. Mas não sabia. Voltava porque tinha necessidade de voltar.

Se tivesse deliberado nunca mais entrar nessa casa, automaticamente para aí teria caminhado. No entanto a *cilada* do doutor acordava-o desta insciência de ato, e agarrava-o diante da sua vergonha, punha-o como em frente de um espelho mágico em que ele via nitidamente a flutuação de sua alma abandonada à dormência misteriosa desta paixão estranha. E decidido:

— Bem. O doutor desculpar-me-á. . .

— Vai subir ? Como tem passado a nossa convalescente ?

— Até ontem, antes da noite, deixei-a boa.

— Estimo. Creia que muito estimo, porque madama Henriette é digna de todas as atenções, é digníssima.

Esboçou uma gentileza com toda a dilatação sensual da sua enorme boca de gorila.

— Se não fosse incômodo subiria também.. .

Camilo empalideceu, fez um ah! muito longo, comprometedor, desprevenido de recursos e ia deixar-lhe a mão, quando o doutor com um movimento resolutivo puxou a porta, deu volta à chave:

— Creio que não há inconveniente, é uma visita de vizinhos, prazerosa delicadeza...

— Sim... Certamente... Pois não... — balbuciava o rapaz, atropeladamente.

Subiram. Henriette, ao enfrentar com o doutor, purpu-rejou-se, tremeram-lhe os lábios, mas soube sorrir com o encanto da sua pequenina, voluptuosa boca de adolescente, procurou os olhos de Camilo tranquilizando-o, inutilmente, porém, porque aquele possessivo, aquela frase — *a nossa convalescen-te* — ficaram dentro dele, oprimindo o seu coração. *A nossa*, ele dissera.

A nossa! E por quê? Que direito de intimidade assistia àquele estranho, conhecido à mesa comum de uma casa de aposentos, para chegar à extirpação de uma posse, irrefletida embora, mas, sem dúvida, desejada e em luta?...

E na sua requintada emotividade de artista, na sua psicose dúctil de nevrotizado, a interpretativa deu-lhe, pela vez primeira, a mais dolorosa e completa análise deste ente amado.

Aquele possessivo não passava do flagrante de uma natureza revolvida pelos instintos. O doutor desejava-a. Mestiço e forte, imperiosamente a branca e débil deveria atraí-lo, chamá-lo, magnetizá-lo para o contraste combinador dos seres. Estava, pois, agindo, inconscientemente, pela oculta dinâmica das tendências.

Ela, por domínio das mesmas leis, arrastava-se fatalmente para ele, alquebrantada pela persistência do requestro.

Foram estas razões que a conduziram, desprevenida, ao quarto do cambista e à concubinação com Agrário. Provavelmente das mãos deste homem, depois de usada por ele, sairia para as mãos de um bruto, acabaria nos braços de um hér-

cules. Era o seu organismo que pedia estes extremos; era sua infância miserável — o escasso fogo da lareira, os molambos aproveitados no casal; era sua alma nascida à face do grande mar bramante, melancolizada nas inverniais saraiventas dos crepúsculos, afeita à admiração da coragem, do arrojo, da perseverança dos marítimos; era o seu isolamento no mundo, quando a adolescência rasgava diante das suas pupilas os véus difusos do formilhamento da vida, sozinha numa capital imensa, sem afetos puros, sem teto, e depois levada para o desconhecido onde ela não passava de molécula obscura de um todo anônimo; era o seu corpo, a sua carne, a combinação anatômica do seu íntimo ser, que exigem dela esta simpatia, que lhe impunham esta necessidade do homem sadio, do homem robusto, do fauno cabriolante e concupiscente, do bode morrinhento e sádico. Como esperar desta criatura a sinceridade de uma aguda paixão serena, a penetração idolatra por um pálido doentio, filigranado de nervos, espiritualizado para as sutilezas da arte e da existência ? Bem se compreendia a si, para falsear neste cruel diagnóstico. Mas, contudo, era este o tipo de mulher que ele também desejava no seu extravagantismo de esteta e na sua felina sensualidade de nevrótico.

Este rosto, assim, deste mesmo oval; assim desta mesma epiderme; o nariz pequenito e petulante, os olhos azuis e sagazes; esta boca formada no lanço de um beijo, guarnecida de miúdos dentes alvos; o hibridismo atordoante desta fisionomia, ora ingênuo como de uma criança, ora maliciosa e impudica, a que os respingos das sardas mordiam de sinte mas lascivos; a orelhinha vexada, a meio escondida na crespa fiapagem de ouro brando; este conjunto estrutural, elegante e formoso em que as roupas tomavam aspecto novo, vestiam amorosamente, eram a construção ideal da mulher que ele queria, que ele ambicionava através o esteticismo de seus desejos. Tivesse, esta pobre rapariga, uma alma delicada de visionária, romantizassem-na desde criança, restringissem sua primeira educação à quietude sonhadora de um convento, e outro ser-lhe-ia o idealismo, a carne ter-se-ia subordinado ao espírito, outras deveriam ser suas tendências. Talvez!

A imperfeita natureza erra sempre, mas errou muito na mulher. Mais que nos homens, a animalidade tem nos recôn-

ditos desses artificializados, preciosos seres, os impulsos indo-mitos das feras quando em épocas. Eles trazem no âmago do corpo uma tuberosa envenenada — a corola lúbrica do útero, que lhes comunica a tormentosa agitação dos infernos.. .

A saleta, com as duas gelosias dobradas para fora, à claridade ampla de um sol veranico, estava cheia da larga voz autoritária do Heráclito. Na calma do azul havia a profundidade imponderável do mistério que seduz. E sob a luz desse céu, sob o conforto dos olhos de Henriette, ele contava, co-municativamente, coisas alegres.

Camilo penetrara muito no alvéolo desta paixão para atender às puerilidades do doutor. Duas vezes interrogado respondeu sem tino; vieram-lhe arregaços de sorrisos sem motivo.

Henriette notou a distração e, compreendendo-a empregou o encanto do seu olhar numa carícia indagativa para que ele falasse.

E o doutor, amabilíssimo:

—Aposto em como construía alguns versos.

—Engana-se. Nunca os fiz.

—Pois ainda está neste bom tempo, há muito pouco que eu me deixei disso.

—Ah ! o senhor fez versos ?

—Alguns de pé quebrado. Passatempo da ociosidade. É um tributo da mocidade que, às vezes, alcança a velhice, como no meu caso.

Explicou sobranceiro, salvando a circunspeção utilitária da sua pessoa. Ajustou a gravata ao colarinho por hábito de correção, e continuou:

—Entretanto, nas minhas raríssimas horas vagas, dou-me à amena leitura dos meus poetas, que são poucos, apenas dois, o grande Gonçalves Dias e o arrojado Castro Alves. Que pensa, meu jovem amigo, desses dois corifeus da nossa poesia ?

—Eu ? Nada.

—Nada ! — interjetou o doutor admiradíssimo.

—É de espantar esta negativa, sou o primeiro a reconhecê-lo. Mas, confesso rudemente, em questões de arte literária sou e serei de uma rudeza antipática. Por que mentir, doutor ? Eu só acho bom, só amo e elogio os artistas que me comovem, os que entram na minha alma, os que me despertam para no-

vas emoções; e, por isso, possuo a qualidade excepcional de não convencer a ninguém que Baudelaire que é o meu poeta, seja superior a Musset. Cada qual que pense consoante o seu temperamento.

Heráclito acompanhou com um movimento de sobrancelhas um gesto dos lábios, indicando desprezar a questão. Nesse momento Henriette, que fora remexer numa cestinha, a um canto, depôs sobre a mesa três copos e uma garrafa de cerveja *Guines*.

— Bravo ! madama — gacejou Camilo. — É do que ne cessitávamos. Tenho como verdade que, na abjeção desta vida, só a cerveja merece exceção. Agora chegou a minha vez de perguntar: o senhor doutor o que pensa da cerveja ?

Heráclito mentalizou com gravidade a resposta, depois, recebendo, agradecidamente, das mãos da rapariga o copo bordado de uma orla de espessa espuma creme, conservou-o levantado em frente ao busto, explicando com vagar.

— Não sou apreciador desta bebida. Isto é uma fermentação desagradável de vegetais terapêuticos que muito convém aos gélidos germânicos. Dou preferência ao vinho, o belo vinho que nos aquece o sangue ! Mas.. . — voltou a ponderar — a melhor coisa que existe na trabalhosa vida, decerto, meu amigo, não é o vinho.. .

Camilo sorveu da sua cerveja, limpou os lábios ao lenço, afetando serenidade, e assaltou-o logo:

—Será, porventura, a mulher ?

—Sim... é uma opinião, mas eu quero estar sempre ao lado desta...

—.. .da opinião, provavelmente — emendou o rapaz. O doutor enrubesceu, riu, concluindo:

—.. .se me afigura mais justificável.

—Ea opinião de todo o mundo.

—E portanto...

Reticenciou vitorioso, fisingando o ar com o indicador, como uma batuta que acentua o final de um compasso.

—E portanto ?... — Camilo inquiriu.

—A mais admissível.

— Discordo. A mais admissível, não; queira me perdoar, a mais submissa.

— Por quê ?

Indagou, alteando a cabeça.

Camilo procurava a oportunidade para estonteá-lo, tinha-a segura.

— Porque todo o mundo move-se pela mesma maneira, é um corpo automático, irrefletido e oco. Pensar como o meu vizinho, como o compadre do meu vizinho, como o irmão do compadre do meu vizinho, como o amigo do irmão do compadre do meu vizinho, como o primo do amigo do compadre...

— Perdão — atalhou o doutor — prescindindo da nomenclatura ...

— Não, senhor. Isto deve ir pela ordem natural das correlações, desejo salvaguardar os detalhes mesmo em risco da sua paciência. Pois, dizia eu, como o primo do amigo do compadre do irmão do meu vizinho... é não pensar. A uniformidade do pensamento é a sua negação, porque unifica a faculdade mais extraordinária e mais variável que o homem *deve* possuir. Eu, meu caro sr. Heráclito das Neves, eu quero pensar como eu penso.

— É mais que um orgulho, é uma pretensão.

Observou o doutor, respirando, descansado com a inconclusão do rapaz.

— Embora!... mas é uma dependência. Entretanto — tornou Camilo, percebendo o infeliz desvio que levava a questão. — Entretanto, todo o mundo tem razão, tem carradas de razão. A *onosarquia*, meu caro senhor, é um fato.

Heráclito franziu os sobrolhos. O termo era-lhe estranho. Compreendendo a disfarçada admiração do doutor, que, talvez por amor-próprio não constataria ignorância, Camilo reju-bilou, sem alarde, com essa lancetada certa à segurança da sua inviolabilidade espiritual.

— Desconhece o termo, já sei. Garanto-lhe que é meu, exclusivamente meu, da minha propriedade e do meu direito sem foro ou ônus judicial ou extrajudicial. Uma glória, este termo ! Arranjei-o do grego — *onos* — onagro, o burro ancestral, o velho burro avô, e *arché* — autoridade. Não que eu saiba grego, foi uma leitura ocasional, combinação de dicionários. Há o esnobismo, cuja significação está entre a hipocrisia e o idiotismo, eu pretendi, por uma velha rivalidade latina,

suplantar o inglês, esgaravatei a onosarquia, que me parece singular, pelo menos me contenta; pode-se-lhe dar um jeito e tem-se o onosarquismo — a burrice autoritária! Consegue ser coisa moderna, tem o sabor dos exotismos e, talvez dentro de uns dez anos, a geração futura o impinja abundantemente.. . Olhe, os jornalistas hão de gastá-lo a fartar.. .

—Como novidade.

—Como novidade e como preciosidade. Nós precisamos de termos novos como de novas sensações. Há quase cem anos que consumimos os legados literários da língua. Estão exaustos esses acervos. Mas, ao caso. O onosarquismo é um fato. E não há nada mais cabal, mais harmonizador, mais útil, mais equitativo que a burrice. Ela é um poder centrípeta, uma força motriz, engrenagem principal de todo o maquinismo social. Começa por se opor ao transcendentalismo e à especulativa, duas perversões espirituais, e termina por anular a desprezível canseira do raciocínio pela cega aceitação das conveniências.

O doutor berrou exclamações de chacota:

— Oh ! oh ! Magnífico !

E sempre autoritário, sem perder a sua linha de "homem notável":

—Então a burrice é o centro de gravitação humana ?

—Precisamente. O senhor pôs os pontos nos ii. Se não fosse a onosarquia, meu caro senhor, o mundo seria um composto de pequenas tribos ou núcleos, em lutas constantes ou em profunda indiferença de tribo para tribo. O que faz a comunidade civilizada é esta força, que escapou à sagacidade dos grandes filósofos antigos e modernos. Imagine o senhor que nos falhasse esse "poder moderador", indubitavelmente colocado entre o talento e a obtusidade vulgar, entre os sábios e a ignorância comum; que todos os seres humanos fossem aferidos intelectual e espiritualmente por uma mesma escala.. . Imagine que descalabro não resultaria dessa completa igualdade ! O homem seria, nada mais, nada menos, que um animal pacato e grave, a existência das nações limitar-se-ia ao ronco trabalho das granjas, os encajitos da vida, esta série de delícias que nos distraem, consolantemente, da rapidez da trajetória entre as fraldas de amamentação e o lençol do ataú-

de, seriam umas coisas mais que insossas e rústicas. É preciso portanto, a existência de um "poder moderador", um poder que seja como uma retorta de tudo quanto a inteligência e o espírito produzam para o uso dos inferiores, dos que são incompletos e incientes. E esse poder, senhor doutor, realmente existe, é a *onosarquia*. Assim como no nosso sistema planetário, os rudes movem-se ao redor do burro, por identidade orgânica. Descerei ao particular, entrarei no detalhe para melhor explicar-me. Lance o sr dr. Heráclito das Neves, lance o olhar para o meio em que vive, o seu meio político. Tome desse meio um caso raro, se é que o tem. Suponhamos que o tenha. Este caso raro será, pois, um político de talento.

Heráclito pigarreou, suscetibilizado. Camilo, emendou, com afetada delicadeza:

—Abro exceção para o meu complacente ouvinte, ilustrado, conspícuo membro do partido liberal.. .

—Obrigadíssimo — murmurou o doutor.

—É raro — continuou o moço —, é raríssimo o caso. Um político de talento como eu o imagino, como eu o desejaria, mais difícil de nos cair às mãos do que foi a Cromwell, vitorioso, achar quem decepasse a cabeça ao infeliz Stuart, porque eu imagino um político completamente diferente do tipo comum dos mais afamados, dos mais conceituados políticos.

O doutor, que acabava de cruzar, soberanamente, os braços sobre o largo peito, atalhou:

—Provavelmente um Napoleão Bonaparte com a diplomacia de Talleyrand...

—Mais, muito mais distante, meu caro sr. Heráclito. Imagino um profundo interpretador de todos os segredos psíquicos da entranha humana, conhecedor da sociologia, ampla e criteriosamente estudada em todos os seus ramos, e, sobre isso, um audaz espírito de moço, ambicioso como esse Napoleão, que o senhor acaba de citar, mas com as delicadezas de um esteta, a alma de Luís II da Baviera. Impossível, como vê.

Admitamos, porém, que essa criatura humana se houvesse desligado das secundinas maternas, que um ventre bendito a

procriasse e que ela fosse uma realidade em carne e osso como nós nos orgulhamos de ser. Que aconteceria a esse homem ? É curiosa a previsão. Demais sabedor para suportar o intrincado enredo da casuística politqueira romperia com as normas do seu partido, desrespeitando a letra obrigada do *Credo*; demais analista para voejar sobre superfícies, sua luta seria destruidora, solapando o que se não poderia reconstruir sem sacrifícios individuais, donde provada a inutilidade política; rebelde e intelectual revoltar-se-ia contra a disciplina e contra os conchavos; esteta, pensando na arte, amando a exterioridade, idolatrando os espirituais, tomar-se-ia um esbanjador dos dinheiros públicos, um perturbador da ordem social, um louco... Em uma palavra: essa criatura seria *um flagelo*, segundo o vulgar emprego deste termo...

Tomarei, agora, o oposto a este indivíduo, isto é: o aceito, o útil.. . Porque em verdade, o burro é, zoológicamente, inferior ao leão, mas nos limites da utilidade lhe é superior. Nesse tipo de antítese tudo é negativo. O seu espírito não passa de uma luz de candeia fechada entre cem muros de bronze. O que ele pensa, o que ele sente, é animalmente instintivo, pensa por associações morosas, elos de um mesmo tamanho e sempre de uma mesma espessura; sente por acúmulo de vibrações tais que seriam capazes de derrocar, de polvilhar as montanhas da Suíça e os Andes... Pois bem, é esse indivíduo que convém, é ele que representa a segurança pública, a ordem de uma nação, a força de um povo ! Compreendem-no, aclamam-no.

Ele é como uma serra granítica que contivesse, por um flanco, a floresta, e por outro o mar, impedindo que as duas forças se encontrassem. Ele é o mediano, o meio termo, o obstáculo que não cede para avante, nem recua; é, em suma, a mediocridade, sem explosões, sem vibrações, sem ideais... O burro, na sua compleição utilitária. O burro que não tem contrações de alegria nem expressão de dor, que se não excede da marcha costumaria, que se não despenha dos alcantins, nem tropeça no estreito trilho das cabras... Não é um ente imaginário, é uma verdade, um tipo que está, diariamente, sob as nossas vistas, que vive conosco, que nos fala, que nos governa... É o burro de sobrecasaca, medalhado, sério, pa-

cato, resistente. Na política chamam-no estadista, dizem-no profundo em finanças, cabeça de partido, esteio moral das classes conservadoras; nas artes tem o qualificativo de trabalhador e mestre, representa o respeito às fórmulas herdadas, o bom senso literário, o obstáculo às inovações, o crítico abalizado; na ciência é o meritíssimo senhor conselheiro, o eminente, o provector, com um pergaminho dependurado do pescoço e uns óculos nas ventas; na sociedade tem ele a designação de honrado progenitor, prestimoso vizinho, afetuoso compadre ! Porque, o onosarquismo, meu caro senhor, é onímido e poliforme; sem perder a sua essência, tem várias aparências e se reveste de aspectos diferentes — tanto se enfronha numa casaca de aristocrata, como no balandrau negro da burguesia, que é a sobrecasaca da circumspecta vulgaridade; ora se o vê em fardas, ora em batinas; cabe-lhe tão bem uma blusa como uma jaqueta. O seu aspecto varia, a sua aparência possui disfarces, mas no fundo, dentro desse físico grave e austero, ou desse tipo rubicundo e risonho, ou desse nervoso e macilento, está o onosarquismo, que deveria ser o axioma de Hobes.

Sob tão diversas formas encontra-se-o por toda a parte, em todos os tempos e em todas as regiões. É por isso, meu caro senhor, que Pascal descreveu a opinião, como uma esfinge com cabeça de burro... Quando sai uma descoberta dos laboratórios ou uma idéia dos gabinetes de estudo, o onosarquismo abocanha uma e outra, submete-as a um particular processo de assimilação mental e, depois, espalha-as para o uso comum. E o princípio descoberto, a verdade encontrada, a lei concludente, tomam uma forma bem diversa da sua estrutura primeira, reaparecem completamente modificados ou depurados.

Basta-nos uma prova, a mais. Temo-la na grande Revolução Francesa. Como o senhor sabe, foi do cérebro dos enciclopedistas, notavelmente do cérebro do famoso Deniz Diderot, e do de seus continuadores Condorcet e Danton, que saíram os princípios dessa imensa reforma. Como filosofia era uma obra poderosa e ampla, cuja aplicação daria os mais extraordinários benefícios à humanidade. Mas o onosarquismo, na sua infalível assimilação, tornou esses princípios um proveito puramente individual, destinando-os a uma classe, utilizáveis para as

dissimuladas aspirações de um meio... Não sei se me expribo com clareza ?...

—Tem sido incedível! — obtemperou o doutor, com uma sutileza de experimentado parlamentar.

—Neste caso, aí tem o sr. dr. Heráclito rapidamente provada a autoridade do burro, o onosarquismo, força equi-libradora, elemento de prosperidade e fortuna, princípio inestimável de ordem social. A vida espiritual dos homens, socialmente considerada, é uma eterna gravitação em torno dessa força.

Heráclito descruzou os braços, com fleuma. Sorria. Depois, esfregando e acariciando as mãos disse:

—Brilantemente exposta, a sua teoria !.. E ninguém se salva da influência desta força niveladora, desse extraordinário poder igualitário, como acaba de provar, senão o meu jovem e distinto amigo.

Henriette, como movida por uma força desconhecida, não conseguiu reter uma risada, mas tão inesperada, tão incompreensível e nervosa que Camilo teve um tremor, como sacolejado em todas as mais secretas fibras do seu corpo. O rosto tornou-se-lhe branco, arderam-lhe as pupilas. E desembaraçando-se de um pigarro de cólera, redargüiu ao doutor:

—Perdão... eu exponho a minha teoria, jamais teria a incivilidade de o envolver nela, tendo-o por meu único e inteligente ouvinte.

As pálpebras de Henriette bateram ao peso de um rubor; o Heráclito, mordiscando os lábios, explicou com calma:

—Nem eu o julgo capaz de tão feio proceder. . . Sinto-me achatado sob a verdade esmagadora da sua exposição.

Abriu-se um silêncio.

Pela janela a tepidez voluptuosa da manhã declinando aveludava a paz de em torno, a luz dourava a caligem do casario amontoado e extenso, mosqueando telhados velhos, sangrando em cavas de barrancos as telhas novas de um novo teto. Estendida, para lá dos zircos fabris, a faixa do mar rutilava como uma lhama de prata. Grimpas denticuladas de serras, ao longe, muravam o horizonte, sobre o azul profundo.

Mas logo a voz do doutor expandiu-se:

—O meu jovem amigo deveria desenvolver esta original teoria em um livro, obra pensada e séria.

Ergueu-se, desdobrando no espaço a sua elevada estatura de forte. Viu horas no seu belo cronômetro de ouro, despediu-se pretextando afazeres "... tinha uma conferência política, negócios eleitorais..." E, atencioso, afável, numa leve curvatura: "Meu talentoso amigo, até logo... *Madame, au revoir*..."

Desceu lento. Os sapatos ringiam nos degraus.

—Que besta ! — murmurou Camilo. Alagou-o um rancor feroz por esse feliz, sereno na vida, bem acolhido e bem colocado ...ea risada de Henriette, aquela terrível risada histérica sob o sarcasmo do doutor, aprovativa e injuriosa, piafou dentro da sua alma, sacudindo-lhe num tremor de raiva. Ino-pino, numa crise, gritou à cara de Henriette:

—Tu sabes ?... tu sabes ?.. . Eu não quero aqui esse idiota !.. . nem mais uma vez !...

Tremia; as faces ficaram-lhe descoradas e cavas, as pupilas esfuziavam.

A rapariga pasmou, assombrada, mais branca que ele. Depois, uma vermelhidão manchou-lhe o empalidecimento. Ansiou, opressa, resfolegando numa comoção. A custo, inda arfando como um pássaro cansado, falou medrosa:

— Mas... que é que tens ?... que é ?.. . Sossega.

Camilo vacilou com uma sombra nos olhos, estremeceu vibrado até o mais íntimo dos seus filamentos nervosos e desabou sobre a cadeira, a chorar convulsivamente.

A estupefação da rapariga aumentou. Oscilou atordoada, ameaçada por uma síncope. Depois ficou indecisa, idiota, torturando as mãos, uma de encontro a outra.. . até que, num ímpeto, numa explosão incosciente da natureza feminina, correu para ele, tomou-lhe a cabeça entre as palmas, meigamente a falar, a murmurar, a sussurrar: "Que tens ?.. . Dize-me... conta-me..."

Camilo desviou-se dela, frouxamente, desleando-se dos seus braços, das suas mãos:

— Deixa-me... Deixa-me...

E parou o olhar no soalho, atropelado mentalmente numa confusão de idéias. Respirava cansado; apoiara o cotovelo à curva do espaldar e com a mão amparava o rosto mortificado

pela vergonha: "Tanta energia! tanta dissimulação! para cair num momento, para baquear teatralmente como uma mulher, como uma criança! Mas, que infeliz era ele !..."

A voz de Henriette suspirava, ainda, confortos pueris; rogava, implorava que lhe dissesse o que sentia. — Tornara-se-lhe humilde, arrancava-se-lhe do peito como uma confissão de penitente, fazendo-se súplice, escrava, vencida, castigada.

Ele recusou-a, num repelão, com bruteza:

Deixa-me.. .

Mas, arrependido, voltou a explicar com mansidão:

— É uma crise nervosa... Eu sou assim.. .

Henriette, magoada com a repulsa, encostou-se a um peitoril, levando o olhar para as distâncias, resplendentes de sol, sob o azul diáfano, deslumbrantemente limpo. No alto da sua fronte esgarçavam-se cabelos na aragem branda, que soprava; uma pequenina madeixa, desanelada, retremulava, flamava como uma diminuta labareda de ouro...

Camilo continuava imóvel. Havia no seu coração uma dor que o entorpecia, que o fazia mais desgraçado e menos violento — a quase certeza de que iria pôr termo à sua indefinida posição diante desta rapariga.. . Mas, desejando esse desenlace, temia-o prevendo a sua desventura.

De revés percebia o corpo de Henriette à janela, num delicado volume branco tênue, das cambraias do seu vestuário caseiro; a massa dos cabelos em apanho habitual para o alto, em torçal grampeado e o róseo do rosto em perfil, escurecido num tom vítreo de faiança decorativa, sobre o largo quadro da janela aberta. Já o silêncio, em que permanecia, o constrangia penosamente, dando-lhe a sensação de se ter encerrado num esquite de chumbo, cujo tampo, eriçado de farpões de ferro, estava prestes a cair e a cingir-se-lhe ao corpo. Tomou uma resolução: levantou-se, deu alguns passos para a moça, estendeu a mão ao chapéu.. . Tinha um pressentimento de que ela lançar-se-ia em seus braços, num grito estrídulo, de desespero, num arrebatamento dramático e comovente. Henriette, porém, não se moveu, prendera-se a fixar os longes do horizonte, quieta e enigmaticamente.

Ele falou-lhe, apreensivo, mísero na sua humildade:

— Adeus.. . Henriette.

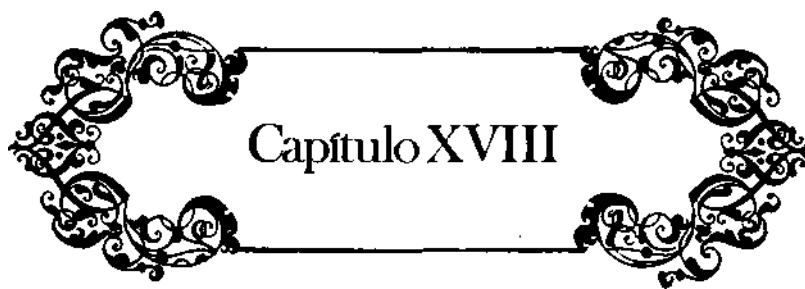
Vagarosamente, ela voltou-se. Os olhares de ambos pararam, mediram-se por momentos; ambos ininteligíveis, desconhecidos. . . e, ao mesmo tempo, cada um desviou os olhos do semblante do outro, pelo temor de se odiarem, talvez!...

— Já te vais ?... Demora um pouco mais... podes ter alguma coisa na rua.

Disse ela, por fim, com uma serenidade que amortilhava a alma do infeliz.

— Preciso de caminhar. Nestas ocasiões só me sinto bem quando ando. Adeus...

Correu pelos ouvidos de Camilo um sussurro de morte, um murmúrio vago, esmorecido, de despedida — adeus !... — que ele ouviu já nos últimos degraus da escada. Apenas: Adeus !...



Capítulo XVIII

Ail-gera, Camilo vai esmoendo o tédio amargo pelos tortuosos escaminhos da reclusão voluntária, fugindo de quem lhe reanime lembranças, acabrunhado pela insolvabilidade das dívidas que contraiu, vexado com a inutilidade em que se arrasta. Toda a energia que em seus recessos encontra ele a emprega nesta obscura luta, singular e íntima, de esforços contra impossíveis, debatendo-se sem apelo na incerteza do destino. Mas, para vencer os ímpetos da sua paixão, para dominar as crises da sua sensibilidade, regressa teimosamente ao passado, recolhe-se ao abrigo das antigas amizades e mascara-se nesta mansidão diferente dos desambiciosos, como se houvesse encontrado a resignação do sofrimento numa suave filosofia de humildade. A vagarosa extensão de seus dias passa-os, ele, na sala de Clementino Viotti, aquecendo sua carcaça dolorida de nevralgias numa confortante, velha poltrona de couro, a ler brochuras francesas, enquanto o Viotti, o amargo Viotti dos primeiros tempos, curvado sobre a alta mesa de cavaletes, calcula cimalthas e levanta paredes que um Carrazedo, mestre de obras, choramingadamente paga com falcatruas de judeu. Há quase sempre um grande silêncio na sala, cuja sacada de gradil se abre para o abandono úmido de um beco, no Estácio de Sá. Clementino Viotti já não tem apóstrofes, já não tem objurgatórias contra o antiesteticismo arquitetural da cidade; a bÍlis o envenenou, derramou-se por todos os tecidos do seu organismo: não fala, ruma sem palavras o rancor de *gorado*, encanecido aos trinta anos, acasmurrado no trabalho ingrato que o trouxe do escritório dos engenheiros a este canto sossegado. Um cheiro infiltrante, de resedás em flor, evola-se da calma

edênica e ciciante de inculdo jardim vizinho, onde os caraman-chéis descuidados destendem lindas redouças caprichosas sobre um muro limoso e triste. Às sextas, nas horas angélicas do meio-dia, cigarras estridulam nas franças e ramarias. Não há transeuntes, apenas três habitações quietas formam a existência deste ignorado remanso.

Camilo, enterrado no estofado da poltrona, esburgando os brônquios fracos, devora páginas sôbre páginas, mudamente. Por vezes, na tranqüilidade do dia, surgem-lhe saudades do tempo gozado no sótão do Livramento, Henriette reaparece ao seu espírito, enche-se-lhe a mente de pedaços de telas fluídicas, esquiando cenas, reproduzindo fatos. Todos os seus pensamentos voltam-se para ela, mais desejável nessa intangibilidade, ao fundo alboreante da neblina recordativa. As páginas começam a rolar inutilmente por seus dedos. Vão passando, vão passando... E era por uma hora em que ela teve o êxtase de um sorriso de sonho, alvo como uma garça numa marinha azul. .. e foi no momento em que ela descansou o calor de suas palmas nas mãos dele... e... "Que faria Henriette ? Por que se escorriam tão tristemente esses oito dias sem que lhe viesse uma notícia, ao menos um bilhete indagando da sua ausência ?..."

Ao cair da tarde chega o Carrizado, esbandalhado das es-falfas, chapéu à nuca, sapatarros rinchadores. Um pigarro crônico corta-lhe os palavrões costumários que a ponta mascada do charuto envolve na nojenta baba contínua; e, arrastando as solas, pesando as gorduras de baixote nas sólidas pernas de ativo, o carão pletórico por escanhoar, alerta os tratantes luzios verdes, cuspinha para os lados, queixando-se, lamuriando a lenga minhota dos seus dizeres, a cocar a cabeça despenteada, a limpar com o dorso do polegar as comissuras cabeludas dos lábios babados, numa irritação de velho cacoete.

Então Camilo sacode as joelheiras, abala para a rua.

Como outrora, esquece o tempo na amiga *brasserie* do Knopp, na mesma convivência do Ramos Colaço que lá está no mesmo lugar, encafuado no vão da escada, jungido à sua displicência de viver, mais envelhecido e pesado, com uma longa barba de filósofo germânico, porém às voltas com os

seus *leitmotiv* wagnerianos, a sonhar a beleza orquestral de uma grandiosa ópera por escrever.

Mas, numa dessas tardes, quebrou-se-lhe o ânimo de resistir. E sem recriminar-se, alheado de tudo que fizera para o voluntário motivo desta ausência, pensou na possibilidade de encontrar na Havanesa, como à partida de Agrário encontrara o recado da dona Ana, um bilhetinho comovente, amarelecendo nos pó destes tão longos, tão tristes oito dias !.. . Seria possível. Seria bem possível...

E veio descendo para a Ouvidor, absorto no gozo da reconciliação, que encenar-se-ia terna e amolecedora como uma noite vespéral de noivado, quando, de surpresa, o refluxo ondulante de uma multidão curiosa o deteve.

La retroceder, o ajuntamento mortificava-o, mas um estranho esfuziar de vaias, guinchos de alegria e algazarra de gargalhadas atraíram-no.

Às quinas estreitas da rua apinhava-se uma turba. Indivíduos afligiam-se por ver, em bicos de sapatos, pescoços es-tirados; as sacadas entabuleadas dos dentistas enchiam-se de espectadores numa festiva alacridade de mulheres e risos. Cautelosamente, Camilo adiantou os passos e pôde distinguir um amarrotado, alto chapéu, listrado a cores vivas, que re-viravolteava, surgia e desaparecia no ajuntamento, aos boléus, aos trancos, em parelha com informe objeto empunhado, talvez farrapo de bandeira, frangalho de lona talvez, a esgrimir com bengalas e pára-sóis, que o acometiam. E desabavam gargalhadas e redemoinhavam uivos de prazer, em gritaria galhofeira de epítetos: *ó pintamonos!... ó borra borra!* ..

O chapéu escorchado emergia do aglomerado dos chapéus como um pufe charlatão de *maravilhas*, mas logo escorna-va à direita, escornava à esquerda, jungindo às bengaladas, desequilibrado a murros, a cachoetas, que a multidão lhe atirava num diabólico delírio de pagadeira; e o informe objeto, que amparava os golpes, traçando círculos defensivos no ar, desfraldava um trapo onde o floretear dos pára-sóis batia. Aumentava a grita e a pinha humana crescia, a sufocar, na turbulência dos apertões. Aos vaivéns da troça Camilo ficou envolvido na arruaça de modo a aproximar-se do farsante. Em meio da rua, no granito sujo da Ouvidor, uma figura funam-

bulesca, sarapintada de listrões multicores, agitava-se doida, escoraçada, a berrar: —Ea partida de Colombo, ó burros ! É a Pinta, é a Santa Maria, ó camelos ! — E esperneava, es-baforida, rouca, suarenta, a desengonçar-se já pinchando, já crescendo, numa capadoçagem acrobata, acometendo furiosa contra os açuladores que a sítiam.

Nesta fantástica figura zebrada de listrões, o carão rapado besuntado de laivos coloridos, berrando com a boca em sangue que chagava os lanhos verdes de uns lábios clownicos, a esgazear bugalhos aflitos em cavernosas órbitas de vermelhão e trejeitando desespero nas faces sujas de oca, sujas de azul, sujas de siena; neste extraordinário doido carnavalesco, tre-melicante e pandemônico, Camilo reconheceu o Sebastião Pita, o mísero Sebastião Pita da eterna *Partida de Colombo!*. . . E um terror de que ele também o reconhecesse, de que o chamasse em seu socorro, envolvendo-o no mesmo ridículo, impulsionaram-no a cobrir-se com a estatura de um moço que esganiçava em falsete, possesso nos gestos, concitamentos a es-bordoar o inofensivo maníaco. Outros correspondiam, com a gíria dos turbulentos, aos intuitos agressivos, perdida a noção da piedade, revolvidos pelos choques contrapostos dos instintos, na alegria satânica da coletividade, que transborda para a selvageria. Do gracejo a multidão passou à brutalidade. Não mais lhe contentavam os murros à cartola, as bengaladas ao objeto que o doido manejava, os estortegões que o irritavam. Um amarelento, de dentuça africana, traços mamelucos na ossamenta facial, de uma dureza de máscara de pau, vibrou-lhe um soco na boca. O Pita recuou com um urro de dor, ca-rantonhou uma obscenidade que saiu envolvida em sangue de mistura com a grossa salivação do cansaço. A risada estalou nervosa, rugiu. De repente, ele rodopiou nos calcanhares, re-curvado e dolorido ao raspão de uma chibatada nas espáduas. E, acometido de novo, batido como um bruto, vergastado como se criminoso fosse, recomeçou a dança macabra da defesa, com agilidades símias, correspondendo ao assalto.

A cartola voara pelos ares, em pedaços; na sua feia cabe-çorra rapada o sangue rasgava filões, listrando a mais o carão pintalgado; as vestes abriam-se em rasgões. . . E os movimentos saíam-lhe precipites, desordenados, furiosos. . . A poli-

cia acudiu. Dois soldados tinham conseguido entranhar-se na massa alvoroçada e convulsa, agarraram-se ao braço dele, sa-cudindo-o com bruteza. Então, despegou-se-lhe das mãos a arma singular que manejava, bateu secamente no granito, estendeu-se aos pés da súcia — era a *Partida de Colombo*, esfran-galhada, esbandalhada, pendendo em restos do chassi descon-juntado. Quiseram exterminá-la com as patas, mas num safanão raivoso, o doido desprende-se dos soldados, agachou-se, colheu os pedaços da sua obra, a única, a que lhe povoara de sonhos o cérebro imperfeito e que lhe acendera, neste dia, a aurora boreal da loucura, numa deflagração de luz apoteósica. E, com os restos da tela espatifada debaixo do braço, cingida à axila, estreitada à sua carcaça, truanesco no reles carnaval das roupas, quedou-se, entregue à vontade dos agentes de segurança pública. Tinham-lhe metido na cabeça, em arreveso caricatural, o farrapo do chapéu, apenas a orla ridícula com a farripagem de uma copa arrebatada. Um suspiro rufou-lhe o peito. E seguiu. No vermelhão de suas pálpebras duas lágrimas assomaram, trêmulas e claras; e outras vieram, despe-garam-se, rolaram, velozes, sobre a tinturaria ridicularizante de suas faces, a que ritos de uma dor silenciosa forçava o jogralismo lúgubre de uma caveira, a sorrir, bostegada da lama das covas. Estalaram gargalhadas. A garotagem moveu-se em cauda, dardeando a vaia, e ele desapareceu no fim da rua, talvez para sempre, fechando a porta da existência consciente com este tinta-marresco escândalo de truão louco...

Camilo permaneceu estático, subjugado pelo imprevisto, como se houvera sido vítima de um ataque de loucura repentina. Tremiam-lhe as pernas, um calafrio eletrizou seus nervos; suores porejavam-lhe da testa: parecia-lhe que o olhavam curiosamente, que estavam a rir dele. Uma névoa passou por seus olhos. Mas, fez um esforço, desligou-se da multidão. Passos adiante, à porta da Havanesa, encontrou o Sabino e o Franklin. Os rapazes tinham assistido ao princípio da lamentável cena. O Pita aparecera por ali, naqueles trajos, seguido de uma troça, a tela ao ombro, a berrar a marcha triunfal da *Aida*. Depois correram curiosos, formou-se a multidão. O pobre rapaz fazia discursos, gesticulava, tentava pendurar ao

encanamento dos arcos da iluminação a sua *Partida de Colombo*, a garotagem assanhou-se...

A triste narrativa curvava-o num abatimento doloroso, vergava-o à realidade de uma existência que declina irremediavelmente, a esgotar-se como lentor das consumpções, hora por hora, inutilizando a vontade, desmoronando ambições. Para se distrair entrou em palestra com o Sabino. Quis saber do que ele fazia.

— Sofro, agonizo... mas hei de tentar enquanto puder!

— E você, Franklin?

O rapaz encolhera-se ao portal, a ameigar o buço tardio; teve um movimento entediado, de ombros:

— Não penso mais *nisso*... Acabou-se.

— E os nossos entusiasmos!... Recordam-se?... Sabino

abanou a cabeça afirmando. Calaram-se. Camilo

esteve a olhar, indiferentemente, o povo que passava; depois, ferido por uma lembrança, entrou, dirigiu-se ao caixeiro e voltou lento, desanimado, numa prostração supliciada, macilento. Nada! Nenhum recado. Nada! E já um atordoamento se fizera nele, sem saber em que pensar. O tédio reapareceu. A glacialidade dos companheiros envenenava-o. Por fim disse:

— Estive a me lembrar de ti, Franklin, há dias. Sabe?... Tu prometias ser o nosso *frondeur*. Recorda-te do susto que pregaste ao Telésforo? Há um ano. Não há?

— Sim. Há um ano e dois meses. Foi em outubro de 87.

Sabino explicou e batendo com a ponteira da bengala na calçada: — Sonhos!... Sonhos!...

— E o Rios, por onde anda? — indagou Camilo.

— Está num brejal, por aí, num lugar onde a morte chega mais depressa...

Recaíram no mutismo. Os insucessos das tentativas, a impotência da união, desalentavam-nos como sempre, ferindo fagulhas de desconfianças recíprocas. Um amargor de abandono alquebrava-os com melancolias de remitência palustre.

Entretanto, estavam no ruído ouvidoreano, à hora efervescente da *passagem*, às três da tarde. Mas, olhavam desatentamente, de olhos esquecidos, essa promiscuidade que fervia por entre os estreitos renques de casarias irregulares, num rumo-rejante movimento feirai. Na superabundante massa negra

dos vestuários irrompiam irritantes casimiras gaias de trajos capadócios, negligências sintomáticas de roupas burguesas, desasseio miserável de valdevinos, uma pompa disparatada de fantasias femininas em contraste com as harmonias dos cortes elegantes em magníficos tecidos de luxo. Amarelidões mestiças e de ingurgitamentos crônicos entristeciam os transitórios conjuntos; mas logo, entrecruzando-se, confundindo-se, mesclando-se na multidão, vinham roseamentos de peles germânicas, pupilas aniladas de olhos londrinos, palidez fina de cútis fidalgas, loiros escandinavos de cabelos, amorenados cá-lidos de mulheres patricias, destruindo a sotrna monotonia dos rebanhos humanos que a capital agita na sua estreita calçada de rua preferida. Camelôs arribados, bugigangueiros indígenas arrastavam-se, ganindo ou gemendo a mercancia de suas indústrias. Militares, meneando rebenques de prata, fardas em abandono e desarmados, faziam grupos. O rumor pesava.

De quando em quando, indivíduos abraçavam-se efusivamente, com exclamações exuberantes, palmadando-se nos ombros. Pregões de jornais esfuziavam no zonzonear crescente. Aze-vieiros gingavam, pelintramente, ladeando raparigas rutilantes de artificialismo; cães vadios farejavam-se, repassavam, re-questando-se indecorosos; e mendigos imundos, velhos patifes cheirando à sarjeta, ignóbeis mulheres esfrangalhadas, criancinhas resmelengas, agarravam-se ao encaço dos transeuntes, sob a indiferença boçal de carapinhos policiais recostados pelas esquinas, relaxados. De quando em quando, chacareiros endomingados em roupas negras ou em surrados fatos barrentos, vagueavam mercadejando flores em piramidais corbe-lhas, de lata, embastoadas. Sujeitos esqualidos, disfarçando privações, paravam à porta dos cafés, borbulentos de povo, onde filarmônicas guinchavam sentimentalidades de óperas estafadas ou ritmavam requebros lascivos dos lundus crioulos. Pelos umbrais das confeitarias, nos anteparos das faiscantes vitrinas dos ourives, às soleiras dos armazéns de modas, reuniões de gente gesticuladora, falante e noveleira, grifavam dizeres à passagem de ostentosas senhoras ricas que pisavam firmes, afrontando do alto a convergência atrevida dos olhares, e largos rostos cloróticos de meninas tropicais se-

guiam direitos como cabeças de cera, sob espantosos chapéus em cabide... Para os lados da praça de São Francisco, o ondular escuro da população coalhava a estreiteza do espaço, numa enchente movediça. Tremia no ar um pulvísculo de ouro fosco, nuançado em tonalidades de velho bronze, rare-fazendo-se à distância, azulando-se, e de chofre batido por um clarão do sol rolante numa forte mancha, à faixa perpendicular e dura de um muro. Em debuxo, ao longe, entre frondes esgalhadas, a silhueta verdinegra da estátua de Bonifácio desenhava-se num fundo difuso de horizonte, onde se abria a dúbia caiagem da Escola Politécnica. Para baixo, descendo às proximidades do cais, o tortulento coalho, movendo-se desordenado, dominava em tons carregados, caliginosos, sob uma densidade violácea, enfraquecendo para o lilás-dourado das longitudes equatoriais, donde surgiam luminosos golpes róseos e alaranjados nos ângulos de paredes, em aberturas do encruzamento das ruazinhas tortuosas.

Arrastado pelo acabrunhamento deste viver sem amplitudes, num canal de granito e estúpidos edifícios de arquitetura pelintra e desgraciosa, Camilo lembrou-se do primeiro tempo aí passado, dias perdidos nas lojas dos cafés e nos passeios desmantelados da rua, que a inexperiência fazia ver numa cenografia de esperanças, iludindo a visão com perspectivas de melhores épocas, pela substituição provável do cenário... Ah I que sonhara, aí, neste canal desasseado e corrente!... Aí se formaram e aí cresceram as quimeras de um futuro, antevista lá embaixo, na cintilação dos enganos e dos prometimentos, prateado à luz gloriosa de um sol, como a cúpula de uma fabulosa construção, luzindo, faiscando a multiplicidade de suas pedrarias de incrustação e relevos de esculturas, maravilhosamente erguida para o supremo gozo dos conquistadores I... Com este doentio recordar, vieram-lhe dolentes e amadas saudades do que se ficou para trás no desdobramento de tempo, do que se perdeu no desenrolar dos anos...

Recordava-se desse Clementino Viotti, alma de visionário, imaginando a suntuosidade do Oriente nesta desidiosa metrópole, torta, labiríntica e suja como um bairro judaico... desse Pereira Lemos que mergulhara suas idolatrias mitológicas nos confortos de um *home* inglês com os proventos de

um consulado na colossal e fervilhante *City*. . . do Ramos Co-laço, *bandeirante* maníaco do ideal em busca dos sons que re-boaram nas velhas naves góticas e acalentaram os histerismos das monjas meditativas... e de outros... e de mais outros... que se desnortearam... que estavam longe talvez, nos férteis continentes da vida ou no seu atormentado oceano, lutando desamparados, debatendo-se em arrancos, talvez desaparecidos ... submersos.. . por onde ? Nem ele sabia !

Agrário fora desse grupo. Era o original Agrário, o rebelde Agrário, o alegre, falador, irrequieto *Manet* indígena — vingando-se das desilusões no espanto ao burguês com escandalosas gravatas e botins esfiapados !... Então todos eles sonhavam.. . então batiam a pedra nos alicerces de suas fânsias, acastelando ideais sobre ideais, numa sucessão mirabolante de torre chinesa, de porcelana pintada, com lambrequins pingenteados de guizos de ouro que as ilusões bafejantes, como aragens brandinhas, tintimbalavam num retinir álaçre de festas!.. . Dos vinte andares facetados dos seus devaneios o guizario, pendente como sequins de um colar de favorita, re-luzia, tremeluzia, em agitação elétrica, dourando toda a torre esmaltada, pelo frenético faiscar de seus metálicos, pequenos glóbulos, dando, por instantes, a estranha impressão da fiapa-gem de uma cabeleira solta, que envolvesse a torre, tal se sobre ela se desenstrassem os cabelos loiros de Henriette!.. . Sim, de Henriette...

E todo ele, no seu íntimo, ficou-se a rondar, estonteado, em torno desta figurinha loira que o assaltou, que encheu o seu espírito numa teimosia perene de obcecação.

Depois, voltando-se para os camaradas, num gesto brusco:

— *Ce pays nous ennuie, ó Mort! Appareillons...* Rapazes... Adeus.



Capítulo XIX

Neste dia Camilo desceu mais tarde para a casa do Clementino Viotti. Tinha passado grande parte da manhã, numa lassidão de esgotado, a esgaravatar minudências inquiridoras sobre a conduta de Henriette, a mortificar-se por doidejantes conjeturas sobre o inexplicável silêncio que cavava uma enorme e penosa distância entre ambos. Foi já pelo declinar das horas do zênite que ele saiu a caminho do esquecido, sossegado beco do Estácio de Sá. Súbito, porém, na página de um jornal comprado na rua, seus olhos pararam no versalete de uma epígrafe que parecia enfiada com as 18 letras deste nome — Telésforo de Andrade.

Devagar, caminhando passo por passo, ele lia a enfática construção encomiástica do artigo, em que se anunciava ao mundo culto que o governo imperial acabava de nomear diretor da Academia de Belas-Artes esse extraordinário artista.

Camilo teve um gesto de desprezo e voltou a pensar na francesinha.

Escorria-se o nono dia sem que Henriette tivesse a mínima lembrança dele, nem uma simples indagação do seu paradeiro, nem sequer a natural curiosidade de saber do que lhe teria acontecido após aquele momento de desastrada fraqueza ! Perdia-se num complicado entrelaçamento de idéias indo-se esbarrar, embaraçado, na conjetura de uma moléstia. Sem perceber, tão absorto que andava, se desviara do percurso habitual, avizinhandose da entrada do parque da Aclamação. Mas, um momento, parou assaltado por uma suspeita:

—... E se o Heráclito, aproveitando-se dessa moléstia, se fizesse seu enfermeiro ?... Ah ! quem saberia ! Talvez, até retivesse qualquer participação que lhe fosse pedida...

Maquinalmente entrou no parque, seguiu pela grande ala do centro, àquela hora deserta. À proporção que avançava, ia esmerilhando a possibilidade de "um arroj" do Heráclito, o temor da rapariga em repeli-lo, as incertezas em que ela se debateria por sua muda ausência... E, ao mesmo tempo, sentia um alívio na alma pela terrível casualidade da comprovação do quanto fora delicado e bom, do paralelo dos sentimentos de ambos que ela teria em evidência. Seria justo que Henriette compreendesse, afinal, onde estava o protetor *desinteressado*, o amigo pronto e meigo. Certamente, a concupiscência do Heráclito não respeitaria seus lábios queimados de febre, não recuaria diante de seu corpo enfraquecido pela enfermidade ! Sobre ela, como um pesadelo, seus olhos enuviados, atônicos e doloridos, veriam suspensos os lábios grossos a enorme boca carniceira daquele homem.

E arquejou com um peso no coração, a cabeça numa tonteira.

O sol queimava forte, a areia da aléia rutilava oftalmizante. Camilo procurou, então, o asilo das sombras, num canto de banco, sob a ramada protetora de uma árvore. Chamas vermelhas, rápidas transfiguradas em manchas verdes, se sucediam diante da sua retina cansada de claridade. Mas, pouco a pouco, fez-se-lhe a nitidez da visão, e ele, deslumbrado pela irradiação solar das três horas, quedou-se na suavidade de um ensombrado retiro, amodorrando o seu sofrimento com observações do efeito uniformizador da luz sobre os grupos da vegetação. Acalmara-se um pouco. Tinha retirado o chapéu, a cabeça escaldava-lhe. O ar era imóvel. Nenhum frêmito de aragem nos ramúnculos ! À distância, marginando alamedas, altas touceiras de arvoredos, em tufos de ornamento, alargavam a gama variegada das folhagens numa poeira circundante, verde-grisento; e nas abertas reentradas de suas ramarias, que tinham o delineamento de um recorte de bastidor cênico, fazia-se uma penumbra fria de gruta, de um índigo profundo. De onde em onde, espigando dos tufos folhudos, galhos escuros em tons ferruginosos de siena queimada levantavam ramagens

tão finas que se diria, na poeira luminosa do ambiente, a farripagem de uma gaze ao de leve verdoenga. Para além, no ar dourado, a torre quadrilátera de São Gonçalo Garcia, rósea na sua caliça, erguia a cruz de ferro do seu ápice pira-midal, leproso de bolor. E, na quietude das aléias, extensos frangalhos de sombra, para longe azulentos, os mais perto violáceos, manchavam o amarelo brilhante do chão que, em trechos, cintilava como esmeril. Na volta farta de um gramado, ao fundo, tombavam flores jaldes de "algodoeira da praia" como se um enxame de borboletas pousasse no es-tendal verde, banhando-se na luz... Depois, mais longe — canto de paisagem para a folha de um álbum — toros lascados de ponte, ribas cuidadas de lago, um retiro dulçoroso de sombras idílicas, a fazer-se procurado para o cálido murmurar segredante das promessas, na permuta dos beijos.. .

Adormecia no isolamento do parque a paz mormaçosa da canícula, que o cicio fanho de uma cigarra, irrompendo da calma de fronde próxima, impregnava da indefinida tristeza das separações recordadas, tão sugestivas e dolentes na serenidade dos ermos, nos remansos bucólicos da natureza ! Copas de arbustos pendiam abatidas à causticidade do sol que feria, no verniz de algumas folhas, golpes faiscentes de aço; e, monótona, sempre no mesmo rolar intérmino, uma escassa corrente d'água batia de queda em queda, soluçando pelos pedregulhos bojudos da cascata.

Vagarosamente, nesta quietação veranica, sem pôr os olhos em alguém, sob um céu brilhantemente azul, apontou na sua alma uma dolorosa saudade, que lhe foi alquebrando as forças, num enfatiamento de desengano, em cujo desdobrar cresciam nostalgias lentescentes, doridas crepitações recorda-tivas, como se ele se finasse num desterro, em região inóspita, entre hostilidades de gente inimiga e cruel. Tudo, para ele, se resumia em abandono. Tudo ! As suas amizades dispersavam-se, levadas pelo destino que se lhes opunha à durabilidade; as suas ilusões desabavam monótonas e minguadas como aquela pobre corrente d'água que ia rolando e gemendo pela aspereza das pedras.

Inesperadamente, a areia estalou. Um piso forte de sapatos triturava o saibro da alameda. Camilo voltou o rosto. Era

um indivíduo ruivo, batendo o passo sob o *foulard* creme de um pára-sol; na clara mancha da sua alegre toalete percebera a correção e o asseio de um londrino. E, numa associação brusca de idéias, surgiu-lhe à lembrança o Melo Castro.

Sim, há que tempo, bom Deus, o não via ! Nunca tivera por ele grande afeição, sentira mesmo um instintivo desagrado por seus exageros de vestuário, pelo feminismo dos seus costumes, por seus impulsos eróticos; mas, afinal, o Melo não passava de um pobre diabo de maníaco, frascário e adamado, sem peçonha nos intuitos. Fora sempre um materialão, a gozar a vida animalmente. De resto, era um humilde de espírito, que correspondia às suas injustas agressões com impertinente simpatia, incalculado e afetivo. Vieram-lhe, nesse momento, um desejo de ver o Melo Castro. Tinham-lhe dito que ele estava de guarda-livros numa *Destilação*, à entrada do Areai. Seria perto, alguns passos para diante, que a rua era curta.

Levantou-se. E logo, pouco distante do portão, para além dos muros de um quartel, avistou uma grande tabuleta pendida sobre o arco de escancarada porta-cocheira.

Talvez fosse lá.

Junto da calçada, pesado carroção estacionara, recebendo a carga de barris, que um homem imundo rolava sobre paralelos varais em diagonal; outro homem, cujo torso hercúleo modelava-se sob a meia nodoenta de uma camiseta sem cor, trepado no estrado do veículo, tomava da carga entre pulsos cabeludos, arrastava-se com ela, congestionado do esforço, para colocá-la em ordem. Sem dúvida era esse o armazém onde Melo Castro ganhava a sua vida.

Apenas Camilo pisou o asfalto da loja lobrigou, pela por-tinhola de um velho biombo de vinhático, a cabeça loira de Melo Castro.

— Ó Melo !.. . pode-se entrar ?

Perguntou, surpreendendo-o.

Melo Castro desgrimpou-se de um alto tamborete, açodado, risonho, berrando uma exclamação que ecoou na profundidade vazia do armazém:

— Olá ! Quem é vivo sempre aparece.

E veio recebê-lo nos braços.

Estava sem paletó, com a sua frescura de asseio e disciplinado. O bigode loiro reluzia de brilhantina e das suas roupas, do seu cabelo bem alisado em placa sobre a testa, exalava-se a volúpia de uma fina essência de heliotrópios brancos. Os mesmos exageros antigos acentuavam-se com esmero — o colarinho aporcelanado de amido, o peitilho imáculo e rígido, um inexcedível nó na bela gravata de seda grená-carboniza-da preso no termo de abertura da camisa por um colchete de prata, as mangas, sem punhos por cuidado, suspensas a elásticos, um brilho de baile nos botins.

Camilo sorria-lhe, a repetir:

— Sempre o mesmo. . . guapo, feliz!.. . Sempre o mesmo !

Melo Castro retorcia o seu acariciado bigode, e, no mínimo da destra, um argolão de ouro fosco irradiou as facetas de uma safira.

— E você que me conta, que há feito ?

Camilo grimou-se ao pernilongo tamborete da escrivania, olfatando com o nariz no ar o cheiro tônico de aguardente, que errava pelo espaço sombrio e cheio de recolhimento. De quando por quando, um báfio acre de fermentos evo-lava-se, toldando a emanção sacarina da cachaça.

—Ah! se o pobre Alves Pena estivesse vivo e descobrisse esse refúgio !

—Abandonaria os *seus artistas* para viver com os *seus toneis*.

Concluiu o guarda-livros, abrindo a cigarreira. — Vá lá um cigarrito.

Entraram, então, em palestra, recordando o "velho tempo", falaram de Agrário. Melo Castro disse que sabia notícias dele pela família. Fixara-se, definitivamente, em Paris, depois de ter vadiado por Lisboa e Madri. Segundo as informações ele freqüentava o *atelier* Gerome, mas pretendia outro mestre e até o fim do ano seria possível que se passasse para o Cormon ou o Rochegrosse...

Fora, para os lados da porta, houve um arranco de animais atrelados. Rodas ringiram, entre choques de ferragens. Um chicote estalou. E do fundo do armazém um matracar de tamancos veio reboando no silêncio da extensão, como num

fundo de cava. Uma voz cantou: "Ó sór Antônio ? . . . psit! . . . Ó sór Antônio ? . . ."

O matracar passou, mais áspero, e a voz perdeu-se na rua.

— Homem! — recordou-se subitamente Melo Castro. — Você sabe ? A Henriette foi para Pernambuco.

Camilo empalideceu, arregalou os olhos, fixando-o:

— Que dizes ?

— Sim, a Henriette. Pois você não sabe ? . . . Partiu, há quatro dias. . . partiu para Pernambuco.

— Homessa! — interjetou o rapaz, entontecido com a novidade. Desceu do banco, parou em frente do Melo.

— É o que lhe digo; sim, senhor. Eu li, há quatro dias, em uma lista de passageiros. Henriette Elise Fernier, não é o nome dela ?

— É.

— Pois, então, se a Henriette Elise Fernier aqui não pululam como pulgas, foi ela em carne e osso, talvez com mais osso do que carne.

Camilo chupava devagar o cigarro, o olhar esgazeado para o guarda-livros, e mentalmente debatendo-se num vor-tilhão de idéias. Mas, não sabia que dizer.

E Melo Castro, a despejar aromáticas fumaraças de tabaco turco pelas narinas:

— A mulherinha não achou outro tolo que a quisesse, foi para o norte dar o que roer aos esfomeados.

Camilo sorriu amarelo, atirou-se numa cadeira, aniquilado; porém, cobrando forças, num movimento de indiferente abandono inteiriçou as pernas, cruzou os pés.

Os tamancos matracaram outra vez, foram passando, re-boando, perdendo-se no fundo do armazém.

E, como se não lhe impressionasse a notícia, volveu Camilo:

— A propósito, dize-me cá, ó Melo ! Que há por aí de boas mulheres ?

— Que há ? Está tudo numa miséria. Se as coisas continuam por esse modo, o código penal tem de ser reformado, porque está iminente uma pilhagem à moralidade das famílias. Será um horror!

—Ao contrário. Uma delícia, ó Melo I uma delícia ! Tu montarás um harém.

Melo Castro sorriu, deleitado, prelibando a possibilidade da pilhagem fantasiada.

—Tens razão. Seria uma delícia ! Por mim já tenho de olho umas duas.

—Duas ? Qual, histórias! Tu realizarias o ideal do *Bardo*, substituindo-lhe as intenções.

Descarregou-lhe Camilo, mas a tortura continuava a ma-cerar seu espírito. Ainda por instantes, uma réstia de claridade faroleira penetrou no seu tormento — pensou num engano, outra de igual nome, novidade falsa para conseguir confissões. .. No entanto, Melo Castro assegurava que lera nos jornais, vira aquele nome na lista de passageiros de um navio ! Entrou numa agitação nervosa, ergueu-se para dissimulá-la, passeou o pequeno recinto do escritório, esteve a notar a velha pêndula de pesos com o seu mostrador de esmalte lascado, onde um sol de carão alvar parará entre flocos de nuvens; cantarolou o quer que fosse, queixou-se do peito, das suspeitas de uma hereditariedade tuberculosa, do calor, do seu ócio de desempregado... Mas, a novidade espinhava dentre suas idéias, rebentava para fora da confusão em que o seu espírito se envolvia procurando iludir-se. Volveu à cadeira e, a refes-telar-se, destempou em chacota o que lhe vinha aos gorgo-milos abundando em fel:

—E, Melo Castro — disse ele —, que me contas do Silvano ? Por onde andarás aquele lorpa, que jamais tive vômitos com a sua caraça ?

—Dizem que está barão. Se me não engano — barão das Cangalhas... ou Cangostas. Ora, espera que já me lembro. ..

—Das Cangalhas ! É boa.

—... Ah ! sim, barão das Cangostas. E casou no Pará.

—Estupendo tudo isto ! Esta terra é extraordinária, é assombrosa em ineditismos!

De um salto despegou-se da cadeira. Veio para o guarda-livros arrevesando uma careta com sarcasmos a esta outra novidade. Achava o casamento do cambista de um pitoresco inaudito, à vista do muito que teria de hilariante esse par

brasonado, cujo cavaleiro era nada menos que um suíno bí-pede, uma caricatura irresistível.

Melo Castro concorreu, também, com suas pilhérias obscenas para ridicularizar o Silvano, curioso por saber de como ele penduraria a coroa na cabeça. E, ruborizado de alegria, carregava nos comentários com picarescos de bordel. Mas, por antigo despique, ocorreu-lhe dizer mal de Henriette que se deixara conquistar por aquele parvo.

Camilo raspou um fósforo, contrariado. Ele a fugir da recordação e o Melo teimando em arrastá-lo para o suplício ! Acendeu outro cigarro, tragou lentamente o fumo e soprando-o, de lábios em beijo, sobre o lume:

—... Com que, então, andas desesperado da sorte ? Não há mulheres.

À pergunta de Camilo, e por lhe ser agradável o assunto, o guarda-livros distraiu-se do seu restante rancor por aquela interessante rapariguinha que agitara, inconscientemente, a alma de tantos rapazes. Subiu ao seu tamborete, tendo logo o cuidado de repuxar as calças sobre as coxas por causa das joelheiras, e enveredou, desassombrado, pela palestra prazerosa. O outro fazia esforços para acompanhar-lhe a narrativa, queria esquecer-se daquela penetrante notícia martirizadora, envolvendo-se no desenrolar visguento dessa dissertação canalha.

Quando Melo Castro estacava, sem expressões, todo radiante de prazer e num gesto lânguido corria os dedos sobre o bigode, fazendo reluzir a pedra anelar, Camilo socorria a sua pobreza espiritual, completando-lhe o pensamento, preste-mente lhe dando outro tema em que ele pudesse bordar a imoralidade de suas imagens, para que o silêncio não viesse nutrir essa desesperante dor de uma ingratidão, rematada pelo frio cálculo de uma fuga escarnecedora. Houve um momento que lhe pareceu ter se esquecido de tudo, tanta concentração conseguira em ouvir Melo Castro; mas este, por um acidente, por um acaso aproximativo em que o nome de uma barregã recordara o de Henriette, retornou ao seu ódio.

Camilo disfarçou um rilhar de dentes, e não se pôde conter:

—Diacho ! Estás impressionado com a rapariga. Ora, dize-me cá, tu lhe tens birra ou isto é um resto de despeito ?...

—Despeito ! — expectorou Melo Castro ofendido. — Despeito ! Pelo amor de Deus, seu Camilo, faça-me um pouco de justiça. Pois você julga que eu lhe guardo ódio por ela se ter metido com Agrário ? Que esperança ! Olhe, se eu tivesse tido verdadeiro interesse em possuí-la, ela seria minha, minha como foi de Agrário e não sei de que mais sujeitos.. . Teria sido minha ! Que outras, mais pintadas, têm caído como "patinhos tontos". Não a quis, não gosto de mulheres loiras. É como se me dessem cardos à sobremesa de um banquete. Não lhes acho sabor.

Melo Castro falava com todo o seu desprante de azivieiro, sem perceber os espinhos venenosos que levava ao coração do moço. O antigo rancor de preterido viera-lhe, instantâneo, neste incidente de recordação de um passado por onde ele escoriara a sua vaidade de conquistador, diante desta testemunha do seu insucesso que lhe parecia humilhante pela suposta existência da sua inferioridade. Entretanto Camilo sufocava, ao ouvir estas frases que lhe penetravam no coração, agulhando-o impiedosamente, e, sem argumentar com ele para não alongar o seu próprio martírio, arrependido já de o ter provocado, procurava, aflito, uma oportunidade para desviar a palestra sobre outro assunto, mas completamente outro, que o fizesse esquecer.

Melo Castro continuava a blasonar de irresistível, desca-belando em ridículo de alcouce a loirinha da *Pension Beau-mont*. Por fim, teve uma pausa. Ah! terminara o desabafo ! Mas, não; puxou fogo ao cigarro e redobrou em provas das suas vitórias de amor, em desprezos assoalhantes por Henriette.

Lento, grave como um relógio de torre secular, a velha pêndula gongouou cinco horas.

—Chi! que demora, meu Deus ! — inquietou-se Camilo. — Vou-me embora, Melo Castro. Até breve. Até um dia.. .

—Não. Espera.. . quis o guarda-livros retê-lo, seguir-lhe ao encalço, a gritar. — Eu também já saio, iremos juntos.

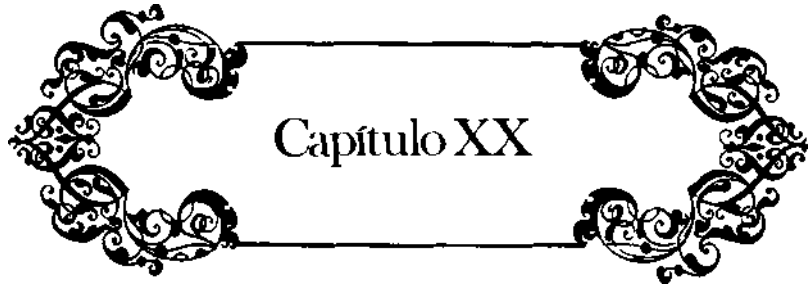
Mas Camilo escamugiu-se, afirmando urgência de um negócio e correu rua fora, levando a perseguição daquelas malditas palavras a rodomoinharem nos seus ouvidos.

Por longo tempo caminhou a esmo, sem parar, num passo de marcha forçada, intimamente batido pelas lufadas de uma noite negra, que subjugava todo o seu espírito.

Em meio de uma praça relanceou o olhar para reconhecê-la. Estava em caminho do Livramento. Fez-se-lhe, nesse instante, um clarão percuciente no espírito, a caligem tempestuosa desfez-se, caiu repentinamente, deixando-lhe a alma numa desolada vastidão. Que fazer?...

Pretendeu retroceder, mas, breve mudou de intenção. Deveria seguir, era-lhe forçoso ir à casa da dona Ana, saber de tudo, informar-se, conhecer a verdade, resfriar a angustiosa febre que o desvairava.

E querendo moderar os passos, continuava apressado, aos encontrões, mastigando numa irritação a ponta apagada do cigarro.



Capítulo XX

VaAj nando Camilo chegou ao Livramento batiam seis horas. A dona Ana o recebeu à cancela, com dois vínculos de desalento na rechupada boca amargosa.

— Madama ?

Perguntou Camilo secamente, sem a saudar.

A velha esbugalhou os olhos turvos para ele, admirada. — O senhor não sabe?... Madama foi para o norte, há quatro dias.

— Para o norte ?

— Sim, meu senhor, para o norte, com o sr. doutor Herá-clito. Há quatro dias.

O moço encasmurrou, a olhá-la, desprovido de palavras, como se ouvisse esta notícia pela primeira vez. Entraram ambos num embaraçoso momento de mutismo; mas, para romper o silêncio que lhe aumentava a ânsia, Camilo agarrou-se a uma espontânea pergunta estonteada:

— E não deixou nada pra mim ?

— Que me fosse entregue, não, senhor. Mas, se o senhor quiser subir ao sótão... Ainda não pus as mãos em nenhum objeto... Madama não levou senão a mala... Pode ser que lá encontre algum papel, alguma carta.. .

Camilo subiu, acompanhado da dona Ana. A entrada nesse aposento dava-lhe uma comoção. De relance abrangeu a saleta, ainda com as suas cadeiras de faia, uma poltrona-ripanço de marroquim que ele tinha comprado quando a rapariga começou a convalescer, a mesa defronte de uma das janelas com o seu vistoso pano novo por suas próprias mãos ali estendido, a mesma pilha de brochuras, o vaso de Caldas

onde Agrário recolhia os pincéis, que os seus cuidados substituíam por flores...

Um bafo morno de resguardo dormia no ambiente, aumentava o aspecto soturno das paredes, o desamparo desolado do pequeno espaço. O olhar de Camilo errava por tudo aquilo, à procura de algum bilhete, de alguma carta, que lhe dissessem o motivo dessa *fugida*, que lhe trouxessem o bem insignificante consolo de umas lágrimas de vexame, e foi, lentamente, parar na porta envidraçada do dormitório, onde os empoirados transparentes de musselina lhe recordavam seus dias de desejos, as vigílias de enfermeiro, uma manhã de estrangulante timidez, quando ela viera cansada do passeio mudar os cretones, despindo-se a dois passos dele sem o recato de se trancar, desafiando os seus impulsos de moço !.. . E uma opressão confusa, de viuvez esponsória, de promessas irrealizadas, cresceu pela sua alma como uma letargia de clorofor-mização.

Enquanto a dona Ana desferrolhava as janelas, Camilo penetrou nesse pequenino quarto que fora o ninho venturoso de Agrário !.. . Fazia-se, aí, uma saudade de luto, a custo escoada pelos interstícios das gelosias, e nesta tristeza de coisa terminada, de penoso apartamento brusco, a larga cama de vinhático tinha o quer que fosse de fúnebre com o seu colchão de linho escuro enrolado sobre as delgadas rexas do enxergão. De um cabide pendia pelos atacadores um colete côr-de-rosa, estafado de uso; um ferro de armação quebrado feria o estofó, encrostando de ferrugem a cisura num coágulo de cicatriz; manchas de suor escureciam a velha rendilha das bordas axilares.

E já, numa atração, o olhar apegara-se a este colete, fascinado e examinador, seguindo por inteiro o seu desenho, notando em minúcias a sua confecção, a trama e o colorido do pano, procurando nele o corpo dessa criatura que lhe fora sempre inacessível e ardentemente amada, íntima estranha. Seguiu, meticulosamente, todos os detalhes, adivinhava os mais insignificantes contatos. Os dois reduzidos ninhos dos seios ainda conservavam a cor primitiva, um róseo forte de cocho-nilha: eram a única parte conservada, a única a que a transpiração não impregnara do seu corrosivo excitante, do poreja-

mento oloroso dessa carne deliciosamente linda, dessa carne viva para sempre no seu espírito. Ai! talvez para todo o sempre viva! .. banhando-se na luz da visão, surgindo nos relâmpagos dos seus sonhos !... E logo por seu olfato hiper-estesiado entranhava-se o aroma finíssimo, de tão longe que vinha, de tão recordativo que era, penetrante e embriagador, que à quintessenciação dos seus sentidos se decompunha, analiticamente, requintadamente, em concentradas gotas de gardênias enlanguescentes caídas devagar, a pouco e pouco, num vaso de cristal opalino onde se estagnasse, numa serenidade lúgubre de hemoptises, o líquido negro-sanguíneo — que a cada gota se arrepiasse numa absorção rubro de brasa, em círculos concêntricos de fosforescências sulfurinas, rapidamente apagados em translucidez de roxos plúmbeos — de uma maravilhosa infusão de quentes, aveludados pétalos de *príncipe negro*, a tentadora rosa do orgulho triunfal do inferno ! Gradativamente este perfume singular de sedas sôbre corpos de prazer, esse outro perfume de beijos que, às gotas se lhe ajuntava, fundiam-se num fluido aromai, afrodisíaco e sugestivo, que se lhe ia infiltrando na imaginação, envolvendo-a numa preguiça enroscante de serpente de fumo, lentamente inflamada, transformada em labareda, em fogo errante, de um brilho sortílego de venenosas plantas ardendo. E, gradativamente, o aroma fazia-se som, a alucinação de olfato desdobrava-se numa alucinação auditiva, evocando uma linguagem invocalizada, um expressivo astral, todo transmitido, im-perceptivelmente, de um corpo inanimado para a corrente simpática de uma vitalidade, como se este objeto repudiado, este resto desprezível de utensílio terminado, se lhe comunicasse, compreendendo a saudade que o enfermava, também queixoso como ele, também como ele apaixonado, repellido pela ingratidão, vencido por *outro!*.. . Dir-se-ia que este objeto sofria com uma alma, vivia na consciência dos espirituais, porque a sua materialidade ficara cheia da sua vida, a recordá-la, a falar dela; e tudo nele, as barbatanas flácidas, as reles rendas manchadas, os esfarripados atilhos, o tecido distinto, tudo que era o seu organismo, o conjunto do seu ser, vivia com o corpo ausente de Henriette, falava do seu venúseo ventre que comprimira, dos seus roliços braços que

tinha amparado, por vezes, nas flexões do busto, pela cabe-lugem dourada das axilas; dos seios que guardara, da sua cinta a que se cingira, a que se estreitara tão longamente que lhe tomou a curvilinidade anelar, o calor da sua epiderme, o cheiro dos seus poros. . .

— É como o senhor vê, madama deixou todos os trastes, abandonou tudo...

Veio despertá-lo a voz fanha e lamurienta da locandeira.

Camilo arredou-se do quarto, sem responder à mulher; ela, porém, ronroseava chorosa, a indagar, admirada: — E senhor não sabia ?

Acompanhava-lhe os passos doentes, quase a ombreá-lo, os braços humildemente cruzados sob os mirrados seios: — E esta !... o sr. Prado não saber !... .

Depois, abriu a fazer considerações sobre a moralidade da sua casa, a queixar-se dos prejuízos que ameaçavam-na.. . "Com a retirada do sr. doutor Heráclito, com a retirada de madama, era o sexto pensionista que perdia ! Tinha-se ido a senhora grave, de aspecto de irmã de caridade; foram-se os três moços estudantes, entrados em férias... O tempo mau do verão aí vinha..."

Parou, por fim, levando o olhar para a grande extensão do panorama fronteiro, onde Camilo pusera os olhos absorvidos.

A noite baixava lentíssima. No oriente desaparecera de todo a reverberação vermelha do ocaso, fizera-se uma suavidade de meia tinta grisenta, mergulhando em tristezas de afastamento incalculável os serenos planos marinhos, a dureza ponteadada da serra, a descida saudosa do horizonte. . .

E, incontado, varando o silêncio, passou, tremendo, um lamento. O ar quieto toldou-se da ondulação desta dor. Após, numa lentidão de arquejos, vieram outros soluços cavos e mugidores, sucedendo-se, ora graves e angustiosos, ora desvairados e agudos, e iam para as vastidões, repassados de uma aflição irremediável, desentranhada, doloridamente, dos recônditos derruídos de um titã moribundo.

Camilo reconheceu o solo de oficlíde — a *Gandula Nera*. Esta música atravessava sua alma, despertando por ela os ecos gementes da sua ruína. Ouvira-a, pela primeira vez, uma

tarde, quando a sua paixão era apenas um bacilo, desconhecido, que o tinha vencido, de improviso, numa invasão mórbida; depois ouvira-a durante a convalescença de Henriette, em horas fugitivas das quimeras do amor, em que foi aranhan-do a tecedura irisante do *que veria* entre lantejoulamentos dos róridos cristais gotejados do Floreal surgido !.. . Ouvia-a neste momento, sem dúvida pela última vez, doendo no ar, remoi-nhando vagarosa, ondulante pela taciturnidade da noite que descia... Ao derramo dos lamentos um halo espriava-se lá embaixo, transformando-os em luz vaga e anunciadora, que se alongava nas alturas... E foi se alargando, fendendo o azul carregado e velho, até que o plenilúnio apontou disforme, fantástico, erguendo a sua *calotte* acesa, triunfal e poderosa, como o elmo brunido de um guerreiro, refletindo o incêndio de uma cidade conquistada. Pouco a pouco, a *calotte* cresceu, desfigurou-se; um grande dístico candente subiu devagar pelos espaços com o peso lento do seu clarão sem chamas, tal se surgisse, monstruoso, das entranhas da terra, emergisse dos intermundos, manchado da carnificina dos sacrifícios, das pavorosas hecatombes das ambições. Em derredor, uma claridade levíssima de sangue delido, aureolava-o, envolvia-o na piedade de todas as lágrimas, de todas as angústias dos dramas humanos, glorificando-o com o suave resplendor das resignações, seguindo o seu caminhar ovante, acompanhando-o para o batismo lustrai dos nimbos. E subia, e subia sempre, solene como uma oferenda erguida pelas mãos invisíveis das dores...

O solo de oficlíde mugia mais enfermo. Nesta desolação, o doloroso arrancar de suas notas trêmulas parecia ser a própria terra, agonizando nos seus mistérios, quem gemia, sa-cramentando-se diante da hóstia levantada pelo sofrimento; e o plangente mugido, profundo e inconsolável, enchia os céus, os ares, distendia-se pelos mundos em fora, desdobrava-se para as regiões de outros astros obscuros, como o *Miserere* de uma confissão suprema, acompanhada pelo *kyrie* fúnebre da desgraça...

Fizera-se noite.

Então Camilo despertou.

— Bem, senhora dona Ana, até um dia.. .

— E os trastes, meu senhor ?

Ela ganiu, estendendo os moles dedos para o rapaz.

— Os trastes ? ! — Nem já se lembrava que Henriette os abandonara. Encolheu os ombros, numa dúvida. E logo, com desdém:

— Eu lhos dou, à senhora. São seus.

Desceu. A cancela bateu ao esmorecer de seus passos. A voz da dona Ana lamuriou ainda, num siflo de asma: muito agradecida, meu senhor. Deus lhe ajude... E não se esqueça desta casa, moralidade só aqui...

Camilo não atendeu mais à lamúria, tinha abalado pela rua silenciosa. Os lampiões começavam a chamejar; nos meios quadros escuros das *rótulas* difundiam-se brancuras de busto na alcatéia dos idílios. Uma tristeza pesava.

— Henriette enganara-o... Enganara-o, calculadamente e má. — Pensava ele, a caminhar, batendo os tacões pelo iso lamento das calçadas, sem rumo. — Havia muito tempo que entretinha relações com o doutor... Sim, deveria datar de muito tempo este amor, porque uma resolução, como a que ela tinha tomado, não acudia inopinadamente. Com Agrário fora o mesmo. Ao princípio partilhou com ele o leito do cambista, tomou-o para seu *preferido*, o eleito do seu coração; depois quando as coisas estavam combinadas, os recursos considerados, as provisões feitas, ela entrou suas camisas e fugiu. Era o mesmo processo... com a diferença de que ele...

E sacudiu, colérico, a cabeça. Para que revolver a sã-nie ?... para recordar o ridículo ?... Mas, como fora desleal, como fora ingrata aquela mulher! Nem uma carta, fingida, que fosse !... agradecendo-lhe as dedicações e os carinhos; nem um bilhete, ao menos quatro, duas linhas, um "adeus, meu infeliz amigo; perdoa-me". Nada ! Fugira perversamente, com um desprezo ultrajante, abandonando-o da mesma maneira que abandonara seus trastes !

E, mergulhando as mãos nos bolsos, estugou o passo, resolvido a esquecer o desfecho desta farsa por onde flutuara, enganadora, uma bruma esmeraldina de pureza e de amor. Passos adiante, o fantasma impertinente da recordação voltou, favorecido peia sombra e pelo silêncio. Já não recriminava Henriette, enregelhava-se no seu vexame de fraco, acurvado

sob o peso do sentimentalismo. Todo o mal viera dele, que poetizara numa candidez de lirismos essa rapariga batida dos rebanhos de Vênus, dele que se atrelara aos incoerentes sacrifícios de uma manutenção espontânea, sem responsabilidade que lha obrigasse; dele que se reduzira ao ingênuo platonismo dos inexperientes e dos imbecis!... Ele, só, era o causador deste tormento, que se desencadeava sobre si mesmo. Então, que loucura tinha sido essa de avivar e purificar uma flor fanada do vício ? Que pretendia ele fazer dessa mulher ?... .

Ganhara, sem perceber, as ruas estreitas e abafadiças do comércio, no antro da cidade lóbrega.

Sobre as lajes de um passeio estendia-se o clarão do farol de uma cervejaria. Camilo entrou. Apenas alguns bebedores sonhavam em frente de seus chopos resfriados. Ao fundo, um alemão, grande como uma coluna e forte como um touro, repassava, preguiçosamente, um trapo negro pelo mármore do balcão.

Camilo bateu. — Um chope!

A coluna possante moveu-se, trazia a camisa arremanga-da. Depositou o chope diante dele, e retornou, pisando firme. O encruzamento dos suspensórios traçava-lhe, nas costas, um grande Y vermelho.

— Sim, ele era a vítima de si mesmo — continuou Camilo a ciliciar-se no solilóquio mental. Mas, nesta decepção, compreendia a fatalidade do seu destino, esta idiossincrasia de que nenhuma responsabilidade poderia ter, purgando os defeitos ingênitos e as heranças consanguíneas que um momento de prazer animal, de funcionamento fisiológico tinham depositado na integralização do seu ser. Ainda sobre estes elementos, viera completá-lo a direção moral de uma pálida mulher romântica !... Como lhe era doloroso este inquérito ! Quanto lhe doía nas mais íntimas fibras da sua vitalidade esta terrível consciência de se reconhecer! Depois entrando em calma, aos primeiros sorvos da bebida, sobreveio-lhe, tranqüilamente, uma nítida análise do que fora deixando pela mocidade. E só sofria a inutilidade em que passara, o desperdício de suas forças latentes, sem as ter aproveitado numa grande idéia, numa grande causa, que o tivesse envolvido na túnica dos mártires, na legenda dos fanáticos. Certo que este desperdício

não provinha da sua educação sentimental, não resultava dos impulsos do seu temperamento, fora um desvio moral... talvez uma falha de compreensão. Talvez. Deveria ter sido uma falha de compreensão da vida ou de seus interesses. E para explicá-la tinha ele a agitação do *Zut*. Quem havia criado essa revolta ? Quem a fizera ?... .

À pergunta que o seu espírito lançava a si mesmo uma mudez de vexame caiu, angustiada como uma confissão que se acovarda.

Por momentos esteve, indecisamente, a notar a fila das garrafas rotuladas na parede do fundo, o sifão niquelado dos chopos; uma cabeça germânica, de velho, que meditava em postura de modelo acadêmico. A coluna alemã, formidável na sua bruteza física, lavava copos numa celha de zinco.

Mas o seu espírito voltou à recomposição dos ideais desmoronados. O caso do *Zut* surgia-lhe impertinente e relutante. Era, em suma, o seu passado, um entusiasmo da sua alma de moço, da sua endoestesia de artista. E afigurava-se-lhe todo um ideal perdido, o rumor terrível de uma reforma que abortou... Por que não persistira ele nessa revolta ?... por que se não armou cavaleiro andante dessa aspiração ? grotesco embora! Se houvesse campeado resoluto, posto que hilariante com o seu elmo de ensaboar barbas, teria feito pasmar os rudes, que são a força coletiva que não medita; teria assombrado os *práticos*, que são a conveniência que não combate. Na caricatura de d. Quixote existe o paradoxo da seriedade...

Entretanto, quando o primeiro assobio siflou, ele perdeu a coragem da resistência, e, como um deus de farsa, varrido do Olimpo, correu atarantado, arrepanhando à pressa a esburacada clâmide soberana, expondo ao vento rebelionário os canelos cabeludos, espalitados de velhos botins sem meias ! A rebeldia debandou em surriada feirai, cruzaram-se os gritos da troça desembestada — *fora, os garatujas* /... *fora, os ga-rabulhas* !... .

O epíteto poderia ter esfuziado e cairia chocho, se todos eles, unidos por uma fé, estreitados por um interesse houvessem anteposto à chacota o esforço comum de suas atividades, a energia repressora das suas convicções. Mas, nem fé nem interesse! houve unicamente o ruído alegre de rapazes que

se insubordinam contra os estatutos de um curso obsoleto, contra as exigências casmurras de uns pobres mestres desiludidos ... E logo ele, que não sabia também o que queria; que nem sequer tivera a vulgar habilidade de criar uma posição para si próprio e fora um jornalista sem notoriedade e um artista sem profissão; ele, vadio romântico das tristezas, alma proscrita pela infelicidade, condenada às aspirações incompreendidas, sentindo-se repellido pela ferocidade de uma multidão bárbara e soeza, obrigado ao convívio dos violentos e escandalosos, gente que só tem olhos para o rubro, tato fruste do campônio e emocibilidade comum de primitivo; ele, zingaro sem bandeira, sonâmbulo como os trovadores dos solares medievos, pretendeu abrir a sua tenda de lhama e seda entre esse manso grupo de simples e bons, que tinha o seu caminho demarcado e seguro !... Fizera-se peste, contagiou a alma sã dessa gente com a febre inquietadora da sua doença de espírito — uma nebulosa intuição supercoeva do que estava para vir — a antevidência desse atormentado moderno que vai, num deslumbramento de demência, seduzindo os Cláudios Lantiers da nova era... Teve nisso uma perversidade de enfermo incurável e deliciar-se, secretamente, com o mal que pode transmitir aos ilesos nos menores contatos da imprevidência, nos mais insignificantes esquecimentos da profilaxia! Gozou cruelmente desse desvario, alimentou-o com o calor de seus exageros, envenenando a alma desses bons rapazes com as suas profecias de agitador, iludindo-os com os seus elogios, com os seus aplausos que, no tumulto das inovações, pareciam trazer austeridade de um superior, a sanção dos supremos... Era irrisório ! Talvez mais triste e comiserável que irrisório, pela fatalidade que arrastava ! Quantos enganos !.. .

Nisto se resumia o escombros do seu tempo. Era isto, positivamente, o que restava de uma época de ilusões.

E, entre eles, houve um que vencesse, não pela resistência do mérito, mas pela persistência do interesse. Fora Agrário. Ele soube aproveitar-se da agitação para levar o seu nome aos que o ignoravam; pavoneou-se de caudilho dessa revolta de que gracejara, fêz-se vítima para a simpatia do apoio com-provinciano, essa força espontânea de proteção que se manifesta nas coletividades como o atavismo típico das tribos; e

enquanto os companheiros arfavam, em busca da luz, que as incertezas amorteciam, ele ia, suavemente, alcançando terra firme, numa volúpia de músculos excitados pela leveza das águas tranqüilas !... Mas, por que recriminá-lo ?... com que fim desluzir o bom êxito da sua sagacidade, ou... — quem sabe — do seu valor ?.. . Agrário fez o que faria qualquer homem movido por uma idéia promissora. Não foi um futuro que ele conquistou ?!.. . Se outros não tinham alcançado o mesmo resultado, se se deixaram vencer pelo desânimo e pela impotência, era-lhe isso mais um argumento favorável; pelo menos ele teve atilamento, soube aproveitar o seu tempo. E a vida é para as raposas e para as feras — ou se abocanha pela esperteza ou se agarra pela força...

Passou por seus nervos um arrepio uivante de desalento, agudo e mau como uma lufada de neve, e foliculas saudosas tremeram na sua alma, desprenderam-se, vieram cair melan-colicamente nas suas amarguras de vencido.

As nevralgias torácicas recomeçaram. Tossiu rouco, desobstruindo os brônquios.

— Psit! ó senhor ? . . . — bateu o copo no mármore da mesa. — Um chope !

E acolheu-se à meditação, no seu canto de cervejaria, alheio ao vozear dos bebedores, que crescia na sala. Três músicos tinham entrado, um velho dedilhador de harpa, de perfil militar do segundo Império; um flautista, anguloso e comprido, e um quasímodo raivo, com ares esconsos de vesâ-nico, que tocava rabeca. O poderoso alemão pisava convicto servindo profusamente cerveja brau.

Camilo volveu a considerar o procedimento de Agrário, a quem ligava as utopias desse passado. Afinal, concluía, ele fora levado pelo seu destino para o que deveria ser, fatalmente. Tudo concorrera para esse resultado, as circunstâncias vieram, imprevistas, escorrendo para um dado ponto, criando recursos, acomodando oportunidades. Agrário pertencia à classe dos que nascem moldados para *viver*, dos que não conhecem obstáculos. É desse meio afortunado que surgem os Telésforos de todos os tempos, onde o oficialismo encontra a sua substância, e a regularidade, o estabelecido, o sancionado, fundam a sua resistência. Eles são o envoltório das

unânicos aspirações dos contemporâneos, e quaisquer que sejam as idéias, a época e o espírito dos consensos, adaptam-se às exigências convencionais com a mais extraordinária precisão. À guisa de uma elástica malha servindo a todos os corpos, esses *indusiastas* enfrontam a vulgaridade das aceitações, quer sejam rútilas como os saios dos torneios, quer sejam toscas como o zorame dos vilões.

Para esses — a vida. Não lhes faltam ouvidos que os escutem ! não lhes faltam olhos que os vejam ! Na pompa mineral de suas glórias, tzar de Kremlins faustosos, entesou-rando deslumbramentos de ovações sobre a macieza pubes-cente de capachos de Smirna, na sombra sagrada de lavrados tecidos que o renome estende, em palio ou docel, por cima das suas altivas cabeças de escultura; ou na miséria ostensiva de macilentos noctâmbulos, a fazerem-se tradição do poviléu com lauréis de taverna, eles trazem a disposição inata dos dominadores, cuja celebração nunca empalidece de todo na claridade da justiça póstera, tantas foram as púrpuras e as sueiras que atiraram sobre os seus ombros, tantos os aplausos rugidos em torno dos seus exibidos frangalhos, tal o seu poder de penetração no *compreendido* a sua intensidade absorvente do comum, que os séculos e séculos dificilmente, pesadamente eliminam do espírito humano. Têm o estranho lusco-fusco de certos *aclamados*, bossudos de alma, aleijões de corpo, que atravessam a História com a coroa resplandecente dos mons-trengos cruéis e sanguinários que surdem heróis nos paroxismos da loucura vermelha dos povos...

E parou, a olhar em torno como se houvesse perdido o sentimento de suas idéias. Os primeiros acordes de uma valsa desenovelaram-se no rumorejo da sala.

Depois, volvendo ao seu chope, soprou a fumaça do cigarro, com desprezo: Ora!... o que tinha a lamentar em tudo isso, era o seu tempo perdido. Esbanjou a mocidade em grosseiras fantasias de herdeiro rico, foi o que fez...

Mas, no isolamento do seu canto, a puxar fumo ao cigarro, foi-se entregando à moleza da sua crônica melancolia. A sentimentalidade purgou-lhe nos magoados recessos de infeliz, conduzindo-o ao outono das saudades que se ia distendendo dentro de seu ser, cosmoramicamente, num lento des-

dobrar de recordações amadas, de doces mentiras da existência que a distância violaceou, até este triste abandono de hoje por onde se percebia excluído da ventura, desprezado por seus companheiros, repellido por suas afeições.

E era ele só, só ! Sem camaradas, desviado da farândola boêmia da mocidade que vem pela alegria, a pandeirar ilusões, a cantar madrigais, às feiras gritalhonas e cobiçosas da vida. Pobre visionário !... E, por fim, solitário e pungido, vagando pelos sonhos, parou às mãos de uma mulher que, sorrindo, com uma brejeira interjectiva de estribilho nas aspas carmezins da boca — *zut!* — rasgou, esfrangalhou a sua alma iludida. Quem vence a mulher conquista a vida — ele havia dito, numa soturna tarde de confidências. E essa mulher trazida do desconhecido, que viera lambendo com a orla das saias o trilho das concubinagens; essa, que ali estava, então, a alguns passos dele, à janela de um sótão, entre a página de um livro fútil e as linhas do chochê, destruiu com um piparote de garoto a vistosa armadura do seu pretenso schope-nhauerismo de pulha !... .

A tentação voltava-lhe no fio prateado do pensamento, voltava tenaz e sutil, entranhando-se na mais tênue associação de suas idéias. Camilo percebeu-a, fez um esforço para afastá-la da memória e, como ela persistisse com as suas recordações, ele procurou distrair-se com o pequeno povo queERVE-JAVA. A valsa morria nos últimos ritmos.

O flautista ergueu-se; tinha uma caforina de palhaço e a rijeza de uma bengala esculpida; arrebatou da algibeira um pires de metal e começou a esmolar.

O raivo apoiara a sua rabeça sobre a mesa, lentamente começou raspar as ventas com a unha do index, todo ele curvado, giboso, torto, o olhar estrovinhado, sem alvo. Então o velho, unindo a cara vinculada à coluna da harpa, dedilhou a estafada — *La donna è mobile* do *Rigoletto*, numa expressão dolorida e íntima.

Camilo ficou a notá-lo. Era um sexagenário batido da sorte, conduzido pelo mundo a murros de infelicidades. Deveria ter rolado para a desgraça um dia, à volta das suas fadigas de *conscrito*. Ao pisar a choça encontrou a lareira úmida, o leito abandonado, a lavoura morta, os filhos entre-

gues à piedade dos vizinhos. Compreendeu tudo. A mulher trescalava as transudações da virilidade, era moça e linda com seus olhos de noites venezianas, com a sua boca macia e doce como os figos dos pomares da Sicília.. .

Compreendeu tudo. Alastrou-se por seus olhos uma treva de sangue. E resolveu-se; ajuntou os molambos, partiu com os pequenos, chorando em silencio. Que destino tomaria?... Qual a terra de refúgio à sua desonra ?.. .

Uma estrela brilhava, a estrada ali estendia-se rasgando a terra da aldeia, a sumir-se, além.. . Partiu. Hoje, nos bru-xuleios desta alma, deveria vagar a sombra incerta de um corpo prematuramente envelhecido, andrajos de fome e torturas de repulsão, a gemer remorsos, a gemer perdões.

E como ele já não tinha lágrimas nos olhos, chorava por esta cansada e dolorosa ironia do *Rigoletto*, em que punha todo o esforço da sua reduzida arte de harpista valdevinos...

Quando o escanifrado da flauta estendeu-lhe o pires, mudamente e febril, Camilo indagou se o velho era parente.

—... *È mio padre* — respondeu —, *l'altro è mio fratello piu giovane...*

O outro era seu irmão mais moço ! Talvez o nascido do adultério, filho de um bandido das montanhas, lobo das ciladas; talvez sêmen de um rústico carreiro das lavouras vizinhas, animal forte e estúpido. . . porque aquela caraça soeza e má não tinha as linhas mansas do velho, era um produto de bestialidade, de ninfomania que se oferece a esmo, e a bruteza de uma saciação sexual. Mas, nem ele se parecia com o flautista, nem em ambos transpareciam vislumbres atávicos desse velho !.. . Ah ! mísero tocador de harpa ! ah ! mísero banido !.. . *La donna è mobile*, tu o dizes na tua cansada harpa vagabunda, tu choras esta convicção que te chegou, quando o estômago já não podia desprezar a côdea da caridade com o repúdio destes sustentáculos, que arrastaste da tua aldeia às ruas da cidade, aos lajedos das capitais.

.. *La donna è mobile*.. . vai cantando a tua obscura história, a que ninguém atende; vai retalhando a tua alma em cada nota dessa esvaída música que a indiferença ouve, mas que um artista soube exprimir por tua dor, pelas dores de

todos os que, ingenuamente, padecem e sofrem da mesma ingratidão

...

E a música gemia na velha harpa com uma interpretação dolorosa e íntima, passava, varava o vozear da sala como um ganido sofredor de rafeiro gafento, a morrer. De quando em quando, nas pausas da algazarra, a languidez de seus compassos agitava-se no ar toldado e acre, lembrava as faixas de uma grinalda fúnebre desdobradas na aragem, levadas num esquife que conduzem, por instantes, os sons esmoreciam, perdiam-se no ruído das conversas, sussurrando apenas, humildes, pequeninos, imperceptíveis quase. Porém o harpista cingia mais a cara vinculada à canelura coríntia do instrumento, como a comunicar-se-lhe, a sorver-lhe os sons; as engelhas de suas faces cavam-se mais fundas, o seu olhar doía. E, num desespero, as notas cantavam outra vez mais alto, subiam para o ar num desabafo de ciúmes, difundiam-se pelo quadro do espaço envolvendo o rumorejo impertinente e desdenhoso, fazendo-se escutar. Os dedos do harpista confrangiam-se num tremor, eletrizava-o uma emoção que levantava a sua cabeça militar numa altivez de vencido sob o estalar de uma injúria. A esfarripada melodia verdiniana criava um vigor impressionante, refundia-se por completo nas mais esvaídas vibrações, como um velho poema que reencontra um novo século de regressões sentimentais.

Dir-se-ia que esse gasto lirismo musical volvia à sua época, encontrava o retorno do seu tempo, tornando-se ardente como uma paixão primitiva, fazendo sonhar, arrebatando a alma, dos que o ouviam, nas nebulosas das visualidades, por onde se esbatem e perpassam as dolentes imagens das tuberculosas fidalgas — cisnes lohengrinescos que bóiam suavemente, que vagam dulcissimamente na quietação cismarienta de lagos azuis, ao clarão azul de um lugar mágico, numa grata de safiras, cravejada de estalactites de diamantes negros, em que sussurram os ecos da inspiração wagneriana... — E na seqüência emocional dessa música, pela persistente melodia de seus compassos, ia-se de uma a outra região das fantasias, vivendo nos nevoeiros envolverolados das longitudes setentrionais, volvendo à contemplatividade apaixonada de paragens quentes. Sucediavam-se as visões, sucediam-se os aspectos. O

ritormello melódico, suspirante, queixoso, abria na imaginação superexcitada o luar clássico das doloridas paixões meridionais: uma gôndola cortava a corrente mansa, deslizava cheia de mistérios de amor, ao bafo de magnólias da sua câmara de sedas; os muros negros dos palácios projetavam ciúmes negros no polimento do canal e, longe, uma voz cantava... Cantava tão sentida e solitária que parecia soluços de angústias das rapsódias do exílio tremulando no ar, gemendo nas alturas por onde a alma cismadora e doentia de Camilo se embalava, quase adormecida, a pedir em prece, a rogar em cicios a essa outra alma enregelada e desgraçada que prolongasse as recordações, que martirizasse aquele coração para que os dedos do velho exul não parassem de tocar, não parassem jamais, tocassem sempre, tocassem sempre... sempre... sempre...

E a harpa emudeceu.

Nas glândulas lacrimais do velho reluziu, medroso, o trêmulo de uma gota, mas o escanifrado da flauta entregou-lhe a coleta; houve, entre eles, um segredar de cálculos... E a lágrima recolheu-se, extinguiu-se, esterilizando aquelas pálpebras cansadas, endurecendo o olhar seco e ávaro.

Então Camilo indignou-se numa revolta contra aquela dor que calculava, aquela infelicidade que o dinheiro apagava. Teve asco do velho harpista, resfriou-se num nojo por toda aquela gente, que ali estava cúpida e irrefrangível às delicadas emoções de uma saudade, toda ela, como o enrugado banido, esquecendo a alma para contar as moedas da exploração e do negócio... Mas... era a vida ! Ele que fazia para viver ? Deixava-se arrastar pela sua sentimentalidade, desprovido de recursos, descendo, talvez para o obscuro fim do Alves Pena, talvez para a tintamarresca loucura do Sebastião Pita. Esgotado que fosse, amanhã, o último sacrifício de sua pobre mãe, a quem a tuberculose vampirizava as forças lentamente, ele seria um abandonado. Nem carinhos, nem amparos! Teria de cair, forçosamente, nessa desbriada mendicidade dos incapazes que trotam pelos lajedos, que se esgueiram por entre as mesas dos cafés farejando os esperdícios da mocidade alegre, porque nem sequer lhe assistia o direito de se fazer companheiro desejado, conviva íntimo, parasita consentido, tanto lhe falhava a alegria, para tanto lhe faltava um nome, que hon-

rasse o motivo de uma camaradagem... Ah! era preciso viver!..

Subitamente, fez-se-lhe uma claridade no espírito, uma inundação de alento aqueceu-lhe os nervos, revigorando-lhe o organismo e outra vida desdobrou-se nele, mais experiente, mais nítida, mais praticamente vivida, trazendo-lhe idéias claras, desenvolvendo-lhe o pensamento numa justa percepção da existência social que ali se agitava neste aglomerado de raças, que falava por estas bocas de cifras, que se dirigia por estes cérebros de molde, disciplinados no egoísmo, metodizados pela moral flexível que faz o comércio das brutais concessões com o apoio das conveniências, que institui a legalidade das ações pela satisfatória permuta dos interesses.. . Era preciso viver também, sentir elasticidade nos tendões, rijeza nos músculos, a boa disposição animal do organismo, a coragem sempre pronta, a ardileza prestes, o braço forte contra a terra, a cabeça aparelhada contra o impossível. Enfim viver !.. . viver !.. . viver !.. . E se a morte...

Estremeceu num calafrio de pressentimentos, esse terror inconsciente dos que trazem a ressonância das covas abertas na alma roxa, dos que caminham à sombra fria e triste das asas espalmas da segadoura parca, e, em cada minuto que passa, que voa e se desfaz no vácuo, vão perdendo a vitalidade como as contas desprendidas de um fio, suave e insensivelmente, enganosa e melancolicamente, uma após outra, outra depois de outra, devagar, devagar, em intervalos silenciosos de vésperas pressagas, em espasmos de soluções finais... vagarosamente, vagarosamente.. .

Por que lembrar a morte quando se tem mocidade ?

Mas, é que um dia, partindo a gente, a sorrir e confiada, para o horizonte, sob a manhã clara das boas promessas, nunca mais volta. Que foi ?.. . Muito importa ao mundo a perda de um átomo ! Foi uma vida que se apagou. Há uma alma que chora, um coração que se Confrange e nada mais... Amanhã, nem essa pobre alma viúva, nem esse mísero coração ferido guardarão lembrança do que se perdeu no lapso de um dia... Ora, a morte!.. . Por que se lembrar dela ? Quem pode escrever um nome na memória dos homens, abrir as páginas conquistadoras de uma obra sobre os séculos, não se acovarda

com a sinistra sombra flamante de uma mortalha agitada. Mas, antes de tudo, é preciso conseguir este nome, trabalhar nesta obra... .

Então um impulso nobre o arrancou da cervejaria. Numa praça próxima Camilo parou à espera de um bonde.

Havia uma calma de horas tardias no isolamento deste lugar, que o fazia maior e mais soturno. Ao fundo, a mole gra-nítica de uma fonte pública destacava-se ao luar, enorme, severa na sobriedade de suas linhas toscanas; o metal do extenso renque das torneiras reluzia à semelhança de ponteados de armas que se enristam, atalaiadas. Um monturo humano, aniquilado pela bebedeira, ressonava, enrodilhado nos seus frangalhos, sobre os degraus; trôpegos cães sem dono, famintos e insones, farejavam-no, de passagem, e se arredavam com asco. No dorso da montanha, para o flanco sul da fonte, os muros sepulcrais de um convento tinham, na fluidez luminosa da noite, o silêncio vetusto de arquiteturas medievais. Em frente, o casario feio se estendia sinuoso e apertado, a arrimar-se, parede sobre parede, aos muros do vasto edifício adormecido do Café Paris.

Uma carruagem noturna, de toldo arriado, esperava na sombra que se alongava dos lajedos do passeio ao calçamento da praça. Na quietação ensombrada, as duas lanternas acesas, sob os lados da boléia onde o cocheiro se espojara preguiçoso, brilhavam como bugalhos vigilantes de um monstro agachado; e os cascos ferrados dos muares cabeceantes feriam, de momento a momento, no granito, uma impertinência de sono interrompido.

Lá baixo, o farol vermelho de um bonde apontou na meia escuridão de um canal de rua, aproximou-se, pareceu roçar pelas paredes soturnas de um enorme prédio de esquina... e passou levando os retardados nos prazeres notículos, os esfalfados do trabalho das redações. Depois, sobre a solidão, rompeu o rumor de ferragens arrastadas, um peso de carroças que rodam. O eco alastrou-se para longe, perdeu-se na calma misteriosa do espaço.

E as horas corriam imperturbáveis, a noite ia rolando para outros hemisférios, enquanto ele esperava ali a sua demorada condução, isolado, desamparado nesta taciturna praça.

Tinham-lhe voltado as nevralgias torácicas, já persistentes, mais entranhadas e dolorosas. Um pigarro começou a incomodá-lo, tenaz e enfadonho.

Com o seu habitual movimento de tédio e desprezo, mergulhou nas fundas algibeiras das calças as mãos nervosas, entrou a passear o lajedo do Hospital de Francisco de Assis, devagar, esfalfado e penosamente, de um para outro lado. Se não fosse tão distante o seu teto, se as forças lhe não faltassem, bem poderia ir-se dali, batendo as solas pelo isolamento escurecido dessas ruas!... Mas, nem mesmo a energia física lhe sobrava deste desmoronamento da sua existência!... E procurando o recosto de um portal, seus olhos foram parar no esparramo estúpido de uma construção antiga, ao fundo da praça. O luar feria nas vidraças de suas sacadas um es-treijamento diamantino, era como se lhes houvessem crave-jado de astros rutilantes. Então, vagaroso, sonolento, um vulto desembocou de uma ruela, seguiu, encostado às paredes da casa, para a sombria garganta de outra ruela. O punho dourado de um sabre luzia-lhe na cinta...

Houve, de repente, um ruído: *cracs* de trincos, o soar férreo de uma barra desengatada: e, ao rés-do-chão do Café Paris, o batente de uma das portas dobrou nos seus gonzos, rasgou uma comprida fenda luminosa na grande fachada escura. Dispersou-se no silêncio um rumor de risadas e vozes. A empenada crista de uma casquete e um vestido claro surgiram na luz; depois, outro vestido, róseo vivo, os laços escandalosos de um feltro petulante, a aventureiro, apareceram. E logo, essas duas mulheres, seguidas por noctívagos que traziam em resplendor as abas largas dos seus chapéus de palha, atirados a capadócio, entraram, algazarrentamente, na carruagem. Outra vez o batente dobrou, cingiu-se à ombreira. Tiniram ferrolhos lá dentro. A fachada adormeceu na treva.

Camilo seguiu com o olhar a carruagem. Uma delas, a de casquete e vestido claro, era magrita e loira. Desaparecera na rapidez da passagem, vivendo apenas um segundo sob a chama minguada do gás.

Mas, ficou-lhe na retina esta visão momentânea, cabelos loiros, pele rósea num rosto de boneca, esbelteza de um corpo em leves tecidos de verão...

O quer que fosse, que se desprende de um íntimo a que está unido, desligou-se do seu coração, numa viscosidade ál-gida. A nevralgia sulcou-lhe fundamente os pulmões. Ele estremeceu à crueza apunhalante da dor, com a boca numa angústia sôfrega de ar.

E, de novo, recomeçou o passeio sobre o lajedo, menos cansado. Já não se lembrava do seu bonde. Até agradava-lhe mais aí estar, abandonado neste silêncio de madrugada a crescer, no deserto desta praça isolada. Era, talvez, o seu destino este desamparo. Melhor! Enquanto o bom Deus lhe desse a doçura de um luar, a santa humildade honesta, a confortante resignação do sofrer.. Ele iria, sem queixas, fazendo os passos do seu Calvário. Mas que, ao menos, tivesse na sua desgraça este luar de hoje, macio e aromático como se o astro se fizesse magnólia, como se a luz se fizesse veludo ! E levantou o olhar para o céu. A lua, branca e trêmula, caminhava, como uma santa levada no seu andor, por um campo de miosótis de prata.

É assim também a alma dos que almejam, dos que têm um ideal. Havia horas, ela surgira purpurejada e disforme, ar-fando no seu desespero. A coincidência daquele solo gemedor que com ela se despertara, tanto se confundira com a sua vagarosa ascensão, que se diria os estertores de uma dor, como se fora o coração da terra erguido em sacrifício bárbaro, desentranhado do seu próprio seio pálpito e ofegante. E sur-dira para os altos siderais, vencera a vastidão do céu; tão longe, tão distante subira que se fizera sem mácula ! Quando se tem um sonho a realizar, o sofrimento é a oferta da alma que busca as paragens vastíssimas da glorificação.. . Bendito o sofrimento que faz os eleitos !...

Ao termo da prece mental, seu olhos empanaram-se de lagrimejos e permaneceram magnetizados, deslumbrados na luz intensa que o astro derramava, como se transformado fosse num cibório sagrado, o relicário do amor e da bondade, donde jorrasse a unção sacramental dos pobres que crêem, dos míseros que se resignam...

Passou no ar parado e quente um arrepio de viração marinha. O azul das alturas empalideceu. A paz distendeu-se

mais longa. Mas, de chofre, Camilo teve um acesso de tosse e uma golfada de sangue saiu-lhe num extravaso sufocante.

Rápido, o rosto cavou-se-lhe de terror, e arquejou, de olhar doido, assombrado com a mancha rubra, que estalara nas pedras, todo ele abalado, revolvido numa alucinação que se cingia às contorções agonizantes de duas exaustas forças opostas, a procurarem se desligar e a se estreitarem dolorosamente. Uma, tendendo a abater-se, cansada, desanimada, iner-me; outra, impelida para o espaço, resistindo impotente, ar-fando por se desprender do peso que a levava para uma queda sem termo... E nesse uivante redemoinho glácido, o sopro morno de um derradeiro alento trazia-lhe à confusão do cérebro: notas de uma surdina de harpa que se exala, relâmpagos de pensamentos em que se debuxam cenários de fan-tascópio, frases entrecortadas, envolvidas na inefável tristeza dos murmúrios extremos, nas reticências dos soluços: "... a gente parte, a sorrir e confiada... para o horizonte... sob o claro tempo das boas promessas... E nunca mais volta !.. . e nunca mais volta !..."

O plenilúnio — alma do esoterismo, transformada em astro — estranhamente belo como uma esfíngica e régia coroa de fantástica ninféia luminosa, levada pelo bafejo sussurrante da loucura sobre a quietação morta de uma lagoa infinita, ia flutuando, boiando, deslizando serena e indiferentemente, banhada do seu halo de pérolas lucifeitas, a aveludar as ilusões dos que põem os olhos nos céus, a esmaecer nos sonhos as almas meigas dos que lhe vão na esteira macia da sua luz nostálgica, a esvair na sucessão de enganos os que a seguem, pela Terra, fascinados... fascinados.. . fascinados !.. . Para onde ?...